
COMPRADA
pelo Magnata
GREGO
LISA PINHEIRO

COMPRADA pelo Magnata GREGO

LISA PINHEIRO

Índice

PRÓLOGO

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

CAPÍTULO 8

CAPÍTULO 9

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

CAPÍTULO 13

CAPÍTULO 14

CAPÍTULO 15

CAPÍTULO 16

CAPÍTULO 17

CAPÍTULO 18

CAPÍTULO 19

CAPÍTULO 20

CAPÍTULO 21

CAPÍTULO 22

CAPÍTULO 23

CAPÍTULO 24

CAPÍTULO 25

CAPÍTULO 26

CAPÍTULO 27

CAPÍTULO 28

CAPÍTULO 29

CAPÍTULO 30

CAPÍTULO 31

CAPÍTULO 32

CAPÍTULO 33

ÉPILOGO

VUK E BROMÉLIA

Comprada pelo Magnata Grego @2025. Todos os direitos reservados.

Obra protegida pela Lei 9.610 de 1998 (Lei de Direitos Autorais)

Design Capa: DesignLX

Diagramação: DesignLX

Revisão: Diovana Caetano

É proibida a reprodução gratuita ou comercial dessa obra sem autorização da autora. É proibida a reprodução parcial da obra, mesmo que de forma gratuita, sem os devidos créditos. **Comprada pelo Magnata Grego** é uma obra de ficção, qualquer semelhança com pessoas ou fatos reais é mera coincidência.

AVISO

Este é um romance hot que se passa em um cenário onde a máfia está presente, por isso, a história contém cenas intensas que podem ser sensíveis para alguns leitores. No entanto, não se trata de um livro dark, o foco está no

romance entre os personagens. Ainda assim, por abordar esse universo, algumas situações podem ser fortes e causar gatilhos.

A autora não compactua com as atitudes questionáveis ou moralmente duvidosas de alguns personagens. As ações retratadas fazem parte da construção da trama e não devem ser interpretadas como uma romantização ou validação de comportamentos inadequados.

NOTA DA AUTORA

Olá, meus amores!

Vamos para mais uma aventura juntas? Devo dizer antes para que vocês não esperem amores calmos ou um relacionamento morno. Esses dois juntos são como fogo e gasolina e as faíscas viram incêndio em poucos minutos. Se prepare para sentir a tensão cortante, o desejo e a batalha constante entre orgulho e entrega. Esta não é apenas uma história de amor, é uma guerra de corações indomáveis. E no final, só restará uma pergunta: vale a pena se perder para encontrar o verdadeiro amor?

Sejam bem-vindas o caos de Dominica e Aiden.

Espero que sintam cada arrepio, cada batida acelerada, cada suspiro contido. Porque, minha querida leitora, esta história não é apenas lida... é sentida e Aiden e Dominica irão fazer vocês sentirem.

Beijinhos da Lisa.



PRÓLOGO

ANOS ANTES

A arma está apontada para sua cabeça. E sinto o sangue percorrer mais rápido em minhas veias. Com catorze anos, ninguém deveria empunhar uma arma, mas eu não sou qualquer um... sou o filho de um monstro e aprendi muito cedo que é assim que se acaba com o mal.

— Moleque idiota. Acha que tem coragem de puxar o gatilho?

Engulo em seco, encarando-o. Minhas pernas ameaçam fraquejar. Lembro do rosto da minha mãe, das histórias sussurradas pelos empregados. Lembro do homem que ele torturou agora há pouco, e dos próximos que sei que virão. Foi assim que ele fez sua fortuna, um maldito agiota que lava dinheiro para traficantes e cobra juros abusivos de pobres coitados desesperados.

— Admita! — vocifero. — Você matou minha mãe! — Minha voz sai rouca, cada sílaba arranhando a garganta.

Ele esboça um sorriso cruel e avança um passo.

— Abaixe essa porcaria antes que eu…

Ele avança outro passo, e o suor escorre pela minha nuca. Meus dedos se fecham com mais força ao redor da arma. Meu coração bate tão alto que ecoa nos meus ouvidos, abafando qualquer outro som. Tento respirar, mas o ar parece preso dentro do meu peito.

Lembro da minha mãe.

Lembro do sorriso fraco que ela me deu na última vez que a vi, como se soubesse que aquela seria sua despedida. Lembro do cheiro do seu perfume, da suavidade de suas mãos quando acariciava meu rosto à noite, sussurrando que eu era seu menino de ouro. E lembro do sangue.

Do sangue que Nicandro Andrianakis derramou, por todos esses anos.

Quantos rostos já desapareceram por conta dele? Quantos homens foram levados para o porão da casa e nunca mais voltaram? Quantos imploraram por misericórdia enquanto ele ria? Quantos filhos, como eu, perderam suas famílias para esse monstro que se acha intocável?

Meu estômago revira. O metal frio da arma treme entre meus dedos.

Ele não pode continuar.

— Não vai ter próxima vez, pai — murmuro, minha voz saindo mais firme do que eu esperava.

Ele solta uma gargalhada baixa, seca.

— Grande discurso. Mas você não tem coragem. Eu te conheço bem moleque. — Ele dá mais um passo, os olhos ardendo de desdém. — Largue isso de uma vez.

Minhas mãos suam. Meus dedos no gatilho doem de tanta força que aplico.

Eu tenho coragem. Eu preciso ter.

Porque se não tiver, ele vai continuar.

E se ele continuar, mais pessoas vão morrer. Mais crianças vão crescer sem mãe. Mais rostos vão desaparecer no escuro.

Meus olhos se fixam no peito dele. No lugar onde pulsa aquele coração podre, negro, que nunca soube o que é amor.

— Não, você não me conhece. — Minha voz mal passa de um

sussurro.

Aperto o gatilho.

O disparo rompe o silêncio.

O barulho é ensurdecedor. Meu maxilar trava. Meus olhos se fecham com força, como se quisessem me proteger do que vem a seguir.

Quando os abro, vejo Nicandro cambalear para trás, os olhos arregalados, os lábios entreabertos.

A camisa escura dele agora carrega um círculo de sangue na altura do peito. Ele leva a mão ao ferimento, como se não acreditasse. Como se não pudesse acreditar.

— Você... — ele murmura, tentando falar, mas apenas sangue escorre da sua boca.

Ele desaba de joelhos, o corpo pesado encontrando o chão com um baque surdo. O sangue se espalha rápido ao seu redor, formando uma poça escura.

E eu só fico ali, olhando, esperando sentir algo. *Dor. Medo. Arrependimento.*

Mas não vem nada. Nada além do silêncio e do alívio. O peso sai dos meus ombros. O ar volta aos meus pulmões.

Ele está morto.

E eu o matei.

Minha mão ainda segura a arma. Os nós dos meus dedos estão brancos, o metal frio pressionado contra minha palma, como se quisesse se fundir à minha pele. O cano fumegante é a única prova de que isso é real, de que não estou preso em um pesadelo, de que não vou acordar e ver Nicandro à mesa do café da manhã, como se nada tivesse acontecido.

Eu matei meu pai.

E, com isso, acabei de me tornar como ele.

Meu estômago se contorce com essa verdade. O sangue que escorre pelo chão é o mesmo que corre nas minhas veias. O mesmo que me fez crescer neste inferno. Ele está morto, mas ainda está em mim. O que eu sou agora? Um órfão? Um sobrevivente? Um herói?

Não.

Sou um assassino.

Assim como ele.

Engulo em seco, sentindo a bile subir na garganta.

Mas não há volta.

Nunca houve.

E se este é o meu destino, que seja. Se carregar essa maldição for o preço para acabar com tudo o que ele construiu, então eu aceito.

A única promessa que faço a mim mesmo, é que não vou parar por aqui.

Nicandro pode ter morrido, mas seu império podre ainda respira. Seus negócios sujos, suas alianças com homens que deveriam estar enterrados ao lado dele, suas fortunas manchadas de sangue… tudo ainda está de pé.

Mas não por muito tempo.

Eu vou derrubar cada pedaço. Vou arrancar cada raiz dessa praga. Vou destruir tudo o que ele ergueu, tijolo por tijolo, até não sobrar nada além de cinzas.

E se isso custar a minha própria vida… que seja.

Eu já nasci condenado.

O que importa agora é que, pela primeira vez, desde que entendo por gente, eu tenho um propósito.

E nada, nem ninguém, vai me impedir de cumpri-lo.



CAPÍTULO 1

Presente

Estou sentada na beira da cama, em um quarto de hotel em Nova York. Mas não é qualquer hotel. É daqueles lugares absurdamente caros, onde as paredes exalam perfume de poder e ostentação. Os lençóis são de algodão egípcio, e as torneiras do banheiro provavelmente são banhadas a ouro. Tudo para atender quem tem dinheiro de sobra ou deseja fingir ter.

Eu costumava pertencer a esse mundo. Meu sobrenome, Prescott, já foi um passe livre para lugares como este, onde as pessoas falam baixo, mas gritam status em cada detalhe. Agora, esse nome é a única coisa que me resta. Prescott não é mais sinônimo de fortuna, mas de falência anunciada, de dívidas varridas para debaixo do tapete e de um pai desesperado tentando manter as aparências.

Ele me tirou de casa sem aviso, colocou-me nesse hotel caro demais para nossa atual realidade e ordenou que eu esperasse. Esperasse seu chamado, esperasse seu próximo movimento, esperasse… o que quer que ele tenha planejado para mim. Não sei como ele ainda consegue bancar isso. Não sei quem está pagando por essa ilusão de riqueza que mal se sustenta.

Suspiro e olho para o celular, abandonado na mesinha de cabeceira. O visor está escuro. Nenhuma mensagem. Nenhuma ligação. Mas sei que, mais cedo ou mais tarde, vai tocar. E, quando tocar, será meu pai, exigindo que eu faça a minha parte. Como boa filha obediente, devo dizer “sim, senhor”, “claro, senhor”, “eu me sacrifico pelo bem da família, senhor”.

Só que, hoje, parte de mim está cansada de bancar a mocinha submissa. Meu pai se envolveu em dívidas e colocou o nome Prescott na lama. E agora? Bem, agora ele decidiu que eu sou a tábua de salvação.

"Case-se com o bilionário grego, Dominica. Salve nossa herança, Dominica. Você sabe que essa é a única saída."

Minha vontade é dar um tapa na própria testa toda vez que lembro da conversa. Mas preciso encarar a verdade: não tenho escolha. Se não fizer isso, a família inteira se afunda de vez, e pior... a vida de meu pai pode estar em risco. E, por mais que eu queira o esganar, ele ainda é meu pai. É do meu sangue.

Levanto, impaciente. Caminho até a imensa janela que emoldura uma vista panorâmica de Nova York. Lá embaixo, vejo carros passando e pessoas vivendo suas vidas. Solto um riso baixo, sem humor. Elas nem imaginam o que estou prestes a fazer: um casamento por contrato, selado por dinheiro, status e dívida.

A lembrança de Aiden Andrianakis me invade. Só o nome já me causa um arrepio. Bilionário, grego, envolvido em negócios meio sombrios, dizem. Um homem poderoso, implacável, respeitado, ou temido, em todo lugar que pisa. E é com esse cara que vou me unir. Um contrato. Um anel de noivado falso. Um "eu aceito" que não tem nada de romântico.

Ainda assim, lembro de uma ocasião, alguns meses atrás, em que o vi rapidamente durante um evento de caridade. Eu estava usando um vestido vermelho que realçava minhas curvas. Minhas amigas me elogiaram a noite toda. Mas, quando ele entrou no salão, senti como se o ar tivesse ficado elétrico. Eu tentava agir naturalmente, porém não conseguia parar de encará-lo. Ele tinha uma presença quase brutal. Forte, alto, e aqueles olhos azuis escuros, profundos, que pareciam prometer pecados. Ele nem olhou na minha direção. Conversou com algumas pessoas influentes, manteve o semblante sério, e saiu como se o mundo fosse dele.

Na época, senti um leve calafrio de desejo. Ele exalava confiança e aquele tipo de perigo que, infelizmente, eu sempre achei excitante. Joguei o cabelo para o lado, me achando uma boba. E agora... vou ser a esposa desse homem. De mentira, claro. Mas ainda assim, uma esposa.

Fecho as cortinas, incomodada com esse turbilhão de pensamentos. Meus cabelos roçam meus ombros, e decido prender as mechas em um rabo de cavalo. Tanta coisa acontecendo... e eu aqui, feito uma estátua, sem saber o que fazer primeiro. Dou uma olhada no relógio digital ao lado da cama. Passa da meia-noite.

— Preciso de um banho. — murmuro, de repente. Um banho quente para clarear a mente.

Deslizo para o banheiro, tiro a roupa com movimentos lentos. Deixo os sapatos de lado, depois a calça jeans, a blusa, e finalmente a lingerie. O espelho reflete meu corpo. Observo minhas curvas e penso: *Será que Aiden vai reparar em mim?* Balanço a cabeça. Claro que vai. Ele não parece homem de ficar indiferente a uma mulher. Mas não importa. Esse casamento é só um negócio.

Ligo o chuveiro, deixando a água esquentar ao máximo. Entro e solto um gemido de prazer ao sentir o calor escorrendo pelas minhas costas. Fico ali, imóvel, enquanto a água massageia meus ombros tensos. Tento me concentrar, me lembrar do porquê estou fazendo isso. *A família Prescott está em dívidas impagáveis. Sei que existe gente perigosa, que quer cobrar o que meu pai deve.* E, de alguma forma, o nome de Aiden Andrianakis surgiu como a única boia de salvação.

— Você consegue, Dominica. — Digo para mim mesma, entre os vapores.

Então, fecho os olhos. E, sem querer, recordo de como Aiden me fez sentir naquele evento. É quase ridículo. Eu tinha tomado duas taças de champanhe, estava me sentindo linda e poderosa. Ele passou por mim, sem me notar, mas foi o bastante para meu corpo arrepiar como se eu já o desejasse. Meu peito se contrai com a lembrança, e sinto algo pulsar mais abaixo, uma quentura incômoda.

Quero odiá-lo, mas parte de mim se intriga, se excita. Ele parece perigoso, e isso me fascina mais do que deveria. *Será que, por trás daquela frieza, existe um homem capaz de me devorar na cama?* Mordo o lábio. Não deveria pensar nisso. Mas minha imaginação é teimosa. Tenho flashs de uma cena que só existe na minha cabeça. Eu, presa contra a parede, as mãos dele

firmes na minha cintura, a voz rouca sussurrando meu nome.

Meu corpo responde, os mamilos enrijecem sob a água. Sinto o coração bater mais forte. Meus dedos acariciam meu próprio pescoço, descendo devagar. É só um devaneio, mas não consigo evitar. Fecho os olhos, deixo a água cair enquanto minha mente constrói cenas quentes. Ele me toma com força, me beija sem piedade. Puxo seu cabelo, exijo mais. Sinto uma onda de prazer tomar conta de mim, e deixo escapar um gemido rouco.

— Droga, — respiro fundo, a mente embaralhada.

Abro os olhos e volto à realidade. Talvez eu esteja carente, ou apenas confusa. Desligo o chuveiro e saio, pegando uma toalha felpuda. Seco cada parte do meu corpo, ainda agitada. Eu deveria pensar em mim, na minha liberdade, na minha raiva por ser vendida como se fosse um objeto. Mas, estranhamente, uma parte de mim arde em curiosidade sobre esse homem.

Atravesso o quarto, pego meu roupão e me enrolo nele, me jogando na cama macia. Fico olhando para o teto por um tempo. E, inevitavelmente, adormeço.

Não sei quanto durmo, mas acordo sobressaltada quando o celular vibra. Sento-me, o coração acelerado. É ele: meu pai. Atendo com a voz ainda meio grogue.

— Dominica? Está acordada? — a voz dele soa fria.

— Agora estou, pai.

— Ótimo. Escute, você tem um voo agendado para a Grécia amanhã de manhã. Arrume suas coisas. Aiden quer que vocês assinem tudo lá, no território dele. Eu chegarei com poucas horas de diferença, não faça nada estupido, espere que eu chegue para verificar os termos do acordo.

Fecho os olhos, sentindo um peso no peito.

— Então é verdade.

— É. Não faça perguntas, apenas cumpra o combinado. Você sabe o que está em jogo.

— Claro que sei. — Minha voz sai amarga. — Não se preocupe, pai. Vou obedecer suas ordens.

Ouço um grunhido de satisfação do outro lado, e ele desliga. Jogo o celular no travesseiro e respiro fundo, tentando colocar os pensamentos em ordem. Então, é definitivo: amanhã, eu parto para a Grécia. Vou entrar na jaula do leão.

O sono me foge. Levanto e começo a separar minhas roupas. Pego apenas o essencial. Ao abrir minha nécessaire de maquiagens, vejo um batom vermelho intenso. Passo o dedo sobre a embalagem. Costumava usá-lo quando queria me sentir poderosa e atrevida. Talvez seja útil. Talvez eu precise me sentir mais forte do que nunca perto de Aiden.

Assim que termino de arrumar a mala, olho pela janela. A madrugada já vai avançada. As luzes da cidade diminuíram. Minhas mãos estão trêmulas. Mas engulo o medo. Não posso me dar ao luxo de demonstrar fragilidade. Vou encarar Aiden Andrianakis como a mulher corajosa que sei ser.

E ele conhecerá Dominica Prescott e provavelmente não gostará do que tenho a lhe oferecer.



CAPÍTULO 2

A manhã chega rápido. O táxi me leva ao aeroporto. Minha cabeça dói de tantas preocupações. O check-in é rápido. Em menos de duas horas, estou a bordo de um voo para Atenas. Quando o avião decola, deixo para trás tudo o que conhecia. Sinto uma pontada de tristeza, mas afasto esse sentimento. Tenho que ser prática.

O voo dura o suficiente para que eu tente cochilar, sem sucesso. Meus pensamentos giram em torno desse casamento. Como será viver com alguém que só vejo como um estranho poderoso? E se ele for realmente frio, distante? Ou pior: e se ele resolver me usar como um capacho? Meus lábios se comprimem. *Pois eu não vou deixar.*

Quando o avião pousa em Atenas, sinto o corpo pesado. Ainda assim, me forço a manter a postura firme ao descer. Um homem de terno escuro me aguarda segurando uma placa com meu nome. Ele se apresenta como Yannis, motorista pessoal de Aiden. Me conduz até um carro luxuoso, blindado.

Lá dentro, o ar-condicionado me dá arrepios. Ou talvez seja meu nervosismo. O trânsito da cidade corre pelos vidros escurecidos. Vejo ruas cheias, prédios antigos misturados a novos arranha-céus. Atenas tem um charme diferente, mas não consigo apreciar nada agora.

Em pouco tempo, chegamos a um outro hotel de altíssimo padrão. Não demoro muito até perceber que o hotel pertence à família Andrianakis. É claro que pertence.

— Se prepare, hoje à noite o sr. Andrianakis a espera para um jantar

de apresentação. — Yannis me entrega um cartão de acesso.

Essa noite? Sem o papai?

Suspiro, agradeço e subo para a suíte. É maior que a de Nova York, cheia de detalhes em mármore e lustres chamativos. Jogo a mala no canto, observando a vista lá fora. O mar grego se estende ao longe, e uma parte de mim se sente quase hipnotizada pela beleza.

Entretanto, não posso relaxar. Preciso escolher o que vestir para encontrar Aiden Andrianakis. A simples ideia de encará-lo de frente faz meu coração disparar. Seleciono um vestido preto, justo, mas não vulgar. Com decote suficiente para mostrar minha feminilidade, sem exagero. Afinal, sou uma Prescott. Sei me portar.

Tomo outro banho, agora mais rápido. Enquanto a água desliza pelo meu corpo, minha mente viaja. Tenso ou não, esse é o momento de mostrar quem sou. *Não vou deixar ele me intimidar. E sei que é exatamente o que ele quer, me vendo sem a presença de meu pai.*

Quando termino, faço uma maquiagem leve. Realço os olhos, passo um batom rosa suave. Solto os cabelos, deixando-os cair pelos ombros. Me avalio no espelho. Estou bonita, sensual, mas há um brilho de determinação no meu olhar. E é esse brilho que quero que Aiden enxergue.

Às oito da noite, desço para o restaurante privado do hotel. O lugar é elegante e vazio, reservado apenas para ocasiões especiais. As luzes são suaves, há arranjos de flores brancas nas mesas, e música instrumental tocando ao fundo. Percebo um único homem sentado próximo a uma grande janela envidraçada que dá vista para a cidade iluminada.

Meu estômago revira. É ele. Aquele terno cinza escuro, os cabelos perfeitamente arrumados, a barba por fazer destacando o maxilar firme. Os ombros largos e a postura ereta me fazem engolir em seco. Mas respiro fundo e caminho até lá, o salto fazendo um leve eco no piso.

Ele se levanta ao me ver, sem sorrir, mas o olhar intenso me percorre dos pés à cabeça. É quase invasivo, e não faço questão de esconder que também o analiso.

— Boa noite, senhorita Prescott. — cumprimenta, a voz rouca e carregada de autoridade.

— Boa noite. — respondo, sustentando o olhar, mesmo que meu coração bata acelerado.

Ele puxa a cadeira para mim, e o gesto surpreendentemente cortês contrasta com a aura dura que emana dele. Me sento, e Aiden retoma seu lugar, de frente para mim. O silêncio entre nós tem peso. Reparo no leve movimento do vinho na taça dele; tudo nele parece calculado.

O garçom se aproxima para anotar meu pedido, e peço um vinho tinto. Dou um pequeno gole assim que ele é servido, tentando acalmar os nervos.

— Achei que nos veríamos apenas amanhã, na presença de meu pai. — quebro o gelo, em tom meio desafiador.

Ele ergue uma sobrancelha, avaliando minha ousadia.

— Preferi vê-la primeiro, antes de falarmos de burocracias.

— Não, você quis me avaliar sem a supervisão de meu pai. — digo, respirando fundo e mantendo o queixo erguido.

Quero que ele saiba que não sou uma menina boba, que não sabe o que está acontecendo.

Ele inclina a cabeça.

— Touche. — ele diz, erguendo levemente uma sobrancelha.

Há algo na maneira como ele fala que me faz sentir um arrepio. Como se cada palavra fosse um lembrete de que ele está no comando. Sinto vontade de provocá-lo.

— E eu não gosto de joguinhos. Prefiro colocar tudo às claras.

Ele dá um leve sorriso, que some tão rápido quanto aparece. Em seguida, ajusta o paletó, deixando à mostra seus ombros largos e a postura inflexível.

— Vamos ser diretos, então. Precisamos conversar sobre a oficialização. Tudo será assinado amanhã, mas não quero alarde na imprensa por enquanto. Nada de especulações.

Assinto, tentando não demonstrar o quanto meu coração aperta de ansiedade.

— Meu pai mencionou algo. Ele disse que você faz questão de oficializar tudo aqui, em sua terra.

— Sim. Eu gosto de ter controle total, principalmente em assuntos assim.

A palavra “controle” parece ressoar no ar. Ele toma um gole do vinho, sem tirar os olhos dos meus. Lembro-me do arrepio que senti ao vê-lo pela primeira vez e é esse mesmo arrepio que sinto agora. Ele é o tipo de homem que não hesitaria em esmagar qualquer obstáculo em seu caminho.

— Então você me trouxe até aqui para me mostrar quem manda? — lanço, querendo testar suas reações.

Os olhos dele parecem escurecer, e a tensão se intensifica.

— Eu trouxe você para garantir que nada sairá do meu planejamento. E isso inclui te avaliar, senhorita Prescott.

— Entendo, quis avaliar a mercadoria antes de adquiri-la. Então me diga, todo poderoso senhor Andrianakis, gostou do que viu? Sou bonita o suficiente? Submissa o suficiente... sensual o suficiente? — digo, tentando provoca-lo, mas é inevitável deixar que a lembrança do sonho tórrido que tive com ele, não me invada rapidamente.

Um traço de irritação passa pelo seu olhar, mas também noto um brilho de desafio. É como se minha resistência o instigasse.

— Sim senhorita Prescott, você é o suficiente para o que preciso no momento. — ele diz, usando cada palavra de maneira estratégica para me desestabilizar.

E ele consegue.

O jantar chega, mas quase não presto atenção na comida. Aiden parece no completo controle da situação, não há nada em sua postura que denuncie qualquer desconforto ou receio. É desconcertante, mas me recuso a abaixar a cabeça. Há algo magnético nesse homem; sinto uma pontada de adrenalina, como se estivesse frente a um predador.

— Você entende por que estou fazendo isso? — ele pergunta, sem rodeios.

— Sei que precisa de uma imagem inabalável para fechar negócios importantes. E uma esposa perfeita seria o toque final.

Ele assente, como se confirmasse um fato já óbvio.

— Exato. Mas que deixemos claro. — ele se inclina levemente e seu olhar se fixa no meu antes dele continuar: — Eu também sei o porquê você está fazendo isso, senhorita Prescott. Então não aja como se eu estivesse te obrigando, você aceitou o papel que lhe foi dado. Ou você não precisa salvar a pele de seu pai?

— Preciso — admito, tentando não deixar transparecer minha raiva pelo que meu pai fez.

— Esse acordo atende a nós dois. Mas quero deixar algo claro: se houver qualquer jogada sua que saia do esperado, você vai se arrepender.

A ameaça paira no ar. Lentamente, deposito os talheres no prato e o encaro, firme.

— Eu odeio que meu pai tenha me colocado à venda, e odeio que você tenha aceitado me comprar, mas isso não significa que eu não cumprirei o papel que preciso, então não se preocupe senhor Andrianakis, eu vou ser a esposa perfeita diante das pessoas, mas não me peça para ser dócil quando estivermos a sós.

Ele abre um pequeno sorriso que desaparece rapidamente.

— Então acho que nos entenderemos, senhorita Prescott. — A voz é baixa, carregada de intenção.

Tento manter a respiração controlada, mas o nervosismo me consome. Ao mesmo tempo, há uma estranha excitação que me percorre, uma faísca que não entendo. Quando terminamos de comer, Aiden se recosta na cadeira, sem disfarçar que me analisa da cabeça aos pés novamente.

— Amanhã, assinamos os papéis. Em seguida, quero que se instale na minha casa o quanto antes. Não há motivo para esperar.

— Tão rápido assim? — pergunto, ainda processando a forma como a vida está virando de cabeça para baixo.

— Quanto antes começarmos o casamento, melhor. E eu não costumo atrasar meus planos.

Sorrio sem humor.

— Não pense que vou agir como sua bonequinha de luxo.

Ele solta uma risada breve, quase sombria.

— Fico satisfeito em ouvir isso. Desafios me entretêm.

Seguro a taça e ergo levemente.

— Então terá muito entretenimento comigo, senhor Andrianakis.

Nossos olhares se prendem, e sinto um calor subir pelo meu corpo. O jeito como ele me olha é quase uma invasão, um lembrete de que estou em terreno perigoso.

Terminado o jantar, ele se levanta, estendendo a mão para que eu também me levante. A tensão elétrica entre nós lateja enquanto nos dirigimos ao lobby. Percebo alguns funcionários do hotel nos observando, mas o simples modo como Aiden caminha, a postura firme, faz com que todos se afastem. Ele me conduz até a frente do elevador; quando as portas se abrem, vira-se para mim, mantendo pouca distância.

— Não se atrase amanhã — ele diz, com um brilho imperioso no olhar.

— Não costumo me atrasar — respondo, erguendo o queixo.

O elevador continua aberto, mas ele não se afasta. Em vez disso, de maneira repentina ele se aproxima um pouco mais, invadindo meu espaço de um jeito que acelera meu coração.

Fico paralisada por um instante, tomada por um misto de curiosidade e receio. Nossos lábios estão perigosamente próximos, e posso sentir a respiração quente dele contra meu rosto. Não me movo, não consigo, o movimento dele foi repentino e me pegou de surpresa. Sinto o cheiro de seu perfume, um perfume amadeirado, másculo e delicioso. Seus lábios se aproximam ainda mais e posso sentir seu hálito enquanto minha pulsação acelera.

Um arrepio me percorre ao ouvir sua voz baixa, quase um rosnado de aviso:

— É melhor se acostumar com a minha proximidade, Prescott. Você não vai querer que todos desconfiem cada vez que eu chegar perto de você.

Meu corpo reage a cada palavra. A aura de poder que emana dele me atordoa, e, por um segundo, me pego inclinando sutilmente a cabeça, como se procurasse um beijo que não vem.

Então, subitamente, Aiden se afasta, deixando apenas o resquício daquele calor intenso no ar. As portas do elevador se fecham, e tudo o que posso fazer é encarar o reflexo frio do metal, o coração disparado, enquanto subo para meu quarto.

Minha pulsação ainda está acelerada e sinto que o jogo já começou. O que quer que aconteça daqui em diante, só sei de uma coisa: as regras de Aiden já começaram a se impor, mas não estou disposta a ceder sem luta. E isso, pelo jeito, é exatamente o que ele espera de mim.



CAPÍTULO 3

Olho pela janela de meu escritório, no topo do Andrianakis Tower, e vejo o sol de fim de tarde cobrindo Atenas. A cidade é *minha*. Ou pelo menos, sinto que cada prédio, cada rua movimentada, me deve alguma coisa, e de fato... muitos devem. Cresci ouvindo que não conseguiria ir longe. Cresci carregando o peso da reputação do meu pai: negócios obscuros, suspeitas de lavagem de dinheiro, corrupção e mortes mal explicadas.

Mas aqui estou eu, construindo um império legítimo, forjando alianças rentáveis e camuflando o que for preciso para manter tudo sob controle. E, agora, prestes a assinar um casamento de fachada. Uma farsa que, com um pouco de sorte, me tornará ainda mais poderoso do que já sou.

Eu não pedi esse legado. Meu pai me deixou um sobrenome manchado por esquemas obscuros, acobertamentos e falcatruas. Agora, estou aqui, com meu advogado me encarando do outro lado da mesa, explicando pela milésima vez que o acordo matrimonial é o caminho mais simples para sanar qualquer dúvida sobre minha "idoneidade". Ele dispara palavras como "imagem corporativa", "parcerias internacionais" e "evitar investigações" "Ela é tem um sobrenome muito poderoso". Eu entendo cada termo, mas nada disso apaga o fato de que sou forçado a engolir esse casamento arranjado.

— Aiden, você sabe que assinar esse contrato vai eliminar as especulações sobre os negócios da sua família — reforça Theo, meu advogado, um homem baixo, de terno impecável, que me acompanha há anos. — Sem falar que suas empresas dependem de uma boa impressão no mercado.

Ele tem razão. Apesar da minha repulsa, não posso permitir que as investigações cheguem perto do meu patrimônio. Há muita gente interessada em me ver fracassar. Suspiro, irritado.

— Odeio admitir, mas não tenho escolha — murmuro, virando-me para ele e cruzando os braços.

— Exato. É um "mal necessário", como você mesmo diz.

A expressão dele é calma, quase indiferente. Sinto um nó na garganta. Por que minha vida não poderia ser um pouco mais simples? Por que tenho que arrastar comigo a sombra de um homem que nunca me deu nada além de problemas? Meu pai se envolveu em esquemas ilegais, desviou dinheiro, comprou policiais e juízes. Quando ele caiu, a sujeira respingou em mim. Agora, mesmo que eu tenha construído meu império longe dele, as pessoas ainda me encaram com desconfiança.

— Preciso de uma imagem limpa, eu sei. — Confirmo num tom seco. — Mas se esse casamento é a única forma de conseguir isso, vou ter que suportar.

Theo assente. Ele não demonstra nenhum pesar, apenas me entrega uma pasta repleta de documentos. No topo, há um rascunho do que seria o contrato. Observo os itens, mas minha mente vaga para um ponto mais incômodo: a mulher que está do outro lado desse acordo, Dominica Prescott.

A lembrança dela me incomoda mais do que deveria. Seu olhar desafiador, a maneira como não se encolheu diante de mim. Isso me irrita... e me fascina ao mesmo tempo. Eu esperava uma menina mimada e submissa, mas ela se mostrou forte, atrevida... e sensual. Maldição, ela é realmente sensual.

Desde o jantar, não consigo apagar da mente a forma como seus olhos me desafiaram, como sua voz firme não hesitou em me enfrentar. Eu deveria detestar isso. Mas, em vez disso, sinto meu sangue ferver.

Desvio o olhar da janela e volto minha atenção para os documentos. O casamento será assinado amanhã. Dominica Prescott será minha esposa.

E, de alguma forma, pressinto que ela será um desafio maior do que

qualquer um dos meus inimigos.

— Você vai encontrar a senhorita Prescott hoje à noite no restaurante, certo? — Theo pergunta, como se eu estivesse marcado um jantar romântico.

— Sim, com o pai dela junto. Ele vai querer garantir que não vou fugir do acordo. — Balanço a cabeça, já entediado com a ideia. — Mal sabem eles que não tenho a menor intenção de voltar atrás.

O contrato é claro: Dominica e eu nos casaremos, mantendo as aparências de um casal feliz por tempo suficiente para as grandes negociações. É um show para a sociedade, para a mídia, para investidores. E depois... Bem, depois eu não faço ideia. Minha vontade é me livrar de tudo assim que possível.

— Então, boa sorte, Aiden. E não seja muito duro com ela. A garota não tem culpa de ter um pai cafajeste.

Theo sai do escritório, me deixando sozinho com meus pensamentos. Cruzo de novo para a janela, encaro o horizonte. Pergunto-me, silenciosamente, se Dominica sabe onde está se metendo. Conseguirá ela suportar esse mundo cheio de farpas, chantagens e desconfianças? Provavelmente não. Mas, se é um negócio, ambos teremos que fingir.

Fecho o punho com força. Sinto uma leve pontada de raiva, mas também de curiosidade. Quem é realmente Dominica Prescott? Como ela age quando está acuada?

Tive uma pequena amostra de seu temperamento, mas será que ela o manterá por muito tempo? Essa ideia me provoca um leve sorriso. Tenho preferências claras: não gosto de pessoas fracas ao meu redor, mas também não preciso de uma mulher teimosa e inconsequente.

♥

Já é noite quando chego ao restaurante. Meu hotel de luxo, localizado na zona mais nobre de Atenas, possui um salão finamente decorado: lustres

dourados, mesas cobertas com toalhas brancas, arranjos de flores discretos. Cumprimento o *maître* e sigo para a mesa reservada. O pai de Dominica está lá, folheando o cardápio com um ar de superioridade que me irrita só de olhar.

Mas é quando vejo Dominica que meu corpo reage de forma involuntária. Ela está sentada ao lado dele, de cabeça erguida, cabelos loiros e compridos que caem pelas costas. Quando ela se move, percebo a elegância natural em cada gesto. Diferente da noite anterior, onde fomos apenas nós dois, agora ela se mantém controlada, como se fosse a primeira vez que me visse. Um jogo cuidadoso.

— Finalmente podemos nos encontrar, senhor Andrianakis. — Henri Prescott, o pai dela sorri, mas o tom é sarcástico. — Estávamos aguardando você para fecharmos os últimos detalhes, meu genro.

A palavra "genro" me dá náuseas. Controlo-me para não franzir o cenho. Dominica me olha com uma ponta de curiosidade, misturada com desprezo. Aparentemente, ela também não gosta dessa situação. Bom, nisso concordamos.

— Senhor Prescott — digo, cumprimentando o pai dela com um aceno seco. Em seguida, estendo a mão para Dominica. — Dominica.

Ela hesita por um segundo antes de me cumprimentar. Sinto a maciez da pele dela contra a minha palma. Ao encostar meus lábios em sua mão, sinto o suave perfume de flores — algo que me desperta uma pontada de desejo. Droga. Não esperava isso.

— Aiden — ela responde, com a voz baixa e um ar de desafio.

Sento-me e peço um uísque. O pai dela não perde tempo: abre uma pasta e me estende documentos similares aos que Theo me mostrou. O famoso contrato. Meu coração se aperta, mas mantenho a compostura. Dou uma olhada rápida nas cláusulas. Estão praticamente idênticas às versões anteriores, com uma exceção:

— Vejo aqui que você incluiu uma cláusula de convivência pública mais extensa do que combinamos. — Viro o rosto para o pai de Dominica,

ignorando o incômodo que sinto no olhar dela cravado em mim. — Quer que eu passe quanto tempo desfilando com sua filha como se fosse um troféu, exatamente?

Ele solta uma risada sem humor. Dominica bufa, cruza os braços e encara o pai. Percebo que ela está tão contrariada quanto eu.

— Você sabe como são as aparências. Precisamos que pareça tudo muito real, e por um período razoável, para que eu possa… resolver certas pendências, inclusive com uns credores complicados, você meu querido Andrianakis, é um nome em ascensão, será bom ter um genro como você. — Ele explica sem pudor, olhando de esguelha para a filha.

Meu estômago revira. Esse cara me enoja. É óbvio que ele pretende usar a minha influência para se livrar de uma série de problemas. Viro o rosto para Dominica por um instante. Ela continua calada, mas sua expressão diz tudo: ela está odiando cada segundo. Dominica parece mais contida na presença do pai, diferente de ontem que parecia muito mais impetuosa e atrevida.

— O que acha disso Dominica? Gostou da clausula que seu pai incluiu? Quer aparentar mais intimidade comigo em público? — pergunto e a vejo respirar fundo.

— Posso fazer isso. — Ela finalmente fala, olhando para o pai, receosa. — Se isso vai quitar as dívidas dele e me libertar no fim, eu topo.

Ela não tem coragem de enfrentar o pai, mas ainda assim parece decidida o bastante para não parecer acuada. Gosto disso, mas não demonstro. Apenas fico calado, observando os dois trocarem olhares.

— Senhor Andrianakis, assine o contrato e terá a minha filha.

Ele literalmente a oferece como um objeto. Sinto a raiva borbulhar. Aperto o copo com força, mas me contenho. Não é o momento de criar um escândalo.

— Assinarei amanhã, em meu escritório, após meu advogado dar o aval final e oficializarmos tudo com o juiz de paz. — Ele concorda, contrariado.

O jantar segue com uma tensão quase palpável. Pedimos alguns pratos, que eu mal toco, e falamos brevemente sobre protocolos de imprensa e datas de cerimônia. A cada frase, o pai de Dominica parece reduzi-la a um simples objeto de transação, o que me causa um incômodo crescente. Olho para ela de canto e vejo as bochechas coradas de raiva. Mas, ao mesmo tempo, há uma sensualidade na forma como ela se mexe, no jeito como encara a situação. Ela não baixa a cabeça. Fico ainda mais intrigado.

Quando terminamos de ajustar todos os pontos, o pai dela se levanta.

— Vou deixar vocês conversarem a sós. — Ele olha para mim, depois para ela. — Aproveitem para se "conhecerem".

Ele diz isso com um tom malicioso. Quase o mando ao inferno, mas me contenho. Observo-o sair e ficar sem nem mesmo se despedir da filha, enquanto Dominica e eu permanecemos sentados à mesa, num silêncio constrangedor.

— Seu pai é um babaca — disparo, sem rodeios, virando o resto do uísque na boca.

Ela solta um riso amargo.

— Não poderia concordar mais. — Ela tamborila os dedos na borda da taça de vinho. — Pensei que você fosse só um tubarão de negócios. Mas, pelo menos, tem olhos e ouvidos para ver a realidade.

— Sou um tubarão — admito, frio. — Mas não um monstro. Seu pai me dá asco.

Ela baixa o olhar por um instante, provavelmente envergonhada pela forma como foi oferecida como moeda de troca. É quase impossível para mim não sentir um mínimo de compaixão. Contudo, tento manter meu escudo de indiferença. Isso é um acordo. Não posso me envolver emocionalmente.

— Porque está aceitando fazer isso? — pergunto e observo suas expressões.

— Eu não tenho outra saída.

— Claro que tem, você é livre.

Ela abre um sorriso sem humor.

— O que? Está desistindo de levar isso a diante? Achou que sou problemática demais para você?

— Como eu disse... eu não sou um monstro e não quero atar ninguém a mim através de chantagens e ameaças, então se for o que está acontecendo entre você e seu pai me diga agora.

— Ele não está me obrigando.

— Então o que? — pergunto analisando suas feições.

Os olhos dela são verdes, afiados, cheios de uma espécie de força que eu não esperava. O rosto traz traços delicados, mas a expressão é firme. Seu nariz é levemente arrebitado, e isso lhe confere um ar de atrevimento.

— Porque é o certo a fazer. Não posso deixar meu pai sucumbir a credores e a... — sua voz falha e ela desvia o olhar como se não quisesse continuar. — Sou filha dele, e é por isso que faço isso.

— Você tem vocação para mártir, é isso? — pergunto com sarcasmo.

— Talvez.

O silencio nos toma por um momento até ela mudar de assunto.

— Você… é dono deste hotel também, certo? — ela pergunta, como quem busca mudar de assunto, olhando ao redor das paredes decoradas.

— Sim. — Balanço a cabeça. — E de muitos outros.

— Deve ser bom ter tanto dinheiro assim. — Ela brinca, mas há tristeza na voz.

— Às vezes. Nem tudo é tão glamoroso quanto parece. — Dou de ombros. — E você? Como é ter nascido em berço de ouro?

Ela revira os olhos, embora um pequeno sorriso apareça.

— Eu não saberia dizer de verdade, quando eu ainda era menina minha família já estava em ruinas. Sempre participei da alta sociedade, sempre fui uma Prescott, e as pessoas respeitavam isso por todo o legado do meu nome, mas eu sempre fui diferente das outras garotas, meu pai... bem, ele conseguia fingir bem que os negócios estavam indo perfeitamente, mas eu sabia que tudo era fachada. Eu daria tudo para não ter esse sobrenome... ou talvez uma vida simples, mas real.

Eu entendo. De certa forma, também gostaria de ter crescido sob um teto simples, sem a podridão das negociatas do meu pai. Mas não digo isso em voz alta. Ao contrário disso, não me permito me aprofundar demais no assunto.

— Bem, acredito que tenhamos terminado por hoje. — digo e a vejo assentir.

— Sim, claro.

— Amanhã espero você e seu pai em meu escritório para a assinatura. — digo e ela apenas assente.

Dominica se prepara para se levantar, só que no instante em que fica de pé, tropeça no pé da cadeira e se desequilibra.

— Droga! — Ela solta um gemido de dor e leva a mão ao tornozelo.

Reajo rápido, segurando-a pela cintura, mas ela cai de lado, quase escorregando se eu não a amparasse. Ao perceber que seu corpo encosta no meu, sinto o calor dela. Meu coração acelera, e as mãos dela se apertam no meu paletó.

— Ai! Acho que torci o tornozelo. — Ela faz uma careta.

— Vem cá. — Sem pensar duas vezes, eu a pego no colo.

Ela arregala os olhos, surpresa. Tento manter a expressão fria, mas, por dentro, sinto um estranho formigamento. O perfume dela me atinge novamente. Posso sentir a curva macia da sua cintura apoiada no meu braço, a perna delicada roçando de leve contra mim.

— Não precisa me carregar. Estou bem. — Ela protesta, mas a expressão de dor a contradiz.

— Você não consegue nem se manter em pé — retruco, começando a andar em direção aos elevadores.

Alguns funcionários do hotel nos olham com curiosidade. Finjo não perceber. Caminho até o quarto que ela está usando, no mesmo andar onde o pai dela está hospedado. Ao chegarmos à porta, tento colocá-la no chão, mas percebo que ela ainda não consegue apoiar o pé.

— Droga! — Ela solta o ar pelos lábios, tensa.

— Vou chamar um médico.

— Não! Não precisa de médico — ela responde, teimosa. — Não vou morrer por causa de um tornozelo.

— É claro que precisa de um médico. — Meu tom sai autoritário, mas ela me encara com a mesma intensidade.

— Faça como quiser, magnata. — Ela ergue o queixo, desafiadora.

Empurro a porta do quarto com o ombro, ainda com ela em meus braços. Entro e a levo até a cama. Deito-a com cuidado. A cabeça dela está apoiada no travesseiro, e eu me inclino, apoiando um joelho no colchão para ajeitar seu tornozelo. Ela treme levemente quando meus dedos roçam a pele nua. Sinto o calor subindo. Não consigo impedir meu olhar de percorrer as coxas dela, a curva do quadril, a cintura fina.

— Você sempre foi assim... mandão? — ela pergunta, enquanto tento avaliar se o inchaço é grave.

— Provavelmente desde o berço — respondo, esforçando-me para não deixar transparecer a excitação que me invade.

Ela solta um riso contido, mas logo para quando percebe minha expressão séria. Nossos olhares se cruzam. Estamos muito próximos. Consigo ver cada detalhe do rosto dela, os cílios compridos, a forma como os lábios se entreabrem, convidativos.

Meu corpo reage de forma irracional. Sinto o desejo queimando, a pulsação correndo pelo meu corpo. Eu poderia incliná-la para trás e saborear sua boca agora mesmo. Será que ela retribuiria ou me afastaria?

Em meio ao silêncio, minha respiração acelera. Noto que a dela também está ofegante. A ponta do meu nariz quase toca o dela. Por um segundo, penso em beijá-la, mas minha razão me segura: não posso deixar que o desejo arruíne esse acordo antes mesmo de começar. Não posso me deixar levar por algo tão estúpido quanto uma simples atração física.

— Aiden... — ela sussurra.

Fico imóvel por alguns segundos. Meus lábios estão a poucos centímetros dos dela. Posso sentir o calor da respiração que escapa da boca de Dominica, uma mistura tentadora de vinho e batom. Meu instinto me manda avançar. Meu juízo, porém, manda recuar.

Fecho os olhos por um instante, luto contra o impulso. Domar meu próprio corpo nunca foi tão difícil. E não gosto de me sentir assim, vulnerável a uma estranha.

— Vou sair agora. — Murmuro, levantando-me bruscamente, fazendo o colchão balançar um pouco.

Ela pisca, surpresa com a minha atitude. Afasto-me, ajeito o paletó e tento recuperar o ar. Meu coração ainda está acelerado, mas eu finjo controle.

— Você vai me deixar aqui sozinha? — ela pergunta, com um esboço de sorriso irônico.

— Prefere a companhia do seu pai? — retruco, arqueando uma sobrancelha.

Ela revira os olhos.

— Boa pergunta.

Pelo jeito, ela não tem a menor vontade de estar perto dele. Também não a culpo. Dou um passo em direção à porta, mas me viro antes de sair.

— Amanhã vou assinar o contrato. Depois disso, você vai precisar fingir ser minha esposa até cumprirmos nosso objetivo.

Ela me encara, séria. Dá para ver a angústia misturada com um lampejo de curiosidade. Acho que ela também se pergunta como será conviver comigo, um homem frio, dominador e cheio de cicatrizes emocionais.

— Eu entendi. — Ela tenta se sentar na cama, ainda com um pouco de dor. — E nós vamos… fingir intimidade? — Dominica pergunta com um ar de inocência crua, não é uma mulher forte e destemida nesse momento.

Minha respiração falha por um breve segundo. Visualizo a cena: nós dois juntos em eventos sociais, trocando beijos encenados, abraços, toques. Talvez dividindo o mesmo quarto, a mesma cama, para que a farsa seja convincente. Sinto um calor invadindo meu corpo.

— Sim. Mas só o suficiente para que todos acreditem.

Ela fica calada. Dou-me conta de que, apesar de tudo, ela parece bem mais corajosa do que eu imaginava.

— Descanse. — Digo, voltando a uma postura mais firme. — Vou cuidar para que um funcionário traga o enfermeiro do hotel para te examinar.

Ela concorda com a cabeça, em silêncio. Seus olhos me acompanham enquanto caminho para fora do quarto. O ar do corredor me parece mais fresco, mas ainda sinto minhas mãos tremendo levemente.

Por que ela me afeta desse jeito? Sinto um misto de fúria e desejo. Odiaria me ver refém de uma fraqueza tão primitiva. Eu, Aiden Andrianakis, perdendo o controle diante de uma mulher que mal conheço? Ridículo. Ainda assim, não consigo negar o fato de que tê-la nos meus braços, mesmo que por alguns minutos, despertou algo em mim que há tempos estava adormecido.

Quando saio do elevador no saguão, vejo o pai de Dominica se aproximar. Ele vem com o mesmo sorriso desprezível, como se quisesse certificar-se de que tudo saiu conforme os planos sujos dele.

— E então, como ela está? — Ele pergunta, fingindo preocupação.

— Está bem. Torceu o tornozelo, mas vai sobreviver.

— Excelente. — Ele passa a mão no queixo, num gesto repulsivo. — Espero que tenham aproveitado o momento a sós para… se conhecerem melhor.

Encaro-o sem piscar. Minha voz sai baixa, mas há um tom de ameaça:

— Dominica será minha esposa, com farsa ou não... não admitirei que você fale dela em minha presença novamente desse jeito. — vocifero.

Ele arregala os olhos, surpreso com a minha reação. Mas não revida, talvez porque sabe que dependo menos dele do que ele depende de mim. Dou as costas e vou embora, deixando-o plantado ali.



Já no estacionamento, caminho para o banco traseiro do carro, onde o motorista me aguarda. Sento, puxo a porta e solto todo o ar dos pulmões. Passo a mão pelos cabelos. Minha cabeça está cheia de pensamentos desalinhados. Tenho vontade de socar alguma coisa, mas me contenho.

Fecho os olhos e tento racionalizar. Está tudo dentro do planejamento, certo? Vou fechar negócio, limpar minha imagem e, de quebra, me livrar dos abutres que estão me rondando. Dominica é só parte do processo. Nada mais do que isso.

Então, por que sinto esse desconforto, essa queimação estranha no peito? Por que não paro de pensar nos olhos dela, no perfume, no jeito firme com que ela fala? Será que estou me deixando levar pela mesma fraqueza que derrubou meu pai? Ele sempre caía em tentações e, com isso, destruiu a própria vida. Eu não sou como ele. Não posso ser.

Porém, uma parte de mim, talvez a mais primitiva, pede para eu voltar lá e tomá-la nos braços. Dominica me incomoda de forma inegável. E isso é perigoso. Uma mulher sensual, forte, capaz de me encarar de igual para igual… Definitivamente, não é uma boa combinação para quem quer manter

o controle da situação.

Engulo em seco. Decido que preciso jogar com a cabeça, não com o corpo. A assinatura do contrato será amanhã. Depois disso, vou mantê-la por perto apenas o suficiente para enganar o mundo. Vou me certificar de que esse casamento seja puramente um acerto comercial, sem qualquer mistura de sentimentos ou prazeres desnecessários.

— Está tudo bem, senhor Andrianakis? — pergunta meu motorista, olhando pelo retrovisor.

— Sim, tudo. Pode ir. — Minto de novo, sem demonstrar fraqueza na voz.

Enquanto o carro desliza pelas ruas noturnas de Atenas, olho de relance para o céu. Vejo algumas estrelas tímidas brilhando sobre os prédios. Mantenho o rosto impassível, mas meu coração está longe de ser uma rocha inabalável. Fecho os punhos sobre o colo. Não posso perder o foco agora.

Amanhã assino o contrato. Amanhã a farsa começa de verdade. Dominica e eu seremos marido e mulher, no papel, e teremos que convencer o mundo dessa mentira. Mas não vou deixar que minha sanidade escorra pelo ralo só porque ela tem um corpo quente e uma boca tentadora.

Penso no toque da pele dela contra a minha, no jeito como seu corpo encaixou no meu colo, naqueles olhos verdes que me desafiavam. Rosno, irritado. Sim, a atração existe, mas não vai me dominar. Sou mais forte do que isso.

Seja como for, amanhã vamos nos encontrar de novo. Assinaremos a papelada, e pronto: estaremos ligados por um contrato que pode salvar meus negócios. E ela… ela talvez consiga se livrar do pai desprezível. Se for assim, talvez valha a pena para os dois.

Fecho os olhos, apoiando a cabeça no encosto do banco. O ronco do motor me embala enquanto traço mentalmente meus próximos passos. Eu só não contava que essa mulher fosse me deixar tão… à flor da pele.

— Droga — sussurro.

Não sei se me refiro ao pai dela, ao contrato ou ao efeito que Dominica tem sobre mim. Provavelmente, a soma de tudo. Mas vou lidar com isso como lido com qualquer problema: de maneira firme e decidida. No fim, sempre consigo o que quero. E agora, tudo o que quero é que essa situação seja resolvida do meu jeito, sem brechas para fraquezas.

Ainda assim, não consigo esquecer o calor do corpo dela no meu colo. Não consigo apagar a imagem dos lábios tão perto dos meus. E, se eu fosse um homem menos orgulhoso, admitiria que mal posso esperar pelo próximo encontro, mesmo que seja para manter uma mentira que beneficiará somente os nossos interesses.

É essa contradição que me consome: desejo e repulsa, vontade de beijá-la e de me afastar. Curiosamente, estou ansioso para descobrir até onde essa chama pode chegar, mas juro a mim mesmo que *não vou me queimar*.



CAPÍTULO 4

Assinto com um leve sorriso, mesmo que minha barriga esteja revirada. Ao entrar, vejo duas grandes poltronas de couro, uma mesa de madeira escura e alguns quadros de arte moderna pendurados nas paredes. Tudo muito luxuoso e minimalista. Agradeço pelo meu tornozelo não ter realmente torcido e não ter passado de um susto, pois eu não iria querer explicar isso a meu pai. Que já está ali, conversando com um homem que reconheço como sendo o advogado de Aiden. E não estamos sozinhos.

Atrás da mesa, um juiz de paz está sentado, com uma expressão neutra e profissional. Um pequeno livro de registros está aberto diante dele, e ao lado, sobre uma bandeja prateada, repousam duas alianças discretas.

E então ele aparece: Aiden Andrianakis em pessoa, recostado à lateral da mesa, braços cruzados, olhar pesado. Veste um terno impecável negro, gravata preta fina, combinando com a expressão fria. Meus olhos percorrem o rosto dele, o maxilar forte, a barba cerrada que se espalha pela face, e aqueles olhos azuis escuros que parecem sugar toda a luz ao redor.

— Achei que tivesse desistido de vir, senhorita Prescott. — A voz dele é baixa, rouca. Um arrepio me percorre a coluna.

— Não sou de desistir. — Tento soar firme, ignorando o nervosismo.

Meu pai pigarreia. O advogado ajeita os papéis sobre a mesa de madeira.

— Então, vamos começar? — O homem olha para Aiden, depois para

mim.

Assinto, andando para mais perto. Sinto o cheiro amadeirado do perfume de Aiden. É uma fragrância muito marcante. Mesmo sem querer, inspiro um pouco mais fundo, e quase fecho os olhos. Preciso manter minha cabeça no lugar.

— Aqui estão os termos atualizados. — O advogado aponta para alguns parágrafos. — O casamento deve ser oficializado hoje mesmo, para garantir a estabilidade necessária nos acordos do senhor Andrianakis. Vocês deverão morar juntos e manter a aparência de um casal efetivo por tempo indeterminado, pelo menos até a próxima etapa de negociações internacionais.

— E pelo tempo necessário para estabilizar a imagem da nossa família, Dominica. — Meu pai diz, a mão tremendo. — Assim garantimos que...

— Eu entendi, pai. — Corto-o, sem paciência.

Seguro a caneta prateada que o advogado me estende. Sinto meus dedos gelados. Dou uma olhada rápida nas letras miúdas e, por alguns segundos, considero a possibilidade de rasgar esses papéis e sair correndo. Mas, ao erguer o rosto, encaro o olhar ameaçador do meu pai. Lembro do nosso patrimônio, das dívidas monstruosas e de como a vida dele está por um fio. Engulo em seco.

— Precisamos de uma assinatura sua aqui, senhorita Prescott. — O advogado toca a folha. — E depois o senhor Andrianakis assina.

Não hesito mais. Assino meu nome com uma caligrafia firme, mesmo que minha alma esteja em caos. Passo a caneta para Aiden, sem encará-lo.

Ele pega, aproxima-se mais da mesa. Seus movimentos são lentos e calculados, como se quisesse saborear esse momento em que, basicamente, estou me entregando de bandeja. Ele assina com um traço rápido e impessoal.

— Muito bem. — O advogado recolhe as folhas, satisfeito. — Agora, passamos à oficialização.

O juiz de paz se levanta, a expressão indecifável.

— Senhor Aiden Andrianakis, aceita Dominica Prescott como sua esposa, comprometendo-se, dentro dos limites deste matrimônio, a respeitá-la e a cumprir com os deveres conjugais estabelecidos?

Aiden não hesita. Seus olhos são duas tempestades enquanto ele responde:

— Aceito.

Meu estômago se contrai. O juiz se volta para mim.

— Senhorita Dominica Prescott, aceita Aiden Andrianakis como seu esposo, comprometendo-se, dentro dos limites deste matrimônio, a respeitá-lo e a cumprir com os deveres conjugais estabelecidos?

Minhas mãos estão geladas. Meu coração está descompassado. Engulo em seco.

— Aceito. — Minha voz sai mais firme do que eu esperava.

O juiz nos observa por um instante antes de pegar as alianças e nos entregar.

— Podem trocar as alianças.

Aiden segura minha mão com firmeza. O toque é quente, seguro, mas também carregado de algo que não consigo decifrar. Ele desliza a aliança fria pelo meu dedo anelar. Eu repito o gesto, prendendo a respiração.

— Declaro-os oficialmente casados. — O juiz encerra, com um aceno de cabeça.

E assim, sem fogos de artifício, sem romance, sem aplausos, eu me torno esposa de Aiden Andrianakis. E o pior é que ele parece gostar disso. Parece estar saboreando a vitória.

— Senhores, se me dão licença, tenho algumas coisas para resolver. — Meu pai diz, interrompendo o momento que se formou, ele está apressado e parece aliviado. — Encontramo-nos depois para acertar outras

formalidades.

Ele caminha até a porta, jogando-me um olhar rígido. Sinto um aperto no peito. Ele vai embora sem nem se despedir direito. Fico parada, ainda entorpecida, quando o advogado e o juiz também se vão levando documentos. A secretária fecha a porta, e, de repente, em questão de segundos, estou sozinha com Aiden.

Silêncio total. O ar parece pesado, carregado de tensão. Não existe parabéns, sorrisos ou abraços. É tudo frio, calculado, empresarial.

— Então é isso? — pergunto, a voz meio abafada. — Estou oficialmente presa a você?

Aiden se afasta da mesa, aproxima-se de mim. Meu corpo inteiro fica em alerta. Ele é muito mais alto e largo, fazendo-me sentir pequena e, ao mesmo tempo, perigosamente excitada.

— Engraçado. — Ele solta um sorriso cínico. — Eu poderia dizer o mesmo. Também estou preso a você.

— Preso? Duvido. Você domina todas as situações, não é? — Ergo o queixo, desafiadora. — Seu nome é sinônimo de poder. Duvido que se sinta acuado em alguma coisa.

Ele solta um leve riso.

— Você me vê assim?

— Não preciso ver. O mundo inteiro te vê assim. — Meu coração está acelerado.

Aiden avança mais um passo, ficando próximo o bastante para que eu sinta o calor que emana do corpo dele. Preciso me manter firme, mas é difícil quando cada célula minha vibra com a presença desse homem.

— Eu não gosto de perder, Dominica. — Ele pousa uma das mãos em meu queixo, erguendo meu rosto. Sua voz é um sussurro autoritário. — E, agora, nós dois entramos num jogo que pode engolir quem estiver mais fraco.

Minha respiração falha. O toque dele na minha pele faz minha barriga se contrair de um jeito louco. Ele tem cheiro de perigo e maldita sedução.

— Vamos ver quem é o mais fraco aqui. — Minha voz sai meio trêmula, mas ainda desafiadora.

Por um segundo, acho que ele vai me beijar. Sinto o hálito morno, vejo as pupilas dilatadas, mas Aiden recua.

— Tenho uma reunião em dez minutos. — diz, ajeitando o paletó. — Você irá comigo depois para a minha casa.

— Sua casa? — repito, confusa. — Não é… cedo?

— Está no contrato e estamos casados. Precisamos parecer um casal de verdade. Nada de você voltando ao hotel. — Ele dá de ombros. — E não se preocupe, vou providenciar suas coisas.

— Não pode me tratar como uma boneca! — vocifero, uma raiva repentina tomando conta de mim ao perceber que sequer tenho escolha ou vontade, ele apenas manda e desmanda.

Me levanto e tomo distancia:

— Você fala como se eu fosse um objeto que pode ser levado de um lugar a outro. — Rosno, sentindo a raiva ferver no peito.

Ele segura meu pulso, um toque firme, sem machucar, mas suficiente para fazer meu pulso pulsar e eu parar. Ele faz seu virar para ele e meu corpo se choca ao dele. Minha respiração falha.

— Não me provoque, Prescott. Já temos problemas demais, você assinou o contrato, concordou com esse casamento, com tudo isso, eu te dei a chance de sair, você não aceitou.

— Chance? Que chance? — pergunto incrédula.

— Deixei claro minhas intenções, você escolheu assinar ainda assim.

— Eu não tinha escolha! — vocifero contra ele.

— Sempre há uma escolha, e você fez a sua... agora lide com as consequências dela.

Fico de boca aberta, encarando-o. Em uma fração de segundo, imagino sua boca na minha, os corpos pressionados, eu não saberia dizer porque esses pensamentos me tomam, mas tomam... mesmo que eu esteja fervendo de raiva, mesmo que junto com esses pensamentos outros de matá-lo estejam acompanhados, eu não consigo evitar nenhum dos dois: nem o ódio, nem o desejo. Meu rosto esquenta. Ele me solta, como se tivesse lido meus pensamentos, e se afasta.

— Me espere aqui. — Ele caminha até a porta. — Não demoro.

Antes que eu consiga responder, ele sai, deixando-me sozinha outra vez. Fecho os olhos e respiro fundo, tentando acalmar a mente.

Agora, é oficial: estamos presos um ao outro por um documento que acabei de assinar. Sou agora, *esposa de Aiden Andrianakis.*



CAPÍTULO 5

— Vou te levar pra casa agora. — Ele confirma, com a voz seca. — Depois veremos o resto das formalidades sociais.

— Você sempre dá as ordens assim? — pergunto, irritada. — Pensei que, agora, somos parceiros nesse acordo.

Ele esboça um meio sorriso, um ar de quem se diverte com a minha ousadia.

— No meu mundo, mando eu, Prescott. Você só precisa… se adaptar.

Reviro os olhos. Sei que devo engolir esse orgulho, mas não consigo. Há algo nele que me cutuca, me incita a desafiar cada uma de suas palavras.

Saímos da sala. O caminho até a garagem é repleto de pessoas que abaixam a cabeça em saudação a Aiden. Ele parece não notar. Caminha à frente, com postura ereta e confiante.

Quando finalmente chegamos ao carro, um sedã luxuoso e blindado, ele faz questão de abrir a porta para mim. Tento não demonstrar que estou impressionada, mas sinto uma pontada de alívio por me sentar nos bancos de couro macio.

— Eu dirijo — diz Aiden ao motorista, que se retira sem contestar.

Ele dá a volta e entra no carro, assumindo o volante. As portas se fecham com um som pesado, e, logo, estamos deslizando pelas ruas de Atenas. Olho para fora: prédios antigos se misturam a construções modernas.

Eu queria admirar a cidade, mas a tensão no carro é quase sufocante.

— Você parece nervosa. — A voz dele corta o silêncio.

— E não deveria estar? — Respondo, sem encará-lo. — Acabei de me casar com um homem que mal conheço.

— Você me conheceu ontem. — Ele diz com ironia, mas quando olho seu reflexo no vidro, há algo de sombrio em seu olhar.

— O suficiente pra saber que não devo confiar em você. — Retruco de imediato.

Ele solta uma risada baixa, que reverbera pelo carro. Não respondo nada, mas cruzo as pernas, sentindo meus nervos latejarem. Essa proximidade é estranha. Metade de mim quer abrir a porta e fugir, a outra metade anseia pelo toque que prove que eu ainda estou viva e que isso não é só um pesadelo.

Seguimos sem trocar mais palavras até que o carro para em frente a um edifício residencial de luxo, no centro da cidade. Ele desce e dá a volta, abrindo a porta pra mim outra vez. Sinto aquele perfume amadeirado, tão intenso.

— Vamos subir. — Aiden diz, sem cerimônia.

Ele me conduz até a cobertura. O interior é todo em tons neutros, grandes janelas de vidro mostram uma vista panorâmica de Atenas. Há móveis caríssimos, obras de arte e um piano de cauda em um canto.

— Você mora aqui? Pensei que tivesse uma mansão. — comento, incapaz de esconder minha curiosidade.

— Tenho várias propriedades. — Ele coloca as chaves sobre uma mesa de mármore. — Mas esta é mais próxima do meu escritório. Fica mais prático agora.

— E eu devo morar aqui também?

Ele franze o cenho.

— Não é o que diz o contrato? Além disso, prefiro te manter por perto.

— “Manter por perto”, como se eu fosse um mascote?

Ele solta um suspiro impaciente.

— Não comece, Prescott. Não precisamos brigar toda hora.

Respiro fundo, encaro aqueles olhos azuis escuros. Acho que quero, sim, brigar com ele. Há algo na nossa troca de farpas que me faz sentir viva, que faz meu sangue ferver, mas me deixa viva e minimamente no controle.

— Onde é meu quarto? — pergunto, de braços cruzados.

Aiden faz um gesto para que eu o siga por um corredor amplo. Porta após porta, chegamos a um quarto enorme, com cama king size, tapetes felpudos e varanda com vista para a cidade. É lindo.

— Se precisar de alguma coisa, peça a um dos funcionários que chegarão em breve. Por enquanto, eles estão na outra residência, mas pedi que viessem até aqui. — Aiden avisa. — E não saia sem me avisar.

— Por quê? Vai me prender nesse lugar?

Ele me olha fixamente. Há um misto de irritação e… desejo? Sinto o ar faltar.

— Não sou seu carcereiro, Prescott. Mas não quero surpresas.

— Não é o que parece, parece exatamente que você é meu carcereiro e que acha que vai me dominar, mas você está engano se pensa que vou deixar.

Ele me encara por mais segundos do que deveria, e dá um sorriso que some rapidamente como se ele estivesse se divertindo as minhas custas. Então ele dá um passo à frente e, sem aviso, me agarra pela cintura, me puxando contra seu corpo. Sufoco um arquejo. Sinto os músculos dele sob o tecido do terno. Minha respiração se acelera.

— Acha mesmo que pode fazer o que quiser comigo? — murmuro, o

coração martelando.

— Eu não sei — ele responde em tom de desafio —, mas estou curioso pra descobrir até onde você me deixa ir.

O rosto dele se inclina sobre o meu, e meu corpo inteiro se retrai e se inflama ao mesmo tempo. Ele roça a boca na minha, os lábios quentes, macios. Um arrepio corre por meus braços. O hálito dele é quente, delicioso, hipnótico. E então, como se meu corpo não obedecesse a minha mente, deixo que os lábios dele me tomem e sinto o gosto delicioso dele me invadir. É um beijo que não chega a se aprofundar, mas sinto cada célula vibrar.

Reúno forças para empurrá-lo, mesmo que eu quisesse mais. Afasto meu rosto, respirando ofegante.

— Não se ache tanto. — Tento soar firme, mas minha voz sai ofegante.

Ele sorri, aquele sorriso de canto que mexe comigo.

— Acredite, não vou te forçar a nada. Mas estou ansioso pra ver quanto tempo você aguenta essa tensão antes de ceder.

— Não sou um brinquedo. — Rosno.

— Não. É minha futura esposa, ao menos no papel.

— E você é um cretino. — Cuspo as palavras, ainda tonta.

Ele passa a mão pelos cabelos, impaciente.

— Descansa. Você deve estar exausta.

Antes que eu possa rebater, ele se vira e sai do quarto, fechando a porta com força suficiente para que eu sinta a vibração. Fico ali, no meio de um quarto desconhecido, com o corpo pegando fogo de raiva… e de desejo. Que inferno!

Olho ao redor, tentando me acalmar. Jogo a bolsa sobre a cama, passo a mão pelos cabelos. Meus lábios ainda formigam onde ele encostou.

Acabei de assinar um contrato. Estou em outro país, num apartamento de um homem que mal conheço, mas que me provoca sensações insanas. É como se estivesse num barco à deriva, sem ver a terra firme.

Encosto a cabeça na porta, fecho os olhos. Uma voz interna me diz que preciso manter o controle. Não posso vacilar. Já basta ter vendido a minha liberdade.

Preciso respirar e lembrar que tudo isso é temporário, ou pelo menos, é o que eu me forço a acreditar.

Me sento na cama, procurando algo que distrai a mente. Meu celular vibra: é apenas uma mensagem de um número desconhecido, provavelmente algum golpe publicitário. Jogo o aparelho de lado, irritada.

A verdade é que estou sozinha num apartamento de luxo com um homem que me excita e me irrita na mesma proporção. E acabamos de selar nosso destino com tintas num papel.

Suspiro. O cansaço enfim me vence. Deito na cama macia, tentando bloquear os pensamentos de como os lábios dele tocam os meus, o calor do seu corpo, o arrepio que me fez querer mais. Sou uma idiota. Uma idiota que quer não querer.

— Maldito seja, Aiden Andrianakis… — murmuro, fechando os olhos.

O sono não vem, mas fico ali, presa no meu próprio turbilhão de emoções, percebendo que esse jogo mal começou e eu já estou no limite.



CAPÍTULO 6

Mal saio do carro e já sinto a tensão pairando no ar. Duas horas atrás, deixei Dominica no meu apartamento na cidade e agora decidi que era melhor movê-la para a minha mansão, onde as coisas são mais… controladas. Mais funcionários, mais privacidade.

Ela desce do passageiro, batendo a porta com força. Parece irritada por ter sido arrancada do conforto do apartamento, mas eu não dou a mínima. Esse lugar é mais seguro, especialmente com as merdas que estão rondando minha empresa.

— Por que tanta pressa? — ela pergunta, impaciente, os olhos semicerrados.

— Porque eu quero. — respondo, seco.

O interior da mansão Andrianakis é amplo, decorado com colunas brancas e lustres imensos. Tapetes importados cobrem parte do piso de mármore. Os empregados formam uma pequena fila para nos receber, mas dispenso as formalidades, um aceno de mão, e todos se retiram, deixando-nos a sós no saguão principal.

— Está satisfeita? — aponto ao redor, guardando as chaves do carro no bolso. — Aqui é maior, tem mais espaço pra você circular e menos chances de sair sem eu saber.

Ela cruza os braços, erguendo uma sobrancelha.

— Eu não planejo sair correndo pelas ruas, Aiden. Ou você acha que

sou maluca?

— Ainda não descobri o que você é. — Dou um meio sorriso. — Mas certamente gosta de me desafiar.

— Você me dá motivos. — Ela rebate, olhando ao redor. — Então… esse lugar é todo seu?

— Sim. E agora será nosso lar, certo? — Ergo o queixo, mantendo a pose de superioridade que ela tanto odeia.

Sigo pelo corredor, e ela vem atrás com passos firmes, o salto ecoando. Quando chegamos à sala de estar, Dominica faz menção de se sentar numa das poltronas, mas paramos ao ver que dois funcionários discutem sobre flores e arranjos no centro do ambiente.

— O que é isso? — pergunto, impaciente.

Eles se viram, assustados.

— Desculpe, senhor. Estamos preparando a casa conforme suas instruções. Arrumamos rosas brancas, mas os fornecedores enviaram vermelhas…

— Façam isso depois. Quero a sala vazia. — ordeno, sem paciência.

Eles se retiram num piscar de olhos. Então me volto para Dominica. Ela sacode a cabeça em reprovação.

— Por que tratar assim quem trabalha pra você?

— Não tenho tempo pra lidar com bobagens sobre flores. — respondo, sentindo a irritação subir. — E eles me conhecem. Sabem como gosto das coisas.

Ela faz um barulho com a boca, algo entre um “tss” de reprovação e impaciência.

— Enfim… — Estendo a mão na direção da escadaria. — Eu vou te mostrar o quarto onde você vai ficar.

— Outro quarto, outra mudança forçada. — Ela revira os olhos, mas me segue.

Subimos até o andar superior. No meio do corredor, há um grande quadro de paisagem mediterrânea que mandei pendurar anos atrás. Passamos por ele, chegamos a uma porta dupla de madeira escura.

— Aqui. — Giro a maçaneta, revelando um quarto amplo, decorado em tons suaves de bege e dourado. Uma cama king size se destaca, com lençóis que parecem caros demais até para o meu gosto. — Fique à vontade.

Ela entra, olhando em volta. Vejo sua expressão se suavizar por um segundo. Talvez ela ache esse quarto mais aconchegante que o outro. Mas, quando giro o corpo pra sair, ela fala:

— E qual é o seu quarto?

Eu viro apenas o rosto.

— É logo ali. — Aponto para a porta no final do corredor.

— Uhum. Então, se eu quiser falar com você, preciso atravessar a mansão inteira? — Ela me olha com ar de desafio. — Que conveniente.

— Se precisar de mim, fale com os empregados. — respondo, frio. — A não ser que prefira bater na minha porta no meio da noite.

— Em seus sonhos.

Sorrio de canto. Ela cora levemente, tentando manter a pose. É fascinante a forma como Dominica consegue ser atrevida e, ao mesmo tempo, tão inocente. Um coquetel que me provoca.

— Bem, fique à vontade pra explorar a casa. Só não mexa no meu escritório. — Aviso, dando um passo pra trás.

— Não se preocupe. Não quero mexer em nada seu. — Ela finge desprezo, mas vejo seus lábios tremerem.

Dou as costas e deixo o quarto. Meu corpo ainda está em alerta, lembrando o perfume dela. Assim que estou no corredor, solto o ar em um

suspiro curto. Droga. Essa mulher desperta sensações que eu pensava ter superado faz tempo.

♥

Estou no meu escritório. Tento analisar relatórios e estatísticas sobre a Andrianakis Corporation, mas minha cabeça está num turbilhão. A imagem de Dominica circulando pela mansão não sai da minha mente. Sinto uma inquietação, um aperto no peito.

Resolvo checar as câmeras de segurança internas, não há nada de invasivo nos quartos, claro, mas há no corredor e nas áreas comuns. Preciso me certificar de que está tudo em ordem.

Observo na tela ela andando pelo salão principal. Está de short jeans e uma camiseta leve. Provavelmente revirou as malas. Vê-la desse jeito, descontraído, me faz engolir em seco. Suas pernas são voluptuosas, o cabelo loiro preso em um rabo de cavalo frouxo. Mesmo na tela sem som, percebo o quão linda ela é. Uma parte de mim quer chamá-la aqui, agora, só pra sentir o calor do corpo dela.

— Que diabos estou fazendo? — resmungo, fechando o monitor.

Volto minha atenção pros papéis. Não posso me dar ao luxo de ficar obcecado. Esse casamento é um negócio, e ela é apenas o rosto necessário para minha reputação.

Minutos depois, escuto vozes no corredor. Levanto e vou verificar.

— Eu disse que sei me virar! — Dominica reclama, segurando uma bandeja. Ao lado dela, uma governanta tenta ajudá-la. — Não sou aleijada.

— Dominica? — chamo, com a sobrancelha erguida. — O que está fazendo?

Ela se vira, me encara.

— Tentando lanchar. Mas sua funcionária acha que preciso ser carregada no colo.

— Eu só queria ajudá-la, senhorita. — A governanta se desculpa, sem graça.

— Tudo bem, Petra, pode voltar aos seus afazeres. — Falo, dispensando-a.

Assim que a mulher sai, Dominica se mantém parada com a bandeja de sanduíches e suco. Olho pra ela de cima a baixo. É inevitável notar como a camiseta se ajusta às curvas.

— O que foi? — Ela pergunta, desconfiada.

— Nada. Só não entendo por que se incomoda com ajuda. É normal eles servirem.

— Porque não quero que fiquem me servindo o tempo inteiro. — A voz sai meio ríspida, mas vejo um lampejo de vulnerabilidade.

Dou um passo à frente, e ela recua.

— Está fugindo de mim? — Solto a pergunta, sem rodeios.

— Não seja ridículo. — Ela estreita os olhos. — Só não quero brigar.

— Engraçado, você vive me desafiando, mas agora diz que não quer brigar. — Dou um sorriso mínimo.

Ela faz menção de me dar as costas, mas avanço rápido, segurando seu pulso. A bandeja treme, quase derramando o suco.

— Cuidado! — Ela reclama, tentando se soltar.

Tiro a bandeja das mãos dela e a coloco sobre uma mesinha perto da parede. Dou um passo, bloqueando sua saída. Ela ergue o rosto, furiosa.

— Qual é o seu problema?

— Meu problema é que você está embaixo do meu teto, mas age

como se eu fosse um estranho. — Digo, baixo e firme. — E, tecnicamente, somos casados agora.

— Casamento de papel. — Ela cospe as palavras.

— Ainda assim, precisamos parecer um casal.

— Eu não vou fingir nada fora das aparências necessárias.

— Será mesmo? — pergunto, inclinando meu rosto, sentindo o cheiro cítrico do suco misturado ao perfume dela. — Porque, se alguém te visse agora, nessa posição, ia achar que somos bem íntimos.

Ela gela, o rosto corando. Meu corpo reage ao da Dominica, é inevitável. Deslizo uma das mãos até sua cintura, sentindo a barra da camiseta subir levemente. A pele macia dela roça nos meus dedos.

— Aiden… — Ela tenta manter a voz firme, mas noto o tremor. — Solta…

— Você fala como se não quisesse. — sussurro.

— Eu… não quero.

Os lábios dela dizem uma coisa, mas o corpo diz outra. Vejo o jeito como seu peito sobe e desce, como ela morde o lábio, como as pupilas ficam dilatadas.

— Tem certeza? — Provoco, aproximando ainda mais meu rosto.

— Sim. — Ela responde, mas não se afasta.

Consigo ver que ela está mentindo, posso ver através do fino tecido de sua camiseta seus mamilos ficarem rígidos apenas com o teor de nossa conversa e não posso dizer que isso não me enlouquece. Maldição! Não conseguirei resistir a ela. Minha pele chama por Dominica e posso sentir a dela chamando por mim.

Roço minha boca na curva de seu pescoço. Ela prende a respiração e sinto sua mão subindo para meu peito, como se quisesse me afastar, mas sem aplicar força real.

— Não brinque comigo. — A voz dela falha. — Eu não sou uma das suas amantes.

— Não, você é minha esposa. — retruco, numa pontada de ironia. — E isso me dá direito de te beijar quando eu quiser?

Ela arregala os olhos. Por um instante, sinto que exagerei. Mas, pra minha surpresa, Dominica empurra meu ombro e, rapidamente, se esquiva, parando a um passo de distância.

— Não se atreva a confundir esse contrato com posse. — Ela diz, raiva transbordando na voz. — Eu não sou um objeto que você pode pegar quando quiser.

A fúria no olhar dela me desperta algo intenso. Droga, essa mulher tem fogo correndo nas veias.

— É bom você se lembrar disso também. — Rosno, meio fora de mim.

Ela me encara por um instante, respirando forte. Então, sem dizer mais nada, vira-se e caminha pelo corredor, subindo a escada para o andar superior. Fico ali, assistindo seu corpo desaparecer no topo da escada.

— Maldita teimosa… — murmuro, esfregando a nuca.

Meu corpo está em chamas, a desejando. E eu, estúpido, pareço adorar essa provocação.

Passo a mão pelos cabelos, olhando a bandeja esquecida ali, com o suco quase entornado. Me aproximo, bebo um gole. A acidez da laranja me lembra que preciso de controle, mas meu autocontrole está indo pro ralo sempre que ela está perto.

— Preciso focar no que importa — digo a mim mesmo, em voz baixa. — Assuntos da empresa, manter a farsa, descobrir quem anda fazendo chantagem…

Mas, na minha mente, a única imagem que persiste é a de Dominica me encarando com aqueles olhos verdes, me desafiando a cada segundo. E

eu, perdendo a cabeça.

É, esse maldito casamento vai ser bem mais complicado do que eu previ.



CAPÍTULO 7

Aos treze anos.

— Dominica, fique quieta! — escuto a voz da minha mãe dizer, mas não consigo conter as risadas ao sentir ela espetando alfinetes em meu vestido de cetim azul.

Papai me comprou esse vestido e me deu para vestir essa noite. Eu não sei bem porque recebemos tantas pessoas em casa e fazemos tantas festas, mas eu gosto quando ele me compra algo.

— Onde está o papai, mamãe? — pergunto e vejo minha mãe desviar levemente o olhar.

— Deve estar conversando com os sócios no escritório, querida. — ela diz, e logo tosse.

Mamãe parece mais pálida nesses últimos dias e a vi conversando vezes demais no telefone com o Doutor Ítalo. Parte de mim tem medo de perguntar, mas a outra quer ajudar, se eu puder.

— Você está bem, mamãe?

— Claro que estou querida. — ela diz, forçando um sorriso. — Agora que já fiz as marcações, tire esse vestido para eu ajeitá-lo para você.

Eu a obedeço e coloco uma jardineira, pronta para mexer na terra antes que a noite caia e a festa comece.

— Não atrapalhe seu pai no escritório, querida. — Minha mãe diz e eu apenas assinto sorrindo.

Desço as escadas da enorme mansão em que vivemos e corro até nosso jardim.

Eu gosto de sentir a terra entre os meus dedos, o cheiro úmido das raízes enquanto planto mais algumas rosas ao lado das que já florescem. É um pedaço meu ali, naquelas pétalas suaves, no caule espinhento que me arranha de vez em quando. Mas eu não me importo. As rosas crescem apesar dos espinhos.

O sol começa a se esconder atrás das colinas, pintando o céu de laranja e rosa. Suspiro, limpando a sujeira nas minhas mãos contra a saia da jardineira. É hora de subir, tomar um banho e me arrumar para a festa. Corro de volta para dentro da mansão, meus pés fazendo eco nos corredores longos e frios.

Ao passar pelo quarto dos meus pais, escuto a voz do meu pai, áspera e alterada, cortando o silêncio como uma lâmina. Meus passos vacilam, e meu coração acelera. Nunca o ouvi assim. Nunca ouvi ele gritar tanto com minha mãe. Algo me faz parar, a respiração presa na garganta.

— Assim que ela fizer quinze anos, já devemos procurar um marido para ela, um que nos salve! Ou você acha que vamos nos reerguer agora? Acabou! — A voz dele reverbera dentro de mim como um trovão.

Minha mãe murmura algo, assustada, acuada.

— Querido, ela ainda é muito jovem… apenas uma menina. Como pode dizer isso?

— Ela já é quase uma mulher e terá que ajudar essa família! — Ele cospe as palavras, como se fossem veneno. — Você não me ajudou em nada! Quando nos casamos, achei que sua família tivesse mais influência. E agora? Agora estamos nessa situação por sua culpa também! Ou acha que o tratamento para o câncer será barato? Você vai morrer em meses e me deixar sozinho com esse estorvo que é Dominica para criar!

Meu corpo congela. O ar me falta.

— Escute o que estou dizendo: ela vai se casar assim que alguém aceitar. E você, Cassandra, fique quieta e pare de mimar essa menina!

Minha cabeça lateja, um ruído ensurdecedor dentro do meu peito. Meu coração bate tão rápido que sinto que ele vai explodir. Meu peito dói. Dói. Dói.

Minhas pernas falham. Meus olhos se enchem de lágrimas quentes, e, quando tento dar um passo para trás, escorrego. Um soluço escapa da minha garganta, e minha mãe aparece na porta, os olhos arregalados ao me ver ali.

— Dominica! — Ela corre até mim, mas meu corpo se move antes que ela possa me alcançar. Eu corro. Corro para longe daquela porta, daquela casa, daquela verdade cortante.

A terra sob meus pés cede, mas eu não paro. O jardim, antes tão bonito, agora parece um labirinto sufocante. Minhas mãos sujas passam pelo meu rosto, espalhando terra e lágrimas. Tudo dói. Meu peito arde, minha garganta fecha. O sol se foi, e tudo que resta é a noite e a dor.

Dor. Dor. Dor.

Meu pai nunca me amou. Eu sou um estorvo... e minha mãe, minha mãe vai morrer em meses. Ela irá me deixar, ela que é minha única ancora. Ela nem mesmo me contou... ela não me contou.

Corro até minhas pernas falharem. E, quando caio de joelhos no meio da terra, entre as rosas que plantei com tanto carinho, percebo com apenas trezes anos, que minha vida inteira é só... dor.



CAPÍTULO 8

Presente

Eu acordo com uma sensação estranha no peito. Meus olhos estão pesados, e meu corpo parece preso em lençóis que grudam na pele. Sinto um suor frio escorrer pela nuca. Olho em volta e vejo o quarto luxuoso que Aiden me deu. A cama é enorme. As cortinas são pesadas, de veludo escuro. Há uma penumbra cinzenta que envolve tudo.

Tento respirar fundo. Meus dedos tateiam o colchão em busca de firmeza. Há um gosto amargo na boca. Fecho os olhos por um instante e sinto a mente vacilar. Subitamente, memórias antigas me puxam para outra época, como se eu caísse num poço sem fim.

— Foi só um pesadelo, Dominica. — Murmuro.

Mas a constatação não faz aliviar porque sei que o pesadelo foi real, ele realmente aconteceu.

Certa vez ouvi alguém dizer que a infância é uma terra que pisamos a vida inteira e isso não poderia ser mais verdade.

Eu me sento, puxo os joelhos contra o peito e enterro o rosto ali. Respiro devagar, tentando me acalmar. Quando levanto o rosto, percebo que tenho lágrimas. Meus olhos ardem. Passo a mão com raiva pela bochecha, odiando me sentir vulnerável.

É nesse instante que noto um movimento na penumbra.

— Pesadelos? — A voz de Aiden soa baixa, quase um sussurro.

Pulo, assustada. Não sabia que ele estava aqui. Ele está parado perto da porta, as mãos nos bolsos, o semblante sério. Vejo apenas o contorno dos ombros largos e a barba cerrada.

— Não — minto, com a voz trêmula. — Não foi nada.

Ele dá alguns passos à frente. Um vulto alto contra a janela fechada. Então, algo roça meu ombro, e percebo que ele me estende um lenço.

— Você está chorando — diz.

Não pego o lenço de imediato. Apenas encaro a parede. Sinto raiva de mim por deixá-lo me ver assim. Sou orgulhosa demais, e não quero que ele pense que sou uma fraca chorona.

Mas, depois de alguns segundos, meus dedos seguram o tecido. Uso-o para limpar o rosto.

— Obrigada — murmuro.

Ele não diz nada. Fica ali, me observando. Eu sinto um calor no peito, uma tensão estranha que sempre aparece quando estamos perto um do outro.

— Eu pensei que estivesse dormindo — digo, tentando amenizar o silêncio.

— Trabalho até tarde — ele responde, seco.

Sei que não é mentira. Ultimamente, Aiden passa horas trancado em ligações e reuniões, organizando seu império e enfrentando ameaças que não me explica direito. Isso me irrita, mas também me deixa preocupada.

— Você não precisa ficar aqui, se é isso que… — Tento dispensá-lo.

— Não vim por obrigação — ele retruca. — Achei que tivesse ouvido você gritar. Queria ver se estava bem.

Algo no tom dele me deixa desconcertada. Ele não tenta me tocar, nem me mandar fazer nada. Isso é novo, vindo dele.

Desvio o olhar, fingindo que não me importo. Mas por dentro sinto um aperto no coração.

— Eu estou bem — insisto, com a voz mais firme.

Ele assente, sem muita convicção. Dá para ver que não acredita, mas não me pressiona. E isso, de certo modo, me surpreende.

O silêncio cai sobre nós. Fico com vontade de perguntar se ele também tem pesadelos. Lembro de quando ele mencionou, rapidamente, que seu pai era um homem terrível. Será que as memórias o atormentam tanto quanto as minhas?

Mas não pergunto. Não quero parecer curiosa. Não quero abrir meu coração assim.

— Descanse, Dominica — ele diz, por fim. — Se precisar de algo, estou no meu escritório.

Assinto. Ele se vira para ir embora. Seu vulto avança até a porta. Então, para por um instante, sem me encarar.

— Às vezes, olhar o passado não resolve nada. Mas entendo que ele nos persegue mesmo assim — ele murmura, quase como se estivesse falando consigo mesmo.

Sinto um nó na garganta. Quero respondê-lo, dizer que entendo, mas minhas palavras travam. Ele sai e fecha a porta atrás de si.

Fico ali, com o lenço ainda na mão, sentindo uma mistura de raiva, vergonha e, estranhamente, conforto. É a primeira vez que Aiden me vê vulnerável por algo que não tem a ver diretamente com o nosso embate.

Deito de novo, encaro o teto, mas não consigo dormir. A imagem do meu pai, gritando com minha mãe debilitada, e falando de mim como um objeto, martela minha mente. Lembro de cada nuance da noite em que descobri o que significava ser uma “Prescott”.

Eu odeio me sentir assim. Odeio esse peso.

Mas não há como fugir. Estou presa em um casamento de conveniência, armada pelos interesses do meu pai. Embora Aiden não seja um santo, ele não é o único culpado. Meu pai me forçou, me usou. E, de certa forma, continuo sendo o trunfo que ele anunciou há tantos anos.

Respiro fundo e fecho os olhos. Preciso ficar forte. Não posso deixar que ninguém me veja quebrar. Nem mesmo Aiden.

O sol invade as frestas das cortinas. Eu mal dormi. Sento na cama, esfrego o rosto e decido que não vou ficar me lamentando. Vou enfrentar tudo de cabeça erguida.

Levanto, tomo um banho rápido e escolho uma roupa simples, mas que me deixe segura. Jeans e uma blusa que realça minha cintura. Prendo o cabelo em um rabo de cavalo firme.

Caminho pelos corredores, tentando me convencer de que está tudo bem. Ao passar pela sala, vejo dois funcionários conversando em sussurros. Eles me lançam um olhar rápido, talvez de pena, talvez de curiosidade.

Ignoro e sigo em frente. Vou até a cozinha, pego uma xícara de café. Sinto o aroma forte me acalmar um pouco.

— Dormiu bem, senhorita Prescott? — Petra, uma das funcionárias, pergunta com simpatia.

— Dormi o suficiente — respondo, meio seca. Não quero parecer hostil, mas estou sem paciência para interações sociais agora.

Ela se afasta, respeitosa, mas vejo que me observa pelo canto do olho.

Decido ir até a biblioteca, o lugar mais silencioso desta mansão imensa. Empurro a porta e vejo que está vazia. Entro. As estantes são altas, repletas de livros caros. Caminho entre elas, passando o dedo pela lombada de alguns títulos.

Meus pensamentos voltam ao passado. A forma como meu pai me moldou. A maneira como minha mãe fingia que tudo estava perfeito, mesmo

sabendo que estava morrendo. Sempre me senti sozinha, mesmo nas festas cheias de gente. Eu não era uma criança livre, mas não entendia isso. E quando descobri a verdade, foi devastador.

Sento numa poltrona, fecho os olhos e respiro. Tento focar apenas no presente. Mas é difícil. Minha mente insiste em me arrastar para aquele corredor escuro, com meu pai negociando meu destino.

— Eu não sou aquela garotinha de treze anos — murmuro. — Não mais.

Então ouço passos na porta da biblioteca. Abro os olhos, esperando ver Aiden, mas é apenas um dos seguranças. Ele faz um aceno de cabeça e desaparece.

Todos parecem querer me vigiar. Isso me irrita. Mas não grito, não discuto agora. Eu não quero mais conflitos por hoje.

♥

Decido andar pelos jardins da mansão. O sol está forte, mas há uma brisa agradável. Caminho sem rumo, passando por roseiras bem cuidadas. Lembro-me de quando eu tinha dez anos e minha mãe me mostrou o jardim da nossa antiga casa, dizendo que flores são como pessoas: precisam de cuidados.

— Quem está cuidando de mim agora? — penso, quase rindo de mim mesma.

Sento-me num banco de pedra e olho para o céu. As nuvens se movem devagar, e tudo parece tranquilo, mas sei que é apenas aparência. Me sinto presa. Me sinto usada. E não suporto essa sensação.

Quando fecho os olhos, imagino minha vida se eu tivesse sido livre para escolher. Talvez eu estudasse artes, ou tivesse um pequeno café em Roma. Algo simples, mas meu. Longe das dívidas, longe de ameaças, longe de qualquer homem que tente me usar como moeda de troca.

Mas essa não é minha realidade. Estou aqui, como a esposa contratada

de Aiden Andrianakis. Um homem tão danificado quanto eu, mas que não percebe o quanto isso nos une.

Pensar nisso me cansa. Levanto, decido voltar para dentro. No corredor, quase trombo em Aiden.

— Você sumiu — ele comenta, olhando para mim com aquela intensidade que me desarma.

— Não tenho obrigação de ficar na sua frente o tempo todo — retruco, cruzando os braços.

Ele suspira, mas não discute. Vejo que está tenso, talvez preocupado com algum assunto de seus negócios.

— Se precisar de algo, me avise — diz, com uma voz estranhamente suave.

— Por que você se importa? — solto a pergunta antes de pensar.

Ele me encara, calado. Por um instante, acho que vai dizer algo profundo, mas então desvia o olhar e passa por mim.

Fico parada, atordoada. É como se ele se afastasse sempre que nos aproximamos minimamente. E eu faço o mesmo. Somos dois teimosos, cada um preso a seus traumas.

Suspiro e vou para meu quarto. Fecho a porta. Apoiando a testa na madeira, sinto o peso da vida que me cerca. A lembrança de meu pai me oferece à sociedade como um troféu volta a me assombrar. Mas, ao mesmo tempo, sinto que não vou ceder. Jamais.

Eu sou forte. Sou Dominica Prescott, e não vou deixar ninguém me quebrar de novo.

Horas depois, a noite cai. Me arrumo para o jantar. Visto algo simples, mas elegante. Desço e me sento à mesa imensa, apenas para ver que Aiden não está. Os empregados servem o jantar em silêncio. A cada garfada, sinto um gosto de solidão.

Penso em me levantar, mas decido terminar a refeição. Não vou me abalar. Se ele não quer comer comigo, problema dele.

Quando termino, subo as escadas, entro no quarto e tranco a porta. Tiro os sapatos, deito na cama e acabo pegando no sono sem perceber.

Mas o sono é agitado. Sonhos e recordações se misturam. Vejo meu pai, vejo a mim mesma aos treze anos, vejo Aiden. Acordo no meio da madrugada, ofegante.

Olho para o canto do quarto, esperando ver Aiden de novo, mas estou sozinha. Não há lenço, nem preocupação. Apenas a escuridão e meus pensamentos.

Suspiro.

Abraço o travesseiro e decido que não serei mais assombrada por esse passado. Mas dizer é fácil, apagar as memórias é outra história.

Fecho os olhos e, num esforço, tento pensar em algo positivo. Talvez haja um modo de retomar o controle. Talvez eu consiga virar o jogo.

Eu não vou repetir o padrão que meu pai criou. Não vou me deixar ser um trunfo ou um objeto nas mãos de ninguém.

E se Aiden acha que pode me conter, ele vai descobrir que sou feita de fogo.



CAPÍTULO 9

Acordo com o sol batendo no rosto. A noite foi agitada, mas sinto uma determinação estranha no peito. É como se eu tivesse decidido enfrentar Aiden de uma vez.

Me levanto, tomo um banho rápido e escolho uma roupa confortável. Não vou me fantasiar de socialite hoje. Desço as escadas e encontro um silêncio pesado nos corredores.

Logo vejo dois seguranças perto da porta principal. Eles parecem concentrados, mas me olham de canto de olho quando passo. Tento parecer casual, mas minha mente trabalha rápido.

“Se quero dar um jeito de sair daqui, preciso descobrir como.”

Não posso continuar presa dentro dessa mansão, mesmo que seja por causa de um contrato. Aiden me trata como se eu fosse algum tesouro que ele precisa proteger, ou controlar. Odeio cada minuto disso.

Chego à sala principal. As portas de vidro que dão para o jardim estão abertas, deixando entrar uma brisa. Respiro fundo. Ainda sinto o cheiro sutil do mar, distante. Mas o clima aqui é tenso.

Caminho em direção à saída lateral, onde sei que há um portão discreto. Um dos seguranças me segue, mas não fala nada. Quando ponho a mão na maçaneta do portão, ele pigarreia.

— Bom dia, senhora Andrianakis — diz, usando o sobrenome de Aiden para se referir a mim, o que me irrita. — Aonde pretende ir?

Sinto meu estômago revirar de raiva.

— Vou dar uma volta.

— O senhor Aiden não mencionou nenhuma saída — ele retruca, cortês, mas firme.

Olho para ele e fecho os punhos.

— Preciso da autorização dele para respirar também?

Ele não responde, mas fica parado, bloqueando parcialmente minha passagem.

— Saia da frente — exijo, tentando parecer calma.

Ele não obedece. E isso me empurra para a beira da explosão.

— Olha, eu não sou uma prisioneira — digo, a voz subindo um tom. — Vou apenas caminhar, sentir o ar, qualquer coisa. Não é da sua conta.

O segurança me encara com respeito, mas não se move.

— Sinto muito, mas preciso de uma confirmação do senhor Aiden.

— Confirmação? — repito, quase engasgando de tanta raiva.

De repente, ouço passos. Aiden surge no corredor ao lado, vestindo calça preta e camisa branca levemente aberta. Ele me encara com uma calma que me deixa mais irritada ainda.

— Não é uma prisioneira, mas não vai sair sem me dizer aonde quer ir — ele declara, como se fosse óbvio.

Viro para ele, o rosto fervendo.

— Que diferença faz?

Ele se aproxima, as mãos nos bolsos.

— Faz toda diferença se você for correr riscos.

— Riscos? — Dou uma risada amarga. — Você só quer manter seu controle.

O segurança fica em silêncio, afastando-se alguns passos. Eu e Aiden ficamos frente a frente. Estou com o coração disparado, mas não recuo.

— Se quiser sair, me avise, e eu providencio um motorista — diz Aiden, como se fosse a coisa mais normal do mundo.

— Não quero motorista nenhum! Quero andar sozinha. Quero ir aonde eu quiser, sem seus guarda-costas babacas.

Os olhos dele ficam mais frios.

— Então não vai.

Fico sem palavras por um segundo. Meu corpo treme de indignação.

— Você não pode fazer isso — sussurro.

— Posso. E estou fazendo — ele responde, firme. — Enquanto você estiver em meu nome e houver gente querendo nos prejudicar, não vou deixá-la se arriscar.

— Gente querendo… — começo a falar, mas percebo que ele não me contou nada sobre o que está acontecendo. Suspeito que haja problemas sérios, mas ele se recusa a me explicar.

— É melhor aceitar — ele diz, dando de ombros.

Sinto vontade de gritar. Quem ele pensa que é para me tratar desse jeito? Mas me lembro das cenas da noite anterior. Ele me viu chorando, vulnerável. Não quero parecer fraca agora.

— Tudo bem — murmuro, a voz carregada de rancor. — Mas não pense que vou me submeter calada.

Dou meia-volta e saio pisando forte. Subo as escadas rapidamente e entro no meu quarto, batendo a porta. Minhas mãos estão geladas de raiva.

— Covarde — sussurro, sozinha. — Ele não quer que eu me

machuque, ou não quer perder o controle?

Maldito, mil vezes maldito.

♥

O resto da manhã passa de forma arrastada. Decido que não vou almoçar na mesa principal. Peço a Petra que me traga algo leve aqui no quarto. Fico encarando a janela, vendo o jardim lá embaixo e sentindo uma ânsia de liberdade.

Não vou desistir. Não vou deixar que ele vença só porque tem seguranças e muros altos.

No meio da tarde, tento outro plano. Vou até a ala dos funcionários, onde Petra costuma ficar. Ela me recebe com um sorriso.

— Petra, preciso da sua ajuda — digo, mordendo o lábio.

Ela franze a testa, preocupada.

— Em que posso ajudar, senhora?

— Quero sair um pouco. Sem chamar atenção. Pode me mostrar alguma saída lateral, um lugar sem tanto movimento?

Vejo hesitação no rosto dela.

— Não sei se é uma boa ideia — ela murmura, olhando ao redor.

— Por favor, Petra — insisto, tentando soar mais amável. — Não aguento mais ficar presa. Só preciso dar uma volta, vou voltar antes de escurecer.

Ela suspira. Talvez se compadeça do meu semblante cansado. Então assente, pedindo que eu a siga.

Caminhamos por um corredor estreito, passamos por uma porta de

serviço que dá para os fundos da mansão. Há uma cerca baixa, que dá acesso à estrada. Petra aponta.

— Por aqui. Mas vá com cuidado. Se o senhor Aiden descobrir…

— Agradeço, Petra. Não vou te envolver nisso — digo, tocando seu ombro.

Então passo pela cerca, meu coração disparando com a adrenalina. Finalmente, um sopro de liberdade.

Caminho rápido até chegar a uma rua pouco movimentada. Olho para trás, não vejo ninguém me seguindo. Um sorriso surge em meus lábios.

— Consegui.

Sigo por mais alguns quarteirões, não sei nem para onde vou. Só quero andar, respirar. Há alguns cafés, lojas pequenas. É diferente da opulência da mansão. Gosto de ver pessoas comuns, barulho de carros, vida normal.

Entro num café e peço um cappuccino. Sento perto da janela e observo a rua. Sinto-me viva outra vez. Mesmo que eu saiba que isso vai ter consequências, não me arrependo.

Depois de cerca de uma hora, me levanto para voltar. Não quero ficar fora por muito tempo. Mas, quando saio do café, vejo um carro preto parado do outro lado da rua. Ele não estava ali antes. Um homem de terno escuro sai do veículo, olha na minha direção. Sinto um arrepio.

Ignoro e sigo em frente, tentando não chamar atenção. Viro a esquina e pego o caminho de volta. Um táxi passa e considero pegá-lo, mas não tenho certeza decido que é melhor não. Então continuo a pé.

Em poucos minutos, chego ao ponto onde passei pela cerca. Entro discretamente no quintal dos fundos. Petra não está ali, graças a Deus. Subo para meu quarto, tentando agir como se nada tivesse acontecido.

— Pronto, saí, vi o mundo, voltei inteira — digo a mim mesma, orgulhosa.

Porém, ao abrir a porta do quarto, encontro Aiden parado ao lado da minha cama. Ele encara meu rosto, depois meus sapatos sujos de rua.

Meu coração dispara.

— Você acha que pode me enganar? — ele pergunta, a voz incrivelmente calma.

— Acha que preciso da sua permissão para viver? — retruco, erguendo o queixo.

Ele caminha na minha direção. Não grita. Não discute. Apenas me empurra contra a parede ao lado do armário, sem machucar, mas com firmeza. Sua voz sai baixa, cortante:

— Nunca mais faça isso.

Respiro, confusa, tentando manter a coragem.

— E o que você vai fazer se eu repetir? Me trancar num porão?

Seus olhos queimam de raiva, mas há algo mais ali: medo. Medo de que eu me coloque em perigo? Ou medo de me perder? Não sei.

— Você não faz ideia do que está acontecendo — ele murmura, a testa quase encostando na minha. — Tenho inimigos, Dominica. E eles podem te usar contra mim.

— Então me conte o que está havendo — exijo. — Diga quem são esses inimigos. Confie em mim, em vez de me trancar como um pássaro na gaiola.

Ele hesita. Vejo em seus olhos que luta contra si mesmo. Então se afasta bruscamente, passando a mão pelos cabelos.

— Não posso — ele diz, praticamente rosnando. — Não posso te envolver nisso.

— Você já me envolveu, Aiden. Ao me fazer sua esposa de mentira, ao me prender aqui, ao me negar o direito de sair.

Ele fecha os punhos, respira fundo e balança a cabeça, como se tentasse manter o controle.

— Chega por hoje — diz, num tom seco. — Vá descansar.

— Não me diga o que fazer — sussurro, mas ele já vai em direção à porta.

No instante em que ele sai, sinto meu corpo desabar. Meus joelhos fraquejam, e escorrego pela parede até o chão. Fecho os olhos e solto o ar com força.

Não vou.



CAPÍTULO 10

Eu atravesso o corredor da mansão, refletindo sobre a noite anterior. Ainda sinto certo alívio porque Aiden me apoiou quando tive pesadelos. Isso não apaga os conflitos que temos, mas me deixa com menos raiva. Agora, estou curiosa. Ele deu a entender que guarda lembranças pesadas a respeito do pai. E eu me pergunto quão profundas são essas feridas.

Avanço até chegar diante do escritório dele. A porta está encostada. Escuto vozes, mas não identifiquei ninguém entrando. Empurro a porta levemente, sem bater, e vejo Aiden em pé, ao telefone.

— Eu não vou repetir — ele diz, a voz baixa e dura. — Se esse contrato cair nas mãos daquele maldito, todo nosso trabalho vai por água abaixo.

Fico imóvel. Ele ainda não percebeu minha presença. Um arrepio me percorre porque reconheço esse tom frio. É o mesmo que ele usa quando quer intimidar. Ele para de falar, respira fundo e desliga. Em seguida, inclina a cabeça, como se tentasse conter algum turbilhão interno.

Dou um passo adiante, sem saber se devo anunciar minha chegada. Mas o assoalho range, e ele gira o rosto. Os olhos azuis escuros se cravam em mim.

— Dominica — diz, quase rosnando. — Gosta de ouvir conversas alheias?

— Você não estava exatamente cochichando — respondo. — E a porta está aberta.

Ele esfrega a testa, como se estivesse exausto. Parece que brigamos todos os dias, mas hoje noto algo diferente. Não há fogo imediato na maneira como me encara, mas sim um cansaço que beira a melancolia.

— O que você quer? — Sua voz é cortante, mas sem a agressividade de sempre.

— Saber por que você age como se estivesse sempre pronto para a próxima batalha. Você esconde coisas, Aiden. Mas o que quer que seja, está transbordando.

Seus olhos brilham com um toque de escarnio.

— Acha que pode entender?

Cruzo os braços.

— Se você falar, talvez.

Ele me encara por um longo momento, então se afasta e caminha até a mesa. Seus dedos tamborilam o móvel.

Sento-me de frente para ele, que agora relaxa contra a poltrona, mas de um jeito que grita perigo, como um leão prestes a atacar.

— Se você acha que sou ruim, é porque não conheceu meu pai — ele começa, a voz sem emoção — Ele era um monstro. Mas não desses que as crianças temem debaixo da cama. Ele era real.

Engulo em seco.

— Ele fez fortuna pisando em corpos. Lavagem de dinheiro, subornos, ameaças. Quando eu era criança, achava que tudo era normal. Era a vida que conhecíamos. Mas quando cresci, percebi que o que ele fazia não era apenas manipulação de negócios. Era muito pior.

Ele passa a língua pelos lábios, como se tentasse decidir o que dizer em seguida.

— Tinha nove anos quando vi o pior dele. Um dos seus homens falhou. Falhou feio. E meu pai não perdoava falhas.

Meu estômago se revira.

— O que ele fez?

Aiden se inclina para frente, os olhos queimando como carvão incandescente.

— Pegou aquele homem e o espancou até que o próprio rosto dele ficasse irreconhecível. E eu vi. Vi o sangue, os gritos, o cheiro de ferro no ar. Mas ninguém parava. Porque ele era como um deus ali dentro.

Minha pele arrepia.

— Meu Deus…

— E depois — ele continua, como se precisasse despejar aquilo de dentro dele — ele se virou para mim. O punho ensanguentado, o olhar gelado, e disse: "Nunca confie em ninguém, Aiden. Nem em mulheres, nem em aliados. Se quiser sobreviver, não ame. Não confie. Apenas controle."

O silêncio que se segue é pesado como chumbo. Eu não consigo respirar direito.

— E você seguiu o conselho dele? — minha voz sai baixa, mas firme.

Ele solta uma risada seca, sem humor.

— Por um tempo, sim. Mas depois que ele caiu, percebi que precisava ser diferente. Eu limpei os negócios, tirei a sujeira. Mas a marca ficou. O nome Andrianakis sempre estará ligado àquela merda. E eu sempre vou ouvir aquele aviso. "Não confie."

Seus olhos perfuram os meus.

— É por isso que você acha que pode controlar tudo? Que pode me controlar?

Aiden solta o ar pelo nariz, inclinando-se para trás.

— Eu não acho. Eu sei. O mundo não respeita homens fracos, Dominica. E eu nunca serei um deles. Já vi o que acontece com quem abaixa a guarda. E não sou eu que vou acabar no chão.

A intensidade das palavras dele me prende no lugar. Agora vejo Aiden não apenas como um homem que controla tudo por egoísmo, mas como um homem que aprendeu a dominar porque acredita que essa é a única forma de sobreviver.

E talvez, para ele, seja mesmo.

Ele apoia os cotovelos na mesa, massageando as têmporas.

— Ainda assim, você é livre para me odiar.

— Eu não odeio você. Eu odeio o que meu pai fez comigo e o que o seu fez com você.

Ele me encara, surpreso com minha resposta.

— O que aconteceu com ele... como seu pai?

Aiden abre um sorriso de escarnio e demora alguns segundos para responder:

— O maldito teve o fim que merecia. — ele por fim diz, e sinto um arrepio percorrer minha espinha.

— Assim como eu você é… fruto de um veneno, Aiden.

Um silêncio pesado se instala. Vejo a tensão nos ombros dele. Por fim, ele se levanta e caminha até a janela, olhando para o pátio interno.

— O fruto de um veneno — repete, quase rindo sem humor. — Bem colocado.

Me levanto também. Não tenho mais o que dizer. Uma parte de mim quer se aproximar, confortá-lo, mas não sei se é o momento. Ele sempre impõe barreiras, e eu também crio as minhas.

— Obrigada por contar — murmuro, virando para ir embora. —

Talvez um dia você pare de controlar tudo e me deixe conhecer seu verdadeiro eu.

Ele não responde. Quando chego à porta, ouço sua voz, baixa:

— Dominica. Você pode me odiar o quanto quiser, mas não se coloque mais em risco. Não quero repetir a história do meu pai. Não quero que nenhum inocente pague pelos meus erros.

Paro, mas não olho para trás.

— Não sou inocente. Mas prometo ser cuidadosa. Ainda vou lutar pela minha liberdade, mas… vou ter mais cautela.

— Obrigado — ele diz, embora a palavra soe estranha na sua boca.

Então saio, fechando a porta. Meu coração está disparado. Sinto-me estranha, como se tivesse dado um passo para dentro da dor dele. E isso me assusta, pois começo a ver Aiden como um homem preso num labirinto construído pelo pai, e sobre isso eu entendo muito bem.

Volto ao meu quarto com a cabeça cheia. O pai de Aiden é ainda pior do que eu imaginava. Entendo agora por que Aiden vive nessa redoma de poder e frieza. Ele acha que, se amar, vai ruir. Se confiar, vai perder.

Mas eu não sou uma marionete. Não vou permitir que o medo dele me torne uma prisioneira permanente. Ao mesmo tempo, sinto que algo muda dentro de mim. Se antes eu via Aiden apenas como vilão, agora vejo um pouco do menino de nove anos, apavorado e observando o pai cometer atrocidades.

— Que mundo cruel — sussurro, jogando-me na cama.

Não sei o que virá daqui para frente, mas sinto que essa conversa mexeu mais comigo do que eu poderia sequer imaginar. E talvez isso me ajude a entender como lidar com ele. Ou talvez me aproxime de uma forma que eu não esperava, nós dois sofremos do mesmo mal: pais monstruosos que não se importaram em nos destruir enquanto buscavam poder no processo.

Fecho os olhos, tentando afastar os pensamentos. Se o pai dele usava

violência, o meu me vendeu como se eu fosse um objeto de barganha. Somos dois quebrados, seguindo um roteiro que não escrevemos, mas tentando sobreviver.

A noite chega, e eu me pergunto se terei pesadelos de novo. Não tenho respostas, mas me sinto um pouco menos sozinha, estranhamente.

Aiden e eu, presos na mesma teia de um passado terrível que não escolhemos.



CAPÍTULO 11

Eu passo os olhos em uma folha de anotações sobre a mesa. Meus contatos confirmam que o evento beneficente está mantido para hoje à noite. Vai ser um jantar de gala grande, com a presença de investidores, empresários e da mídia. Preciso estar lá para manter as aparências do "casamento perfeito" com Dominica. Também preciso mostrar ao mercado que estou forte e no comando, apesar dos rumores sobre minhas contas serem investigadas.

Jogo o papel de lado. Respiro fundo. Não suporto a ideia de ter que fingir sorrisos, mas essa é a jogada mais inteligente. E eu sempre escolho a jogada mais inteligente.

— Senhor? — Petra, minha governanta, aparece na porta do meu escritório. — A… a senhorita Prescott disse que não tem nada adequado para o jantar de hoje. Devo providenciar algo?

— Não, Petra. Eu mesmo vou lidar com isso.

Ela pisca, surpresa. Não costumo me envolver em assuntos de roupa feminina, mas algo em mim se agita ao pensar em escolher cada detalhe do que Dominica vai vestir hoje. Quero que ela seja notada. E quero deixá-la desconfortável, no sentido certo: aquela mistura de ousadia e pudor que faz suas bochechas corarem. Percebo que estou sorrindo sozinho feito um idiota.

— Traga o catálogo da estilista local. Aquela que trabalhou com a

gente no último desfile. — digo, levantando-me.

Petra concorda e sai. Vou atrás dela, seguindo para a sala onde Dominica está. Ando pelos corredores amplos da mansão, passo por um espelho e ajeito a gravata. Lá fora, o sol está alto, mas à noite tudo será diferente.

No salão, encontro Dominica sentada no sofá, folheando uma revista. Ela ergue o olhar, olhos verdes brilhando de irritação.

— Então vou ter que ir mesmo nessa porcaria de jantar? — ela dispara, franzindo o cenho.

— Vai. E nós dois vamos fingir que somos o casal mais apaixonado do mundo. É uma exigência do nosso acordo, esqueceu? — respondo, cruzando os braços.

— Claro que não esqueço. Nem por um segundo.

Essa raiva dela me diverte e me irrita ao mesmo tempo. Aproximo-me, pegando o lugar ao lado dela no sofá. Petra chega com o catálogo e o entrega em silêncio. Assim que a governanta se retira, eu abro o grande livro de modelos e observo Dominica.

— O que está fazendo? — ela pergunta, desconfiada.

— Vamos escolher seu vestido.

— Você acha que vou deixar você escolher o que vou vestir?

— Acho. — Respondo, impassível. — Você agora é a senhora Andrianakis, precisa estar à altura. Além disso, você quer me contrariar agora, mas não tem nada no closet adequado pra um jantar de gala. Então vamos resolver.

Ela revira os olhos. Pego uma das páginas e mostro um modelo de vestido longo, vinho, com fenda alta na coxa e decote profundo nas costas.

— Isso é ousado demais. — ela resmunga, olhando o desenho. — Vão me chamar de…

— De linda? Elegante? Gostosa? — provoco, sem pudor. — Porque você vai estar assim. E é exatamente isso que quero.

Ela fica vermelha. Bate o dedo na revista.

— Você é tão arrogante. Acha mesmo que estou aqui pra ser seu acessório?

— Estamos juntos nessa. Você sabe que precisa mostrar sua imagem de esposa perfeita. — Fecho o catálogo e me levanto. — Eu gosto desse vestido. E quero que você use.

Ela comprime os lábios, irritada. Mas não retruca. Sei que, no fundo, ela entende que é melhor não prolongar essa discussão. Há um silêncio tenso, cheio de teimosia, desejo e, claro, orgulho ferido.

— Tudo bem. Vou usar o maldito vestido. — ela diz, por fim, erguendo o queixo.

— Ótimo. — respondo, secamente.

♥

Depois que a estilista veio tirar medidas e ajustar o tecido no corpo de Dominica, reúno-me com meu advogado no escritório pra discutir alguns detalhes. O tempo voa, e quando vejo, já estamos próximos do horário do evento. Me despeço do advogado, a contragosto. Preciso me preparar.

Volto para o quarto principal, tomo um banho rápido e visto meu terno preto, gravata escura, tudo combinando com o ar de formalidade que a noite exige. Estou terminando de ajeitar os punhos quando decido verificar se Dominica está pronta. Saio pelo corredor e paro diante da porta do quarto dela. Dou duas batidas.

— Prescott? Está quase na hora.

Ela abre a porta, e por um momento esqueço de respirar. O vestido

vinho abraça suas curvas de um jeito indecente. A fenda na perna exibe a coxa, e a parte das costas é quase nula, deixando muito de sua pele exposta. Seu cabelo está solto, caindo em ondas até metade das costas. Na maquiagem, os olhos brilhantes ganham destaque.

— Estou me sentindo pelada. — ela diz, com um tom de queixa.

— Está… perfeita. — murmuro, sem tirar os olhos dela.

— Não é o que você espera ouvir, né? — Ela ergue a sobrancelha, sarcástica. — Achei que fosse me mandar trocar ou reclamar de algo.

— Não. Estou satisfeito. — Dou um passo à frente, arrumando a alça do vestido no ombro dela. — Você está deslumbrante.

Ela engole em seco, desviando o olhar. Sei que mexo com ela, mesmo que negue. Ofereço meu braço, e ela hesita, mas apoia os dedos finos ali. Seguimos até o carro.

♥

Já no local do evento, um salão de festas luxuoso em Atenas, com tapete vermelho e flashes de fotógrafos, descemos do carro. Mantenho a mão espalmada na base das costas de Dominica, e sinto a tensão do corpo dela. A imprensa se aproxima, fazendo perguntas, clicando fotos.

— Senhor Andrianakis, que honra ter o senhor aqui. — Um repórter fala.

— Boa noite. — respondo, sem deixar de segurar Dominica perto de mim. — É uma ocasião especial pra caridade.

Eles miram a câmera em Dominica.

— É a primeira vez que o público vê sua esposa. Poderia apresentá-la oficialmente?

— Claro. Esta é Dominica Prescott… Dominica Andrianakis. — digo,

enfatizando o sobrenome. — Minha esposa.

Ela sorri, mas é um sorriso contido, quase tenso. Sinto suas unhas cravando de leve no meu braço.

— Muito prazer. — ela diz, com um aceno rápido para os jornalistas.

Logo, os seguranças nos guiam pra dentro. O salão é enorme, com lustres de cristal, mesas elegantemente postas, e pessoas da alta sociedade por todos os lados. Música suave preenche o ar.

Nós nos misturamos à multidão. Pego uma taça de champanhe e entrego pra Dominica. Ela agradece de modo tenso, mas bebe um gole, talvez pra relaxar.

— Sorria. — sussurro ao ouvido dela, entrelaçando nossos dedos. — Temos plateia.

Ela me lança um olhar cortante, mas força um leve sorriso. Sei que odeia ser manipulada, mas esse é o jogo. Caminho até um grupo de investidores. Apresento Dominica a todos. Percebo como os homens a encaram, alguns de forma descarada, pois ela está irresistível nesse vestido. Meu sangue ferve de ciúme, mesmo que eu não admita. Mantenho a pose, mas internamente quero afastar qualquer olhar que se atreva a cobiçá-la.

— Então, senhor Andrianakis, vejo que trouxe uma bela dama hoje. — Um homem mais velho comenta, rindo. — Parece que casou bem.

— Sim. — murmuro, enquanto Dominica comprime os lábios. — Um passo necessário para a nova fase da minha empresa.

Ela me cutuca discretamente. Entendo que essa frase soa fria demais. Dou um sorriso superficial e beijo a bochecha dela, tentando parecer romântico.

— E você, Dominica, gosta da Grécia? — alguém pergunta.

— Gosto muito. É um lugar lindo. — ela responde, mas sinto a tensão na voz. — Estou me adaptando.

A conversa prossegue e, em certo momento, Dominica se afasta pra buscar algo na mesa de aperitivos. Fico de olho, desconfiado de que ela possa tentar escapar ou fazer alguma loucura. Porém, tudo corre bem, até que um empresário inconveniente se aproxima dela. Ele é alto, barrigudo, e gesticula demais perto do rosto dela. Não ouço o que diz, mas vejo Dominica recuar com nojo. Rapidamente, me despeço do grupo e atravesso o salão, pousando a mão firme na cintura dela.

— Algum problema? — pergunto, dando um olhar cortante ao homem.

— Nenhum. — Dominica responde, com um olhar de raiva contida. — O senhor aqui só estava sendo… "cortês" além da conta.

— Ah, foi mal-entendido. — O homem ri sem graça e se afasta.

Eu me viro pra ela.

— Você está bem?

— Como acha que eu me sinto? Virei atração principal, homens babando no meu decote. — Ela revira os olhos.

— Prefere um decote menor da próxima vez?

— Não. Prefiro homens menos babões, inclusive você. — Ela solta a alfinetada, mas percebo que está de saco cheio de tantos olhares. — Vamos dançar, Aiden. Ou precisa de um convite formal?

Ela estende a mão, desafiadora. Eu aceito, conduzindo-a até a pista de dança. Uma música lenta começa, e posiciono minha mão na cintura dela, trazendo seu corpo colado ao meu. Sinto a maciez do vestido, o calor da pele. Ela apoia a mão no meu ombro, os dedos tensos.

— Odeio fingir que somos perfeitos. — Ela murmura, quase sem mover os lábios.

— E eu odeio ainda mais. Mas precisamos disso. — Respondo, inclinando a cabeça pra perto de seu ouvido. — Então, sorria e finja que me adora.

Ela dá um sorriso falso, mas por um instante, sinto seu corpo relaxar. Talvez o champanhe esteja fazendo efeito. A melodia suave nos envolve, e nossos passos sincronizam. O perfume dela me atinge, doce e inebriante.

Cada giro nos aproxima mais. Sinto o decote das costas dela roçar na minha mão. Meu corpo reage de forma óbvia, e ela deve perceber pela tensão da minha respiração. Aperto um pouco mais a cintura, quase prendendo-a contra mim. Ela ofega.

— Não começa… — ela sussurra, semicerrando os olhos.

— Não sou eu que estou começando. Seu corpo está grudado no meu. — Provoco.

Ela sobe a mão pelo meu ombro até a minha nuca. Sinto uma pontada de prazer quando ela roça as unhas ali. Quase perco o compasso. Droga. Essa mulher me descontrola.

— Aiden… — ela diz, em tom baixo. — Para de falar e só dança.

Faço exatamente isso. Fecho os olhos e nos movimento, embalado pela música. As pessoas ao redor parecem não existir. Só há o cheiro e o toque de Dominica. E, por um segundo, tudo fica estranhamente calmo.

Quando a música acaba, me afasto a contragosto. Ela também parece atordoada. Tomamos mais uma taça de champanhe, e logo decidimos ir embora. Já cumprimos o protocolo.

♥

O silêncio no carro pesa.

Dominica olha pela janela, mas de vez em quando me encara. Como se desafiasse. Como se medisse a distância entre nós.

— Boa atuação hoje. — comento, sem tirar os olhos da estrada.

— Fiz o que era necessário. — A resposta vem seca, sem hesitação.

Sorrio de canto.

— Engraçado. Quase acreditei nos nossos sorrisos.

Ela solta um riso curto, debochado.

— Quase parecíamos um casal de conto de fadas.

Piso um pouco mais fundo no acelerador. O motor responde. Meu sangue também.

— Você nunca seria uma princesa.

Ela se vira, sobrancelha arqueada.

— Isso foi um insulto?

O semáforo fecha. Freio forte.

Ela se inclina ligeiramente para frente antes de me encarar de novo. Os lábios entreabertos. O peito subindo e descendo.

— Se não sou uma princesa, o que sou, Aiden? — ela pergunta.

Seguro o volante com força, a tensão pulsando no ar. Me viro devagar, meus olhos prendendo os dela.

— Algo muito mais perigoso, Prescott.

Ela não pisca. Não desvia. E eu gosto disso.

Dominica Prescott tem algo que me desestabiliza, que me puxa para perto mesmo quando eu deveria manter distância.

O farol ainda está vermelho, mas minha atenção está completamente nela. O brilho desafiador em seus olhos me irrita tanto quanto me fascina. Ela sabe. Sabe o efeito que tem sobre mim. E o usa como uma arma.

— E o que seria isso, exatamente? — A voz dela é baixa, provocante. Uma lâmina afiada deslizando pela minha pele.

Me inclino ligeiramente na direção dela, meus dedos apertando o

volante até os nós ficarem brancos. O espaço entre nós diminui, mas ainda não é o bastante. Nunca é o bastante.

— Uma tentação — murmuro, minha voz carregada de algo que não consigo controlar.

O peito dela sobe e desce mais rápido agora, a respiração levemente irregular. Sua língua desliza pelos lábios, e meu olhar acompanha o movimento, ávido. Eu deveria olhar para frente. O semáforo deve estar prestes a abrir. Mas estou preso nela. No cheiro dela. No jeito como seu perfume se mistura com a noite e se infiltra em mim.

— E você não gosta de tentações, Aiden? — Dominica inclina a cabeça, como um gato brincando com sua presa.

Ela sabe a resposta. E, ainda assim, quer me ouvir dizer. Quer me ver ceder.

Minhas mãos deixam o volante e deslizam para o câmbio, mais como uma desculpa para aliviar a tensão do que por necessidade. O carro ainda está parado, mas a nossa guerra silenciosa continua.

— Depende da tentação — respondo, baixo, rouco.

Ela sorri, aquele sorriso de quem venceu. De quem me vê lutando contra algo que já está perdido.

O farol fica verde. Mas eu não arranco o carro de imediato.

O desafio está lançado. E eu estou à beira de aceitá-lo.



CAPÍTULO 12

A festa teve seus altos e baixos.

Definitivamente foi ótimo para afirmar nosso relacionamento diante de todos, mas além da formalidade sufocante, algo mais me incomodou. Passei tempo demais assistindo Dominica rir e falar com Albert Pullort que não deveria estar tão perto dela.

Agora, de volta à mansão, estaciono o carro na garagem. Desço e, sem pensar, dou a volta para abrir a porta para ela. Dominica sai devagar, segurando a barra do vestido, e nossos olhares se encontram. Meu sangue ainda está quente.

— Você parecia bem à vontade com Albert. — Minha voz sai baixa, carregada de algo que não quero nomear.

Ela ergue uma sobrancelha, aquele sorriso preguiçoso e provocante dançando nos lábios.

— E você parecia bem interessado em me assistir.

Estreito os olhos:

— Difícil não notar quando alguém toca no que é meu.

Ela solta um riso suave, debochado.

— Ah, por favor… Não aja como se realmente fosse meu esposo,

Aiden.

As palavras dela acertam direto no meu ego. No meu orgulho. Mas, acima de tudo, no meu desejo insano por essa mulher.

Antes que ela se afaste, minha mão envolve seu pulso. Puxo-a com firmeza e ela se choca contra meu peito. Sua respiração falha, os olhos escurecem.

— Você gosta de me testar, não é? — murmuro contra sua pele, minha boca perigosamente próxima do seu maxilar.

O silêncio entre nós vibra, carregado de tensão. De algo elétrico. Ela não recua. Isso me deixa mais louco.

Eu deveria soltá-la, mas não consigo. Ela tenta se desvencilhar do meu toque, muito embora pareça ter uma guerra interna acontecendo em sua cabeça.

— Não tão rápido. — Seguro seu pulso de novo, desta vez mais suave, mas sem dar escolha.

Ela se vira devagar, os olhos cravando nos meus. Sei que deveria deixá-la ir. Sei que deveria fingir autocontrole. Mas estou além disso.

— O que foi? — Sua voz é baixa, mas não tão firme quanto antes.

Me aproximo até seu corpo roçar no meu.

— Você sente isso tanto quanto eu. — murmuro, a mão deslizando de seu pulso para seu braço nu, subindo devagar até segurar sua cintura. — Não fuja de mim, Dominica... consigo sentir sua pele desejando a minha.

Ela prende a respiração. Meus dedos traçam um caminho lento e torturante por suas costas.

— Eu… não estou fugindo. — Ela ergue o queixo, mas sua voz vacila.

Sorrio, porque gosto disso. Dessa rendição não dita. Dessa batalha silenciosa onde, no fim, sempre nos encontramos aqui.

Minha mão desliza, sem pressa, para a curva da sua cintura, e então puxo-a mais para mim. Seu corpo encaixa perfeitamente no meu, e não há como esconder o efeito que ela tem sobre mim.

— Então me mostra.

Não dou tempo para arrependimentos. Minha boca toma a dela em um beijo lento, profundo, faminto. O gosto dela me intoxica. A beijo, de um jeito que não fizemos antes: não é apenas desejo, é quase desespero. Ela geme contra meus lábios, champanhe e algo mais doce, algo que é puro Dominica. Ela geme contra meus lábios, e esse som me faz querer devorá-la inteira.

Minhas mãos deslizam por suas costas nuas, seguindo a curva até sua cintura. Ela suspira quando minhas digitais mapeiam cada linha do seu corpo. Agarra minha camisa e a puxa, como se quisesse mais, como se precisasse de mais.

Agarro sua cintura e, sem aviso, a levanto. Ela solta um arquejo surpreso quando a carrego até a sala e a jogo no sofá. Seu vestido sobe até a altura das coxas, e meu olhar desliza pelo seu corpo, pela forma como sua pele arrepiada responde à minha presença.

— Aiden… — sua voz sai um pouco trêmula, mas há excitação misturada ali.

Não dou tempo para protestos. Puxo suas pernas e a faço montar em meu colo, suas coxas se abrindo sobre mim. Meu membro já está duro, pressionando entre nós, e ela sente. Sei que sente.

Seguro sua cintura e a forço a se mover, a rebolar sobre mim.

— Você quer me provocar, Dominica? — Minha voz é baixa, rouca, carregada de pura necessidade. — Então lide com as consequências.

Ela solta um suspiro entrecortado quando empurro seus quadris contra mim, guiando seus movimentos. As mãos dela se apoiam nos meus ombros, os dedos apertando o tecido da minha camisa.

— Aiden…

Meu nome sai como um gemido sôfrego, e isso me enlouquece. Minha boca desliza pelo seu pescoço, mordiscando, marcando, enquanto minhas mãos descem, agarrando sua bunda com força.

— Você sente isso? — sussurro contra sua pele, minha respiração quente roçando seu ouvido. — Sente o que você faz comigo?

Ela inclina a cabeça para trás, os lábios entreabertos, os olhos escurecidos pelo desejo. Desço as mãos para sua cintura e, sem hesitação, rasgo a lateral do vestido. O tecido fino se parte com um som baixo e delicioso.

O tecido se rasga com um som baixo, sensual. O vestido desliza por sua pele quente, expondo sua lingerie delicada e os seios intocados, rígidos, os mamilos arrepiados em pura expectativa.

Meu membro pulsa sob ela, e sinto o jeito que seus quadris vacilam antes de voltar a rebolar, agora mais lenta, como se estivesse descobrindo o que seu próprio corpo pode fazer.

— Droga, Dominica… — murmuro, minha mão subindo por sua coxa, apertando sua pele macia. — Você não tem ideia do que está fazendo comigo.

Ela geme em resposta, um som doce e carregado de necessidade. Minhas mãos deslizam por suas costas nuas, pressionando-a contra mim. Meu peito sobe e desce rápido, minha respiração pesada contra seu pescoço.

— Assim… — sussurro, segurando firme seus quadris e a guiando no ritmo que quero. — Devagar, sente isso.

Ela ofega quando a fricção aumenta, sua calcinha molhada roçando contra o tecido duro da minha calça. Meus dedos se aprofundam em sua pele quando seus quadris giram outra vez.

— Aiden… — minha camisa está meio aberta, e as mãos dela deslizam para dentro, os dedos tímidos traçando o contorno dos músculos do meu peito.

Maldição.

Ela é inexperiente, mas aprende rápido. Rápido demais.

Seguro sua nuca e puxo sua boca para a minha, beijando-a com força, invadindo sua boca quente e doce, roubando cada suspiro. Minhas mãos descem pelo seu corpo, seguindo a curva de sua cintura antes de deslizar para sua calcinha.

— Você está tão molhada para mim… — murmuro, minha voz uma mistura de orgulho e desejo bruto.

Ela se contorce sobre mim, os gemidos mais frequentes, os movimentos mais ousados. Seus quadris agora encontram um ritmo próprio, seu corpo buscando um prazer que parece nunca ter sentido antes.

— Eu… — Ela solta um som quase desesperado, como se estivesse perdida na sensação.

Me afasto por um instante, minha testa encostada na dela, nossos peitos subindo e descendo juntos.

— Diga, pequena… — meu polegar desliza pela renda fina da calcinha, pressionando de leve contra o centro da sua excitação. Ela estremece. — Você gosta disso?

Ela assente freneticamente, seus olhos escuros, vidrados em puro desejo.

— Sim… eu… Aiden… eu nunca senti isso antes.

Congelo.

Minhas mãos ainda seguram sua cintura, meu membro lateja sob ela, meu sangue ferve. Mas aquela frase me atinge como um choque elétrico.

Levanto o rosto, nossos olhares se encontram. O peito dela sobe e desce rápido, o rosto corado, a boca úmida e entreaberta. Mas há algo mais ali.

— Você nunca… — minha voz falha por um segundo.

Ela morde o lábio, hesitante.

— Eu nunca fiz isso antes. — sua confissão vem como um sussurro.

Uma onda de puro desejo misturado a algo mais intenso percorre meu corpo. Um senso de posse, de algo primitivo, de saber que sou o primeiro. O único.

Solto o ar devagar, forçando-me a recuperar o controle.

Minhas mãos deslizam para seu rosto, meu polegar traçando sua bochecha corada.

Meu coração martela contra o peito, o peso de sua confissão pulsando entre nós. Seu olhar, uma mistura de vulnerabilidade e desejo, me atinge como uma droga potente, inebriando meus sentidos.

Minhas mãos deslizam por suas costas, descendo devagar até sua cintura. Eu deveria ser gentil, deveria lhe dar tempo. Mas Dominica não parece querer isso. Ela não recua, não hesita. Ao contrário, seus quadris continuam se movendo, pequenos círculos deliciosos sobre mim, me torturando sem piedade.

— Dominica… — murmuro, tentando recuperar um fragmento de controle. Meus dedos se apertam contra sua pele macia.

Ela desliza as mãos por meu peito, empurrando minha camisa aberta. Sua boca segue o caminho de seus dedos, depositando beijos quentes sobre minha pele, sua língua traçando um caminho que faz meu corpo enrijecer ainda mais.

Eu solto um gemido rouco quando ela rebola com mais força, seu centro quente e molhado pressionando diretamente contra minha ereção. A fricção atravessa minha espinha como fogo líquido.

— Você gosta de me testar, não é? — sussurro contra seu ouvido, meus dentes mordiscando seu lóbulo.

Ela arqueja, seu corpo estremecendo sob meu toque. Mas não recua.

— Eu quero você, Aiden. — Sua voz é baixa, carregada de certeza. — Agora.

Maldição.

Seguro sua cintura com força e a viro no sofá, deitando-a, ficando entre suas pernas macias e quentes. A olho de baixo pra cima, seu rosto está quente de tesão e isso me enlouquece.

Meus dedos deslizam pela renda de sua calcinha, puxando-a com um único movimento.

Ela geme quando minha boca a envolve, minha língua explorando, provocando, dominando. Cada som que escapa de seus lábios me incita a mais. Meu nome sai como um sussurro desesperado de sua boca quando seus dedos se cravam em meus cabelos.

Eu a levo ao primeiro orgasmo assim, minha língua e meus dedos trabalhando juntos, minha boca se embriagando de seu gosto único. Mas não paro. Não quando seus quadris se arqueiam contra minha boca, não quando seus gemidos ficam mais altos, mais desesperados. Eu quero mais.

E ela também.

Com um movimento decidido, Dominica me empurra para trás e sobe em meu colo novamente. Sua pele está corada, seu corpo inteiro vibrando de prazer. Mas seu olhar… Deus, seu olhar. Determinado. Quente. Dominador.

— Minha vez. — Ela desliza a mão por minha ereção ainda coberta pela calça e me olha com uma provocação irresistível.

Minhas mãos vão para sua cintura, meus dedos afundam em sua pele, mas ela segura meus pulsos.

— Deixa eu te sentir, Aiden.

Solto uma praga baixinho, minha respiração instável. Mas como eu poderia negar alguma coisa a ela agora? Como eu poderia conter isso quando todo o seu corpo clama por mim?

Ela me liberta, meu membro pulsando enquanto a vejo morder levemente os lábios. Dominica é fogo, é eletricidade. Ela não parece nenhum pouco intimidada pelo meu tamanho, parece completamente anestesiada de

tesão.

Sua mão toca meu membro com firmeza e solto um rosnado rouco de prazer. E então tomo seus lábios. O beijo é selvagem, ofegante, delicioso. E em um movimento rápido Dominica sobe em meu colo, o centro de sua intimidade tocando me membro que está pulsando.

— Devemos esperar, Dominica... quero fazer isso da maneira certa com você.

— Essa é a maneira certa. — ela sussurra contra meu ouvido e meu corpo inflama.

E quando seu corpo quente me envolve, o prazer atravessa meus sentidos como um choque elétrico. Ela arfa, as unhas cravando em meus ombros, os olhos se fechando por um segundo em uma expressão que mistura dor e prazer e um gemido alto e profundo sai de seus lábios.

— Está doendo?

Ela apenas assente positivamente, mas logo começa a se mover, um ritmo lento e profundo, que me destrói por dentro. Os movimentos começam lentos, uma tortura deliciosa, mas logo ela ganha confiança, rebolando com mais intensidade

— Dominica… — grunho, segurando sua cintura, tentando controlá-la.

Mas ela não quer controle. Não agora.

E eu não consigo mais segurá-la.

Nossos corpos colidem, o ritmo crescendo, a necessidade explodindo entre nós. Eu seguro sua nuca, puxando sua boca para a minha, nossos beijos molhados e descontrolados, cheios de gemidos brutos.

Dominica abre os olhos, sua expressão embriagada de desejo, e morde o lábio, um sorriso torto e pecaminoso brincando em sua boca.

— Quero mais, Aiden… — sua voz é um sussurro arrastado, sedento.

Maldição.

Seguro sua cintura e, em um movimento rápido, a deito no sofá, tomando completamente o controle. Ela arqueja, surpresa, mas logo suas pernas se entrelaçam em minha cintura, puxando-me para mais perto.

Desço meu corpo sobre o dela, meu peso a pressionando contra o estofado macio. Minhas mãos correm por suas coxas abertas, sentindo sua pele quente e trêmula sob meus dedos.

— Assim, pequena? — minha voz sai rouca, carregada de desejo bruto.

Ela assente, os olhos arregalados de prazer, e se arqueia para mim, seu corpo inteiro se entregando.

Meus lábios descem pelo seu pescoço, mordiscando, sugando, marcando-a de forma possessiva. Ela geme, sua respiração irregular, os dedos cravando em minhas costas enquanto eu a preencho novamente, desta vez com mais intensidade.

Cada estocada é profunda, exigente, um ritmo desenfreado que nos faz perder qualquer controle. O sofá range sob nós.

Dominica me aperta contra ela, seus gemidos se tornando mais altos, mais desesperados. Seu corpo treme sob mim, a tensão crescendo, se acumulando, até que ela se desfaz completamente, seu prazer explodindo em ondas violentas que a fazem gritar meu nome.

Isso é demais para mim. O calor, o aperto, o jeito como ela se entrega sem reservas. Solto um grunhido profundo, minha boca colada à dela, meu corpo inteiro se rendendo ao êxtase absoluto enquanto me perco nela.

O mundo some. Só existe Dominica. O cheiro dela, o gosto, o jeito como seu corpo se encaixa perfeitamente ao meu.

Dominica ainda está ofegante sob mim, seu corpo relaxado e quente contra o meu. Mas então, um pensamento me atinge como um raio. Eu me afasto um pouco, apenas o suficiente para olhar em seus olhos, e vejo que ela também parece estar voltando à realidade aos poucos.

— Droga… — murmuro, deslizando a mão pelo rosto.

— O quê? — ela pergunta, franzindo a testa.

— Nós não usamos proteção. — Minha voz sai mais rouca do que eu esperava.

Ela me olha por um segundo, pisca, e então um sorriso brinca nos lábios dela.

Nunca, havia transado sem me prevenir. Sempre fui meticuloso, cuidadoso. Mas Dominica me enlouqueceu. Ela me fez perder qualquer resquício de razão. Eu a queria tanto, de uma forma tão visceral, que esqueci de tudo.

— Eu nunca fiz isso antes. Nunca fui irresponsável dessa maneira. Mas com você... droga, Dominica, você me faz perder o controle de formas que eu nem sabia que era possível.

Ela ri, e o som suave faz algo dentro do meu peito se apertar.

— Eu estou limpo... faço exames regularmente, mas você pode... — pauso a fala.

Ela sorri de novo, e porra eu amo o seu sorriso.

— Fique tranquilo, Aiden. Eu tomo remédio regularmente desde os quatorze anos. Eu estou segura.

Eu jamais fiz isso com nenhuma mulher antes, e fiz com Dominica sem pensar duas vezes. O que isso significa?

— Você me enlouquece. — murmuro, passando os dedos pela lateral do rosto dela, sentindo a maciez de sua pele. — Eu não sei o que fazer com isso.

Ela sorri de leve, e dessa vez, há algo diferente em sua expressão. Menos desafio, menos provocação. Apenas uma sinceridade crua e intensa.

— Não precisamos entender tudo agora. — Ela sussurra, puxando meu rosto para perto do dela. — Só precisamos sentir.

Minha boca encontra a dela novamente, um beijo mais lento, mais profundo. Como se selasse algo muito maior do que apenas desejo. Algo que eu não estou pronto para admitir, mas que, inevitavelmente, está crescendo entre nós.

E, porra, eu sei que nunca mais vou *conseguir deixá-la ir.*



CAPÍTULO 13

A luz entra pelas frestas da cortina e me faz estreitar os olhos. Sinto-me zonza, como se tivesse saído de um redemoinho que me jogou direto nesse quarto enorme. O cheiro de lençóis caros, a brisa leve que agita a cortina branca... Tudo me lembra onde estou. Ou melhor, com quem estou. A lembrança da noite anterior me atinge como um raio: cada toque, cada suspiro, cada instante de loucura intensa. Meu rosto cora, e o coração dispara.

— O que foi que eu fiz? — murmuro, levando a mão à boca como se pudesse apagar o gosto de Aiden nos meus lábios.

Meus músculos doem de um jeito gostoso, uma sensação de ter sido tomada por uma onda de prazer que nunca imaginei sentir. E, ao mesmo tempo, um desespero cresce no meu peito. Isso era pra ser só um contrato, certo? Algo puramente conveniente, sem laços emocionais. Mas não consigo fingir que foi apenas uma formalidade. Eu me entreguei de verdade — e, para meu espanto, Aiden pareceu fazer o mesmo.

Procuro por ele no quarto com o olhar. Nada. Nenhum vulto, nenhum barulho no banheiro. Levanto-me, meio mancando, e sinto o contato frio do piso de mármore sob meus pés. Abro a porta do closet, esperando encontrá-lo talvez se vestindo. Vazio. Meu estômago revira com uma mistura de decepção e vergonha.

— Ele se foi... — sussurro, num fio de voz.

Pego um robe de seda para cobrir meu corpo. Ando pela mansão, tentando não encarar os empregados. Meu rosto queima de constrangimento. Será que todos sabem o que aconteceu? Será que ouviram os gemidos, os movimentos no sofá, depois a ida atrapalhada até o quarto? Meus pensamentos estão uma bagunça. Quero sumir. Mas preciso manter a pose de "esposa" que todos esperam de mim.

— Com licença, senhora Dominica? — Uma voz suave me tira dos devaneios.

É Petra, a governanta de rosto bondoso. Ela mantém as mãos entrelaçadas em frente ao corpo, olhando para mim com cautela.

— Aconteceu alguma coisa? — disfarço o incômodo ao notar que devo estar com a expressão confusa.

— O senhor Aiden viajou bem cedo. Ele disse que seria uma viagem rápida de negócios e que não queria incomodá-la com despedidas, já que estava descansando — Petra explica, a voz gentil, quase com pena de mim.

O ar foge dos meus pulmões. Então é isso: ele faz o que quer à noite, e na manhã seguinte some sem nem me avisar. Uma parte de mim fica furiosa, outra parte dolorida e, pior, levo um tapa de realidade: *Nunca passou de um arranjo. Ele não se importa de verdade.* O idiota dorme comigo e, algumas horas depois, me deixa nessa cama imensa e vazia.

— Certo — murmuro, mantendo o queixo erguido, mesmo que minha vontade seja gritar.

Faço um gesto de agradecimento e volto para o quarto. Tranco a porta e encaro meu reflexo no espelho. Estou com o rosto levemente inchado, marcas vermelhas de beijos e mordidas leves no pescoço. A lembrança de Aiden sussurrando meu nome me faz arrepiar. Raiva e saudade me assolam, e não deveria ser assim. Não posso desejar alguém que me trata como objeto.

— Você é fraca, Dominica, fraca por achar que ele seria diferente. — Aperto os punhos. — Não caia nessa.

Suspiro, sentindo-me patética. Dou um longo banho, esfregando meu corpo como se pudesse arrancar qualquer vestígio dele. Mas é inútil: sinto o

perfume amadeirado de Aiden impregnado em mim. Cada gota d'água parece reativar as memórias de como foi estar nos braços dele.

Saio do chuveiro, enrolo-me numa toalha macia. Visto uma roupa simples, calça jeans e uma camiseta. Não tenho cabeça para grandes produções. Passo o resto do dia tentando ocupar a mente, zanzando pela mansão, observando os jardins, conversando com Petra sobre banalidades. Evito falar de Aiden e de como ele desapareceu, pois não quero dar margem para fofocas.

Entretanto, cada segundo que passa, minha irritação aumenta. Fico repetindo para mim mesma: *Ele não vale nada, Dominica. Não se entregue. Não se iluda.* Ainda assim, não consigo parar de lembrar de como, por um breve instante, senti algo real. Senti que ele também estava se deixando levar, se despindo do seu controle.

— Foi só uma ilusão minha — concluo, amarga.

O dia se arrasta, e a noite cai. Estou na sala de estar, sentada em um dos sofás quando ouço barulho de carro na garagem. Meu coração dispara. Droga, por que estou reagindo assim? Levanto rapidamente, pronta para despejar tudo o que sinto. Raiva, orgulho ferido, desejo. Sim, há um desejo latente de pedir respostas ou melhor, de exigir.

Espero na entrada do grande hall. A porta se abre, e Aiden aparece. Seu semblante está fechado. Ele tira o paletó, solta um suspiro cansado. E então reparo num detalhe que gela meu sangue: há manchas vermelhas na camisa, algo que parece sangue.

— O que... houve? — minha voz falha.

Ele ergue os olhos, me analisando por um instante. Um canto de sua boca se ergue num sorriso tenso.

— Não se preocupe, não é meu. — Ele faz um movimento vago com a mão, como se fosse algo banal. — Só precisei resolver um problema que sobrou do passado do meu pai.

Meu coração bate forte. "Resolver um problema" dessa forma? Ele está falando de algo violento, possivelmente brutal. Engulo em seco, dando

um passo atrás. Ao mesmo tempo, percebo que meu medo e minha preocupação falam mais alto do que minha raiva inicial.

— Tem certeza que você está bem? — pergunto, tentando manter a voz firme.

— Sim. — Ele dá um meio sorriso. — É só sangue de um desgraçado que mereceu o que teve. Nada que deva te preocupar.

Meu estômago revira. Esse é o tipo de homem que me casei: frio, capaz de manchar as mãos de sangue para resolver "problemas"? Sinto um calafrio. Mas lembro de minha ira, da forma como ele sumiu. Reúno forças e expresso a raiva que cresce em mim.

— Você desaparece depois da noite de ontem, me deixa sozinha sem explicações, e volta assim, coberto de sangue? — Ergo a voz, avançando um passo. — Nem sequer pensou em me falar pra onde iria?

Aiden ergue uma sobrancelha, cansado.

— Eu tinha um assunto inadiável. — Ele dá de ombros, e isso me irrita ainda mais. — Por que todo esse drama, Prescott?

— Drama?! — Meus olhos ardem. — Você me joga nos seus braços e depois vai embora como se eu fosse um nada! E agora volta, como se tivesse saído de um filme de terror?

Ele fecha a expressão. A exaustão dá lugar a uma faísca de irritação. Ele abandona o paletó no chão e caminha até mim, encurtando a distância. Sinto o cheiro de metal, talvez de sangue misturado ao seu perfume. É perturbador, mas meu corpo reage à proximidade dele, como sempre.

Eu dou um passo para trás, tentando manter a distância dele.

— Por que você está fugindo de mim, Dominica? — Ele sussurra, aproximando o rosto ao meu, tão perto que sinto sua respiração quente.

— Eu... não estou fugindo — rebato, mas soa fraco. — Só não quero ser tratada como nada.

Ele solta um riso baixo, meio cínico.

— Engraçado, ontem você não parecia nada incomodada em se entregar. Ou prefere fingir que não implorou pelo meu toque?

Meu peito aperta, uma mistura de ódio e humilhação. Ele reduz o que aconteceu a um mero desejo físico, e isso me atinge com força.

— Eu não implorei por nada. — Tento me desvencilhar, mas ele segura meu braço, firme, sem machucar. — Me solta, Aiden!

— Não vou soltar enquanto você continuar se debatendo assim — ele diz, sério. — Por que está tão brava? Você queria que eu sussurrasse declarações de amor? Você mesma disse que nunca amaria alguém como eu.

Meus olhos fervem de fúria. De fato, falei isso a ele, mas ouvir na boca dele agora é como um tapa no meu orgulho.

— E continuo não achando isso — retruco, minha voz cortante. — Mas isso não significa que você tenha o direito de agir como um cretino.

Ele me puxa para mais perto, meu corpo colidindo contra seu peito. Sinto a textura da camisa manchada de sangue. Meu coração dispara, os pelos da nuca se arrepiam. A mão dele desliza pela minha cintura, possessiva.

— Talvez eu seja um cretino. Mas seu corpo me deseja — ele murmura contra o meu ouvido. — Consigo sentir cada parte de você implorando pelo meu toque, assim como implorou ontem.

Mordo os lábios para não soltar um gemido. É ultrajante como meu corpo responde, mesmo que eu queira lutar contra. Fecho os olhos, tentando manter a sanidade.

— Eu não pertenço a ninguém, Aiden. Não sou sua. — Abro os olhos, encaro-o com desafio. — Não pense que pode me tratar como mais uma das suas conquistas.

Ele dá um sorriso torto, carregado de arrogância.

— Mas você já é minha esposa. Já é minha. Não se esqueça disso. —

A voz dele exala posse. — E eu adoro o seu fogo. É viciante.

Minha mão se move antes que eu pense. Um estalo seco reverbera quando minha palma acerta a bochecha dele. Aiden vira o rosto com o impacto. Meu peito sobe e desce, o coração disparado.

— Não ouse achar que manda em mim. — minha voz treme, entre ódio e desejo contido.

Ele passa a língua nos lábios, como se provasse o próprio sangue. Um brilho perigoso surge em seus olhos, mas não revida. Ainda assim, sinto uma tensão enorme no ar, uma corrente elétrica prestes a explodir.

Com o rosto em chamas, viro as costas e saio, deixando-o parado ali. Nem olho para trás. Meu corpo vibra de adrenalina, uma mistura de triunfo e pavor. Entrar nesse jogo de provocações com Aiden é como brincar com fogo.

Enquanto subo as escadas, sinto as pernas trêmulas. Meu coração ainda dispara, seja pelo ódio, seja pelo desejo que insiste em latejar dentro de mim.

— Idiota, idiota... — sussurro, enfiando-me no quarto e trancando a porta.

Caio na cama, respirando fundo para me acalmar. Repasso cada segundo do confronto. Primeiro, a preocupação ao ver a camisa suja de sangue. Depois, a raiva de perceber que ele não se importa em ter sumido. E, por fim, esse choque explosivo, com meus nervos à flor da pele e a certeza de que meu corpo me trai sempre que Aiden chega perto.

— Isso não vai acabar bem — murmuro, apertando o travesseiro contra o rosto. — Não mesmo.

Mas não posso fugir, certo? Estou presa a ele por esse acordo maldito. O que será de nós dois agora? Acabamos de cruzar uma linha perigosa, e nenhum de nós parece disposto a recuar.

Fecho os olhos, tentando me acalmar. Consigo ouvir passos no corredor, talvez seja ele. A tensão no peito não diminui. E me xingo

mentalmente por ter cedido na noite passada, por ter rompido as barreiras que me protegiam. O que veio depois foi um turbilhão que me fez sentir usada e, ao mesmo tempo, desesperada para senti-lo de novo.

Há uma confusão enorme dentro de mim. Raiva, desejo, orgulho, medo. Sei que, se continuar assim, vou me queimar. Mas não sei se tenho forças para me afastar. Ou se, no fundo, eu quero me afastar.

Deixo o tempo passar, encarando o teto. O sono não vem. Meus pensamentos giram em torno daquele homem perigoso, que volta para casa manchado de sangue e com um sorriso perverso. A cada minuto, parece que estou mais envolvida nessa teia de sensações e conflitos que definem Aiden Andrianakis.

— Droga — sussurro. — Estou presa num labirinto sem saída.

A noite segue, o relógio avança, mas tudo o que consigo pensar é: como vou encarar o amanhã sem saber se ainda consigo controlar meu coração... ou meu corpo?

Porque, apesar de tudo, é impossível negar: cada vez que ele me toca, meu mundo treme. E, se continuo nesse jogo, posso acabar destruída, ou incendiada por uma paixão que não sei se sobrevivo para enfrentar.



CAPÍTULO 14

Encaro meu próprio reflexo no espelho do escritório. Meus dedos percorrem a mancha esmaecida de sangue na gola da camisa. Decidi não trocar a roupa antes de me trancar aqui, pois precisava pensar. E esse sinal de violência me lembra que o mundo em que vivo exige respostas rápidas, sem hesitação.

— Então eles estão mesmo tentando me encurralar... — murmuro para mim mesmo, folheando um relatório confidencial que meu advogado enviou.

As páginas contêm indícios de uma investigação crescente nas contas da Andrianakis Corporation. Alguém está cavoucando cada transação, cada movimentação financeira. É óbvio que tentam encontrar brechas para me derrubar. Isso não me surpreende.

O que me incomoda é a conexão que começo a enxergar entre esse movimento e a família de Dominica. *Ela está envolvida?* Uma pontada de raiva me atinge quando penso no pai dela, um sujeito desprezível, capaz de vender a própria filha para um contrato. O cara tem contatos sombrios, e não duvido que possa ter ficado ao lado de meus inimigos para obter vantagens.

— Mas ela não… — balbucio, lembrando do jeito irritado com que Dominica me esbofeteou há pouco. Ela não parece ter noção de nada disso. Está ocupada demais me odiando ou me desejando, às vezes os dois ao mesmo tempo.

Bato com força a pasta na mesa, irritado. *Minha cabeça está uma bagunça.* Estou acostumado a lidar com intrigas e traições, mas não suporto a ideia de perder o controle. E, depois de ontem, tenho certeza de que perdi. Aquela noite me abalou mais do que posso admitir. Passei a manhã inteira fora para resolver um assunto sujo deixado pelo meu pai, mas também para fugir do que sinto ao lado dela. E, no entanto, a raiva de Dominica me acendeu como chama em pólvora.

— Maldita mulher — sussurro, apertando o punho.

Meu celular vibra. Pegando-o, vejo um número desconhecido na tela. Respiro fundo antes de atender.

— Aiden falando.

— Então você está mais exposto do que eu imaginava, senhor Andrianakis. — A voz do outro lado é uma distorção sutil, como se passasse por um filtro. — Seria uma pena se todos descobrissem como você mantém seus negócios, não acha?

Sinto meu maxilar enrijecer.

— Quem é você? — exijo, sem disfarçar a impaciência.

O riso abafado invade a ligação.

— Sou apenas alguém com informações privilegiadas. E que deseja lucrar com isso. Temos exigências. Se não quiser ver seus segredos escancarados, vai precisar me ouvir com atenção.

Reviro os olhos, ostentando a frieza que me caracteriza.

— É mesmo? E por que eu te daria algo em troca de uma chantagem barata? Geralmente, nesses casos, eu lido de outra forma...

— Sei como você lida, Aiden. Sei do seu histórico. Mas desta vez, não está lidando com um bandido de esquina. Tenho documentos e contatos poderosos prontos para destruir sua empresa, seu nome. Então, não seja burro.

A raiva me consome, mas sorrio, cínico.

— Manda o que quiser, eu saberei retribuir a visita.

A ligação cai. Fico encarando a tela escura do celular por um segundo. *Filho da puta.* Então, há alguém cutucando minhas feridas, ameaçando expor o que restou da sujeira que meu pai deixou. Também há o risco de envolver Dominica, já que ela tem o sobrenome "prestigiado", mas falido, e as dívidas da família Prescott, que se mantiveram bem escondidas, podem se misturar a tudo isso, e o esforço de Dominica ao se casar comigo irá para o ralo.

Fecho a cara e me jogo na poltrona de couro. Não sou homem de temer chantagens. Mas preciso jogar esse jogo com cuidado. Estou no meio de uma fusão importante e minhas empresas, algo que me deixará mais poderoso e intocável, e qualquer escândalo pode colocar tudo a perder. Ainda mais agora que tenho Dominica como esposa para exibir e, ao mesmo tempo, proteger.

Proteger? Balanço a cabeça, irritado comigo mesmo. Desde quando me importo em proteger alguma mulher que não seja apenas parte dos meus planos?

— Eu nunca deveria ter misturado as coisas assim. — Massageio as têmporas. — Mas é tarde.

Maldição agora é muito tarde.

♥

A noite avança. Já estou mais calmo, mas ainda tenso. Desci para jantar; Dominica não apareceu. Provavelmente está se trancando para me evitar. Sinto uma pontada de frustração. Eu queria encará-la e, de certa forma, fazê-la admitir que não resiste à minha presença. Parece que só encontramos conforto quando nos debatemos.

Subo ao segundo andar, caminho pelo corredor silencioso. As luzes

estão baixas. Viro no canto que leva aos quartos e paro de supetão. Ali, de frente para mim, está Dominica, e a visão faz meu sangue ferver. Ela veste uma camisola de seda clara, fina, que molda suas curvas. Seu cabelo está meio bagunçado, os lábios entreabertos num suspiro de surpresa ao me ver.

— Você está acordada até tarde — comento, a voz soando mais áspera do que planejei.

— Não conseguia dormir. — Ela cruza os braços sobre o peito, como se quisesse se cobrir. — E você?

— Tinha assuntos para resolver. — Dou de ombros, fingindo indiferença. Mas meus olhos a devoram sem que eu possa evitar.

Ela me encara com desafio. Posso ver em seu olhar que a briga anterior ainda arde entre nós. No entanto, há algo mais ali, algo que puxa nossos corpos como um imã.

— Vai me ignorar agora? — ela solta, agressiva. — Ou vai fingir que nada aconteceu?

Aproximo-me, sentindo o cheiro floral dos cabelos dela. Minha mão se move quase por vontade própria, pousando em seu braço. Ela estremece, mas não recua.

— Eu nunca finjo, Dominica. — Minha voz sai baixa. — O que aconteceu ontem foi real, foi intenso. E você sabe disso.

— Foi só... — ela engole em seco, procurando palavras. — Só um momento de fraqueza da minha parte.

Dou um passo, encostando-a levemente na parede. Sinto o calor do corpo dela irradiar contra meu tórax. Meus dedos roçam a pele exposta na altura do ombro, e ela solta um leve suspiro.

— Fraqueza? — questiono, soltando um riso grave. — Então por que seu coração está disparado agora?

Aproximo meu rosto, roçando meu nariz no dela. A tensão é sufocante, a vontade de tomá-la de novo, aqui mesmo no corredor, me

consome. Ela arqueja quando minha mão desliza pela lateral de sua cintura, parando no quadril.

— Não confunda as coisas, Aiden... — ela sussurra, mas sua voz é trêmula.

— Eu não confundo. — Aperto sua cintura contra mim, sentindo a maciez de seu corpo. — Eu me lembro de cada gemido, cada curva do seu corpo tremendo pra mim.

Ela fecha os olhos, solta o ar pelos lábios. Minhas palavras a abalam, e eu adoro essa sensação de poder. Ao mesmo tempo, percebo que é perigoso para mim também, porque, quanto mais me aproximo, mais perco o controle.

— Pare... — ela pede, mas não me afasta. Ao contrário, suas mãos agarram meus ombros, como se procurasse apoio.

— Seu corpo diz outra coisa. — Meus lábios tocam a curva de seu pescoço, distribuem beijos curtos, provocantes. A sinto arrepiar.

Ela geme baixinho, o som me deixa ainda mais louco. Escorrego a mão pela lateral de sua coxa, erguendo a barra da camisola. O contato com a pele nua dela é hipnótico. Meu coração martela, o desejo corre nas veias.

Minha boca encontra a dela num beijo áspero, cheio de raiva e vontade. Ela corresponde, puxando meu cabelo para aprofundar ainda mais. A cada segundo, a tensão só aumenta. Poderíamos resolver essa briga com corpos que se encaixam perfeitamente.

Mas algo me diz que não devo ir tão longe agora. Minha cabeça ainda está cheia de problemas, chantagens, investigações, raiva do pai dela. Se eu me perder nela, pode ser pior depois.

Com esforço, quebro o beijo, respirando com dificuldade. Apoio a testa na dela, tentando acalmar o turbilhão que me domina.

— Aiden... — ela me chama, confusa, a respiração entrecortada.

— Não posso agora. — Forço-me a recuar, soltando sua cintura. — Não assim.

Ela franze o cenho, ferida ou irritada, não sei ao certo. O rosto corado, os lábios inchados pelo meu beijo. É uma visão que me faz querer me arrepender imediatamente de ter parado.

— Então é isso? — Ela passa as costas da mão na boca. — Some quando quer, volta quando quer, me beija quando quer... e depois me larga aqui?

Fecho os olhos por um segundo, contendo a vontade de gritar que não tenho escolha. Tento parecer calmo.

— Eu não estou te largando, estou fazendo o que é melhor para você. E tenho assuntos sérios a resolver, para garantir não só minha segurança como a sua.— Respiro fundo. — Confie em mim.

Ela bufa, indignada.

— Confiar em você? Difícil, Aiden. Você não me dá motivos.

Dou de ombros, mantendo a postura fria.

— Então apenas não me impeça de resolver o que preciso.

Vejo nos olhos dela a vontade de me desestabilizar, de gritar, de falar que sou um canalha. Só que, no fim, Dominica apenas se vira e segue pelo corredor, pisando firme. Observo seu caminhar decidido, as curvas tentadoras balançando embaixo da camisola.

Minha pulsação ainda está acelerada. Rastejo os dedos pelos lábios, lembrando do gosto dela.

— Maldita mulher que tira completamente meu controle... — murmuro, com um meio sorriso de frustração.

Por mais que eu tente manter distância, cada reencontro se torna uma guerra alimentada por faíscas de desejo. Ela é fogo. E eu, aparentemente, sou tão inflamável quanto.

Mas tenho que manter a cabeça no lugar. Há pessoas mexendo pauzinhos para me derrubar. Há um telefone anônimo fazendo exigências. E

eu não vou permitir que meu império desabe por causa dessa guerra obscura. Vou contra-atacar, da forma que faço melhor: com inteligência, recursos e frieza.

Contudo, há algo que não posso negar: Dominica se infiltra em cada pensamento meu, tornando cada passo mais complicado. Não é só minha suposta esposa num papel, ela está debaixo da minha pele, corroendo minha barreira de gelo. Isso é perigoso demais.

Preciso me manter firme. *Não posso baixar a guarda, não posso me envolver emocionalmente.* Se eu quiser vencer essa disputa, se eu quiser controlar meu destino, preciso garantir que ninguém use Dominica contra mim. *Nem mesmo ela*.

Dando um último suspiro, sigo para o meu quarto, fecho a porta. Deixo a camisa ensanguentada no cesto, retiro o resto das roupas e entro no chuveiro. A água escorre pelo meu corpo, levando embora os vestígios de sangue, mas não levando embora a sensação de ter os lábios dela impregnados nos meus.

— Concentre-se, Aiden. — Sussurro, apoiando a testa na parede fria do box.

O toque de Dominica ainda queima, mesmo com a água gelada. Isso é um problema — e tenho que cuidar disso antes que se torne incontrolável.



CAPÍTULO 15

O sol brilha no jardim principal da mansão, revelando flores vibrantes e um lindo gramado verde. Estou na parte externa, caminhando sem rumo, tentando afastar a irritação que me consome desde a briga com Aiden na noite anterior. Mais uma briga, mais uma troca de beijos arrebatadores que termina em nada, deixando um gosto agridoce na boca. *O que está acontecendo? O que estou fazendo?*

Depois do café da manhã, Petra me indicou que eu poderia explorar o jardim caso quisesse respirar ar fresco. Pareceu uma boa ideia. Meus passos me levam a um canto com arbustos bem cuidados e pequenas roseiras. Lá, encontro a jovem jardineira que sempre vejo de longe desde que cheguei aqui, mas nunca tive chance de conversar. Ela é baixinha, cabelos negros, com um sorriso amigável.

— Posso ajudar em algo, senhora? — Ela pergunta, interrompendo o que fazia. Tem um regador na mão e um chapéu de palha que protege o rosto do sol.

— Só estou andando por aí... pode me chamar de Dominica, por favor. — Forço um sorriso. — E você é...?

— Sou Elena. Cuido do jardim e das hortas que o senhor Aiden mantém. É muito prazer em conhecê-la, Dominica.

Observo as flores ao redor e comento:

— Elas são lindas. Você gosta de trabalhar aqui?

Ela me olha com certa hesitação antes de responder:

— Gosto, sim. O jardim é um lugar tranquilo.

Assinto, puxando assunto:

— Como começou a trabalhar na mansão Andrianakis?

Ela hesita por um instante, desviando o olhar para as mãos.

— Bom… — murmura, como se não soubesse bem o que dizer. — Perdi minha mãe há alguns anos. Precisava de dinheiro para me sustentar… e para cuidar do meu irmão caçula.

Minha expressão suaviza.

— Deve ter sido difícil.

Elena dá de ombros, forçando um sorriso.

— O senhor Aiden me ajudou quando eu estava em apuros — ela diz, com um brilho de gratidão nos olhos. — Ele descobriu que eu estava sem ter onde ficar e me ofereceu um quarto na casa dos funcionários. Pagou também os estudos do meu irmão. E nunca pediu nada em troca, só que a gente fosse honesto.

Meu coração se aperta. Aiden faz esse tipo de coisa? Ele não parecia ser alguém tão generoso. Sempre tão frio, tão impiedoso. Mas essa conversa joga luz sobre um lado diferente dele, algo que não se encaixa na figura do "monstro" que eu criei na minha mente. Lembro-me de como ele parecia genuinamente preocupado quando torci o tornozelo dias atrás, ou do jeito que ele me olhou quando me viu chorando, mesmo que disfarçasse com grosseria.

— Ele é um bom homem, Dominica — Elena completa, sorrindo. — Só tem um jeito... complicado.

Sorrio de volta, meio sem jeito. "Complicado" é um eufemismo. Ele é arrogante, possessivo, sexy e perigoso. Mas, talvez, não seja tão cruel quanto aparenta. Ou talvez seja, mas com nuances. Fico dividida entre a curiosidade

crescente e o medo de me machucar mais ainda.

Agradeço a Elena pela conversa e sigo meu caminho pelo jardim, pensativa. Aiden ajudou essa garota e o irmão dela. Não parece ser algo que ele faria se fosse apenas frio e manipulador. Por que, então, age como um canalha comigo? Será que ele tem medo de se envolver? Ou é algo ainda mais profundo?

♥

A tarde chega, e eu decido voltar para dentro. Entro num corredor e quase trombo em Aiden, que surge na minha frente. Ele está falando ao celular, com uma expressão fechada. Ao me ver, encerra a ligação e guarda o aparelho.

— Andou passeando? — pergunta, a voz neutra.

— Sim. Conheci um pouco mais do jardim.

— Ótimo. — Ele faz menção de se virar, mas hesita. — Precisamos conversar sobre algumas coisas, Dominica.

Respiro fundo. Noto que ele está estranho, mais pensativo do que o normal. Mas há algo no modo como me encara, como se tentasse resolver um enigma.

— Fale. — Cruzo os braços, evitando transparecer minha apreensão.

Ele caminha até mim, devagar, tão próximo que sinto o calor irradiar de seu corpo. Meus sentidos ficam em alerta. Então ele ergue a mão e toca de leve uma mecha do meu cabelo, ajeitando-a atrás da minha orelha.

— Eu... — Ele começa, mas não conclui a frase. Em vez disso, sua mão desliza pela lateral do meu pescoço, e eu estremeço.

Ele está brincando comigo? Sim está. É o que ele faz.

Meus lábios se entreabrem. Sinto o cheiro amadeirado que tanto me

confunde, e meu corpo reage, como sempre. O toque dele é suave e faz meu ventre se apertar de desejo. Aiden me olha nos olhos, depois mira minha boca. Meu coração salta.

— O que você quer dizer, Aiden? — Pergunto, a voz baixa.

— Queria... — Ele engole em seco, descendo a mão para minha cintura. — Dizer que eu... Não consigo me concentrar com você aqui, em minha casa, em minha vida...

As palavras morrem nos lábios dele, substituídas pela ação. Sua boca encontra a minha de repente, num beijo que começa intenso, mas se suaviza num segundo beijo mais lento. Meu corpo se derrete. Meus braços o enlaçam pelo pescoço, e a tensão que nos rondava se transforma em calor. Abro espaço para sua língua explorar a minha, sentindo um formigamento delicioso por cada célula.

Ele aprofunda o beijo, e eu correspondo com a mesma sede. Uma das mãos dele agarra minha nuca, a outra aperta minha cintura contra o corpo firme. Sinto a rigidez de seus músculos, o roçar da nossa roupa criando uma fricção estimulante. Meus mamilos enrijecem sob o tecido da blusa, e solto um suspiro ansioso.

— Aiden... — murmuro, ofegante, sem saber ao certo se quero parar ou ir até o fim.

Ele me empurra delicadamente contra a parede do corredor, fazendo nossos corpos se encaixarem melhor. Seu joelho se insinua entre minhas pernas, provocando uma pressão deliciosa. Geme baixo, um som grave que reverbera em mim.

— Você me deixa louco — ele sussurra, mordiscando meu lábio inferior. — Não consigo pensar direito...

A excitação toma conta. Deslizo as mãos pelas costas dele, chegando à sua cintura. Puxo a camisa para sentir a pele quente. Aiden solta um ruído de aprovação e me beija outra vez, como se quisesse me devorar.

Eu não tenho escolha quando ele se aproxima, eu só quero sentir seu corpo no meu. É desejo puro, primitivo, animalesco.

Estamos tão concentrados um no outro que só percebo o telefone tocar quando ele vibra insistentemente no bolso dele. Aiden xinga baixo, interrompendo o beijo. Ficamos ainda colados, respirações pesadas, corações disparados.

— Droga... preciso atender. É do meu advogado. — Ele fala, relanceando o visor.

Sinto o gosto agridoce da interrupção. Meus lábios estão úmidos, meu corpo pulsando. Ele recua meio contrariado, passando a mão nos cabelos. Eu me afasto, ajeitando a roupa, tentando recobrar a sanidade.

— Depois... terminamos isso — ele diz num tom que mistura promessa e frustração.

Balanço a cabeça em concordância, ainda entorpecida. Ele atende a ligação, a voz firme, mas vejo sua expressão ficar tensa a cada palavra que escuta.

— Sim, entendi. Não, não podemos adiar. Vou resolver isso pessoalmente. — Ele me lança um olhar rápido, que carrega um pedido de desculpas não dito, e sai pelo corredor, a voz carregada de autoridade.

Fico encostada na parede, tentando respirar direito. As pernas ainda tremem. *Maldito*. Ele me toma de jeito, quase me leva ao paraíso ali mesmo, e depois parte para cuidar de seja lá o que for. Essa é minha vida agora: um vai e vem de sensações que me alucinam, mas não me dão estabilidade.

Suspiro, fechando os olhos por um momento. O gosto dele ainda está na minha boca, o cheiro dele ainda impregna minha roupa. E, de alguma forma, sinto que a armadura que construí para não me apegar está rachando mais a cada toque.

Volto para meu quarto, atordoada pelos acontecimentos. A conversa com Elena me fez ver que Aiden tem lados que eu desconheço; o beijo no corredor me fez sentir que talvez haja mais que apenas tensão sexual, como se, por trás dessa brutalidade, existisse algo real. Mas parte de mim continua alerta: me envolver de verdade pode me partir ao meio.

Sento na cama, passando os dedos pelos lábios ainda inchados. Um

medo sutil me corrói: medo de descobrir que, no final, estou apaixonada por um homem que pode me destruir sem piedade. Mas também tenho uma fagulha de esperança, se ele é capaz de ajudar Elena e o irmão, se consegue mostrar gestos de proteção para mim... talvez haja um sentimento ali que vá além de um contrato.

— Você é tola, Dominica — murmuro, puxando os joelhos contra o peito. — Mas, talvez, seja inevitável.

Não sei quanto tempo passo assim, perdida em pensamentos. Escurece lá fora, e ele não retorna ao quarto. Não recebo mensagens, nada. Continuo esperando que Aiden apareça, traga aquela explicação que ficou no ar ou tente retomar o que começamos no corredor. Mas a noite avança, silenciosa.

A única certeza é que esse homem, cheio de segredos e defeitos, mexe comigo de um jeito que jamais esperei. E agora, sabendo que ele pode ser bom, no fundo, sinto-me ainda mais vulnerável. Há muito que não entendo sobre o passado dele, as questões ilícitas, a sombra do pai, mas algo me diz que, se eu mergulhar nesse mundo, vou acabar me afogando, ou emergindo mais forte, caso ele me ofereça a mão.

♥

Minha barriga ronca; percebo que não jantei. Decido descer até a cozinha, quem sabe encontrar algo para enganar o estômago. Caminho sem pressa, a casa mergulhada em semiescuridão, apenas algumas lâmpadas de canto acesas.

Consigo uma fruta na geladeira. Ao morder o pedaço suculento, penso no quanto tudo aqui é luxuoso e, ao mesmo tempo, solitário. Será que Aiden sempre viveu assim, cercado de grandiosidade, mas sem afeto real? Talvez seja por isso que ele se feche tanto. Eu pelo menos tive minha mãe por um tempo, que cuidou de mim e me amou. Eu ao menos tive isso e ele?

Não ouço passos de ninguém. Nem dos empregados. Eles devem estar

recolhidos. Me sinto estranhamente isolada.

Volto ao quarto, o coração pesado. Cada dia que passa, me vejo mais envolvida nesse emaranhado de desejos e mistérios. Aiden me desperta uma fome que nem eu sabia que tinha, mas também me deixa cheia de dúvidas. Deito na cama, olhando para o teto. Preciso descobrir mais sobre ele, sobre o que realmente acontece nos bastidores. Só assim poderei decidir se permaneço nessa mentira ou se quebro tudo de vez.



CAPÍTULO 16

Eu caminho de um lado para o outro no meu escritório dentro da mansão. Meus homens me passam informações. Pedaços soltos de conversas sobre contas e transações suspeitas voam pela sala. Tento manter a calma, mas meu sangue ferve. O maldito que me ligou dizendo ter provas contra mim não sabe com quem está lidando. E agora, para piorar, surgem ameaças contra Dominica. Quando ouço o nome dela envolvido, perco o pouco de paciência que me resta.

— Você tem certeza? — pergunto a Theo, meu advogado de confiança, ao telefone.

— Sim, Aiden. Eles mandaram uma mensagem estranha, algo sobre "atingir o ponto mais vulnerável seu". E citaram a senhorita Prescott.

Fecho os olhos, uma raiva surda me corrói.

— Entendi. Continue rastreando. E avise se descobrir mais algum detalhe.

Desligo. Mantenho o celular pressionado contra a palma. Meu ponto fraco. Eles acreditam que Dominica é minha fraqueza. Não posso negar que

fico fora de mim quando penso em alguém colocando as mãos nela. Só de imaginar, sinto vontade de quebrar um crânio. E eles não sabem muito provavelmente que nosso casamento é uma farsa.

Abro um mapa de compromissos. Tenho que viajar para Londres hoje à noite, e não posso adiar. É uma reunião com investidores fundamentais para um grande projeto de expansão. O fato é que não posso ir sem Dominica. Faz parte do jogo. Eles precisam ver que meu casamento não é uma farsa. Dou um suspiro, irritado. Agora, mais do que nunca, preciso que ela fique ao meu lado o tempo inteiro. Para a proteção dela e para sustentar esse teatro.

Bato na porta do quarto de Dominica. Nenhuma resposta. Bato de novo e escuto um “Entre” abafado. Encontro-a sentada na poltrona perto da janela. Ela me olha de relance, séria. Já estou acostumado a essa expressão de desaprovação. Mal sabe ela que também vivo irritado com tudo.

— O que você quer, Aiden? — Ela pergunta, sem rodeios.

— Precisamos arrumar as malas. Vamos para Londres agora.

— O quê? Como assim? — Ela franze a testa. — Você não poderia ter me avisado antes?

— Não tive tempo. — Dou de ombros, seco. — É importante. Uma reunião com investidores que exigem nossa presença. Querem te conhecer.

Ela revira os olhos e bufa.

— Então eu não tenho escolha, né?

— Não. — Respondo, simplesmente. — Saímos em uma hora. Esteja pronta.

Ela me encara, e percebo uma pontada de frustração naquele olhar. Já me acostumei a essa eterna batalha entre nós. Sem paciência para explicar detalhes, viro as costas e saio. Enquanto desço as escadas, penso se devo contar sobre as ameaças explícitas ao nome dela. Mas algo me impede. Sei que, se ela ficar sabendo, sua raiva por mim pode virar medo. E não quero vê-la acuada, prefiro a Dominica lutadora. A que me olha com fogo nos olhos, pronta para me desafiar a cada frase.

♥

Uma hora depois, estamos no carro a caminho do aeroporto. Dominica se mantém calada, olhando pela janela. Eu pego meu celular, checo meus e-mails. Estou concentrado nas pendências de última hora quando sinto o olhar dela sobre mim.

— Esses seus investidores... — ela diz, a voz neutra. — O que exatamente eles querem de nós?

— Confirmação de que o casamento é sólido. — Respondo, sem erguer os olhos. — Eles vão aplicar um capital pesado nos meus negócios e querem estabilidade, segurança. Flutuações na bolsa de valores por problemas com meu nome nunca serão vantajosas.

— Está funcionando? eles estão acreditando?

— Sim. — Sou direto.

Ela solta um riso cínico.

— Ótimo. Fico feliz em saber que sirvo ao menos para alguma coisa.

Não respondo. Sei que ela está magoada, mas não posso suavizar nada agora. Tenho problemas demais me cutucando. Suspiros de Dominica enchem o ar do carro, mas permaneço impassível.

Chegamos ao jatinho particular. Subimos a bordo. Durante o voo, tudo segue silencioso. Ela dorme parte do tempo, ou finge dormir. Eu passo a viagem digitando freneticamente no laptop. Vez ou outra, olho para ela e sinto uma pontada de algo parecido com preocupação. Ela está com as sobrancelhas levemente franzidas, como se sonhasse com coisas ruins.

“Ameaçar Dominica é um erro”, penso. Eles não fazem ideia com quem estão mexendo.

♥

Quando desembarcamos em Londres, já está de noite. Seguimos direto ao hotel cinco estrelas que reservei para nos acomodar. Não há tempo a perder. Amanhã, às oito da manhã, temos uma reunião que pode selar o futuro de tudo que construí. E ainda tenho que lidar com malditas ligações anônimas.

No saguão do hotel, aperto a mão de alguns funcionários meus que chegaram antes para organizar tudo. Cumprimento também o gerente local e alguns assessores que me aguardam. Dominica está ao meu lado, olhando tudo sem dizer uma palavra. Eu não saberia dizer se ela está impressionada ou irritada, mas parte da graça de viver com ela... é nunca ter essa certeza.

Seguimos até a suíte presidencial. Abro a porta, e ela caminha devagar, analisando o quarto gigantesco. Há flores, frutas, champanhe. Coisas que pedi para causar boa impressão caso algum investidor apareça de surpresa.

— Acho que isso é um exagero. — Ela murmura, tocando num vaso de orquídeas.

— Imagem é poder. — Respondo, soltando a gravata. — E é disso que precisamos agora.

Ela suspira.

— Certo, grande senhor do universo. O que vamos fazer agora?

— Amanhã cedo vamos à reunião. Você vai sorrir, dizer poucas palavras, mas agir como se fosse completamente leal a mim. Sem farpas. Sem ironias. Só por uma manhã, pode fazer isso?

Vejo a raiva brilhar nos olhos dela.

— Se é o que precisa, farei. Mas não pense que vou virar sua boneca de luxo, Aiden.

Sorrio de canto.

— Não espero menos que seu melhor desempenho, Prescott.

Ela fecha a cara. Não sei por que adoro provocar esses rompantes dela. Talvez porque cada vez que ela se irrita, algo em mim se acende.

— Vou tomar um banho e dormir. Estou exausta. — Ela anuncia, tirando os sapatos.

— Certo. — Eu me viro, pegando uns documentos na mala. — Também preciso fazer algumas ligações.

Dominica segue para o banheiro. Assim que ouço a porta se fechar, aproveito para fazer minhas últimas checagens. Pego o celular e disco para Theo novamente.

— Aiden, tenho novidades ruins. — A voz de Theo soa tensa.

— Fale logo.

— Recebemos uma nova ligação. Disseram que, se você não recuar de certos contratos, eles podem atacar "sua esposa" diretamente.

Fecho os olhos, um aperto gelado surge no peito.

— Eu não vou recuar. E eles não vão tocá-la, entendeu?

— Entendido, mas precisamos reforçar a segurança, principalmente aí em Londres.

— Faça isso. Traga mais homens. Aqui não vai acontecer nada com Dominica.

Desligo com raiva. Sinto um calor subindo na minha nuca. Essa obsessão em usar Dominica contra mim me tira do sério, mas quem mais eles usariam? Durante toda minha vida fiz questão de ser um lobo solitário que nunca teve nenhum outro ser humano para proteger, e agora... agora viram a oportunidade de usar alguém contra mim.

— Malditos... — rosno, baixinho.

Jogo o celular na cama, puxo os cabelos num gesto de frustração. Fecho os punhos. Não vou permitir que cheguem perto dela. Mesmo que eu precise manchar ainda mais as minhas mãos. E eu sequer saberia dizer o porque esse sentimento tão forte de proteção com relação a Dominica se aflorou em mim.

Talvez não seja apenas a atração física que sinto por ela, que realmente é a coisa mais forte que já provei em toda minha vida em tão pouco tempo, mas tem algo a ver puramente com ela. Como se eu entendesse o motivo de ela ser como é, de parecer sempre tão indestrutível, mas na verdade está apenas se protegendo, porque a dor é uma velha conhecida dela. E nisso... bem nisso eu a entendo bem.

A porta do banheiro se abre, e Dominica sai envolta numa toalha felpuda, gotas de água escorrendo pelos ombros nus. Ela olha para mim, hesitante, talvez notando minha tensão.

— Você está bem? — Ela pergunta, sem a costumeira rispidez.

— Estou. — Forço a voz calma. — Por que não estaria?

— Você parece... furioso.

Minha respiração acelera. Eu a examino, notando as pernas expostas, o decote da toalha que ressalta os seios apertados contra o tecido. Meu corpo responde de imediato, o desejo me dominando. Preciso de um escape para essa raiva, para a sensação de descontrole.

— Só estou irritado com uns problemas. — Murmuro, aproximando-me dela.

— E isso tem a ver comigo? — A voz dela falha levemente.

— Em parte. — Dou um passo, sentindo nosso espaço se encurtar. — Mas não quero discutir agora.

— Então o que você quer? — Ela ergue o queixo, desafiadora, mas o olhar denuncia um calor que cresce ali também.

Seguro seu pulso, puxando-a para mais perto. O perfume dela,

misturado ao vapor do banho, me embriaga. Passo o braço por sua cintura, encostando-a no meu corpo. Ela solta um gemido baixo ao sentir minha ereção contra sua barriga.

— Acha que pode lidar com a minha raiva? — murmuro, deslizando a mão pela curva de suas costas, sentindo a textura macia da toalha.

— Você não pode me ter na hora que achar conveniente. — ela rebate, mas não se afasta.

— Isso é novo para mim também Dominica. — digo e a vejo suspirar levemente.

— O que quer dizer?

— Acha que estou no controle? Acha que foi isso que eu planejei? Acha que planejei ficar viciado no seu cheiro? No seu gosto? — Minha voz sai baixa, rouca, carregada de algo que não consigo nomear. — Acha que planejei entrar nesse casamento falso e me sentir obcecado por sentir sua pele na minha? É isso que acha que planejei?

Os olhos dela brilham, indecifráveis, e por um momento acho que ela vai me empurrar, cuspir alguma resposta afiada, me cortar com sua língua afiada como costuma fazer. Mas não. Ela apenas respira fundo, os lábios entreabertos, e eu sei que ela sente. Sei que essa loucura que está me consumindo a está consumindo também.

— Você está me dizendo isso por quê? — Ela sussurra, a voz vacilando. — Para justificar o que quer de mim agora?

Solto uma risada baixa, sem humor, aproximando meu rosto do dela, minha respiração se misturando à dela.

— Estou dizendo porque é a porra da verdade.

Ela treme sob minhas mãos, e é a primeira vez que percebo como meu toque a desestabiliza tanto quanto o dela me arruína. Dominica Prescott, tão segura, tão firme, agora está aqui, olhando para mim como se eu fosse o único perigo que realmente não sabe como evitar.

— Isso não muda nada. — Ela murmura. — Continuamos presos nisso.

Aperto o maxilar, minha outra mão fechando-se ao redor de sua cintura.

— Eu sei.

Enterro o rosto na curva do seu pescoço e inspiro fundo.

— Mas não me diga que não sente isso também. — continuo. — Não diga que sua mente não está confusa enquanto sua pele sabe exatamente o que quer.

Ela estremece, as mãos pousando no meu peito. Vejo seu rosto corar, os lábios entreabertos. Eu a beijo, sem pedir permissão. Um beijo possessivo, cheio de uma fúria contida. Ela hesita por um segundo, depois retribui. A boca dela é quente e doce, ao mesmo tempo que feroz.

Solto a toalha que a cobre, e ela cai no chão, revelando sua pele molhada. Desço as mãos por suas coxas, subo até a curva do bumbum e aperto com força. Ela solta um suspiro intenso no meu ouvido.

— Você não aprende, Aiden... sempre bruto, sempre querendo dominar.

— E você adora me desafiar — sussurro, mordiscando o lóbulo da orelha dela.

Minha calça está insuportavelmente apertada. Não consigo pensar em nada além de possuir essa mulher. Ela puxa minha camisa, rasgando os botões. O som deles caindo no chão me dá um arrepio de excitação. Tiro o restante das roupas, e o contato da minha pele com a dela provoca um choque elétrico.

— Vem cá. — Minha voz sai rouca.

Acaricio seus seios, circulando os mamilos com os polegares. Ela inclina a cabeça para trás, deixando escapar um gemido que me faz pulsar ainda mais forte. Levo a boca até um deles, chupando e mordendo de leve.

Ela agarra meus cabelos e curva o corpo para mim.

— Droga... — ela geme, apertando minhas costas. — Não para, Aiden.

Meu nome nos lábios dela é como gasolina no fogo. Seguro suas pernas, fazendo-a envolver minha cintura. Carrego-a até a cama, deito-a sobre os lençóis macios. Ela me olha com os olhos semicerrados, as pupilas dilatadas. Mordo o lábio, dominado por essa ânsia de tê-la. Então, me posiciono e entro nela, devagar, sentindo cada músculo tenso acolher meu membro. Ela solta um grito sutil, um misto de dor e prazer. O aperto é enlouquecedor.

— Você é louco... — ela sussurra, revirando os olhos.

— E você me deixa pior.

Começo a me mover, segurando sua cintura. Dominica enrosca as pernas em mim, acompanhando o ritmo. Cada estocada faz nosso suor se misturar, a cama range, e o cheiro de sexo preenche o quarto. Meus dedos cravam na pele de suas coxas, e ela puxa meu cabelo com força.

— Fala que não gosta disso, Dominica. — Provoco, dando uma investida mais forte.

— Eu... — ela arfa. — Eu te odeio.

— Mentirosa. — digo, com um sorriso malicioso.

Ela solta uma risada que vira um gemido, movendo o quadril contra o meu. Sinto minhas costas queimarem com os arranhões dela, e isso só me inflama mais. Aumento a velocidade, mergulhando fundo, cada vez mais voraz. Ela grita meu nome outra vez, e eu perco a cabeça. É como se toda a raiva, todo o ódio do mundo, se convertesse em um desejo animalesco.

Enterro o rosto em seu pescoço, mordendo de leve ali. Ela estremece, os mamilos roçam no meu peito. Suas mãos deslizam pelas minhas costas, unhas afundando na carne. O quarto é invadido por sons de nossos corpos se chocando e respirações descompassados.

Quando a sinto se contrair ao meu redor, gritando sem conseguir se conter, eu sigo junto. Um orgasmo devastador nos varre, e me derramo nela, o mundo girando ao nosso redor. Minha cabeça lateja, meu coração martela. Eu perco a força e caio sobre ela, abafando um gemido.

Ficamos ali, respirando como se tivéssemos corrido uma maratona. Depois de alguns segundos, rolo para o lado, puxando-a contra mim. Ela se aninha, a pele suada pressionada à minha. Sentimos o calor um do outro. Ninguém diz nada por um tempo.

— Você é insano — ela murmura, com a voz rouca.

— Talvez. — Respondo, beijando seu ombro. — Mas você não recusa a insanidade, não é?

Ela fecha os olhos, sem responder. Sinto seus dedos traçando círculos preguiçosos em meu peito. Deixo escapar um sorriso, um raro sorriso de alegria estampa meu rosto. O silêncio não é desconfortável. Pela primeira vez, sinto uma estranha calmaria, como se a presença dela fosse um bálsamo para minha fúria.

Mas não posso relaxar totalmente. Ainda tenho inimigos ameaçando-a. E, de alguma forma, ela é meu calcanhar de Aquiles. Viro o rosto e encaro o teto, pensando em como proteger essa mulher. Mais do que nunca... não vou permitir que encostem um dedo nela, nem que eu precise ir ao inferno para isso.

Amanhã, temos a reunião com os investidores. Eles vão nos analisar, ver cada nuance de comportamento. Dominica precisará se passar por minha esposa perfeita. Nesse momento, olho para o lado e vejo que ela adormeceu, um braço jogado displicente sobre minha barriga. Parece tão tranquila, tão frágil... tão minha.

Passo os dedos pelos fios de cabelo que emolduram seu rosto. Ela franze levemente o cenho, mas não acorda. Preciso garantir que nada a atinja.

— Ninguém vai te tocar. — Sussurro, minha voz quase inaudível. — Nem que eu destrua o mundo.

Fecho os olhos, sentindo meu corpo cansado. Uma parte minha se

assusta com a intensidade desses sentimentos. Mas não há como voltar atrás. Já estou mergulhado até o pescoço nela... em Dominica Prescott, ou melhor... em Dominica Andrianakis. E, se a protegê-la significa sujar as mãos de sangue, não hesitarei.

Respiro fundo, o cheiro dela me tranquiliza. Pelo menos por essa noite, adormeço com Dominica nos braços, tentando esquecer as ameaças. Tentando esquecer que, em breve, terei que lutar novamente, mas dessa vez a batalha não é para limpar meu nome das merdas de meu pai. E sim por mim. Por ela. E por tudo que jurei proteger.



CAPÍTULO 17

Acordo com uma sensação estranha de peso no peito. Demoro uns segundos para perceber que o “peso” é, na verdade, o braço de Aiden me puxando contra ele. Meu coração salta. Lembro do que fizemos à noite. Meu rosto aquece. Levanto devagar, tentando não despertá-lo, mas ele se mexe um pouco. Está em sono profundo. Que cena inusitada: ele deitado, cabelos bagunçados, respiração calma. Quase posso acreditar que é um homem comum.

Mas, claro, não é. Ele é um bilionário cheio de segredos, com atitudes dominadoras. E eu? Sou a mulher que deveria fingir amar esse homem para manter as aparências. Foi o combinado. Só que esse combinado está ficando cada vez mais confuso, cada vez menos fingimento.

O que estamos fazendo? O que é isso? E porque não conseguimos pensar racionalmente quando estamos perto um do outro? Porque?!

Sair de fininho me parece a melhor escolha. Pego as roupas, visto algo rápido e vou até a sala da suíte. Preciso de ar. Precisava também de um café. Abro as cortinas: Londres desponta lá fora, prédios clássicos e modernos misturados. O céu cinzento combina com meu humor conturbado.

Meu celular vibra em cima da mesinha de centro. Estranho, quase ninguém me liga de manhã. Quando pego o aparelho e vejo o nome do meu pai, meu estômago revira. Reluto em atender. Só de pensar na voz dele, me dá náuseas. Mas algo em mim acha melhor encarar logo.

— Olá, papai. — atendo de supetão, tentando não demonstrar tremor.

— Dominica, querida. — A voz dele está seca, nada paternal, como de costume. — Como está em Londres?

— Bem. — Respondo, fria. — Mas tenho certeza de não me ligou para falar disso.

— Não seja insolente. Liguei pra lembrar o que está em jogo. Você não pode falhar nesse casamento. Sabe o quanto preciso que Aiden confie em você.

Fecho os olhos, irritada.

— Já estou cumprindo minha parte. Não precisa me vigiar.

— Preciso, sim. Você ainda não me deu sinais de estar dormindo com ele, seduzindo-o de fato, obtendo vantagens para resolver nossas dívidas. Ele é um bilionário, Dominica. Consegue quitar tudo se estiver realmente envolvido.

— Eu não posso acreditar no que estou ouvindo... — sinto meu corpo gelar. — Você está me pedindo pra me deitar com ele como se eu fosse uma prostituta?!

— Se necessário, sim. É o seu dever para salvar a família Prescott, para salvar seu pai que pode a qualquer momento, morrer por algum maldito mafioso querendo cobrar o que devo. O que Aiden deu ao se casar com você não é nem a metade do que preciso, então trate de fazer sua parte. Ou você acha que vai conseguir algo dele sem abrir as pernas?

Engasgo. Meus olhos enchem de lágrimas. Que tipo de monstro fala assim com a própria filha? Ele nunca foi um modelo de pai, eu sei disso... mas falar dessa maneira? Meu Deus que tipo de pessoa ele é.

— Você é desprezível — sussurro, engolindo o choro.

— Desprezível ou não, você vai ter que fazer isso se não quiser conviver com a culpa pela morte de seu próprio pai, ou quem sabe a sua também. Ou acha que sua vidinha está a salvo aí, longe de mim? Não se

esqueça do que devo a gente bem perigosa. E se não cumprir, talvez você e esse seu marido de mentira sofram consequências bem sérias.

Desligo, atordoada, sem conseguir continuar a ouvir as palavras que ele profere. Preciso respirar fundo para não surtar. Meus dedos tremem. Aperto o celular contra o peito. Então era essa a verdadeira intenção dele? Me transformar numa arma sexual para extorquir Aiden? Sempre soube que meu pai não prestava, mas isso ultrapassa todos os limites.

Sento no sofá, tentando conter o pranto. Mas não consigo. As lágrimas descem, quentes e silenciosas. Tudo que eu queria era um mínimo de consideração. Mas estou presa a esse contrato, e agora meu pai ainda exige que eu use meu corpo para resolver as dívidas dele.

Não percebo a porta do quarto abrindo até ouvir a voz de Aiden atrás de mim.

— Dominica? — Ele pergunta, a voz rouca de sono. — O que houve?

Viro o rosto depressa, limpando as lágrimas, mas não adianta. Ele já viu. Tento me recompor, mas estou esgotada.

— Não é nada.

— Não me venha com essa. — Ele se aproxima, me olhando com uma mistura de impaciência e preocupação. — Você tá chorando.

Dou de ombros. Não quero contar sobre essa conversa indigesta. Mas sinto que ele não vai recuar. Então solto de forma atravessada:

— Foi meu pai. Ele é um babaca. Você já sabe disso.

Aiden franze as sobrancelhas. Percebo o maxilar dele se contrair.

— O que ele fez agora?

— Mandou que eu... — minha voz falha. — Que eu te seduza, que use isso pra conseguir dinheiro. Ele basicamente me tratou como uma mercadoria.

Aiden me encara, e vejo um lampejo de fúria.

— Desgraçado.

Ele fecha as mãos em punhos, depois solta o ar com força.

— Não posso dizer que me surpreende vindo desse homem.

Engulo em seco. A intensidade do olhar dele me atinge. Espero que Aiden jogue isso na minha cara, como prova de que sou parte de um jogo sujo. Mas, ao invés disso, ele apenas se ajoelha à minha frente, segura meu queixo e ergue meu rosto.

— Escute bem o que vou dizer: Ele não vai te obrigar a nada mais, nunca. Vou garantir isso.

Minhas lágrimas descem de novo, mas de alívio misturado a confusão. Aiden me estuda por um instante. E, então, num gesto suave, ele limpa com o polegar uma lágrima que escorre.

— Você está segura comigo. — ele diz, baixo.

— Como posso ter certeza disso? — Pergunto, quase em sussurro. — Ele me vendeu, você me comprou.

— Acho que não poderá ter certeza, precisa confiar em mim. — Ele hesita, depois desvia o olhar. — Mas entenda uma coisa Dominica... eu sou um homem de palavra e não costume prometer muitas coisas a ninguém, mas agora, estou prometendo a você: você está segura comigo, sempre estará.

Quando ele volta a me encarar, há um brilho diferente em seus olhos. Ele me puxa delicadamente para si e beija meu rosto, num carinho que não combina em nada com a imagem brutal que conheço. Eu me deixo envolver. É estranho, mas sinto um calor confortável, quase protetor.

— Obrigada — murmuro, afundando o rosto no peito dele.

Ele me abraça por um momento. Minha raiva, minha dor, tudo se mistura à sensação de que Aiden é um escudo agora. Parece loucura. Eu detesto o fato dele ter me comprado, mas também me sinto viva ao lado dele.

O beijo que se segue é doce. Os lábios dele tocam os meus sem

urgência, uma carícia lenta e cuidadosa. Fecho os olhos, respirando seu cheiro. Aquela arrogância toda some por uns instantes, e sinto que há algo mais sob a casca de frieza.

— Dominica... — ele sussurra contra minha boca, como se fosse dizer algo importante.

Mas, de repente, um estrondo abalador ecoa pelo quarto. Uma explosão, como se algo tivesse estourado em outro andar do hotel. A janela treme, objetos caem no chão, e eu dou um pulo, assustada.

— O que foi isso?! — grito, o coração disparado.

Aiden se levanta de imediato, me puxando pela mão. Ele corre até a janela, abre a cortina e olha para fora. Há fumaça subindo de algum ponto do prédio ao lado ou do andar inferior, não dá para ver ao certo. Eu tremo, ainda sem entender.

— Será que estamos sendo atacados? — pergunto, quase sem ar.

— Calma. — A voz dele sai firme, mas vejo tensão no olhar. — Parece que a explosão foi no andar de baixo.

De novo, um barulho do alarme e pessoas gritando lá fora. Meu corpo inteiro está em alerta. Poderíamos ter morrido se fosse aqui no nosso andar.

— Aiden, o que foi isso? — minha voz sai aguda. — A gente corre perigo?

— Isso foi um aviso. — Ele declara, num tom gélido que me arrepia. — Querem nos assustar.

Ele me puxa para longe da janela, com a expressão fechada. Vejo um lampejo de brutalidade nos traços dele.

— Um aviso? Eles estão usando bombas para dar recado?! — Eu mal consigo pensar direito.

— Sim. — Ele passa a mão pelos cabelos, irritado. — Droga, eu devia ter reforçado a segurança mais cedo.

Eu sinto um calafrio na espinha. O cheiro de fumaça começa a invadir o corredor, e a porta da suíte é aberta por um funcionário apavorado, avisando sobre evacuação imediata. Aiden mantém a postura firme, como se não fosse afetado pelo caos ao redor.

Pegamos nossas coisas básicas, e ele me conduz pelos corredores cheios de gente correndo. É uma cena de pânico: hóspedes gritando, funcionários tentando acalmar. Descemos até o térreo, onde bombeiros e policiais correm de um lado para o outro.

Quando finalmente ficamos em segurança do lado de fora, sinto minhas pernas bambas. Olho para Aiden, ele analisa o entorno com frieza. Vejo policiais e bombeiros subindo. Uma fumaça cinza sai pela lateral do hotel. Parece que a bomba não causou grande estrago, mas o suficiente para alarmar todo mundo.

— Podia ter sido a gente lá. — Eu digo, assustada. — Podia ter explodido no nosso quarto!

— Mas não explodiu. — Ele retruca, apertando minha mão. — Eles só quiseram mandar um recado.

Aiden parece tão calmo que me deixa inquieta. É como se ele estivesse acostumado a situações de extremo perigo. Vejo nos olhos dele uma determinação perigosa, uma fúria gelada. Ele me encara de repente:

— Vou descobrir quem está por trás disso. E eles vão pagar.

Há tanta seriedade em seu olhar que acredito nele sem questionar. Meus lábios tremem, mas tento manter a compostura.

— E se... — começo, sem saber o que dizer. — E se esse atentado tiver a ver com meu pai, com as dívidas dele, com essas ameaças que você vive recebendo?

Ele me encara, levemente intrigado.

— O que sabe das ameaças que estou recebendo?

Respiro fundo, e o encaro:

— Nada mais do que sussurros que escuto quando você está ao celular, ou conversando com o Theo. Mas me diga, acha que pode ter a ver com os problemas de meu pai?

— Pode ser. — Ele fecha o cenho, desviando o olhar para o prédio chamuscado. — Não importa quem seja. Eu não vou deixar você se machucar, então fique tranquila.

Uma equipe de seguranças se aproxima, perguntando se estamos bem. Aiden responde com firmeza que sim, mas exige uma investigação imediata. Em menos de cinco minutos, já estamos a caminho de um carro que nos leva para uma casa que Aiden possui em um lugar mais afastado do centro. A adrenalina ainda pulsa no meu sangue.

Dentro do carro, tudo parece um pesadelo. Ainda sinto o cheiro de fumaça no cabelo. Me recosto no banco, ofegante. Olho para Aiden, que digita algo no celular, provavelmente convocando seus homens. Então, ele vira o rosto para mim:

— Está assustada?

Assinto, sem esconder. Não sou orgulhosa a ponto de fingir que tá tudo bem. Ele, então, me puxa para perto, envolve meu ombro num abraço firme. Suas mãos me fazem sentir um certo consolo, me fazem me sentir segura.

— Vamos superar isso. — Ele declara. — Mas incendiar um quarto de hotel cinco estrelas no centro de Londres cercado por meus homens não é uma tarefa fácil, agora que vimos do que são capazes, não posso mais correr riscos. Vou manter você ao meu lado vinte e quatro horas.

Não sei se fico aliviada ou mais nervosa. Estar ao lado dele é um eterno jogo de faíscas, mas, nesse momento, preciso de alguma segurança. E, por mais estranho que seja, sinto que Aiden pode me proteger melhor do que qualquer um.

— Mas e quanto ao motivo dessa explosão? E se eles estiverem nos seguindo? — questiono, aflita.

— Eles querem abalar minha confiança, impedir meus acordos, jogar

medo em mim. — Ele cerra os punhos. — Não vão conseguir. Vou descobrir quem é o mandante.

A forma como ele fala, tão fria e decidida, me faz lembrar que existe um lado sombrio em Aiden. Um lado que lida com violência e se sente confortável em meio a ameaças. Vejo agora esse lado de perto: ele não demonstra pânico, apenas raiva e uma sede de vingança. E, de certa forma, isso me assusta, mas também me faz sentir protegida.

O carro avança pelas ruas de Londres, indo para um outro lugar seguro, enquanto bombeiros controlam a situação no hotel anterior que felizmente não teve vítimas graves. Encosto a cabeça no ombro dele, tentando me acalmar. Sua mão desce pelo meu braço num carinho contido, e eu seguro firme a camisa dele, como se temesse que se afastasse.

— Vai ficar tudo bem — ele diz, como se fosse um mantra.

— Espero que sim.

No fundo, não sei se esse “bem” existe no mundo de Aiden Andrianakis. Mas estou presa aqui, e, por incrível que pareça, não estou sozinha... pela primeira vez em minha vida. Há um fio de cumplicidade que surge no caos, algo que nos une mais do que esse contrato ridículo.

E, mesmo aterrorizada pelo que acabou de acontecer, sinto dentro de mim que não quero me afastar dele. A segurança que ele me passa, por mais cruel que seja, me embriaga mais do que qualquer promessa vazia que meu pai já fez um dia.



CAPÍTULO 18

Finalmente chegamos a minha casa, um endereço alternativo, que não uso frequentemente quando estou em Londres por ser mais afastado. É tão luxuoso quanto o hotel em que estávamos, mas muito mais isolado, com segurança reforçada. Deixo meus homens posicionados em cada andar. Ninguém entra sem autorização. Depois da explosão, não posso arriscar. Em cada passo, sinto a tensão no ar, mas também percebo algo diferente em Dominica. Ela está assustada, mas confia em mim. E é estranho como isso me acalma e me enche de determinação ao mesmo tempo.

Passo a manhã seguinte em meio a telefonemas e investigações. Converso com a polícia local e com meus seguranças particulares. Descubro que a bomba no hotel foi pequena, sem intenção de fazer grandes vítimas, apenas causar pânico. Exatamente como suspeitei: um recado, um aviso.

Quem quer que esteja por trás disso, agora nos ataca mais abertamente. Desconfio de rivais, inimigos do meu pai, ou até mesmo gente ligada ao pai de Dominica, já que as dívidas dele são com figuras que tem como maior fetiche aterrorizar.

Sento diante do computador, analisando relatórios financeiros da Andrianakis Corporation. Mergulho em transações recentes. De cara, encontro algumas operações duvidosas em subsidiárias, algo que cheira a sabotagem. Alguém está desestabilizando meu império por dentro.

Quando levanto para pegar uma xícara de café, Dominica entra na

sala. Ela me observa, hesitante.

— Tudo bem? — pergunto, sem deixar a rigidez.

— Acho que sim. Quer dizer, levando em conta que quase explodimos ontem... — ela força um sorriso. — E você, descobriu algo?

— Tenho pistas de sabotagem interna. — Suspiro, esfregando a nuca tensa. — Alguém anda mexendo nos meus negócios, talvez repassando informações.

Ela morde o lábio inferior.

— E isso pode... piorar as ameaças?

— Pode. Mas vamos ficar de olho.

Antes que Dominica possa responder, a porta se abre, e meu chefe de segurança, Carter, entra com passos firmes. Seu rosto está sério, o que me faz instantaneamente enrijecer.

— Senhor Andrianakis, tem uma visita.

Franzo o cenho, minha mente já percorrendo todas as possibilidades. Quem diabos poderia me visitar aqui? Ninguém deveria saber que estamos neste endereço. O aperto no meu peito se intensifica, e minha postura muda automaticamente para algo mais rígido, mais predatório.

— Quem? — Minha voz sai controlada, mas há uma ameaça subjacente.

Carter hesita por uma fração de segundo antes de responder.

— Achei melhor o senhor ver por si mesmo, para não termos dúvidas.

Algo no seu tom faz minha espinha arrepiar. Troco um olhar rápido com Dominica, que agora também parece tensa. Sem dizer nada, caminho até o painel de segurança e aperto o botão para visualizar a entrada principal através das câmeras.

Minha mandíbula se contrai no instante em que vejo a figura na tela.

O ar que vinha pesado em meu peito se alivia levemente, e minha postura relaxa, só um pouco.

— Pode deixar ele entrar. — Digo, minha voz saindo mais calma, mas ainda com uma nota de alerta.

Carter assente e sai.

Dominica me observa com desconfiança, os braços cruzados.

— Quem é?

Não respondo de imediato. Viro para ela, mas antes que possa dizer qualquer coisa, nesse instante, a porta se abre, e um homem que não vejo há muito tempo surge: Marios. Baixo, robusto, olhos vivos. Ele veste um terno impecável e carrega um sorriso amigável.

— Meu caro Aiden! — Ele exclama, abrindo os braços. — Soube do atentado e corri para cá, sabia que você só poderia ter vindo para cá. Você está bem?

Fico genuinamente surpreso. Marios é um velho amigo, um dos poucos que confio. Herdou parte das ações da empresa quando meu pai morreu. Mas, nos últimos anos, se dedicou aos negócios nos EUA. Não tínhamos nos falado tanto ultimamente.

Caminho até ele e troco um abraço rápido.

— Que bom te ver, Marios. — Digo, com sinceridade. — Estou resolvendo esse caos.

— Imagino. — Ele lança um olhar a Dominica, curioso. — E esta deve ser sua esposa?

— Sim, Dominica. — Faço um gesto e eles se cumprimentam.

Dominica sorri polidamente.

— É um prazer, Marios.

Ele então conta que soube do ocorrido e que se preocupou. Queria

oferecer suporte. Fico aliviado. Presença de alguém confiável ajuda. Explico a ele, por alto, sobre as investigações. Ele concorda em auxiliar.

Depois de uma longa conversa, Marios se retira para agilizar contatos em Londres. Dominica me observa enquanto fecho a porta.

— Você parece bem mais... tranquilo agora que seu amigo chegou.

— Ele é de confiança. — Respondo. — É quase um irmão. Me ajudou muito na época em que assumi o império do meu pai.

— Bom, então é mais um aliado. Precisamos de aliados agora. — Ela comenta.

Assinto, sentindo um leve alívio. Tenho Marios ao meu lado, tenho meus seguranças. E tenho Dominica, que, apesar de tudo, parece estar aqui comigo. Olho para ela, analisando-a. Percebo suas olheiras, fruto de tantas noites agitadas e explosões. Ela está com os ombros tensos. Precisamos relaxar antes que enlouqueçamos nessa tensão constante.

— Dominica, vem cá. — Digo, já pegando o celular para discar.

— O que foi? — Ela pergunta, desconfiada.

— Vamos sair. Precisamos desestressar.

— Sair? Está louco? Com tudo isso acontecendo?

Abro um sorriso e toco levemente em seu rosto o acariciando.

— Você confia em mim? — pergunto e vejo seus olhos se fixarem nos meus.

Ela apenas assente com a cabeça.

— Então não se preocupe com nada, eu não te colocarei em risco.

♥

Em pouco tempo, arranjo tudo. Tenho um spa particular em um clube

de luxo, não muito longe daqui. Reservo para a noite, fecho para visitantes, garantindo total privacidade e segurança. Precisamos de um momento para respirar. Eu nunca quis tanto relaxar na companhia de alguém, e fazer alguém se sentir tranquila.

O sol se põe. Levo Dominica para esse local. É uma construção de vidro e concreto, cercada por um jardim iluminado por lanternas suaves. Lá dentro, há piscinas de água morna, hidromassagens, um ambiente com música relaxante. Tudo vazio, apenas para nós. Fui claro com meus homens: segurança reforçada do lado de fora, mas sem invadir a intimidade lá dentro.

— Uau... — Ela murmura, pisando descalça no piso aquecido da área da piscina. — Você realmente não poupa gastos.

— Não. Hoje, não. — Retiro o casaco e caminho até uma das espreguiçadeiras. — Sinta-se à vontade.

Ela me lança um olhar de curiosidade. Em seguida, pega uma toalha e some no vestiário feminino para trocar de roupa. Eu também vou ao vestiário masculino, troco meu terno por uma sunga escura. Respiro fundo diante do espelho. Meu corpo está tenso, cheio de nós nos músculos, fruto de preocupações. Mas hoje, quero esquecer tudo. Por um momento.

Saio e encontro Dominica à beira da piscina. Ela está com um maiô preto colado ao corpo, com recortes na lateral, mostrando as curvas tentadoras. Meus olhos passam por cada centímetro de pele à mostra, e sinto uma pontada de desejo. Ela nota meu olhar e vira o rosto, envergonhada.

— Bem... acho que vou entrar na água. — Diz, mordendo o lábio.

— Ótimo. — Sorrio de leve, tentando conter a avalanche de pensamentos.

Ela mergulha, a água reflete as luzes azuladas e faz o corpo dela parecer ainda mais sedutor. Sigo logo atrás, sentindo o calor leve da piscina. Chego perto, mas não toco ainda. Apenas fico a poucos centímetros, observando-a.

— Isso é... incrível — ela comenta, olhando em volta. — Nunca tive um lugar assim só pra mim.

— Está gostando? — pergunto, baixinho.

— Sim, muito.

Aproximo meu rosto do dela. A água envolve nossos corpos, e sinto o cheiro do cloro misturado ao perfume suave dela. Minha voz sai num tom quase íntimo:

— Eu queria te dar uma noite de paz, sem explosões, sem ameaças.

— Obrigada. — Ela responde, olhando nos meus olhos.

Passo a mão pela cintura dela, sentindo seu corpo se enrijecer. Dominica me encara, e vejo a faísca de sempre. Um desejo inegável que surge em qualquer situação. Os seios dela roçando em mim, e sinto as batidas do meu coração acelerarem.

— Relaxa — murmuro, a voz rouca. — Aqui, ninguém vai interromper.

Ela solta um riso curto, nervoso.

— Você parece confiante demais.

— Eu providenciei tudo.

Ela balança a cabeça, concordando.

Deslizo a mão pela lateral do corpo dela, chegando até a curva do quadril, apertando de leve. Ela apoia as palmas nos meus ombros, com um olhar que mistura desconfiança e rendição. Então, me aproximo mais e roço meus lábios nos dela. Um beijo suave que ganha intensidade em segundos. Suas unhas cravam nos meus ombros, e eu intensifico o beijo, explorando sua boca com a língua. O gosto dela é indescritível.

— Aiden... — ela geme, ofegante. — Por que você tem esse poder sobre mim?

— Não sei. — murmuro. — Mas adoro que você não resista.

Seguro sua perna por baixo d’água e a enrosco em minha cintura,

aproximando nossos quadris. A fricção dos trajes molhados faz meu corpo pegar fogo. Dominica geme mais uma vez, e eu sinto o meu membro latejar dentro da sunga. O calor na piscina não é nada comparado à ardência que nos consome.

Meus dedos procuram o fecho do maiô, mas não encontro. Ela ri, mordendo meu lábio de leve.

— Desiste, é difícil tirar.

— Então te ajudo de outra forma. — Dou um sorriso maroto.

Deslizo a mão por dentro do tecido, alcançando o seio. Ela suspira ao sentir meus dedos circulando o mamilo rijo. Aproveito para cobrir sua boca com a minha outra vez, em beijos ávidos. É tudo molhado, escorregadio, o que só aumenta a excitação.

— Você tá me provocando — ela diz, arfando.

— Eu estou te fazendo relaxar.

Passo a beijar seu pescoço, descendo os lábios pela base da garganta. Ela puxa meu cabelo, inclinando a cabeça para trás. Minhas mãos percorrem sua cintura, descem até sua bunda deliciosa, apertando com firmeza. Dominica arfa e fecha os olhos, entregue.

— Preciso de você agora — ela confessa, entre gemidos. — Aqui e agora.

Não espero outro convite. Deslizo uma das alças do maiô pelo braço dela, expondo parte do seio. Minha boca abocanha aquele mamilo, sugando, brincando com a língua. Sinto seu corpo estremecer, enquanto ela solta um gemido quase desesperado.

— Dominica... — sussurro, a voz tomada por tesão.

Ela abre espaço e me beija, mordendo meu lábio. Desço a mão até o interior de suas coxas. O tecido do maiô ali dificulta, mas ainda consigo roçar meus dedos na parte mais quente do corpo dela. Ela se contrai, soltando um grito abafado.

— Por favor, Aiden...

Sorrio, mergulhando levemente para ajustar nossas posições. Deixo a água cobrir parte dos nossos corpos, cravando os olhos nos dela. Meus dedos adentram o maiô, encontrando sua intimidade melada, mesmo dentro da piscina. Ela solta um suspiro longo. Pressiono o ponto sensível com cuidado, ritmado, e ela crava as unhas nos meus ombros.

— Assim... — ela pede, em um fio de voz.

Vejo seu rosto corar, um prazer crescendo. Ainda me mexo, minha sunga mal comporta a ereção. Quase perco o controle. Dominica se aperta mais em mim, beija meu pescoço, e sinto uma leve mordida. Ela está na beira do orgasmo. Aperto seu clitóris com mais firmeza, e de repente ela se desfaz. Seus músculos se contraem, os olhos reviram, e um gemido rouco escapa de sua garganta. Fica mole nos meus braços, respirando forte.

— Ainda não terminei — aviso, respirando com dificuldade.

Ela me olha, ainda ofegante. Puxo sua calcinha do maiô para o lado, liberto meu membro da sunga e a penetro de uma vez. Ela solta um gritinho de susto e prazer, abraçando meu pescoço. É uma sensação de calor e água, uma fusão surreal. Nos movemos devagar, afundados até a altura do peito na piscina. Cada investida é envolta nessa leveza líquida que faz o corpo flutuar.

— Aiden... — ela se segura firme, as pernas presas na minha cintura.

É um ritmo lento, mas profundo. Sinto os espasmos dela, e minha respiração se descompassa. A mistura de adrenalina e carinho me confunde. Ao mesmo tempo em que a desejo intensamente, quero protegê-la de tudo. É um sentimento mais forte do que posso controlar.

A água chacoalha ao nosso redor. Os gemidos dela ficam mais altos, e eu cubro a boca dela com a minha, transformando tudo em gemidos abafados. Quando chego ao limite, meu corpo se contrai, e solto um rosnado baixo enquanto me liberto dentro dela. Dominica aperta as mãos nas minhas costas, me arranhando.

Ficamos ali, grudados, ofegantes. O coração dela dispara tanto quanto o meu. Lentamente, recupero o fôlego. Sinto uma paz estranha. O calor, a

massagem da água, o cheiro do corpo dela. Tudo me deixa dormente de prazer.

— Como pode ser tão bom? — ela murmura, corando ao me olhar.

— Precisávamos disso. Precisávamos um do outro, Dominica. — Respondo, sorrindo.

Ela encosta a cabeça no meu ombro. O barulho suave da água batendo na borda é o único som. Por um instante, esqueço atentados, sabotagens, chantagens. Só existe eu e ela.

— Sabe que amanhã as coisas voltam ao caos, né? — ela comenta, num suspiro triste.

— Sim. — Fecho os olhos. — Mas hoje vou fingir que não.

Ficamos abraçados, ainda na piscina, enquanto as luzes azuis iluminam nossos corpos. Minha mente gira em torno da cumplicidade que nasce aos poucos entre nós. Ela não é só uma esposa de contrato. E isso me assusta. Mas, ao mesmo tempo, me faz querer ir até as últimas consequências para defendê-la.

Envolvo seu rosto entre minhas mãos, deposito um beijo na testa dela. Vejo um sorriso discreto surgir em seus lábios. Então a puxo novamente para um beijo calmo, como se selasse esse pacto silencioso. Mesmo que o mundo lá fora esteja desmoronando, aqui, agora, somos apenas nós.

— Precisamos de mais momentos assim — ela diz, com a voz trêmula.

— Eu sei. Vou providenciar.

Porque nada mais importa além de mantê-la segura e do meu lado. E, se depender de mim, os desgraçados que nos ameaçaram vão se arrepender amargamente. Mas isso, só penso quando sairmos daqui. Nesse segundo, tudo que quero é sentir Dominica colada em mim, me lembrando de que sou mais do que um homem vazio.

Sim, sou Aiden Andrianakis, um homem obcecado em vencer. Mas,

neste exato momento, sou só um cara segurando a mulher que me faz esquecer as trevas por alguns minutos preciosos.



CAPÍTULO 19

O jatinho particular de Aiden corta as nuvens rumo à Grécia. Estou sentada na poltrona de couro macio, mas não encontro conforto algum. Minha mente vaga por lembranças do atentado em Londres... e por Marios que surgiu do nada. Por algum motivo fico inquieta cada vez que o encaro. Ele conversa com Aiden sobre números, investimentos e outros detalhes empresariais que pouco me interessam.

Aiden, como sempre, está focado no laptop, analisando planilhas. Vira e mexe, faz perguntas curtas a Marios, que responde sem hesitar. Às vezes, eles trocam piadas sobre velhos tempos. Parecem amigos leais. Só que algo me diz que há mais por trás dos sorrisos educados de Marios. Sua expressão muda quando Aiden se levanta para ir ao banheiro no fundo da aeronave.

Fico folheando uma revista para não ter que conversas com Marios que ficou. Meus olhos não leem nada. Estou preocupada com tudo: meu pai, as ameaças, o atentado, a possibilidade de eu mesma estar me envolvendo além do que devia. Também sinto saudade de um minuto de paz. Eu e Aiden tivemos, no máximo, alguns momentos de cumplicidade, mas o resto é tensão, medo e segredos.

Marios se levanta logo depois que ele se afasta e vem em minha direção. Paro de fingir que leio e encaro-o.

— Dominica.... — Ele diz num tom cortês, mas seu sorriso me

desperta arrepios. — Posso sentar?

Fico sem alternativa, balanço a cabeça em concordância. Ele se instala na poltrona ao lado, analisando meu rosto como quem avalia uma mercadoria.

— Você deve ser especial para Aiden. — Marios comenta, olhando para as próprias mãos. — Ele não costuma se envolver assim.

Não sei se é um elogio ou uma provocação. Cruzo os braços, tentando me manter firme.

— Aiden e eu temos... um acordo. — Respondo, seca. — Creio que você saiba disso.

Ele sorri, sem humor.

— Claro. Mas vi como ele te trata. Ele parece gostar de você. Talvez a ideia de "acordo" tenha se transformado em algo... maior.

Minha pulsação acelera. Não quero discutir meus sentimentos com um estranho. Marios percebe meu desconforto e continua:

— É bom que você aproveite para enlaçá-lo. Afinal, seu pai deve ter te passado exatamente o que fazer, certo?

Congelo. Por um segundo, acho que ouvi errado.

— Como assim meu pai? — pergunto, tentando parecer indiferente.

Ele ergue as sobrancelhas, fingindo surpresa.

— Ora, você sabe. Henri Prescott. Um homem não muito brilhante, mas com um plano perfeito. Aiden é um alvo interessante para várias pessoas. Seu pai deve ter te instruído a usar suas... *qualidades*, para conquistar esse bilionário. Eu apenas desejo que dê tudo certo para todos nós no final.

Minha garganta seca. Ele e meu pai se conhecem? Isso não me surpreenderia tanto se eu não tivesse ouvido aquele tom malicioso. Marios está me testando. Sinto o estômago revirar. Tento parecer tranquila:

— Não faço ideia do que está falando. Aiden e eu temos um contrato por motivos que não dizem respeito a você.

Ele dá de ombros, como quem diz “como quiser”. Depois se levanta, recompõe o paletó e fala num tom malicioso:

— Vamos, Dominica. Não precisa fingir para mim. Sei que está por dentro de tudo... seu pai não te mandaria para a cova do leão sem instruções, ou mandaria?

Antes que eu possa responder, Aiden retorna, perguntando do que estamos falando. Marios me lança um último sorriso, depois comenta algo superficial sobre a viagem. Aiden não percebe a tensão pairando no ar. Ele volta a se sentar ao lado de Marios e retoma o assunto dos investimentos.

Fico ali, paralisada. Meu coração bate forte. Marios tem algo acordo obscuro com meu pai, aparentemente. Minha cabeça gira. Preciso contar isso a Aiden, mas como? Ele confia cegamente em Marios. Se eu sair acusando, posso dar a impressão de que quero jogar intriga entre eles. E Aiden já tem problemas demais.

Olho pela janela, o mundo lá fora coberto por nuvens brancas. Me sinto num labirinto sem saída. O tempo passa, mas continuo presa às minhas paranoias. Por fim, pousamos em um aeroporto privado próximo a Atenas. Já está de tarde. O sol grego ilumina tudo com um brilho inconfundível. Apesar disso, há um frio interno em mim.

Seguimos para um helicóptero que nos levará direto à mansão de Aiden. Enquanto andamos pela pista, alguns jornalistas se aproximam. Grito de vozes, flashes de câmeras. Uma equipe de seguranças tenta contê-los. Mas são muitos. Devo ter esquecido como a mídia grega é intensa.

— Senhora Andrianakis, você está grávida? — Um repórter grita, e eu quase me engasgo de tanta surpresa.

— É verdade que o casamento é de fachada? — Outro questiona. — Temos fontes que afirmam que não existe sentimento real.

— Vocês estão fugindo de ameaças de morte? É verdade que ocorreu uma a explosão em Londres?

Sinto a cabeça latejar com tanta pergunta invasiva. Aiden segura minha mão firmemente, o maxilar travado. Ele me puxa para perto, como se quisesse me proteger. O som dos cliques e vozes é ensurdecedor. Marios caminha atrás, mantendo-se em silêncio.

— Saiam da frente! — Aiden rosna para os jornalistas.

Mas eles insistem. Uma mulher loira se aproxima demais, quase esbarrando em mim. Mete o microfone na minha cara.

— Dominica, isso tudo é real ou só uma armação para limpar a imagem do senhor Andrianakis? Você se casaria por dinheiro, sua família está mesmo em ruínas?

Meu sangue ferve. Eu abro a boca para retrucar, mas Aiden é mais rápido. Ele se coloca na frente, voz gelada:

— Pergunte mais uma vez isso e eu aciono meus advogados. Dominica não é obrigada a responder nada.

Seus olhos faíscam, e a jornalista recua. Ele passa o braço pela minha cintura e me conduz, enquanto seguranças afastam o grupo. Mesmo com todo o caos, sinto uma pontada de gratidão. Ele me defende com ferocidade, sem vacilar.

Conseguimos chegar até o helicóptero. Assim que entramos, o piloto nos entrega **headsets** para comunicação. Aiden os coloca sem hesitar, e eu faço o mesmo, sentindo o abafamento imediato do som externo. O barulho das hélices se intensifica quando o motor ganha potência, e logo estamos no ar, sobrevoando a bela paisagem da Grécia.

Respiro fundo, tentando me acalmar, mas minha mente ainda está presa nas perguntas dos jornalistas. *"Você está grávida?"* Que absurdo!

Aiden se inclina levemente para mim, a voz rouca e mais clara através do fone.

— Está tudo bem?

Aperto os dedos sobre meu colo.

— Sim, só fiquei nervosa.

Ele desliza a mão sobre a minha e a aperta de leve. Nos últimos dias, percebo que seus gestos de carinho são mais frequentes. É estranho, mas não reclamo. Me sinto segura nesse contato.

— Me desculpe por isso — ele diz, num tom sincero. — Eles estão farejando qualquer coisa que manche meu nome ou torne nosso casamento suspeito. Vou te manter a salvo desses abutres, prometo.

Sorrio, sem graça.

— Obrigada. Eu me sinto... protegida.

Ele assente, mas logo solta minha mão, pegando o celular. O visor ilumina seu rosto tenso enquanto ele desliza o polegar pela tela, respondendo mensagens rapidamente.

O helicóptero chacoalha levemente com o vento, e um aviso do piloto soa em nossos fones, informando que enfrentaremos uma corrente de ar mais forte. Aiden nem parece notar, concentrado no celular. Eu suspiro, lembrando que preciso falar de Marios. Não é o melhor momento, mas ao menos quero avisá-lo de que precisamos conversar assim que chegarmos.

— Aiden...

Ele levanta o olhar, mas antes que eu possa continuar, o telefone vibra em sua mão. Ele franze a testa, ergue um dedo pedindo que eu espere e desliza para atender.

— Sim...? — Sua voz sai mais alta do que o normal por causa do barulho das hélices. Ele vira o rosto para a janela, tentando se concentrar.

Ele escuta por alguns segundos, a expressão fechada.

— O sinal está ruim. Diga rápido.

Ele franze ainda mais a testa, ouvindo atentamente. Quando responde, sua voz sai seca, meio abafada pelo ronco do motor.

— Entendi... certo, estou chegando. Vou resolver. Mantenham o

sigilo.

A chamada cai logo depois, e ele solta um suspiro pesado antes de se virar para mim.

— Preciso resolver um problema assim que aterrissarmos. Coisa rápida. Não posso adiar.

Frustração me atinge em cheio. Eu o conheço. Quando algo surge nos negócios, ele se fecha. Não adianta insistir.

— Tudo bem. Conversamos depois — digo, tentando manter a voz neutra.

Ele assente, sem notar minha decepção. Me beija a testa, suave, e volta a encarar o celular. Fecho os olhos, me recostando no assento. O helicóptero avança pelos céus, e eu me sinto cada vez mais sozinha, mesmo com Aiden ao lado.

Aterrissamos na mansão. Uma comitiva de seguranças está esperando, confirmando a segurança do local após os recentes atentados. Marios sai primeiro, já conversando com alguns funcionários. Aiden sai em seguida, fala algo rápido com dois homens de terno escuro e, antes que eu possa me aproximar, ele é puxado para longe.

Subo os degraus da entrada principal, entrando na mansão que, ironicamente, agora me parece um refúgio. Meus sapatos ecoam no piso de mármore. Petra, a governanta, me cumprimenta com um sorriso caloroso. Pergunto por Aiden, mas ela diz que ele foi direto ao escritório. Sigo para o quarto, jogando a bolsa em cima da cama. Retiro os sapatos, massageio meus pés doloridos e tento organizar as ideias.

Preciso contar tudo a ele. Mas será que ele vai acreditar em mim? Pode pensar que estou inventando histórias. Me lembro de como Aiden confia em Marios, diz que é um amigo de longa data. Mas algo em Marios cheira a podre, algo que me lembra meu pai. Sinto um arrepio ao pensar neles dois juntos. Meus dedos tremem.

Decido que, assim que Aiden terminar o que quer que esteja fazendo, vou forçá-lo a me ouvir. Me levanto, vou até o banheiro, jogo água no rosto.

Não posso ceder ao medo. Preciso ser forte. Se há uma conspiração contra Aiden, eu não vou ficar calada. Mesmo que eu me arrisque.



Estou sentada no terraço, tomando um chá para acalmar os nervos. O sol começa a se pôr, pintando o céu de tons alaranjados. Aiden não saiu do escritório desde que chegamos. Talvez tenha viajado de carro para algum lugar. Não sei, ninguém me diz nada.

E, no fundo, sinto saudade dele. Essa constatação me dá raiva e uma pontada de carência ao mesmo tempo. Nos últimos dias, a gente se aproximou. Ele foi carinhoso, me defendeu dos jornalistas, dormimos juntos algumas vezes, compartilhamos momentos intensos. Mas ainda estamos distantes, cada um com seus segredos.

Estou prestes a me levantar quando ouço passos apressados. Petra vem me informar que Aiden saiu, sim, e que só retorna mais tarde. Solto o ar, derrotada. Lá se vai minha chance de falar. Resolvo me recolher e esperar.

Entro no quarto e me tranco. Deito na cama, olho para o teto. Mil cenas passam pela minha cabeça: Marios me questionando, a imprensa me espreitando, meu pai exigindo que eu use Aiden como fonte de dinheiro. Sinto meus olhos pesarem. O cansaço me vence e eu acabo adormecendo.



Acordo sobressaltada com o barulho de portas e vozes do lado de fora. Levanto, cambaleando até o corredor. Não sei que horas são, mas parece estar no meio da noite. Vejo Aiden conversando com dois seguranças e com Marios. Eles parecem discutir algo. Tendo a me esconder atrás de uma

pilastra para ouvir, mas não capto as palavras. A única coisa que noto é a expressão de Aiden, carregada de tensão. Marios faz cara de quem concorda, mas sem convicção.

— Precisamos intensificar a busca, Aiden — Marios diz, alto o suficiente para eu pescar. — Quem quer que seja, está aqui dentro.

O "aqui dentro" me assusta. Será que eles acham que o traidor está na mansão? Não ouso me aproximar mais. Em seguida, Aiden dispensa os seguranças e Marios se retira, passando a poucos metros de mim. Congelo, temendo que ele me veja espionando. Mas ele passa sem notar minha presença, parecendo absorto em pensamentos.

Aiden fica parado no corredor, as mãos nos bolsos, a cabeça baixa. Suspiro, saindo do meu esconderijo, e me aproximo devagar. Ele ergue o olhar ao me ver.

— Estava me procurando? — pergunta, a voz rouca.

— Sim... na verdade, tentei falar com você o dia inteiro. Você sumiu.

Ele balança a cabeça.

— Muitos problemas. Precisava resolver questões urgentes sobre a segurança... e outras coisas.

Há fadiga no rosto dele. Ele passa a mão pelos cabelos, algo que faz quando está tenso. Lembro do que quero contar, mas sinto o cansaço dele. Será que é o melhor momento? Talvez não haja tempo perfeito. Abro a boca, mas ele balança a cabeça novamente.

— Podemos conversar amanhã? — Ele pede, num tom que não aceita discussão. — Estou exausto.

Sinto o baque. Queria tanto botar tudo pra fora. Mas vejo em seus olhos que ele não vai me dar ouvidos agora.

— Tá... — murmuro, decepcionada. — Tudo bem.

Ele se aproxima, toca meu rosto com leveza.

— Desculpe. Eu realmente estou sobrecarregado. Não vou ignorar você, prometo. Só... me dá um pouco mais de tempo.

Meus olhos enchem de uma emoção agridoce. Aiden raramente se mostra vulnerável. Esse pedido me comove. Assinto, engolindo a frustração. Ele deposita um beijo suave na minha testa, um gesto que me faz fechar os olhos, desejando que todo esse caos desaparecesse.

— Vamos dormir? — Ele sussurra, antes de pegar em minha mão. — Mas antes preciso tomar um banho e tirar todo o peso do dia.

— Vamos... — respondo, a voz fraca, segurando mais firmemente em sua mão.

Sei que não é o melhor momento, mas não sei se faço a escolha certa em me calar. Uma parte de mim entende o estresse dele. Outra parte quer gritar que Marios pode não ser quem aparenta, e que meu pai está envolvido. Mas, por hora, só posso engolir esse alerta. É tanta coisa acontecendo ao mesmo tempo.

Entro em seu quarto e vejo quando ele se dirige para o banheiro mas não antes de depositar um beijo em meus lábios. Não sei o que somos ou o que estamos fazendo e sinto que os dois não querem falar sobre isso, apenas seguir da maneira que está.

Aiden desaparece dentro do banheiro e sinto meu coração apertando no peito. Sinto que, a cada dia, o cerco se fecha. Marios, meu pai, ameaças, imprensa, atentados. E, no meio disso, eu e Aiden nos enroscamos numa teia de desejos e confissões não ditas. Me deito de lado, abraçando um travesseiro, o peito apertado.

“O que eu faço?”, penso, encarando a parede. “E se ele descobrir tarde demais que Marios está envolvido em algo sórdido?”

Meus olhos se fecham, pesados de preocupação. Lágrimas queimam minhas pálpebras, mas me contenho. A última imagem que surge na minha mente é o sorriso gelado de Marios, aliado ao sorriso manipulador do meu pai. Dois rostos que me assombram.

Acabo adormecendo, rezando para que amanhã surja uma chance de

falar a verdade. Mesmo que isso me custe a pouca paz que ainda resta. Porque, no fundo, sinto que, se não contar, posso perder Aiden para sempre.

Aiden 

CAPÍTULO 20

Eu desço as escadas da mansão, tenso. Passei as últimas horas imerso em relatórios, conversando com meus homens de confiança e tentando rastrear qualquer pista de traição interna. Há indícios claros de que alguém próximo a mim está fornecendo informações a inimigos. E isso tem tudo a ver com essa escalada de ameaças e ataques.

De acordo com meus informantes, Draković está por trás de vários movimentos suspeitos. Ele já me odeia há anos, desde que seu irmão morreu em uma negociação que deu muito errado. Tentei limpar a sujeira que meu pai deixou, mas Aleksandar nunca perdoou minha família. Agora, parece que ele encontrou uma brecha para me atingir.

Junto a isso, descobri vínculos estranhos com Henri Prescott, o pai de Dominica. O velho está mergulhado em dívidas e pode estar fazendo acordos sujos, talvez até com o próprio Aleksandar. O problema é: como isso afeta minha esposa? Será que ela está envolvida? Sempre achei que ela fosse vítima também, mas devo considerar todas as possibilidades.

Entro no escritório, trancando a porta. Repasso mentalmente cada detalhe que meus homens encontraram. Movimentações financeiras estranhas da família Prescott. Contatos telefônicos entre o pai dela e alguns mafiosos gregos. Situações que levam a crer que Dominica foi plantada na minha vida. Isso me corrói por dentro. Não quero acreditar. Cada fibra do meu corpo se recusa a aceitar que ela seja uma traidora.

Mas sou obrigado a agir com a razão. Se estiver sendo manipulado, minha empresa e minha vida correm risco. Sinto a raiva borbulhar no estômago, lembrando do atentado em Londres. Poderiam ter matado Dominica lá também, não faz sentido se ela fosse uma simples espiã. Ou será que tudo foi encenado? Estou confuso.

Faço uma careta de nojo diante dessa possibilidade. Não quero ser paranoico, mas não posso bancar o ingênuo. Decido que preciso observá-la de perto. Interrogá-la de forma sutil, sem despertar suspeitas, Dominica não é uma suspeita, mas quero me certificar, afinal... posso estar cego pelo encanto que ela exerce sobre mim. Mas antes, vou ouvir o que ela tem a dizer.

Percebi que Dominica tentou me falar algo importante, ontem a noite. Talvez seja a confissão final.

Respiro fundo. Saio do escritório e a vejo na sala de estar. Ela está folheando um livro, mas não parece prestar atenção. Seus olhos varrem as páginas sem foco. Quando me aproximo, ela ergue o rosto e há uma sombra de tristeza ali. Meus instintos gritam para abraçá-la, mas me contenho.

— Precisamos conversar. — Digo, firme.

Ela assente, largando o livro. Percebo um suspiro de alívio, como se estivesse esperando essa oportunidade. Caminhamos até um canto mais reservado, perto da lareira. Dispenso qualquer funcionário que apareça e, então, fico em pé diante dela. Dominica cruza os braços, tentando manter uma postura corajosa, mas vejo nervosismo em seu semblante.

— Você queria me dizer algo, certo? — começo, escolhendo as palavras. — Então fale.

Ela hesita, olhando para o chão. Depois me encara.

— É sobre Marios. Ele me abordou no jatinho, disse coisas estranhas sobre meu pai. Deu a entender que eles se conhecem, que há algum tipo de esquema. Eu não confio nele, Aiden. Acho que você deveria ficar de olhos abertos.

Marios? O homem que me ajudou a erguer minha empresa quando todos duvidaram de mim? Ele é leal. Sempre foi.

— Você deve estar confundindo. Marios é meu amigo há anos. — Retruco, evitando soar muito bruto. — Talvez tenha entendido errado.

Ela balança a cabeça, impaciente.

— Não é confusão. Ele falou como se soubesse do meu pai, como se tivesse algum acordo. Por favor, acredite em mim. Ele insinuou que estou aqui para seduzir você a mando do meu pai. Foi tudo muito bizarro.

Meu coração acelera. Seduzir a mando do pai. Isso se encaixa em algumas teorias que meus homens levantaram. Mas por que Marios mencionaria isso para ela, assim, de forma explícita? Talvez esteja desconfiado dela, tentando expor a verdade. Ou talvez seja um jogo duplo. Maldição! A situação só parece pior.

— Dominica, Marios sempre esteve ao meu lado. Você não pode esperar que eu vá tomar partido contra ele baseado em... uma conversa que pode ter sido mal interpretada.

Vejo a frustração nos olhos dela. Sinto vontade de abraçá-la, mas me forço a manter a distância, preciso pensar racionalmente e quando a tenho próximo demais de mim não consigo pensar direito.

— Você acha que estou mentindo? — Ela pergunta, com a voz trêmula. — Acha que estou inventando isso para te manipular?

— Não sei. — Respondo, sincero. — Estou tentando entender. Você entende minha posição? Há provas de que seu pai está envolvido com Aleksandar Draković, meu inimigo mortal. E a pessoa mais próxima de Henri agora é você.

Ela empalidece. Leva a mão à boca, como se fosse protestar. Depois solta o ar, indignada.

— Você acha que eu... sou uma espiã?! — O tom de mágoa é inconfundível.

— Eu não disse isso. — Retribuo, frio. — Mas as circunstâncias são suspeitas. Preciso ter cuidado, e analisar a situação friamente. Já tentaram me destruir antes.

Ela abaixa a cabeça, as mãos cerradas. Percebo tremor em seus ombros. Odeio ver Dominica sofrer, mas não posso simplesmente ignorar os fatos.

— Aiden... eu juro que não sei nada disso. Se meu pai fez acordos podres, foi pelas costas. Eu não tenho culpa. Eu fui sincera com você, sobre tudo... tudo o que ele me disse, sobre o que Marios falou e porque sinto que há algo errado nele. — Os olhos dela estão marejados. — Acredita em mim.

Meu peito aperta. Ela parece tão genuína. Parte de mim grita que ela fala a verdade, que Dominica foi usada pelo pai. Mas a sombra da dúvida permanece.

— Eu quero confiar em você, Dominica... mas. — Engulo em seco e me viro. — Mas você me enebria, me confunde... você me faz questionar e eu nunca questionei.

Me afasto um passo, como se isso pudesse criar uma barreira invisível entre nós.

— Tenho medo do que sinto por você estar me deixando cego — confesso finalmente, minha voz quase um murmúrio carregado de tensão. Não a olho nos olhos, porque se fizer isso, toda a minha lógica vai por água abaixo. — Nunca permiti que ninguém tivesse tanto controle sobre mim. E você tem... você domina minha mente, meu corpo. É assustador perceber o quanto estou vulnerável. Você entrou na minha vida tão rapidamente... e já... maldição Dominica, estou louco por você e isso é novo para mim.

Dominica permanece em silêncio. Posso ouvir a respiração dela se acelerando aos poucos, como se meu desabafo a tivesse atingido diretamente no coração. Um misto de culpa e desejo ardente se enrosca no meu peito. Odeio machucá-la assim, mas preciso da verdade, mesmo que seja amarga.

Ela fecha os olhos. Duas lágrimas rolam pelo rosto. Quase chego perto para enxugá-las, mas fico estático. No fim, Dominica dá um passo para frente, e toca meu rosto com delicadeza.

— Eu jamais faria algo para prejudicar você, Aiden — ela sussurra. — Mas entendo o que está dizendo, muito embora me machuque.

Não a respondo, não consigo responde-la.

— Se quiser provas, as procure. Mas não se deixe cegar também pela amizade que tem com Marios. Eu sei o que ouvi, eu vi a maldade nos olhos dele, Marios tem a mesma podridão de meu pai. Eu... só quero o seu bem, Aiden.

Meu coração falha uma batida. “Só quero o seu bem.” Não me lembro de alguém dizer isso para mim de forma tão sincera. Suspiro, confuso. Então, decido agir com cautela:

— Tudo bem. Vou falar com Marios. — Cruzo os braços. — Vou testar algumas coisas. Mas não dê nenhum passo em falso com ele, entendeu? Mas saiba que eu descobrirei a verdade.

Ela me olha, ferida.

— O que isso quer dizer?

— Significa que, se descobrir que você também está mentindo, não terei piedade. — As palavras saem duras, mesmo me arrependendo no instante seguinte.

Ela solta um riso triste.

— Ótimo. Faça o que precisa, Aiden. Se tem algo que eu tenho é consciência limpa. E eu verdadeiramente entendo você, mas se depois de comprovar a verdade, alguma vez mais duvidar de mim, saiba que o que quer que temos, terá chegado ao fim.

Dominica vira as costas e sai da sala, com a coluna ereta, mas sinto a dor que ela carrega. Fecho os olhos, esfrego as têmporas. Estou agindo como um monstro, mas não posso me dar ao luxo de ser fraco. Se confiei demais, posso perder tudo.

♥

No início achei que Marios tinha voltado conosco para Grécia apenas para me ajudar com os problemas que estou enfrentando, mas agora não tenho tanta certeza disso. O chamo até meu escritório, onde agora ele analisa documentos sobre investimentos.

— Está muito mais sério do que de costume. Algum problema?

— Marios, preciso falar com você sobre Dominica e o pai dela.

Ele ergue as sobrancelhas.

— Fale.

— Você conhece Henri Prescott? — pergunto, observando cada reação.

Ele mantém a calma.

— Já ouvi falar dele, claro. A mídia comenta sobre a ruína dos Prescott. Mas nunca tive contato direto. Por que a pergunta?

Eu o encaro fixamente, tentando captar algum sinal de mentira.

— Dominica me disse que você falou coisas estranhas no jatinho. Que insinuou um envolvimento com o pai dela. Isso é verdade? — Prefiro falar sem rodeios para tentar captar as nuances de sua reação.

Marios franze o cenho, como se pensasse.

— Falamos sobre o contrato de casamento, eu e Dominica. Eu disse que, se ela estava aqui a mando do pai, deveria ser honesta com você. Mas não insinuei nada. Ela pode ter interpretado mal. Você sabe como esse assunto é delicado.

Ele dá de ombros, exibindo uma expressão confiante. Não percebo contradição imediata. Se é mentira, é bem contada.

— E sobre Aleksandar Draković? Já ouviu esse nome? — insisto, esperando alguma reação.

Marios balança a cabeça.

— Aleksandar é um rival seu, certo? Não gosto desse tipo de gente. Espero que você derrube ele logo. Mas eu, pessoalmente, nunca lidei com Aleksandar.

Ele mantém a postura descontraída. Nenhum tremor na voz. Suspiro, um peso no peito. Talvez Dominica tenha se equivocado. Ou Marios seja um mentiroso habilidoso.

— Então não tem nada a ver com o pai de Dominica? — questiono, apertando os olhos para ver se ele fraqueja.

— De forma alguma. — Ele dá uma risadinha. — Aiden, acha mesmo que eu trairia você? Somos irmãos de batalha. Lembra quando seu pai entrou em colapso financeiro e eu investi meu próprio dinheiro para te ajudar a se reerguer?

Sim, lembro. Foi decisivo. Tenho uma dívida de gratidão. Meus instintos, porém, não se aquietam. Algo parece fora de lugar, mas não tenho provas. O que faço? Acuso meu melhor amigo sem evidências?

— Eu confio em você, Marios. Só quis esclarecer. — Decido encerrar. — Sabe que estou passando por um período complicado.

— E eu estou aqui para te ajudar. — Ele sorri, mostrando empatia. — Se descobrir algo sobre esse tal de Henri ou Aleksandar, te aviso.

Assinto, me levanto. Depois de algumas breves palavras sobre assuntos gerais, me despeço. Sigo para a mansão, com o coração pesado. As conversas com Dominica e com Marios me deixaram ainda mais confuso.

“Ela não é uma mentirosa, é?”, me pergunto, lembrando dos olhos dela marejados. E “Ele não é um traidor, é?”, me questiono, lembrando de sua lealdade de longa data. Estou preso em uma teia.

Ao chegar em casa me tranco em meu escritório e tento me concentrar em relatórios. Não consigo. Só consigo pensar em Dominica, nas ameaças, na possibilidade de traição. Um turbilhão de sentimentos me domina. Raiva, desejo, ciúme, medo de perder tudo.

Bato a mão na mesa, irritado. Esse maldito casamento me fez baixar a

guarda de forma que nunca imaginei. E, agora, se ela estiver mentindo, vou me despedaçar. Mas, se ela for inocente, e eu a tratar como suspeita, também a perderei.

— Preciso de respostas — murmuro, encarando uma fotografia antiga no porta-retratos. Nela, estou ao lado de Marios, rindo de algo bobo, muitos anos atrás. Eu parecia feliz. Quase não me reconheço.

Fecho os olhos, tentando recobrar a frieza. “Aleksandar Draković”, “Henri Prescott”. Suspeitas por todos os lados. A única coisa clara é que há um traidor rondando minha vida. E esse traidor pode ser meu amigo ou minha esposa.

Levanto e vou até a janela, observando a noite lá fora. A lua brilha, indiferente aos meus dramas. E me sinto estranhamente só. Lembro dos lábios de Dominica, do corpo dela tremendo nos meus braços, dos gemidos que aquecem minha memória. Uma parte de mim quer procurá-la agora, arrastá-la pra cama, arrancar toda essa tensão com beijos e toques. Mas não posso. Se me render, estarei cego à possibilidade de ela ser uma mentirosa.

— Maldição. — sussurro, com a voz carregada de frustração.

No fim, decido ficar no escritório. Passo horas folheando documentos, lendo relatórios, tentando achar algum elo que confirme uma traição. Nada concreto surge. Sinto o sono chegar, mas luto para me manter acordado. O rosto de Dominica surge na minha mente a cada cinco minutos, e isso me deixa louco. Ela mexe comigo de um jeito que ninguém mais mexeu. E, por isso, sou forçado a desconfiar ainda mais.

Assim, a madrugada avança. Quando o relógio marca quase quatro da manhã, desisto. Pego alguns papéis e vou para o quarto. Quero tomar um banho, ver se a água quente lava essa confusão. Enquanto caminho pelos corredores escuros, me pergunto se Dominica está dormindo ou se também está perdida em pensamentos.

“Eu não quero magoá-la.”, confesso em silêncio. “Mas não posso perder minha empresa por ingenuidade.”

Entro no quarto, fecho a porta. Fico um instante parado, olhando para

a cama vazia. Dominica está dormindo em outro quarto, e constatar isso me fere muito mais do que eu poderia imaginar. Retiro a camisa, jogo-a no canto, e me enfio no chuveiro. A água escorre pelos meus ombros tensos. Sinto pequenas gotas de esperança se misturarem com a angústia de não saber em quem confiar.

Quando saio, seco o corpo, visto apenas uma calça de moletom e me jogo na cama. O cansaço toma conta. Antes de apagar, um último pensamento invade minha mente: “E se ela estiver dizendo a verdade? E se Marios me apunhalar pelas costas? E se, no fim, eu perder Dominica?”.

Meu coração aperta. Fecho os olhos, tentando afastar a dúvida. Mas ela continua ali, latejando no escuro, igual uma faca pronta para me ferir.



CAPÍTULO 21

Acordo cedo, sentindo a tensão no ar. Desde a conversa com Aiden, sinto que ele duvida de mim. Isso me magoa profundamente. Já estou envolvida demais para suportar a ideia de que ele me vê como uma possível traidora. Mas eu entendo. Tudo aponta para o meu pai, e eu estou no meio desse furacão.

Decido que preciso enfrentar meu pai de uma vez. Não suporto mais o silêncio. Chega de me sentir usada como uma moeda de troca. Vou arrancar dele a verdade sobre Marios, sobre Aleksandar Draković, sobre os esquemas que transformaram minha vida em um jogo sujo.

Tomo um banho rápido, e desço as escadas da mansão, tomando cuidado para não cruzar com Aiden ou Marios. Sei que, se algum deles me vir saindo, podem tentar me impedir ou me acompanhar. Não quero isso agora. Preciso de privacidade.

Na garagem, escolho um dos carros menores da frota, algo menos chamativo. Respiro fundo antes de ligar o motor, mas ainda há um obstáculo: o portão principal. Quando me aproximo, o guarda me observa com atenção. Ele é alto, de postura rígida, e me encara com certa hesitação quando abaixo o vidro.

— Bom dia — digo, sorrindo com doçura. — Vou sair por alguns minutos. Aiden já está ciente.

Ele franze a testa, claramente desconfiado.

— O senhor Aiden não mencionou nada sobre isso.

Meu coração acelera, mas mantenho a expressão calma, serena. Inclino um pouco a cabeça, fingindo surpresa.

— Oh, que estranho… — mordo de leve o lábio, como se tentasse lembrar de algo. — Talvez ele tenha esquecido de avisar. Mas ele sabe, sim. Pedi para sair rapidamente, apenas meia hora. Preciso resolver algo pessoal, mas volto antes do almoço.

O guarda hesita, olhando para a guarita, talvez ponderando se deveria confirmar a informação. Mas minha voz é tranquila, firme o suficiente para parecer irrefutável.

— Trinta minutos? — ele pergunta, ainda desconfiado.

— No máximo — asseguro, inclinando o corpo ligeiramente para a frente, demonstrando sinceridade. — Por favor, não quero incomodar Aiden com isso. Você sabe como ele anda ocupado.

O homem solta um suspiro baixo e dá um passo para trás, liberando a passagem.

— Certo, senhorita. Mas tente não demorar.

Sorrio com gratidão.

— Pode deixar. Obrigada!

Assim que o portão se abre, acelero para fora da propriedade, sentindo uma pequena vitória no peito.

Não estou acostumada às ruas da Grécia sozinha, mas meu GPS me ajuda a encontrar o endereço do café onde marquei de me encontrar com meu pai. Ele relutou, mas acabou aceitando. Talvez queira me manipular mais uma vez. Porém, hoje, não vou ceder.

Chego ao local, estaciono. É um lugar discreto, meio vazio. Vejo meu pai sentado numa mesa, o olhar impaciente. Veste um terno amarrotado, e

noto suas olheiras fundas. Ele parece abatido, mas não sinto pena. Lembro de tudo que fez comigo.

Caminho até ele, me sento sem me dar ao trabalho de cumprimentar.

— Obrigada por vir. — Digo, seca.

Ele me encara, suspirando.

— Vamos acabar logo com isso, Dominica. O que você quer?

— A verdade. — Respondo, firme. — Que diabos você tem com Marios? Por que ele mencionou que você me instruiu a seduzir Aiden? O que está acontecendo?

Meu pai franze as sobrancelhas, confuso.

— Marios? Você está falando daquele homem que vive rondando Aiden?

— Sim, pai. Ele disse coisas que me fizeram pensar que vocês se conhecem. Não minta. Quero saber: qual é a relação de vocês? Por que me colocou nesse casamento sujo?

Ele dá uma risada amarga.

— Você não precisa saber de nada. Basta fazer o seu trabalho e manter Aiden a seus pés. Assim todos saímos ganhando.

— "Todos saímos ganhando"? — meu tom é de nojo. — Você me jogou numa fogueira!

Ele revira os olhos.

— Pare de drama, garota. Você é bonita, jovem, tem tudo para enfeitiçar aquele bilionário. Preciso dos recursos dele, preciso pagar minhas dívidas. E você sabe que não posso falhar agora. Se *Aleksandar Drakovi*ć não for pago, estamos mortos.

Meu sangue gela ao ouvir o nome *Aleksandar Drakovi*ć. Então é verdade. Ele está mesmo envolvido com Aleksandar, o inimigo de Aiden.

— Então... é Aleksandar Draković que sustenta suas ameaças? — murmuro, enojada.

Ele solta um palavrão, perdendo a paciência.

— Sim. Prometi a Aleksandar que, se você se casasse com Aiden e ganhasse a confiança dele, poderíamos encontrar brechas para derrubá-lo. Aleksandar quer vingança, e eu preciso de dinheiro. É um acordo. Mas não se faça de santa. Você também se beneficia desse casamento. Ou vai dizer que não gostou do luxo que a anos não vemos mais.

Meu estômago embrulha. Meu pai me usou como isca para Aleksandar destruir Aiden. E agora fala como se eu fosse cúmplice. Sinto um ódio crescente.

— Eu nunca aceitei isso. Você me enganou! Falou que só precisava casar para salvar nossas dívidas, não que planejava ajudar Aleksandar a arruinar Aiden, eu nunca faria isso com ele... nunca!

Ele me encara, desprezo nos olhos.

— Você é muito ingênua. Se apaixonou por ele, sua idiota? — Ele ri, debochado. — Espero que ele também se apaixone por você. Assim, quando chegar a hora de atacá-lo, vai ser mais fácil se aproximar.

Meu rosto fica vermelho de raiva, mas também sinto lágrimas de humilhação ameaçando cair.

— Você é desprezível. — sussurro, a voz embargada. — E Marios, qual é o papel dele nisso?

Ele estala a língua.

— Não sei. Aleksandar pode ter vários aliados, talvez Marios seja um. Mas não me interessa. Só faça o que mandei e engane Aiden o suficiente para que, quando Aleksandar agir, ele não tenha tempo de reagir. Aiden Andrianakis era um homem sem fraquezas, uma máquina, faça ele ser um humano, Dominica.

Meu corpo treme. Estou à beira de estourar. Levanto da cadeira, olho

para aquele homem que infelizmente é meu pai e sinto um nojo profundo.

— Não vou mais jogar esse jogo. Pode esquecer. Vou contar toda a verdade para Aiden.

Ele ergue a sobrancelha, desdenhando.

— Faça isso, e Aleksandar vai nos matar. Ou você acha que esse mafioso vai deixar barato? Acha que seu querido maridinho é invencível? Ele pode até ter poder, mas Aleksandar é cruel e tem muitas conexões, mas antes de nos matar vai nos fazer sofrer.

Engulo em seco. As ameaças são reais. Ainda assim, não posso trair Aiden.

— Não vou te ajudar a destruir o homem que... — minha voz falha, mas completo. — O homem que eu amo.

É a primeira vez que me ouço dizendo isso em voz alta. Meu pai solta um risinho.

— Bem, então espero que seu amor seja forte o bastante para sobreviver.

Ele joga algumas notas na mesa, paga o café dele e se levanta, ajeitando o paletó amassado. Antes de sair, me lança um último olhar de pena.

— Você é fraca igual a sua mãe foi.

Sinto o golpe como um soco no estômago. Minha mãe. Ele sabe exatamente onde acertar, onde rasgar a pele e me fazer sangrar por dentro.

Minha mãe, que sofreu nas mãos dele. Que o amou, que acreditou em suas promessas vazias até o último momento, até ser descartada quando ficou doente e frágil. Ele destruiu a vida dela, e agora insinua que eu sou fraca como ela.

A raiva sobe queimando minha garganta, minhas mãos tremem sobre a mesa.

Fico imóvel, assustada e furiosa. Minha cabeça lateja. Então é isso. Marios pode ser aliado de Aleksandar, ou pode ser outro esquema. Meu pai não sabe ou não se importa. O fato é que Aiden corre perigo real, e a culpa recai sobre mim, porque fui eu quem abriu as portas para o inimigo.

Corro para o carro, quase tropeçando nos próprios pés. Sinto a garganta travada, mas ligo o motor e volto para a mansão, fazendo o caminho com lágrimas ardendo. Meus dedos mal seguram o volante. Várias vezes quase bato em outro carro, mas respiro fundo e me concentro. Só penso em Aiden e no quanto preciso avisá-lo, protegê-lo, mesmo que ele duvide de mim.

Chegando à mansão, estaciono de qualquer jeito e saio apressada. Os funcionários me olham assustados. Subo as escadas, procurando Aiden. Petra diz que ele está no escritório. Vou até lá, mas no meio do caminho quase trombo com ele. Ele vem de terno, expressão preocupada.

— Onde você estava?! — Ele vocifera, voz carregada de irritação. — Você não pode sair sem seguranças, não entende o perigo que corre?

Ele me segura pelos ombros, o toque firme. Sinto o cheiro inconfundível de seu perfume. Meu coração dispara.

— Eu precisava fazer algo. — Respondo, ainda ofegante.

— Fazer o quê, Dominica? — Ele me puxa para mais perto. — Quer me enlouquecer?

— Eu fui encontrar meu pai. — Confesso, a voz tremendo. — Confrontei ele, Aiden. Ele me contou tudo. Está envolvido com Aleksandar Draković. E há mais coisa, talvez Marios também esteja. Por favor, me escuta!

Vejo o semblante de Aiden se enrijecer ao ouvir o nome Aleksandar Draković. Ele me estuda, respirando forte.

— Ele te contou... — Aiden parece processar. — Merda. Seu maldito pai faz parte de uma conspiração para me derrubar, com Aleksandar puxando as cordas.

Assinto, sentindo lágrimas escorrerem.

— E eles querem me usar para te distrair. Eu... eu juro que não faço parte disso. Eu descobri agora!

Aiden olha para o corredor, preocupado que alguém possa ouvir. Então, num gesto brusco, me arrasta para dentro de um quarto vazio. Fecha a porta. Quando se vira para mim, vejo um misto de fúria e proteção em seus olhos.

— Eu sei que você não me trairia. — Ele solta, como se fosse uma confissão dolorosa. — Mas passei dias duvidando. Isso me torturou.

Meus olhos se enchem d'água.

— Aiden, eu não suportaria te ver ferido. Eles querem vingança, querem acabar com você, o que fez a essa gente? E meu pai acha que eu devia seduzir você para ficar mais vulnerável.

Ele inspira fundo, o peito inflando de raiva. Seus punhos fecham e abrem, como se quisesse socar alguém. Então, me encara de um jeito intenso.

— Eu vou proteger você. E vou destruir esses malditos. — Sua voz é áspera, mas há um toque de ternura quando estende a mão para tocar meu rosto. — Mas me prometa que não sairá mais sozinha, entendeu?

— Prometo. — sussurro, emocionada.

O silêncio se estende por alguns segundos. Então ele me puxa para um beijo possessivo, cheio de necessidade. Meu corpo responde na hora, entregando-se. Sinto suas mãos apertando minha cintura, me colando contra o peito dele. O beijo é urgente, quase desesperado. Tantas palavras não ditas se misturam em nossas línguas.

— Estou confuso, Dominica. — Ele diz, quebrando o beijo, respirando contra meus lábios. — Não consigo mais me afastar de você, e isso me deixa louco.

— Eu também estou louca. — confesso, o coração disparado.

Ele acaricia meus cabelos, os olhos faiscando de desejo e algo mais, talvez posse.

— Tem algo mais que queira me contar? — ele pergunta e eu afirmo com a cabeça antes de conseguir falar:

— Meu pai disse que seu eu contasse a você, ele e eu morreríamos pelas mãos de Aleksandar.

Aiden solta um sorriso sem humor, enquanto ainda acaricia meus cabelos, seu rosto assume uma expressão sádica e sombria.

— Aleksandar não tocará em nenhum fio de cabelo seu, Dominica. Eu incendiarei o inferno se for necessário para acabar com ele antes de ele chegar perto de você.

— Eu te amo, Aiden. — digo de supetão. Sem pensar realmente nas palavras que saem da minha boca, sem sequer entender como um sentimento tão forte e profundo tenha nascido tão rápido e de maneira tão intensa dentro de mim. Mas é o que aconteceu, é o que é, e eu não consigo negar.

Ele fecha os olhos, como se essas palavras o atingissem em cheio. Então abre novamente, a expressão vulnerável.

— Eu nunca confiei meu coração a ninguém, Dominica. — Ele murmura. — E pressinto que dar o meu a você será meu fim.

Aiden me encara como um homem à beira do abismo, os olhos azuis escuros ardendo com uma intensidade avassaladora. Sua respiração está pesada, quente contra minha pele. Meu coração bate em um ritmo frenético, como se entendesse que estamos à beira de algo irreversível.

— Mas se for para cair... que seja em você. — A voz dele é rouca, carregada de luxúria e desespero contido.

Antes que eu possa responder, ele me toma com um beijo feroz. Sua boca domina a minha com um desejo primitivo, seus lábios me devoram como se quisesse me marcar, me consumir. Um gemido escapa de minha garganta quando suas mãos me puxam contra ele, colando nossos corpos sem deixar espaço entre nós.

Ele me ergue, suas mãos grandes e possessivas segurando minha cintura com firmeza. Minhas pernas se entrelaçam ao redor dele por instinto, e Aiden me prende contra a parede com um grunhido baixo, como um predador que finalmente capturou sua presa. Seu beijo se intensifica, suas línguas duelam, exploram, se entregam. Ele geme contra minha boca, um som grave que reverbera direto entre minhas pernas.

— Você é minha, Dominica. — Ele sussurra contra meus lábios, mordendo-os suavemente antes de deslizar a boca pelo meu pescoço. ua barba rala arranha minha pele sensível, e eu arquejo, sentindo o calor entre minhas coxas pulsar com necessidade. — Minha. Só minha.

Suas mãos deslizam pelas minhas coxas, apertando com força, como se quisesse sentir cada centímetro da minha pele, como se precisasse da prova de que eu sou real. Ele empurra o quadril contra o meu, e um choque elétrico me atravessa quando sinto a prova da sua excitação me pressionando com força.

— Aiden... — minha voz sai entrecortada, entregue, e isso parece incendiar algo ainda mais bruto dentro dele.

Ele afasta o rosto, seus olhos selvagens fixos nos meus.

— Eu poderia te ter agora, contra essa parede, te fazer gritar meu nome até o mundo inteiro saber que você me pertence. — Ele desliza os lábios perigosamente perto da minha orelha, sua respiração quente fazendo meu corpo inteiro arrepiar. — E eu quero. Deus, como eu quero...

— Então faça isso, Aiden. — sussurro.

Ele pressiona o rosto contra meu pescoço, sugando minha pele, deixando um rastro de beijos intensos e possessivos. Eu me arqueio, minha respiração entrecortada, minha mente girando, perdida no turbilhão de sensações que ele me causa.

— Não me provoque, Dominica, eu não conseguiria ser gentil. — Ele murmura, e então levanta a cabeça, os olhos famintos, insanos. — Vou te possuir como se você fosse a única coisa que me mantém vivo.

Meu coração vacila, meu corpo inteiro aceso. Aiden nunca foi um

homem de palavras vazias. E a promessa em seu olhar me atinge como uma corrente elétrica.

— Faça isso, Aiden. Eu quero tudo de você, sua fúria, sua raiva, seu amor. Eu quero tudo.

Ele desliza as mãos pelo meu rosto, polegares traçando a linha da minha mandíbula. Seu olhar queima o meu, carregado de desejo e algo mais profundo, algo que me faz estremecer.

Aiden me encara como um homem possuído, seus olhos queimando de um desejo bruto e avassalador. Sua respiração é irregular, seu peito sobe e desce com força enquanto me segura como se fosse algo precioso e ao mesmo tempo frágil. Mas não há fragilidade agora. Não quando o fogo que arde entre nós está prestes a nos consumir por inteiro.

Com um movimento rápido e impaciente, suas mãos agarram minha blusa e a rasgam em um único puxão, o som do tecido se partindo ecoa pelo quarto. Meus seios ficam expostos, os mamilos enrijecidos pelo frio e pela excitação. Um gemido escapa dos meus lábios antes que eu consiga contê-lo.

— Maldição, Dominica... — Aiden rosna, como um animal faminto, antes de abocanhar um dos meus seios com avidez, sua língua quente girando ao redor do meu mamilo antes de sugá-lo com intensidade. Meu corpo se arqueia contra ele, minhas mãos se enterram em seus cabelos escuros, puxando com desespero.

Ele me pressiona ainda mais contra a parede, sua boca alternando entre mordidas leves e beijos ardentes em minha pele. Minha saia sobe com um puxão firme de suas mãos possessivas, e antes que eu consiga respirar, ele desliza os dedos por minha intimidade. Seu corpo treme ao sentir minha umidade escorrendo entre seus toques, seus olhos se fecham por um breve segundo, como se estivesse tentando conter o desejo insano que o domina.

— Você já está molhada para mim — ele murmura contra minha pele, a voz rouca de puro deleite. — Pronta. Sempre tão pronta para mim, não é, minha pequena?

Eu solto um gemido, incapaz de negar, incapaz de resistir. Meu corpo

implora pelo dele, minha pele ferve sob cada toque, cada provocação.

— Só para você, Aiden — consigo sussurrar, minha voz trêmula de prazer e necessidade.

Um grunhido gutural escapa de sua garganta antes que ele desfizesse o próprio cinto e abaixasse a calça apenas o suficiente. Em um único movimento firme, ele me segura pelas coxas, alinhando-se comigo. Nossos olhos se encontram por um instante, um segundo de pura intensidade e entrega, antes que ele me preencha com força.

Eu grito seu nome, jogando a cabeça para trás, minhas unhas cravando em seus ombros. Aiden fecha os olhos, sua mandíbula se tensa, o prazer nítido em sua expressão enquanto me penetra fundo e inteiro, tomando-me como se fosse sua última salvação. Como se eu fosse dele, e apenas dele.

— Porra... — ele geme, enterrando-se ainda mais dentro de mim, cada investida sua sendo crua, possessiva, carregada de uma necessidade incontrolável. — Você é minha, Dominica. Minha. Só minha.

Eu me seguro em seus braços fortes, minhas pernas apertando ainda mais seu corpo contra o meu, querendo senti-lo mais fundo, mais forte. O atrito, a tensão, o calor nos fazem perder completamente o controle. Aiden me toma com intensidade, com um desespero que beira a loucura, como se estivesse tentando gravar sua marca em mim, como se estivesse tentando me fundir a ele.

Meus gemidos enchem o quarto, misturando-se aos dele, ao som de nossos corpos se chocando, ao frenesi que nos consome. Seu nome escapa dos meus lábios com gemidos, meu corpo se contrai ao redor dele, e sinto o tremor em suas pernas quando ele percebe o que está prestes a acontecer.

— Goze para mim, baby. Quero sentir você me apertando — ele ordena, sua voz carregada de luxúria e necessidade.

E eu obedeço. O orgasmo me atinge como um terremoto, me fazendo gritar enquanto meu corpo inteiro se desfaz em prazer. Me agarro a ele, tremendo e entregue, enquanto Aiden segue seus próprios instintos, suas

estocadas ficando erráticas até que ele explode dentro de mim com um gemido rouco, seu corpo inteiro se tensionando contra o meu.

Ele segura meu rosto entre as mãos, sua testa colada à minha, sua respiração quente e acelerada contra meus lábios. Seus olhos escuros, intensos, me devoram, como se quisesse me gravar dentro dele para sempre.

— Você já tinha meu corpo. — Ele murmura, arrastando a boca sobre a minha novamente, como se precisasse do contato para continuar respirando. — Mas agora, Dominica, você tem a porra da minha alma.

Eu arfaria, mas antes que qualquer palavra pudesse sair da minha boca, ele me beija outra vez, tão profundo e desesperado que tudo ao nosso redor desaparece.

E então eu percebo.

Não importa o que aconteça.

Eu estou completamente perdida nele.

E ele em mim.



CAPÍTULO 22

Minhas mãos estão fechadas em punhos desde que acordei hoje. Há uma tensão estranha em meu corpo, quase como se eu estivesse sempre esperando por uma luta ou prestes a golpear alguém. Tento me concentrar na papelada espalhada pela minha mesa de escritório, mas meus pensamentos se voltam incessantemente para as informações que Carter me trouxe sobre Marios. Esse conflito interior me persegue desde a noite passada, quando finalmente tive a confirmação de que ele anda mantendo reuniões suspeitas e usando credenciais para acessar o sistema da empresa em horários que, oficialmente, ele estaria “viajando”.

Para alguém como eu, que sempre prezou a lealdade acima de tudo, descobrir que Marios, um homem a quem chamei de “amigo” durante anos, possa estar envolvido em uma trama com Aleksandar, meu maior inimigo, é um soco no estômago. Sinto-me pessoalmente traído, quase enojado. Quando olho para a janela envidraçada do meu escritório, vejo a cidade grega abaixo e penso em quantas vezes Marios e eu brindamos a essa mesma vista, comemorando vitórias e vitórias. Agora, tudo parece contaminado por essa suspeita podre.

Passo a mão pelos cabelos, respirando fundo para recobrar algum controle. Lembro que combinei um jantar com Dominica. Não é um compromisso social forçado, não é um encontro de fachada para a imprensa. Desta vez, resolvi convidá-la para algo especial, íntimo.

Penso no que sinto por ela e não consigo ignorar o fato de que minha

raiva diminui sempre que a imagino ao meu lado. É peculiar admitir, mas essa mulher me faz respirar mais fundo quando eu acho que estou prestes a explodir. Ela me acalma, mas também me instiga. É como se, ao mesmo tempo em que me acalmasse, acendesse em mim uma faísca de desejo e proteção que nenhum outro ser humano tinha conseguido antes.

Termino de reler um dossiê que montei com Carter. As provas contra Marios são circunstanciais, mas muito fortes. Registros de login no sistema da Andrianakis Corporation foram feitos em horários incompatíveis com suas alegações de viagem. Ele alegou estar em Madri em certos dias, mas há imagens de câmeras de segurança que o flagraram em um armazém no porto, aqui em Atenas. O mesmo armazém que meus homens mapearam por suspeitas de vínculos com Aleksandar Draković. E, para piorar, há movimentações financeiras estranhas, quantias altas indo e vindo de contas suspeitas, possivelmente ligadas à família Draković. Tudo isso forma um quadro que indica que Marios, o homem em quem confiei como um irmão, trabalha contra mim.

Sinto o celular vibrar sobre a mesa. É Dominica, mandando uma mensagem simples:

"Já estou pronta. Vamos nos encontrar lá às nove?"

Respondo com um "Sim. Estarei lá pontualmente." e me levanto. Visto o paletó, reviso mentalmente o que tenho de fazer. Decido que não vou enfrentar Marios ainda. Preciso ser estratégico. Se eu o confrontar antes da hora, ele pode fugir, ou pior, alertar Aleksandar. Só terei minha vingança quando tiver provas definitivas o bastante para esmagá-lo sem deixar rastro.

Quando entro no carro, olho para o motorista e faço sinal de que não preciso de escolta agora. Estou inquieto, mas quero ter um momento tranquilo para pensar. O jantar será em um restaurante reservado, com vista para o mar. Escolhi esse lugar porque, de certa forma, quero que Dominica sinta que sou capaz de algo mais do que raiva e ameaças. Ela enxerga meu lado sombrio todos os dias, mas não imagina que posso ser romântico. Bom, talvez eu mesmo não saiba se posso ser, mas vou tentar. Por ela vale a pena.

Ao estacionar, recebo a notícia de Carter, por mensagem:

“Continuamos a seguir Marios. Ele não suspeita de nada. Ainda hoje se encontrou com alguém próximo ao porto.”

Fecho a cara. Gostaria de largar o carro e ir correndo ao porto para esmagar essa serpente. Mas me controlo. Há um jantar me esperando. E, no fundo, preciso desse tempo ao lado de Dominica para não enlouquecer.

Quando entro no restaurante, percebo as luzes suaves, as mesas bem afastadas e a vista panorâmica de um litoral iluminado por pequenas luzes distantes. Há música ambiente, um piano suave tocando. Caminho até a mesa reservada, e logo vejo Dominica me esperando. Ela usa um vestido vinho, que abraça suas curvas de um jeito que me faz engolir em seco. Os cabelos estão soltos, caindo em cascata até os ombros. Ela me percebe e sorri de leve, mas noto, desde longe, que seu olhar carrega uma pitada de preocupação. Talvez ela sinta que estou tenso.

— Aiden. — Ela se levanta, e a beijo suavemente. — Ela sorri, mas inspeciona meu rosto. — Está tudo bem?

— Está. — Respondo, tentando suavizar a expressão. Puxo a cadeira para que ela volte a se sentar, e depois tomo meu lugar em frente a ela. — Desculpe o atraso, tive uns contratempos.

— Imaginei. — Ela me estuda com atenção. — Você parece... perturbado.

Forço um sorriso de canto. É curioso como, com pouquíssimo tempo de convivência real, ela já percebe as variações do meu humor. Procuro a mão dela sobre a mesa e seguro seus dedos. Ela se surpreende com o gesto.

— Não se preocupe. — Digo baixinho. — Nada que eu não possa resolver. Mas... hoje queria focar em você.

Ela ergue as sobrancelhas, meio desconfiada, e acaba sorrindo. O garçom se aproxima, servindo vinho tinto para nós. O líquido escorre pela taça, e eu me lembro dos escândalos que Marios e eu costumávamos festejar. Penso, amargurado, em como tudo isso agora está manchado. Balanço a cabeça, forçando-me a deixar esse assunto de lado por alguns minutos.

— Você sempre se gabou de ser um homem nada sentimentalista. —

Ela comenta, pegando a taça. — Então por que estamos nesse jantar à luz de velas?

Dou um gole antes de responder.

— Porque sim. — Declaro, observando-a por cima da borda da minha própria taça. — Não posso querer agradar minha esposa?

Ela revira os olhos de leve, mas o brilho divertido em seu olhar revela que ela não está realmente irritada.

— Certo, "marido". — Ela encosta as costas na cadeira, relaxando. — Então me fale sobre seu dia, quantos incêndios apagou hoje senhor Andrianakis?

Vejo ali uma deixa para introduzir a questão de Marios. Decido que devo contar a ela, afinal. Mas faço isso com cuidado.

— Tive um dia cheio de investigações. E conformei que Marios é um traidor.

Ela fica séria num instante, mas solta um suspiro aliviado.

— Fico feliz que tenha constatado isso.

— Tenho recebido relatórios de Carter, e infiltrei um hacker em nosso sistema, pois algumas informações haviam sido apagadas propositalmente. As credenciais de Marios vêm sendo usadas de maneira estranha, e há evidências de que ele se encontrou com gente ligada a Aleksandar Draković.

A simples menção a esse nome faz Dominica apertar minha mão com mais força. Ela sabe o quanto Aleksandar me odeia.

— Não tenho provas definitivas para derrubá-lo sem chance de fuga e não quero usar minhas próprias mãos e me manchar novamente como meu pai fazia, prefiro que ele sofra de outra maneira, mais lentamente. Então, vou esperar o momento certo. Ele não faz ideia de que estou atento.

Ela assente, puxa o ar. Sinto a tensão entre nós crescer, mas ao mesmo tempo uma estranha cumplicidade se forma. Como se, diante de

tantos inimigos, fossemos só nós dois contra o resto do mundo. E isso me agrada.

— Desculpe. Sei que deve ser um golpe duro, ter a certeza de que foi traído por quem confiava. — ela comenta, apertando minha mão outra vez. — Mas estou aqui. E nós vamos enfrentar isso juntos.

Meu peito aquece com essa frase. "Nós". Ela, que chegou na minha vida como parte de um acordo arranjado, agora fala em enfrentar problemas "juntos". Não digo em voz alta, mas é reconfortante ter alguém com quem contar, ter alguém como Dominica.

— Obrigado, Dominica. — Murmuro, deslizando o polegar pelas costas da mão dela. — Mas nem só de notícias ruins vivemos... amanhã vou assinar o contrato que me garantirá a consolidação dos meus negócios. Vou me tornar o segundo homem mais rico e influente da Grécia, se tudo correr bem.

— Imagino que esse contrato seja muito importante. — Ela diz, torcendo os lábios, talvez lembrando de que foi por isso começou nossa relação.

— É, sim. Mas não é mais a única coisa que me importa. — Respondo, olhando fundo em seus olhos. — Por incrível que pareça, eu ganhei algo maior no processo: você.

Ela cora, pega sua taça de vinho para disfarçar o rubor nas bochechas. Dou um meio sorriso. A cada dia que passa, sinto essa mulher quebrar minhas barreiras sem piedade. Por ela, eu moveria céus e terras. E é assustador reconhecer isso.

— Amanhã, depois que o contrato estiver selado, ninguém poderá impedir que eu expanda meus negócios e cuide de tudo como bem entender. Nem Marios, nem seu pai, nem Aleksandar. — falo com uma convicção que surpreende até a mim mesmo. — Eles estão se unindo porque sabem que, sozinhos, não podem me derrotar. E mesmo que se juntem, vão cair. Vou retalhar cada um, se ousarem ficar em meu caminho.

Ela arregala os olhos, provavelmente impressionada com minha

determinação quase cruel. Em parte, é porque estou cheio de ódio ao imaginar que Marios me apunhalou pelas costas. Em parte, é a fúria por Aleksandar querer nos atacar, e seu pai ter feito um acordo abjeto, usando-a como moeda de troca.

— Você fala com tanta certeza... — ela comenta, como se não conseguisse esconder certa admiração e um leve temor.

— Porque tenho. — digo, firme. — É a verdade. E se tentarem alguma covardia, eu mesmo vou arrancar cada um do meu caminho.

Ela respira fundo, desviando o olhar por um segundo. Depois, pigarreia e tenta mudar de assunto, perguntando sobre o vinho ou sobre algum detalhe do restaurante. Mas noto que está refletindo sobre o que falei. Suspeito que uma parte dela está aliviada por saber que estou do lado dela, disposto a lutar. Outra parte, talvez, tema que eu me perca nessa sede de vingança.

O garçom chega com a comida e passamos alguns minutos numa conversa mais leve, sobre experiências gastronômicas, pratos típicos que ela ainda não conhecia. Faço comentários sobre a Grécia, e ela ri de como eu falo de certas tradições familiares que são bobas, mas que seguimos porque fazem parte da cultura. Nesse breve período, quase esqueço dos meus inimigos. O sorriso de Dominica me faz lembrar que há coisas boas no mundo e que ainda posso desfrutar delas, mesmo sendo quem sou.

— Você não parece o mesmo homem trocava farpas odiosas comigo, tanta vezes que não posso nem contar. — ela brinca, cortando um pedaço de carne. — Está... mais suave.

— Não se acostume — retruco, provocando com um riso contido. — Posso voltar a ser aquele homem a qualquer momento.

Ela ri, e faz uma leva careta.

— Ainda assim, gosto de ver esse seu lado, Aiden. O lado que relaxa e consegue... agir como se o mundo não fosse apenas guerra.

Sinto um aperto no coração, como se eu de fato tivesse encontrado algo precioso. Mas não respondo, prefiro manter o mistério. Terminamos o

jantar num clima de cumplicidade, e, quando nos levantamos, pago a conta, acenando para o *maître*. Ele nos deseja boa noite, e saímos do restaurante de braços dados.

No carro, peço ao motorista que nos deixe na mansão. Dominica se aconchega ao meu lado no banco traseiro, e eu a envolvo pela cintura. Fico sentindo o perfume dela e imaginando como seria a vida se não houvesse ameaças de todos os lados. Mas, talvez, seja exatamente esse perigo que apimenta a nossa história.

Assim que chegamos à mansão, há poucos empregados circulando. Já é tarde. Eu a guio pelos corredores, até pararmos em frente ao quarto. Ela ergue o rosto para me encarar e vejo algo brilhar em seus olhos, não apenas desejo, mas também preocupação pelo que contei.

— Você vai ficar bem? — ela pergunta, encostando a palma da mão no meu peito.

— Vou. — inclino meu rosto para beijá-la, um beijo lento e profundo, que carrega toda a intensidade do que vivemos hoje à noite. — Vamos descansar. Amanhã, a batalha continua.

Ela concorda, respirando contra meus lábios.

— Obrigada pelo jantar. Foi... especial. — sussurra.— Você vem?

— Eu já estou indo.

Sorrio de leve e ela assente, a observando entrar no quarto. O clique da porta se fechando me faz suspirar, sentindo-me estranhamente leve, apesar de tudo. Mas, logo em seguida, lembro de que Marios ainda me espreita como uma serpente. E não posso me dar ao luxo de vacilar. A noite de hoje foi um intervalo de paz, mas a guerra vai recomeçar amanhã.

Caminho até meu escritório, me jogo na poltrona e pego o celular para verificar mensagens. Carter não mandou mais nada, o que indica que Marios foi para casa ou para algum outro ponto. Me pergunto se ele fica tramando às escondidas, como um rato. Mas deixo isso para o próximo dia.

Fecho os olhos e lembro do riso de Dominica, do vestido vinho, da

forma como ela me olhou ao dizer “você não parece o mesmo homem”. Ela me faz sentir que talvez haja um futuro onde eu não precise ser apenas brutalidade e sede de vingança. Mas, no momento, o que tenho é a necessidade de esmagar qualquer um que ouse atentar contra nós.

Amanhã, selarei o contrato que me coloca em outro patamar no mercado internacional. Esse era meu objetivo quando a fiz meu acordo com o maldito Henri Prescott, quando aceitei esse casamento. Só que, agora, ela é muito mais que um objeto. É um motivo real para eu seguir. E, se Marios, Henri ou Aleksandar acharem que podem arrancá-la de mim, vão descobrir, da pior maneira, que não há limites para a minha retaliação.

Com esse pensamento, levanto e me dirijo ao quarto, e vejo Dominica já adormecida. E deixo que um sorriso domine minha face. Ela parece tão em paz, tão serena... e é assim que a quero ver sempre.

Sei que a tempestade se aproxima, mas, por algumas horas, permito que a apenas olhar Dominica dormir. Vou precisar de toda a minha energia ao amanhecer, quando o mundo lembrar que Aiden Andrianakis não é homem de recuar. E, dessa vez, a chama que me impulsiona tem nome e rosto: Dominica.

Me dirijo ao banheiro, para uma ducha rápida e ao sair, me deito ao lado de Dominica, sentindo o corpo relaxar. Minha mente, no entanto, permanece alerta, quase ansiosa pelas horas que virão. Quando o sol nascer, serei oficialmente um dos homens mais poderosos do país, e isso atrairá ainda mais cobras para meu quintal. Mas estou pronto para cortá-las pela raiz. Qualquer um que se coloque entre mim e o meu objetivo e, agora, o meu objetivo também é proteger Dominica, vai estar com os dias contados.



CAPÍTULO 23

Acordo com o despertador berrando às seis da manhã. Sinto um peso estranho no peito, fruto da raiva que fermenta dentro de mim desde a noite passada, mas também de uma estranha excitação. Hoje é o dia em que assino o contrato que me tornará não apenas ainda mais rico, mas especialmente intocável perante meus rivais. Por outro lado, hoje também planejo avançar contra Marios e seu comparsa no alto escalão, Leonidas, e descobrir exatamente até onde vai essa rede de traição.

Levanto, tomo um banho frio para espantar o torpor. Enquanto a água escorre pelos meus ombros, fecho os olhos e penso em Dominica. Lembro do jantar e de como, por algumas horas, me senti quase... normal. Sorrio de leve, mas o calor do chuveiro não é capaz de suavizar a fúria que ronda minha mente quando lembro dos inimigos prontos para nos derrubar. Desligo o chuveiro e me seco com velocidade. O tempo corre.

Depois de vestido, vejo que a cama está vazia e Dominica deve ter descido. Desço para o andar inferior. Carter me espera perto da porta de entrada, seu semblante refletindo urgência.

— Senhor Aiden — ele começa em tom sério —, temos novas informações. Um dos funcionários de alto escalão ligados ao departamento financeiro, Leonidas, está envolvido diretamente com Marios. Interceptamos mensagens nas quais ele planeja enviar dados confidenciais para contatos de Aleksandar Draković.

Prendo a respiração por um segundo. A raiva me corrói. Então eu estava certo em desconfiar de Leonidas: há, sim, uma rede de sabotagem dentro da minha corporação, e Marios é parte central disso.

— Bom — respondo, ajeitando a gravata —, porque hoje mesmo vou cuidar desse assunto.

Dou um pulo na cozinha onde Dominica está sonolenta enquanto toma seu café.

Me aproximo lhe dando um beijo e ela sorri.

— Vou passar a manhã fora, mas volto antes do almoço.

— Mas já? Não vai nem tomar café?

— Como algo no escritório. Preciso ir.

Ela apenas assente com um sorriso. Carter me segue até o carro.

Dirijo eu mesmo, sem motorista. Carter vai no banco do carona, me passando detalhes do que descobriu. Parece que Leonidas enviou dados falsos a meus parceiros, tentando implodir a negociação de hoje. Felizmente, interceptamos a maior parte. Mas não podemos garantir que não haja mais armadilhas. Eu me xingo mentalmente por ter sido ingênuo, achando que Marios não ousaria tanto. Agora, estou decidido a agir.

Chegamos ao prédio da Andrianakis Corporation. Subo com passos duros, ignorando os cumprimentos dos funcionários no saguão. Vou direto ao departamento financeiro. Abro a porta da sala de Leonidas sem bater, encontrando-o sentado, suando, os olhos arregalados. Ele tenta juntar papéis, mas é tarde. Eu avanço, pego-o pelo colarinho e o levanto, arrancando um grito sufocado dele.

— O que está fazendo? — balbucia, assustado. — Senhor Aiden, isso é...

— Cale a boca. — rosno, empurrando-o contra a parede. Carter tranca a porta. — Vai me dizer agora que não tem nada a ver com Marios e Aleksandar? Vai negar que tentou sabotar meu contrato?

Ele não consegue me encarar, a respiração em pânico.

— Eu... eu estava sendo pressionado, senhor Aiden. Marios me ofereceu um acordo, dinheiro... e Aleksandar me ameaçou! Eu não tinha escolha.

Meu maxilar trava. Ódio. Um ódio que cega. Aperto o colarinho dele mais forte, e Leonidas começa a ficar com o rosto vermelho. A raiva me faz querer socá-lo ali mesmo.

— Sempre há uma escolha — digo, entredentes. — Mas preferiu trair a mim e à corporação. Agora, vai me contar tudo, detalhe por detalhe. Ou eu quebro seus ossos.

Ele engole em seco, a voz tremendo.

— Marios se encontrou com Aleksandar... eles planejam usar o pai de Dominica para minar o senhor. Henri Prescott tem dívidas imensas, e Aleksandar chantageou-o. Em troca de saldar as dívidas.

Ele se cala. Como se pensasse se devesse continuar e o pressiono ainda mais, estou usando todo o autocontrole que tenho para não o matar com minhas próprias mãos.

— Continue, seu verme.

Ele desvia o olhar para Carter e depois para mim, sua respiração fica ainda mais ofegante.

— FALE, SEU MISERAVEL! — Grito contra ele e o vejo engolir em seco, o suor descendo cada vez mais por sua testa.

Leonidas engole em seco, os olhos piscando rápido, como se estivesse calculando cada palavra. Sua garganta se move, tensa, e a voz sai em um fiapo hesitante.

— Aleksandar... Ele queria que o senhor tivesse algo a perder.

Minha mandíbula se contrai, meu punho aperta ainda mais o colarinho dele.

— Fale direito, Leonidas.

Ele se encolhe contra a parede, sentindo a pressão do meu aperto. O suor pinga da sua testa, deslizando até a gola da camisa já amarrotada.

— Eu... eu não sei os detalhes exatos — gagueja. — Mas... pelo que entendi, Henri Prescott foi usado como um meio para plantar uma fraqueza em sua vida. Aleksandar queria que a garota... queria que Dominica fosse o seu calcanhar de Aquiles.

Meu sangue ferve, um redemoinho de raiva tão intenso que mal enxergo direito.

— Dominica... — repito, e minha voz sai baixa, ameaçadora.

Leonidas fecha os olhos, como se esperasse um golpe.

— O pai dela... ele... ele aceitou o dinheiro de Aleksandar. Em troca de se livrar das dívidas, Henri prometeu... prometeu a filha a ele.

O mundo ao meu redor silencia. O ar parece denso, difícil de respirar. Cada músculo do meu corpo fica rígido, e algo dentro de mim se rompe.

— O que você disse?

— Henri prometeu Dominica a Aleksandar — Leonidas se encolhe ainda mais. — Depois que conseguisse arruinar o senhor... ela seria um troféu. Ele faria o que quisesse com ela.

Um rugido explode dentro do meu peito. Sem pensar, solto Leonidas e o golpeio com toda a força. O impacto do soco joga sua cabeça para o lado, e ele cambaleia, batendo contra a mesa.

— Maldito... — rosno, minha respiração feroz, os punhos cerrados.

Carter não se move. Ele sabe que nada do que disser agora pode me parar.

Meu sangue gela. Sinto a pressão no peito aumentar, o coração batendo como um tambor. A lembrança de Dominica, suas expressões, o

sorriso, o olhar corajoso. EU sabia que o pai dela era capaz de vende-la, para alguém como eu. Mas isso? Essa maldita nojeira? Imagens de Dominica, indefesa, presa nas mãos de Aleksandar, me atravessam como facas.

— Desgraçado... — vocifero. — Onde está Marios agora?

Leonidas se encolhe, tremendo.

— Não sei. Ele... ele disse que viria pra cá só mais tarde.

— Então vou esperar. — O solto e enfio as mãos nos cabelos, tentando controlar a fúria. — E você vai ficar bem quietinho aqui, até eu decidir o que fazer com você.

Olho ao redor da sala, ainda fervendo de raiva. Vejo um abajur na mesa derrubado, papéis espalhados, o teclado do computador quebrado, o resultado da força que ataquei Leonidas. O encaro novamente, me decidindo se acabo com ele ou não, agora mesmo. Carter me puxa de lado, preocupado que eu mate Leonidas ali mesmo.

— Senhor, há um problema. Há um relatório urgente do seu advogado, dizendo que você tem poucos minutos para chegar à assinatura do contrato com os investidores estrangeiros. O pessoal já está reunido na sala de reuniões principal, esperando você.

Mordo o lábio, a frustração me dominando. Não posso perder esse contrato. Preciso dele, preciso legitimar meu poder. É um passo fundamental para esmagar Aleksandar e todos os outros.

— Fique de olho nele. — ordeno a Carter, apontando para Leonidas, que me encara apavorado. — Não deixe esse verme escapar. Quando eu terminar a maldita reunião, volto para cuidar dele e, se Marios aparecer, me avise de imediato.

Carter concorda e verifica a arma no coldre, pronto para qualquer eventualidade. Caminho para fora da sala, cruzando o corredor com passos firmes. Subo alguns andares até chegar à sala envidraçada onde os investidores me aguardam. A secretária praticamente corre até mim, avisando que todos já estão sentados.

Adentro a sala de reuniões e encontro rostos impassíveis de executivos de diversos países. Um deles, o mais importante, Atticus Vallen, me cumprimenta e pergunta se estou pronto. Forço um sorriso frio, tentando deixar a raiva para trás, mas ainda sinto meu sangue ferver a cada respiração.

— Senhor Aiden, está tudo bem? — um dos assessores me pergunta, talvez reparando na minha expressão sombria.

— Sim, vamos começar de uma vez. — sento-me na cadeira principal, esparramo os documentos na mesa. — Revisemos os últimos pontos, por favor.

Eles iniciam a explanação, mas minha mente está metade ali, metade na ideia de Henri vendendo Dominica para Aleksandar. O corpo inteiro de Dominica, a maciez que conheço, os gemidos que já provei, jogados nas mãos de um psicopata que me odeia. Engulo em seco, tento assinar as folhas sem tremer os dedos. Em menos de meia hora, a papelada está finalizada. Agora, sou oficialmente mais poderoso, mais blindado.

Agora é oficial.

Meu nome está ao lado de Atticus Vallen, o homem mais poderoso da Grécia.

Não, do o titã que reina sobre o Mediterrâneo.

Esse contrato me fez sócio do império dele, me tornando blindado, intocável. Enquanto todos nessa sala apertam minhas mãos e me felicitam, eu sinto a corrente do poder se fechando em torno de mim como uma armadura.

Por anos, lutei para unir cada uma das minhas empresas, para consolidar um império capaz de se erguer ao lado de Atticus. E agora, com sua assinatura ao lado da minha, eu não sou mais apenas um magnata.

Eu sou o segundo homem mais poderoso da Grécia.

Por debaixo dos panos, claro. Nenhum primeiro-ministro, nenhum governante eleito tem a influência que possuo agora. Nenhuma decisão financeira ou estratégica de grande escala pode ser tomada sem que meu nome esteja envolvido, sem que meus interesses sejam considerados. Se antes

eu era um rei no tabuleiro, agora sou o homem que segura as rédeas do jogo.

Atticus me observa por cima do copo de uísque que um dos assistentes serviu, um olhar astuto nos olhos. Ele sabe o que isso significa. Ele sabe que, ao me aceitar como parceiro, criou um monstro inquebrável.

— Você parece satisfeito, Aiden — ele comenta, a voz grave e carregada de ironia.

Abaixo o copo antes de dar um gole.

— Porque estou.

Ele sorri de canto, um sorriso calculado. Atticus é tão brutal quanto eu, mas ao contrário de mim, nasceu em berço de ouro e sempre teve o poder em suas mãos.

— Bem, espero que esteja pronto para o que vem depois. — ele diz.

Não preciso perguntar a que ele se refere. Sei exatamente do que fala. Agora que conquistei meu lugar ao lado dele, todos que se opõem a mim vão tentar me derrubar. Mas eles não têm ideia do que estou disposto a fazer para me manter no topo.

Troco breves apertos de mão com os executivos, cumprindo a etiqueta. Todos saem, satisfeitos com a assinatura. Mal todos eles cruzam a porta, bato as duas mãos na mesa, derrubando minha pasta de documentos. O estrondo ecoa na sala vazia. Minha respiração está ofegante, não de esforço físico, mas de pura raiva contida. Aperto o maxilar, fecho os punhos.

Um segurança aparece na porta, preocupado. Faço sinal para que saia. Recolho meus papéis, vou ao banheiro privativo da sala, fecho a porta e olho meu reflexo no espelho. Meus olhos parecem de um predador ferido. Lembro-me de cada detalhe do que Leonidas falou: “Henri ofereceu Dominica... Aleksandar planeja algo terrível com ela... Marios auxilia.”

Dou um soco no espelho, trincando o vidro. Um corte superficial se abre nos meus nós dos dedos, o sangue escorre levemente. Não sinto dor, só ódio. Abro a torneira e lavo a mão, tentando não fazer um estrago maior. Pego um lenço de papel, pressiono contra o ferimento. Respiro fundo, e sai

um rosnado quase animal da minha garganta.

— Isso não vai ficar assim. — digo para meu reflexo rachado. — Vou acabar com esses malditos. Vou fazer Aleksandar engolir cada ameaça. E Henri... também pagará.

Minha mente fervilha. Decido que preciso falar com Aleksandar agora. Não posso esperar. Se ele acha que pode tocar em Dominica ou sabotar meus negócios, vai descobrir que eu também sei usar táticas sujas.

Dispo-me do paletó ensanguentado, jogo-o num canto. Com a mão ainda latejando, saio e chamo Carter pelo celular. Ele atende na hora.

— Carter, esqueça Leonidas por enquanto. Mande dois homens vigiá-lo. Você vem comigo.

— Para onde, senhor?

— Vou até o porto. Sei que Aleksandar circula por lá. Ele não está se escondendo tanto quanto antes. Vamos pegá-lo de surpresa.

— Mas... — Carter hesita. — É muito arriscado. Aleksandar tem homens armados até os dentes. O senhor deveria planejar melhor.

— Já planejei. — minto, engolindo a raiva. — Só faça o que digo. Não posso deixar essa escória livre por aí, tramando contra mim e Dominica.

Carter cede, combinamos de nos encontrar na garagem. Desço às pressas, ainda com a mão ferida. Adentro meu carro, Carter vem em outro veículo, trazendo alguns seguranças armados. Partimos em comboio para a zona portuária.

O trajeto me parece rápido, talvez pela adrenalina nas veias. Cada segundo que se passa, penso em Dominica, no que fariam com ela se tivessem chance. Isso me enlouquece. Vou acabar com Aleksandar de uma vez por todas se for preciso.

Chegamos a um galpão antigo, onde Carter diz ter avistado movimento de capangas. Param os carros, descemos em silêncio. Dou instruções para que formem um semicírculo de abordagem. Mas, no fundo,

sei que o local está repleto de homens de Aleksandar. O clima é tenso.

Assim que entramos no galpão, somos recebidos a tiros. Meus seguranças revidam, e há um breve tiroteio intenso. Me abaixo atrás de uma pilha de caixotes, observo três capangas correndo, disparando contra nós. Carter atira, alveja um deles. Grito para avançarmos, e corremos.

Um dos homens de Aleksandar surge ao meu lado, me golpeia com a coronha da arma. Eu desvio por reflexo, mas sinto a pancada no ombro. Minha mão ferida lateja, mas consigo agarrar o pescoço dele, golpeando a lateral do seu rosto com o punho livre. Ele cai, sangrando.

— Onde está Aleksandar? — berro, mas o homem apenas cospe sangue e tenta me chutar. Desvio, seguro sua perna e, com um movimento brusco, o arremesso contra caixas empilhadas. Ele apaga.

Continuo a busca, Carter ao meu lado. Outras trocas de tiro ecoam. Eu sei que foi a maior loucura que já fiz vir até aqui sem um plano, mas eu não poderia aguentar um segundo mais depois de tudo que descobri. Minha mente só tem ódio e desejo de retaliação.

Vejo corpos de capangas caídos, mas nenhum sinal de Aleksandar. Encontro apenas mais um bando de homens armados, que tentam nos cercar. O tiroteio reacende. Carter me puxa para trás de um contêiner, enquanto balas zunem. Meus homens respondem, derrubando dois inimigos. Uma bala passa de raspão pela minha coxa, sinto o ardor cortante.

— Porra! — vocifero.

— Senhor, precisamos recuar. — Carter diz, olhando em volta. — Não há sinal de Aleksandar, só capangas. Eles estão mais preparados e em maior número, isso é suicídio.

Minha fúria me pede para seguir, matar todos. Mas o bom senso me manda sair antes de ser cercado. Meus homens levantam fogo de cobertura, e recuamos para o carro. Entro cambaleando, o ombro e a coxa queimando. Carter pisa fundo, fugimos do local.

Dentro do carro, meu sangue escorre pelas roupas, e sinto a vista turva. Carter me encara com preocupação, e vejo a imagem do retrovisor

refletir a fumaça ao longe, no galpão. Deixamos muitos feridos para trás, mas eu não tive o que queria.

— Porra, porra, porra! — grito enquanto bato na poltrona do carro.

— Chamarei um médico particular. — Carter diz, tentando manter a calma.

Balanço a cabeça, minha voz rouca:

— Que seja. — respiro com dificuldade, o peito subindo e descendo. — Mas... não me arrependo. Precisava fazer Aleksandar saber que não tenho medo dele.

Carter não responde, só acelera. Meus olhos pesam. Aleksandar ainda está à espreita, e Marios, provavelmente, o auxiliando. Mas não importa. Eu vou enfrentá-los de novo, e de novo, até não sobrar um.

Minha preocupação agora é chegar vivo até em casa, encontrar Dominica. O pensamento dela me dá forças, mesmo que eu sinta a dor latejar na perna. Talvez eu devesse ter planejado melhor a abordagem, eu nunca agi por impulso antes.

Olho pela janela enquanto o carro avança. As ruas de Atenas passam como vultos, e minha mente lateja com imagens de sangue, tiros e a lembrança odiosa de Henri vendendo a própria filha. Juro para mim mesmo: *eu vou dar a Dominica a paz que ela merece*. E, quanto a Aleksandar, não escapará da próxima vez.



CAPÍTULO 24

Eu perco a noção do tempo enquanto aguardo Aiden voltar. Passei a manhã inteira ansiosa, andando de um lado para o outro nos corredores da mansão. Tentei ler, mas não consegui me concentrar. Tentei tomar chá para acalmar os nervos, mas acabei só me sentindo enjoada.

O plano era ele voltar cedo para assinar alguns documentos referentes ao contrato bilionário, mas já passa de meio-dia e ninguém me diz onde Aiden está. Sinto um aperto no peito, lembrando de todas as ameaças que cercam nossa vida. Aleksandar e seu ódio mortal. Meu pai, que sinto que posso esperar qualquer coisa. E Marios, supostamente amigo de Aiden, mas aliado desses inimigos.

Decido ficar na sala de estar, sentada numa poltrona, fingindo ler uma revista. Petra, a governanta, percebe minha ansiedade e me oferece um suco. Aceito só para ter algo nas mãos. Dou goles curtos, o suco amarga na boca, porque minha mente está cheia de cenários horríveis: Aiden ferido, ou morto. A simples ideia me faz tremer.

Ele já deveria ter chego, eu sei que sim.

Finalmente, ouço passos apressados no hall de entrada. Levanto num pulo. É Carter e mais dois seguranças carregando Aiden, que cambaleia, com a camisa rasgada e sangue manchando o tecido na altura do ombro e da coxa. Meus olhos se enchem de lágrimas instantaneamente. O copo de suco cai da minha mão, espalhando líquido no tapete.

— Aiden! — corro até ele, meu coração disparado. — Meu Deus, o que aconteceu?

Ele não responde de imediato, os lábios contraídos de dor. Carter, em tom urgente, diz:

— Vamos deitá-lo no sofá. Já chamei o Dr. Darius. Ele vem em alguns minutos.

Eu me aproximo e ajudo, mesmo tremendo. Vejo que há um ferimento no ombro, uma mancha escura se espalhando. Na coxa, a calça está furada e há sinais de sangue seco. Aiden fecha os olhos, respirando com dificuldade.

— Droga... Carter... — ele balbucia. — Você e nossos homens... conseguiram sair todos?

— Sim, senhor. Perdemos um carro, mas saímos com vida. Alguns feridos leves, nada grave como o seu caso. — Carter explica, enquanto improvisa um curativo rápido com gaze e esparadrapo.

Eu permaneço ao lado de Aiden, segurando a mão dele, incapaz de conter as lágrimas que escorrem. Ele ergue as pálpebras e me fita, a expressão dura, mas os olhos demonstrando certo alívio por me ver.

— Você está vivo... — murmuro, engolindo o choro. — Mas, Aiden, por quê? Onde você foi?

Ele fecha o maxilar, como se não quisesse revelar detalhes na frente de todos. Olha para Carter, que entende o recado e afasta os outros funcionários. Ficamos só nós três.

— Fui atrás de Aleksandar. — Ele suspira, tentando não demonstrar fraqueza. — Precisava dar um recado para aquele desgraçado. Mas eles tinham mais homens do que previámos...

— E você quase morreu! — minha voz sai mais alta do que pretendia, misturando raiva e desespero. Aperto a mão dele contra meu peito. — Acha que resolve o quê se suicidando? Por favor, não faça mais isso...

Ele não discute, apenas me observa com um lampejo de remorso. Petra aparece para dizer que o Dr. Darius chegou. Em segundos, o médico entra, examina Aiden, faz perguntas rápidas. Expulsa quase todo mundo da sala, menos eu, para poder agir. Limpa o ferimento na coxa, que felizmente foi um tiro de raspão. Depois, analisa o machucado no ombro, que parece um corte ou uma bala que passou muito próximo, rasgando a pele. Aiden reage com gemidos abafados, o rosto torcido de dor, mas não solta grandes reclamações.

— Vou suturar isso — o médico avisa, concentrado. — É superficial, mas profundo o bastante para exigir pontos. Será dolorido, mas necessário.

Eu seguro a mão de Aiden, tentando não chorar. Ele aperta meus dedos, sufocando um grito quando a agulha entra na carne. Vejo o sangue escorrendo, o médico limpando, suturando. Cada ponto me revira o estômago, mas não desvio o olhar. Se ele pode aguentar essa dor, posso ao menos testemunhar.

Após uns vinte minutos tensos, Dr. Darius termina e prescreve medicamentos para dor e antibióticos.

— Você deveria ir até o hospital, Aiden. — ele diz.

— Nem pensar, e ter que responder todas as perguntas que virão disso? — Aiden responde. — É por isso que temos você, Dr. Darius, você é melhor no que faz, não preciso de mais nada.

— Existe um limite que posso chegar, Aiden e você deveria ser mais cauteloso.

Aiden não o responde e ele termina de fazer um curativo maior.

— Precisa repousar por alguns dias, Aiden. Sem grandes esforços. — ele alerta.

Deixa recomendações para limpeza diária e troca do curativo. Então se despede, sem entrar em detalhes sobre o que aconteceu. Conhece a reputação de Aiden e sabe que perguntas demais não são bem-vindas.

Quando o médico vai embora, volto para perto de Aiden. Ele está

reclinado no sofá, sem camisa, exibindo o tronco musculoso e agora enfaixado no ombro. Petra e Carter se afastam, e ficamos a sós. Me abaixo e toco seu rosto.

— Dói muito? — pergunto, com a voz embargada.

Ele me encara, e vejo que seus olhos, apesar de exaustos, ainda brilham com aquela determinação inesgotável.

— Dói... mas já senti pior. — murmura.

Minhas lágrimas voltam a escorrer. Tento secar com a ponta dos dedos, mas não consigo controlar. Ele ergue a mão sã e pousa no meu rosto.

— Por que está chorando, Dominica? — ele indaga, a voz suave, apesar de toda a situação.

— Porque... eu me sinto culpada. — confesso, soluçando. — Você só foi atrás desse maldito Aleksandar por minha causa. Se não fosse eu, você não estaria nessa situação. Tudo isso é um pesadelo que gira em torno de mim, do que meu pai fez, de eu ter me casado com você...

Aiden solta um suspiro profundo, me puxa delicadamente para mais perto, mesmo com a dor.

— Eu iria atrás dele de qualquer jeito. Aleksandar me odeia há anos. Ele não vai sossegar até me ver morto. Então, não pense que a culpa é sua, pequena. — Ele beija minha testa, e sinto o calor de seus lábios. — Você é a única coisa boa nesse caos, Dominica. Não ouse achar que é responsável por isso.

Um tremor atravessa meu corpo. Encosto minha testa no peito dele, ouvindo suas batidas fortes do coração. Ele me envolve com o braço livre, e fechamos os olhos por um instante. Sinto a paz me envolver, mas também uma adrenalina estranha ao estar tão próxima de alguém machucado por minha causa, ou assim enxergo.

Minutos se passam. Sinto que ele luta contra a dor, a tensão muscular denunciando cada pontada no ferimento. Ainda assim, ele não me solta. Finalmente, tomo coragem:

— Vou trocar sua calça. Você está sujo de sangue. Deixe-me ajudar a limpá-lo. — murmuro, corando um pouco.

— Não precisa... — ele protesta, mas a voz soa fraca.

— Precisa, sim. — retruco, decidida. — Você não consegue sozinho, e eu não vou deixar ninguém mais tocar em você desse jeito.

Ele solta um riso fraco, como se estivesse divertido pela minha determinação.

— Está bem, só um minuto então. — ele diz e logo chama Petra que surge na sala de repente.

— Sim senhor... — ela diz.

— Não quero que ninguém entre nesse cômodo, até que eu dê as ordens liberando.

— Entendido senhor. — ela diz. — Precisa de mais alguma coisa?

— Toalhas quentes e úmidas, por favor.

— Sim já irei trazer.

Petra não demora até trazer o que Aiden pediu e eu cautelosamente, abro o cinto e puxo a calça manchada até os joelhos, expondo suas coxas firmes. Ele geme baixo quando preciso levantar um pouco sua perna para retirar completamente a peça. Vejo escoriações, mas nada grave além do ferimento já cuidado.

Com uma toalha umedecida, limpo o que restou de sujeira e sangue, tomando cuidado para não causar dor. É um momento íntimo, intenso. Meus dedos traçam sua pele, e sinto o calor do corpo dele. Aiden me observa em silêncio, respira fundo, como se precisasse se controlar.

Quando termino, sinto meu corpo inteiro vibrar com a proximidade. Ele está praticamente nu, restando apenas a boxer escura. A musculatura tensa, os curativos nos lugares onde levou pontos ou foi raspado. O cheiro inconfundível de sua pele, que me afeta de um jeito visceral.

— Obrigado... — ele diz, a voz rouca.

— Não agradeça. — Deixo a toalha de lado, subindo o olhar para o rosto dele. — Preferia que nada disso tivesse acontecido.

— Eu também. Mas já que aconteceu... — ele faz uma pausa e estica a mão boa na minha direção, segurando minha nuca. — ...quero aproveitar que estou vivo.

Seus olhos me encaram cheios de desejo. Meu coração se acelera.

— Você está ferido. Precisa de repouso. — protesto, mas minha voz sai fraca.

— Eu preciso de você, Dominica, mais do que de descanso agora. — Ele sussurra, puxando meu rosto para perto do dele.

Nossos lábios se tocam num beijo lento, que começa suave, mas logo se torna faminto. Minha respiração falha, e subo as mãos por seu peito, tomando cuidado para não encostar no machucado no ombro. Ele solta um gemido baixo quando aprofundo o beijo, sugando seu lábio inferior.

— Droga... você me deixa louco. — Ele murmura, entre beijos. — Mesmo todo estropiado, não consigo me segurar.

— Então, me deixe cuidar de você. — Respondo, um arrepio percorrendo minha coluna.

Deslizo uma das mãos pela lateral do seu tronco, sentindo a musculatura tremer sob meu toque. Ele tenta se erguer, mas gemo, pedindo que não force o ferimento. Então, me posiciono por cima dele no sofá, com as pernas de cada lado de sua cintura, mas sem pressionar seu ombro, ou sua perna. O calor entre nós é palpável.

— Você deveria ficar quieto — brinco, enquanto deposito beijos no pescoço dele.

— Me fazer ficar quieto é impossível. — Ele rebate, envolvendo minha cintura com o braço bom, me puxando de encontro ao corpo.

Minha excitação sobe como um incêndio em mato seco. A lembrança de todo perigo, de que ele saiu vivo por pouco, me impulsiona. Quero sentir que ele está aqui, que está bem e me deseja. Esse desejo de confirmar que ainda estamos juntos, apesar de tudo, me devora.

Desabotoo meu vestido com pressa, revelando meus seios. Aiden devora minha pele com o olhar, mesmo sentindo dores. Ele me puxa para um beijo ardente. Sinto seu membro enrijecer por trás da boxer, roçando em mim. Minha calcinha já está molhada, ansiosa pelo contato.

— Porra... Dominica, você é tudo que preciso. — Ele geme contra meu pescoço, mordiscando meu lóbulo.

Escorrego a calcinha para o lado, ao mesmo tempo em que puxo a boxer dele. Ele solta um suspiro profundo ao se ver livre, completamente exposto. Me encaixo com cuidado nele, e sinto o corpo de Aiden pulsando contra minha entrada. Mesmo ferido, ele exala uma energia bruta que me faz gemer.

— Devagar... — sussurro, temendo machucá-lo.

— Não se preocupe comigo. — Ele grunhe, apertando minha coxa com a mão boa. — Mais rápido, Dominica.

Obedeço, encaixando-o inteiro dentro de mim. Um gemido rouco escapa dos dois. Meus olhos reviram ao sentir o prazer intenso de tê-lo, quente e duro, preenchendo meu corpo. Seguro a nuca dele, enquanto me movo devagar, tentando não pressionar seus ferimentos. Mas, mesmo assim, a necessidade fala mais alto e acelero os movimentos.

O sofá range. Meus seios roçam no tórax dele, e cada estocada nos aproxima mais. A respiração de Aiden se torna pesada, os gemidos escapam num ritmo que aumenta conforme intensifico minhas coxas.

— Merda... — ele murmura, entreabrindo os lábios, a cabeça tombando para trás por um instante. — Estou no paraíso e no inferno ao mesmo tempo.

Sorrio, confusa, sem parar de me mexer.

— Por quê?

— Porque dói pra caramba... — ele arqueja. — Mas te sentir assim é indescritível. Não consigo parar.

Comovida, diminuo um pouco o ritmo para não castigá-lo, mas ele segura minha cintura com força, exigindo que eu continue. Meus gemidos ficam mais altos quando sinto ondas de prazer dominando meu ventre. É um paradoxo: cuidar para não feri-lo e, ao mesmo tempo, entregar-me a essa paixão desenfreada.

Minha mão desliza pelo abdômen dele, subindo até o peitoral, enquanto mantenho o balanço dos quadris. Sinto a pressão deliciosa aumentar, aquela tensão que anuncia o orgasmo. Aiden geme, puxa meus cabelos, me toma num beijo voraz e sussurra contra meus lábios:

— Vem, baby... não se contenha. Goze para mim.

Essas palavras ardem como brasa. Um tremor percorre meu corpo, e solto um grito contido quando o prazer explode. Meus músculos internos se contraem em torno dele, e Aiden rosna em resposta. Sinto-o pulsar e, enfim, se liberar dentro de mim, ofegando com o rosto enterrado em meu pescoço.

Ficamos assim, colados, suados, com a respiração irregular. Meu coração bate tão forte que quase posso ouvi-lo ecoar pelo ambiente. Aiden treme um pouco, talvez pela dor mesclada ao prazer. Deslizo meus dedos pelos cabelos dele, tentando acalmá-lo.

— Desculpe... — ele murmura, ainda sem fôlego. — Se forcei demais.

— Eu queria isso tanto quanto você. — Respondo, a voz trêmula. — Só me prometa que vai se poupar, Aiden. Estou com medo de te perder.

Ele suspira, me abraçando com mais suavidade.

— Não vou a lugar nenhum sem você. — diz, beijando meu ombro.

Deito a cabeça sobre o peito dele, sentindo a satisfação me invadir junto a uma ponta de tristeza. Sei que nossa realidade não permite momentos

longos de paz. Mas, por ora, me aconchego ali, escutando as batidas do coração de Aiden, grata porque ele voltou para mim.

O mundo lá fora é perigoso. Aleksandar continua à espreita, Marios planeja uma traição, e meu próprio pai é capaz de qualquer baixeza. Mas, neste instante, estamos eu e Aiden, sobreviventes de um campo de batalha, unidos por um desejo que ultrapassa o mero contrato que nos forçou a ficar juntos.

Deslizo os dedos pelos cabelos dele, e sinto Aiden fechar os olhos, talvez finalmente cedendo ao cansaço. Me permito acreditar que, de agora em diante, lutaremos lado a lado contra tudo e todos. E, se depender de mim, não haverá segunda chance para quem nos ameaçar. Afinal, ao ver Aiden ferido e pensar em perdê-lo, percebi o quão disposta estou a defender esse laço.

Enquanto ele adormece, mantenho a cabeça apoiada em seu peito, lágrimas silenciosas escorrendo. Não são mais só de medo, mas também de alívio e de amor. Tenho certeza de que o amo, e que faço qualquer coisa para protegê-lo, inclusive enfrentar meu pai, Aleksandar e quem mais ousar nos separar.



CAPÍTULO 25

Duas semanas depois

Respiro fundo diante do espelho, tentando acalmar meus nervos. Estou no meu quarto, a luz suave do fim de tarde invadindo as cortinas. Passaram-se duas semanas desde o confronto que quase matou Aiden. Ele se recupera bem, embora ainda sinta dores ocasionais no ombro e na perna. Mas, para ser sincera, parece até mais feroz e determinado. Como se aquela luta tivesse acendido algo ainda maior dentro dele.

Eu, por outro lado, mal durmo. Fico assombrada pelas lembranças de vê-lo coberto de sangue, cambaleando na porta da mansão. A cada pesadelo, corro para checar se ele está ao lado. Mesmo sabendo que está melhor, a imagem do ferimento não me deixa em paz.

Olho meu reflexo outra vez. Meus cabelos estão presos em um coque simples, pois não vou me arrumar completamente agora. Ainda estamos nos preparativos do grande baile que acontecerá amanhã, para comemorar a aliança entre Aiden e Atticus Vallen. A parceria bilionária finalmente se materializou, e Aiden quer uma celebração de gala na mansão. Ele me convidou, ou melhor, me encarregou de cuidar de grande parte da organização. E eu aceitei, não por obrigação, mas porque há um pingo de empolgação.

Sempre gostei do clima de festas grandes, da sofisticação, do requinte. Quando era criança, minha mãe me deixava acompanhar os preparativos dos

bailes na nossa antiga casa, em Nova York. Parecia outro mundo. Eu não imaginava que, um dia, voltaria a participar de um baile semelhante... ainda mais como esposa de um bilionário grego. É quase surreal.

Saio do quarto, seguindo para o grande salão onde ficará a pista de dança. O piso de mármore reflete as luzes instaladas pelos decoradores. Há arranjos de flores por todos os cantos, e caixas e mais caixas de toalhas de mesa, copos de cristal, talheres finos. É quase caótico. Mas, ao mesmo tempo, é revigorante colocar as mãos na massa. A família Prescott caiu em ruínas, mas eu ainda lembro de cada detalhe que minha mãe me ensinou sobre eventos de grande porte: as flores que combinam com o tom do lustre, as cores que deixam o ambiente mais acolhedor, a sequência de pratos servidos. Tudo.

Vejo dois funcionários discutindo sobre onde posicionar um piano de cauda. Aproximo-me.

— O piano precisa ficar perto da varanda lateral, para que os convidados vejam o jardim enquanto a música toca — explico, sorrindo. — O fundo do salão é muito escuro, perderia todo o charme.

Eles concordam, aliviados por eu ter decidido. Sigo orientando mais algumas coisas. Mesmo com o coração aos saltos, afinal, não faço isso há anos, sinto uma pontada de satisfação. Por um instante, esqueço dos perigos de Aleksandar e das ameaças constantes. Parece até que vivemos num mundo normal, de pessoas normais, preparando uma festa normal. Quanta ilusão...

Enquanto distribuo instruções, dou de cara com Aiden, parado ao lado de Carter, o chefe de segurança. Eles cochicham algo, mas param assim que me veem. Aiden está num terno escuro, sem gravata, e observa tudo com um semblante contido. O braço ferido já não precisa de tipóia, mas há cicatrizes visíveis sob a camisa. Ele olha para mim e dá um sorrisinho enviesado.

— Quanta eficiência — ele comenta. — Vejo que levou a sério minha sugestão de organizar o baile.

— Você me “sugeriu” meio que como uma ordem, mas tudo bem — retruco, cruzando os braços. — Gosto de fazer as coisas direito.

Aiden arqueia a sobrancelha, com aquele ar de homem que gosta de dominar qualquer situação. Mesmo assim, percebo um lampejo de admiração no olhar dele.

— E está ficando perfeito. Eu não esperava menos de você.

Meu rosto esquenta. Sempre me perco um pouco quando ele me elogia. Uma parte de mim está orgulhosa, mas a outra parte não esquece que estamos cercados de inimigos.

— Aliás, Carter, verifiquei a entrada lateral. Precisamos reforçar a segurança para amanhã, certo? — Aiden diz, sem tirar os olhos de mim.

— Sim, senhor. Já posicionei quatro homens naquele setor — Carter responde.

Concordo internamente. Desde o dia do confronto, Aiden redobrou a segurança, e Carter não descuida de nenhum detalhe. Apesar disso, sinto uma angústia, como se o perigo estivesse apenas adormecido, esperando para atacar.

♥

Tudo pronto, os decoradores se retiram, e a mansão entra em calmaria. Antes de recolher-me, reviso uma lista de convidados com Aiden no escritório.

— Tem certeza de que quer esses nomes? — aponto para uma seção que inclui figuras da alta sociedade que eu sei que não gostam dele. — A festa não ficará tensa?

Ele dá de ombros.

— Precisam ver minha vitória de perto. Que se mordam de inveja. E também pretendo mostrar que não tenho medo de conviver com inimigos declarados.

— Você e essa mania de afrontar... — murmuro, balançando a cabeça. — Só espero que não arrume confusão no meio do baile.

Ele sorri de canto, um sorriso felino.

— Não vou estragar a noite que você preparou com tanto empenho. Fique tranquila. Sou um perfeito anfitrião. Quando quero.

— Sim, quando quer. — Reviro os olhos.

Mas não deixo de notar como Aiden está lindo nessa noite, mesmo sem formalidades. Parece mais descansado, embora eu saiba que ele ainda tem problemas para dormir às vezes. O corpo dele ainda se recupera dos ferimentos, mas a energia que emana é a de um predador pronto para qualquer combate. Sempre me deixa arrepiada.

Dou boa-noite e vou para o quarto. Mas a adrenalina do dia me impede de relaxar. Tomo um banho morno, visto um robe macio e me jogo na cama. Penso em como tudo parece "calmo" demais nas últimas duas semanas.

Aleksandar não apareceu, nenhuma mensagem de chantagem, nenhuma ameaça explícita. Meu pai, também sumiu do mapa, e Marios não deu as caras em lugar nenhum. Carter diz que não param de investigar, mas ninguém encontra vestígios. Parece uma calmaria suspeita, como se eles estivessem planejando algo grande.

Fecho os olhos, tentando dormir. Meu corpo está exausto, mas a mente gira em mil ideias. Imagino o baile, a música, as pessoas rindo, o brinde que Aiden fará com Atticus Vallen para selar a parceria. E imagino também a sensação de estar ao lado dele como esposa, mesmo que tudo tenha começado por contrato. Me sinto estranhamente ansiosa por isso. Uma parte de mim quer brilhar, quer que as pessoas vejam que não sou apenas "a vendida" do pai endividado. Sou a mulher de Aiden Andrianakis, e que se dane o que pensam.

♥

Acordo cedo, ansiosa por ver os últimos preparativos. Visto-me com roupas leves e corro para supervisionar os arranjos de flores que chegam. A casa fica repleta de gente: floristas, garçons, seguranças adicionais, músicos, técnicos de som. Uma loucura total. No meio disso, Aiden e Carter discutem algo sobre reforçar barreiras externas, e eu finjo que não escuto. Foco nos meus afazeres, mas noto a tensão no semblante de Aiden.

Por volta das oito da noite, tudo está quase pronto. O salão principal se transformou num cenário de sonhos, com lustres reluzentes e mesas decoradas em branco e dourado. A orquestra já afina instrumentos, e os garçons circulam com bandejas de champanhe. Subo para me arrumar, sentindo um frio na barriga. É o primeiro grande baile que organizo desde... desde sempre... Os últimos que fui antes de minha família falir completamente, já fazem anos. É estranho pensar nisso.

Chego ao meu quarto e me deparo com o vestido que escolhi: um longo preto, com um decote generoso e fenda lateral. É ousado, mas estou me sentindo confiante.

Penteio os cabelos, faço uma maquiagem mais marcante, e visto o vestido. Olho-me no espelho e aprovo o resultado. Aiden ainda não me viu assim. Sorrio ao imaginar a reação dele.

Desço as escadas, já ouvindo o burburinho de convidados chegando. Há carros de luxo na entrada, flashes de fotógrafos autorizados. O coração dispara. Quando entro no salão, alguns olhares se voltam para mim, talvez curiosos por me verem tão produzida. Mantenho o queixo erguido, lembrando dos ensinamentos da minha mãe: *"Ande como se o mundo fosse seu."*

Vejo Aiden no outro canto, ao lado de Atticus Vallen, sorrindo para alguns empresários. Ele usa um smoking preto, gravata borboleta, o cabelo bem penteado. Um verdadeiro deus grego, sem exagero. Sinto um arrepio ao notar como seu olhar me acompanha quando me aproximo.

— Boa noite, senhores — cumprimento Atticus e mais dois investidores. — Espero que estejam gostando da festa.

— Está tudo maravilhoso — Atticus diz, sorrindo e apertando minha

mão educadamente. É um homem jovem e atraente, barba bem feita e olhar perspicaz.

Aiden me puxa levemente pela cintura, sem cerimônia, colando-me a seu lado.

— Dominica se dedicou muito a esse baile. Tenho certeza de que será inesquecível — ele comenta, a voz firme e confiante.

Pego uma taça de champanhe de um garçom que passa, ergo-a num brinde mental a mim mesma.

A festa segue, as pessoas dançam, riem, brindam. Aiden circula com Atticus para apresentar-lhe contatos importantes. De vez em quando, ele me lança um olhar íntimo, indicando que continua de olho em mim. Ou talvez eu esteja de olho nele.

Mais tarde, descanso por um segundo perto de uma pilastra, ajeitando meus cabelos. Então meu celular vibra em minha pequena bolsa. Estranho, quem me ligaria a essa hora? Meu estômago se contrai. Atendo no segundo toque, o coração disparado, enquanto tento não transparecer o pânico crescente.

— Alô? — minha voz sai quase num sussurro.

O que ouço do outro lado me faz congelar. Uma voz distorcida, fria, sem qualquer emoção, ordena:

— Fique imóvel.

Meu corpo obedece antes que minha mente consiga reagir. Um arrepio percorre minha espinha. Minha respiração trava.

Então, noto uma pequena luz em minha mão. Tremendo, acompanho seu movimento discreto e preciso, como se tivesse vontade própria. Ela desliza pelo salão, atravessando o brilho dourado da festa, até parar no sapato de Aiden.

O mundo parece se estreitar.

Aiden continua conversando com Atticus, alheio ao perigo. Ninguém mais percebe. Os seguranças estão atentos, mas essa luz... é pequena demais. Imperceptível demais.

A voz retorna, firme, cortante como lâmina afiada:

— Aiden está em nossa mira.

O ar some dos meus pulmões. Meus dedos apertam o celular com

força.

— Nos encontre agora, no fundo do jardim da mansão, ou ele morrerá.

A chamada cai.

Fico ali, paralisada, sentindo o champanhe virar ácido em minha garganta. Meu olhar volta para Aiden. Ele sorri de lado para algo que Atticus diz, os olhos brilhando com uma segurança que me parte ao meio. Ele não faz ideia.

E eu não tenho escolha.

♥

Disfarço e saio pelo salão lateral, passando pelos jardins iluminados. O lugar está cheio de convidados andando, rindo. Finjo que estou apenas dando uma volta. Mas, aos poucos, me afasto cada vez mais, seguindo rumo ao fundo da propriedade. As luzes vão diminuindo. A música se torna distante. O coração bate descompassado.

— Calma, Dominica. Você já lidou com coisa pior — murmuro para mim mesma, mesmo sabendo que estou prestes a fazer uma loucura.

Chego perto de uma cerca alta que delimita a área posterior da mansão. As árvores criam sombras inquietantes. Procuro algum movimento, mas não vejo nada. O vento balança os galhos. Me arrepio com o som do vento passando pelas folhas, parecendo sussurros sombrios.

— Olá? — chamo, numa tentativa de parecer corajosa. — Estou aqui seus malditos!! O que querem? — grito, sem conseguir disfarçar meu nervosismo.

Meu celular vibra outra vez. Agora com uma mensagem curta:

“Ótimo. Siga até o portão de ferro. Sem gritar.”

Procuro o portão, distingo uma estrutura antiga de metal encoberta por heras. Engulo em seco e caminho até lá, olhando para trás para ver se ninguém me seguiu. Tudo silencioso. Como é possível que esse canto esteja

tão vazio enquanto a festa acontece a poucos metros?

Assim que alcanço o portão, sinto um pano úmido pressionado contra meu nariz e boca. Minha visão escurece no ato. Tento me debater, mas é inútil. Sinto braços fortes me segurando por trás. Tento gritar, mas não sai som. Uma tontura me domina. O celular cai da minha mão, e tudo fica turvo.

Minha última consciência é de que me agarram pela cintura, e escuto uma voz áspera sussurrando:

— Temos a dama. Vamos rápido.

Depois, tudo apaga.



CAPÍTULO 26

Vejo as luzes do salão dançarem pelos lustres enquanto caminho de um lado a outro, impaciente. A festa está a todo vapor: música clássica, gente esbanjando sorrisos falsos e conversas supostamente agradáveis. Várias taças de champanhe reluzem nas bandejas. Normalmente, eu circularia entre os convidados, mostraria minha postura confiante e cumprimentaria cada investidor estrangeiro que veio me prestigiar. Mas, agora, há algo estranho no ar. Um vazio. Falta ela... faz alguns minutos que não a vejo.

Onde está Dominica?

Quando termino uma conversa com Atticus Vallen e olho ao redor para encontrá-la, sinto os pelos da nuca se eriçarem. Dois dos meus seguranças, sempre atentos, aproximam-se apressados. Um deles diz, em tom baixo e urgente:

— Senhor Aiden, nós vimos... Marios aqui, através de algumas câmeras de segurança. Ele não deveria estar nesta festa.

Meu sangue esfria na hora. Marios? Pensei que estivesse fora de circulação, se escondendo de mim. Algo está errado. Sinto minha coluna arrepiar; tudo indica uma emboscada.

— E Dominica? — pergunto, a voz mais grave do que pretendia.

— Ninguém a viu ainda, senhor. — O outro segurança balança a cabeça.

Engulo em seco, tomando cuidado para não demonstrar pânico. Mas a ausência dela e a presença inesperada de Marios tornam-se um sinal de alerta que não posso ignorar.

— Carter! — grito, chamando meu homem de confiança.

Ele surge rápido, as feições sérias.

— Não encontramos Dominica, senhor. — Carter reporta de imediato.

— É uma emboscada, eu sinto. — concluo, cerrando os punhos. — Quero todos os acessos monitorados. Não podemos deixar Marios escapar. E, mais importante, encontrar Dominica!

Meus homens se dispersam pelo salão e arredores, comunicando-se pelos rádios. O alerta é discreto, mas intenso. Minha mente lateja. Onde ela está? Por que desapareceu de repente?

Tento não enlouquecer enquanto atravesso as portas que dão para o quintal, Carter e mais dois seguranças no meu encalço. Tudo parece vazio. Nenhum sinal de Dominica nem de Marios.

— Atenção! — Carter diz pelo comunicador. — Mantenham a formação. O senhor Aiden suspeita de uma cilada.

Meus batimentos aumentam. Quero gritar o nome dela, mas mantenho a postura. Os seguranças avançam, vasculhando cada canto do jardim. Nada. Sombras vazias.

Súbito, sinto um arrepio; uma presença se move, discreta. O tempo parece desacelerar. Carter e o resto saem para cobrir as laterais, e eu sigo por um canto afastado do jardim, próximo a uma fileira de árvores. A brisa noturna balança as folhas, mas há algo, ou alguém, escondido. É quando o vejo.

— Sai dai seu filho da puta! — vocifero apontando a arma.

Marios surge das sombras. Se posta à minha frente, com um leve sorriso presunçoso. A voz sai mansa, quase debochada:

— Boa noite, Aiden. Que festa animada.

— O que faz aqui, Marios? — rosno, já sabendo que não será uma conversa amistosa.

Ele ergue as mãos, fingindo inocência.

— Calma. Só vim prestigiar o anfitrião mais querido da Grécia. Onde está sua educação?

Minha paciência se esgota. A raiva ferve no meu sangue. Agarro Marios, num movimento rápido, e o pressiono contra a parede próxima, sem dar chance de fuga.

— Fale! Onde diabos está Dominica? — grito, irado.

Ele mexe o pescoço, tentando se livrar.

— Uou, que agressividade. — Sua voz sai sarcástica.

— Eu já sei de tudo seu maldito. — aperto-o mais contra o concreto.

— Vou repetir: onde está Dominica?

Marios solta um riso malicioso e seus olhos escurecem de ódio.

— A essa altura, ela já está bem longe — ele diz, cada palavra pingando desprezo.

Meu coração dispara de fúria e preocupação. Porra! Porra! Porra!

— Você está mentindo seu maldito! Não tem como a terem levado, cada maldita saída dessa mansão está sendo vigiada. Ninguém entra, ninguém sai sem que meus homens vejam — vocifero, encostando a arma na cabeça dele.

Ele sorri, parecendo se divertir com a situação.

— Sabe aquela velha frase? Mantenha os amigos perto e os inimigos mais perto ainda? — Marios sibila, o sorriso presunçoso ainda estampado no rosto.

Meu dedo se firma no gatilho. Cada fibra do meu corpo está carregada de tensão.

Ele suspira, como se achasse tudo aquilo entediante.

— No tempo em que você ainda confiava em mim, logo que voltamos de Londres, eu estudei esse lugar. Cada entrada, cada saída, cada ponto cego. — Ele ergue uma sobrancelha, como se apreciasse a ironia da situação. — Foi fácil, Aiden. Enquanto você se preocupava com os negócios sua esposinha, eu traçava um caminho perfeito entre algumas árvores, bem afastado da casa principal. Uma saída discreta. E adivinhe só? — Seu sorriso se alarga, venenoso. — Os homens de Aleksander já passaram por ela.

Meu sangue esfria.

— Filho da puta mentiroso! — digo, tentando manter o controle, mas minha mente já trabalha a mil por hora.

— Ah, Aiden, você me magoa. Por que eu mentiria? Na verdade, só estou aqui porque precisava mostrar o caminho a eles. — Ele inclina a cabeça levemente.

Meu estômago se revira.

Dominica.

Se Marios está aqui, provocando, então já não há mais necessidade de distração. O plano deles já está em andamento. Meus olhos se movem para a escuridão do jardim, tentando conectar os pontos. A maldita saída que ele criou…

— Carter! — grito pelo comunicador. — Esquadrinhem o perímetro norte, agora! Um caminho entre as árvores, longe das câmeras. Eles já

passaram!

O silêncio do outro lado me faz perder um batimento. Então, finalmente, a resposta.

— Senhor… encontramos pegadas recentes. Muitas. Indo em direção à estrada.

Porra!

Um grito de ódio irrompe da minha garganta. Pressiono a arma contra a têmpora de Marios, as veias do meu braço latejando.

Minha respiração está pesada, mas minha mente está afiada como uma navalha. O frío de aço da minha arma encosta contra a pele de Marios, e eu vejo a composição de seu rosto mudar. A soberba se dissolve em algo mais instintivo. Medo.

Seus olhos dançam pelo meu rosto, buscando alguma brecha, alguma pista de que eu estou blefando. Mas não estou. Eu sinto o sangue pulsar em minhas têmporas, uma fúria contida prestes a explodir.

— E o que me impede de te acertar uma maldita bala na cabeça agora? — minha voz sai letal, cortante, sem pressa. Quero que ele saboreie a possibilidade da morte.

Marios engole em seco. Gagueja.

— V-Você não pode! — Sua voz treme. — Estou sob a proteção de Aleksander.

Meus olhos se estreitam. Aleksander. Minha pressão contra ele aumenta, fazendo sua cabeça bater levemente contra a parede de pedra. Um pequeno gemido escapa de seus lábios.

— Por quê? — Minha voz sai mais baixa, mas ainda letal. — Por que está fazendo isso, filho da puta? Éramos aliados. Amigos.

Marios ri, mas não há humor em seu som. Apenas desdém.

— Amigos? — Ele arqueia a sobrancelha. — Eu te ajudei a se reerguer quando carregava a desgraça do seu pai nas costas.

Suas palavras são um veneno que eu me recuso a deixar se infiltrar em minha pele. Marios curva os lábios.

— Mas você me deixou de lado. Assinou parcerias com Atticus Vallen, limpou o nome Andrianakis... Agora, é um dos nomes mais influentes da Grécia, ao passo que eu? Eu afundo em dívidas, tenho poucas ações na sua corporação. Fui esquecido.... Mas Aleksander se transformou em um belo aliado, eu só precisava colocar você na mira dele.

Minha mão treme por um instante, mas não de hesitação. De raiva.

— Eu confiava em você! — rosno, meus olhos faiscando.

Marios solta uma risada amarga.

— E eu desde o começo queria participar do sistema em que seu pai era chefe, achei que você fosse limpar o nome dos negócios, mas não que seguiria regras. Ou acha que investi meu dinheiro porque queria o prêmio do empresário do ano?

— Eu te devolvi muito mais do que você me emprestou, eu dei ações para você, eu te coloquei dentro de minha casa.

— Isso não era o suficiente. — ele diz. — Você me deu esmolas.

Minha mandíbula se aperta. O sangue lateja nos meus ouvidos. O que ele queria? Que eu me ajoelhasse e agradecesse pelo resto da vida?

Minha voz sai fria, cortante como uma lâmina bem afiada:

— Eu fiz um império do zero. Me reergui. Não foi fácil, Marios, não foi sorte. Eu sangrei por isso. Me tornei um nome influente porque trabalhei como um desgraçado para chegar aqui.

A tensão se intensifica entre nós. Marios arregala os olhos, a mandíbula travada, mas não diz nada. Então eu solto uma risada curta e sem humor.

— Vamos encarar os fatos, seu filho da puta. Você saiu lucrando nisso tudo. Você nunca perdeu. Conseguiu dinheiro, conseguiu influência, teve acesso ao que poucos têm, estando ao meu lado. Mas não foi o bastante, não é?

Ele me encara, os olhos brilhando com algo que reconheço bem. Ressentimento.

— Você queria o topo sem mover um dedo, sem sacrificar nada. Mas a vida não funciona assim. — Aproximo meu rosto do dele, meu tom se torna um sussurro carregado de fúria. — Você nunca quis ser meu amigo. *Só queria ser eu.*

O silêncio se arrasta. Vejo sua respiração acelerada, os olhos estreitos. Ele quer rebater, quer cuspir outra provocação, mas não pode. Porque ele sabe que eu estou certo.

— Você não entende… — Ele finalmente diz, tentando se recompor. — O mundo não funciona apenas com esforço, Aiden. Há atalhos. Pessoas mais espertas sabem usá-los... assim como seu pai sabia.

Minha paciência chega ao fim. Aperto ainda mais a arma contra sua têmpora.

— E onde esse atalho te levou? Para a mira da minha arma?

Ele estremece. Por um segundo, o medo real passa por seu rosto.

— Eu…

— Responda, porra! — minha voz sai como um trovão, reverberando na noite.

Minha raiva ferve. Estou perto de explodir, perto de dar um fim nisso de uma vez. Mas então, no comunicador, a voz urgente de Carter me puxa de volta.

— Senhor… achamos algo. É melhor o senhor vir ver isso. Agora.

Solto um xingamento baixo. Minha mente trabalha a mil. Marios me observa, ainda preso sob minha mira. Há medo em seus olhos agora.

A raiva me cega. Tenho vontade de atirar. Minha mão treme sobre o gatilho. Entretanto, vacilo no último segundo. Uma memória distante, algum resquício de laços antigos, me impede de disparar.

Dou alguns passos para trás.

Esse não é o momento de vacilar Aiden, acabe com esse maldito filho da puta.

Ele estava lá quando atentei contra meu pai, ele foi o ombro que usei para me apoiar. Como pôde fazer isso comigo? Como?

Mas então tudo acontece rápido demais, o maldito se aproveita. Num movimento rápido, saca a própria arma e atira em mim. Consigo desviar por puro reflexo, o projétil rasga o ar. Meu coração dispara como louco.

— Aiden! — escuto uma voz conhecida. É Carter, surgindo do nada, com a arma em punho. Ele age sem hesitar: puxa o gatilho e acerta Marios pelas costas.

O traidor cai, o olhar ainda perplexo, e, em segundos, seu corpo fica inerte no chão, os olhos abertos, mas sem vida. Uma cena brutal e silenciosa que se desenrola em segundos.

O vento noturno passa por nós. Meus músculos ainda estão tensos; o sangue lateja nos meus ouvidos. Carter abaixa a arma, ofegante.

— Senhor Aiden, você está bem?

Levo um segundo para responder. Meus olhos fixos no cadáver de Marios, como se eu ainda não acreditasse que ele foi longe a ponto de atirar em mim. Lembro, então, das palavras dele: Aleksander Draković pegou Dominica. Ela está longe, sequestrada ou algo pior.

— Dominica... — murmuro, a voz falhando. — Carter, ele a levou. Está com Aleksander.

— Então nós vamos recuperá-la, senhor. — Carter me encara, firme.

— Precisamos de todos os homens, agora — ordeno.

— Fechem cada saída. Rastreiem qualquer pista de onde possam tê-la levado. Eu não vou descansar até encontrá-la.

Carter assente e, em minutos, dá ordens pelos comunicadores. Enquanto observo o corpo de Marios largado no chão, o peito se aperta. Fui fraco por um instante, hesitei. Quase paguei com a vida. Mas não importa. O que importa é resgatar Dominica.

Engatilho a arma que ainda seguro, o olhar fixo nos meus seguranças, que coordenam a casa e afastam os convidados sem pânico.

— Mandem os convidados embora. Já! — Dou uma última olhada no quintal, tomado pela tensão.

Meu olhar retorna a Carter, que ainda me observa. Há sangue no gramado, vestígios de briga. A noite, outrora festiva, se converteu num pesadelo.

— Então ele está morto — murmuro, baixinho.

— Sim, senhor. — Carter confirma, deixando a arma de lado.

— Vamos encontrá-la, Aiden. Eles mexeram na coisa errada.

Meu olhar se fixa no horizonte, a noite negra refletindo minha fúria. Penso em Dominica, nos olhos dela me encarando, talvez cheios de medo. Essa possibilidade me consome. Não posso permitir que ela sofra. Não posso perder tempo.

— Carter, prepare uma linha segura. Vou contatar a Unidade de Crimes Transnacionais — digo, sem hesitação.

Ele me olha surpreso, mas não questiona. Em minutos, estou na sala de comunicações, com dois técnicos configurando uma chamada encriptada. Respiro fundo, tentando não explodir em desespero. O rosto de Dominica me persegue. A raiva se mistura a um medo que mal reconheço em mim.

A chamada começa. A tela pisca, e surge a imagem de um inspetor de meia-idade, terno escuro. Seu nome é Mark Petrakis. Parece surpreso em me ouvir, mas mantém a postura profissional.

— Senhor Andrianakis? A que devo a honra? — Ele fala.

— Minha esposa foi sequestrada. Por Aleksandar Draković, ou gente ligada a ele. Preciso da sua ajuda imediata.

Ele ergue as sobrancelhas, atento.

— E por que a Unidade de Crimes Transnacionais deveria intervir, senhor Andrianakis?

— Porque posso fornecer provas substanciais de operações ilícitas

que Aleksandar tem realizado dentro e fora da Grécia. Contas, nomes, rotas. Eu estava guardando essas informações para me proteger, mas agora... não há tempo. Quero a intervenção de vocês no rastreio desse criminoso.

Silêncio. Mark analisa meu rosto, provavelmente pensando em implicações legais.

— Entendo. E o que o senhor pede, exatamente?

— Que cooperem com minha equipe de segurança, que usem seus recursos de inteligência. Sei que trabalham em colaboração com a Interpol. Quero apoio. E rápido. Dominica não tem muito tempo.

Mark respira fundo.

— É uma situação delicada. Mas se Aleksandar está envolvido em crimes transnacionais, podemos abrir uma frente de investigação. Precisarei das suas provas. Precisarei de tudo.

Penso por meio segundo. Entrego a Carter um pen drive. O mesmo que mantive escondido por meses. A prova de que venho investigando as ramificações de Aleksandar Draković há muito tempo. Contrabandistas, rotas de tráfico de armas, lavagem de dinheiro em cassinos. Nada que me incrimine diretamente, mas que pode demolir a rede de Aleksandar.

Entrego o pen drive a um técnico, que o compartilha online com Mark. Ele confere os primeiros arquivos, faz uma expressão de espanto e diz:

— Isso é grande. Daremos prioridade. Mas, senhor Andrianakis, saiba que qualquer movimento de resgate oficial pode demorar. Precisamos coordenar.

— Eu não posso esperar. Vou atrás dele de qualquer maneira. Só quero que vocês me deem cobertura, ou ao menos façam o que puderem. — Minha voz sai ríspida. — Entenderam?

Ele concorda, mesmo contrariado. Encerramos a ligação. Respiro, sentindo um pouco de esperança, mas também ódio. Sempre odiei depender de terceiros. Mas aqui estou, negociando com a polícia. E tudo para salvar Dominica.

De repente, meu telefone toca. Um número desconhecido. Atendo na hora, o peito a mil.

— Aiden Andrianakis? — diz uma voz rouca, abafada.

— Quem fala?

— Você já sabe, velho amigo. Tenho sua esposa. — Reconheço a entonação cruel de Aleksandar. Meu sangue ferve.

— Onde ela está, desgraçado?!

Ouço uma risada do outro lado.

— Você não está em posição de gritar. Se quiser vê-la viva, vai fazer o que mandarmos. Inclusive assinar tudo o que for necessário para transferir seu patrimônio e suas empresas para o nome que eu indicar.

— Vá pro inferno — rosno, apertando o celular quase quebrando. — Acha que pode me chantagear assim?

Ele ri, debochado.

— Já estou fazendo, Aiden. E se recusar, enviarei o corpo da sua preciosa Dominica em pedaços, igual encomenda. Vou ligar de novo em breve com instruções. Não tente nada idiota.

A linha cai. Penso em jogar o celular na parede. A raiva se mistura à vontade de gritar. Respiro ofegante. Carter me observa, apreensivo.

— Aleksandar exigiu tudo. Minha fortuna, minhas ações. Quer me humilhar. — Passo a mão pelos cabelos. — Maldito!

— Ele não vai parar até obter tudo ou matá-la — Carter diz, sombrio.

Fecho os olhos, imagino o rosto de Dominica, apavorada, nas mãos desse monstro. Sinto um instinto assassino tomar conta de mim. Não vou recuar. Não vou assinar nada. Vou matá-lo antes que possa me destruir.

— Reúna todos os homens — ordeno a Carter. — Fechem cada saída, monitorem as estradas. Quero drones, rastreamento, tudo. E precisamos preparar uma emboscada. Assim que Aleksandar der o próximo passo, vamos fingir cooperar. Mas, no fim, eu o pegarei desprevenido.

Carter concorda. Viro-me para os técnicos:

— Mantenham a colaboração com a Unidade de Crimes. Forneçam atualizações em tempo real. Se eles conseguirem rastrear a ligação, ótimo. Caso contrário, usaremos nossa própria tecnologia.

Eles confirmam, pressionando botões, fazendo buscas de sinal. Tudo me parece lento demais. Eu quero ação imediata. Mas sei que é um jogo complexo. Precisamos planejar para não pôr a vida de Dominica em risco.

Saio pisando firme, subo para meu escritório particular. As gavetas contêm armas, documentos, chaves de cofres. Pego uma pistola, confiro o pente. A adrenalina me domina. Não me importo com as leis ou quem se opõe. Se for para salvar Dominica, farei o que for preciso. Abro outra gaveta, retiro um arquivo em papel: é um dossiê sobre as fraquezas de Aleksandar, endereços possíveis onde se esconde, nomes de capangas. Estudei isso por anos, mas nunca tive oportunidade de usar com tanta urgência.

Olho pela janela. A noite está escura, sem estrelas. Penso na coragem

de Dominica, em como ela poderia ter me avisado se recebesse alguma ameaça. Talvez ela tenha tentado me proteger, o que me desespera. Eu queria que ela confiasse em mim, mas entendo que fez o que achava certo.

Agora, cabe a mim encontrá-la. E garantir que Aleksandar Draković jamais toque nela novamente.

Eles acreditam que, ao raptá-la, me quebrariam. A verdade? Eu estou à beira da insanidade, mas não quebrado. Eles acham que ela é minha fraqueza, mas ela é minha força. Farei qualquer coisa por ela, e isso me torna o homem mais perigoso que eles já viram.



CAPÍTULO 27

A madrugada avança, e fico no escritório com Carter e alguns seguranças, revisando mapas, trocando informações com Mark da unidade de crimes por mensagens seguras. Preparamos um plano: quando Aleksandar ligar de novo para marcar um local de encontro ou exigir a transferência, fingiremos aceitar tudo. Porém, a unidade de crimes rastreará o local, e nossa equipe de elite se posicionará. É arriscado, mas melhor que ficar parado. Quero que Aleksandar apareça pessoalmente ou envie algum intermediário. Qualquer pista serve.

Ninguém dorme. A mansão está tensa, os funcionários mais antigos percebem que algo grave aconteceu. Petra, a governanta, me pede para descansar um pouco, mas não consigo. Minha mente lateja de preocupação. Lembro de cada detalhe do corpo de Dominica, seu cheiro, a maciez dos lábios, a faísca de seus olhos. Ela não merece isso.

Eu falhei em protegê-la. Se algo acontecer com ela, jamais vou me perdoar.

Quase ao amanhecer, o telefone secreto que deixei conectado toca. Todos param. Um silencio. Ponho no viva-voz, gravando tudo. Uma voz masculina desconhecida, mas deve ser capanga de Aleksandar:

— Bom dia, senhor Aiden. Preparado para a nossa negociação?

— Fale — digo, friamente.

— Vamos ser claros. Você assina uma procuração que transfere 60% das suas ações para a empresa-fantasma que enviaremos, e garante a troca de controle. Também depositará 200 milhões de dólares numa conta offshore. Em troca, devolvemos Dominica ilesa.

Fecho o punho, mas tento soar neutro.

— Entendi. E onde faremos essa transferência?

— Mandaremos instruções em breve. Esteja pronto. Se tentar algo, ela morre.

Desligo. Carter e os técnicos tentam rastrear, mas nada concreto. Pelo menos, temos um caminho: esperar as instruções. A unidade de crimes do outro lado do mundo me manda mensagens, dizendo que os dados são insuficientes para localizar a origem exata. Paciência. Terei de jogar o jogo.

Levanto e encaro Carter:

— Prepare tudo para quando eles marcarem o lugar. Vamos armar nossos homens, espalhar snipers, o que for preciso. Não vou assinar porcaria nenhuma até ver Dominica. E, mesmo assim, vou acabar com eles.

— Sim, senhor — Carter responde. — Montaremos a emboscada, mas devemos ter cuidado. Aleksandar costuma agir rápido. E ela estará em risco.

Concordo, mesmo insatisfeito. Confiro minha arma, meus documentos, e contemplo a mansão vazia.

Eu conheço o modus operandi de vermes como Aleksandar. Ele não quer apenas dinheiro, não quer apenas poder. Ele quer me ver na ruína, quer que eu perca tudo que construí, que me ajoelhe diante dele e assine minha própria destruição. Mas principalmente, ele quer minha alma.

Se eu tivesse certeza de que entregar as ações e o dinheiro salvaria Dominica, eu faria. Faria sem hesitar. Mas não é assim que esses desgraçados

operam. Ele a matará de qualquer forma, mesmo que eu faça tudo que ele pede. E eu não posso permitir isso.

O que Aleksandar não sabe, o que ele jamais poderia imaginar, é que se meteu com um homem que já enfrentou inimigos demais. Que já sobreviveu ao próprio pai, um monstro disfarçado de homem. Eu conheço a escuridão. Eu vivi nela.

Minha mente trabalha rápido. Não posso apenas reagir; preciso me antecipar. Aleksandar acredita que está no controle, que me tem nas mãos, mas ele não faz ideia do que está prestes a enfrentar.

♥

As horas passam. Não consigo comer, nem dormir. A raiva me alimenta. Imagino Dominica presa, assustada, e sinto que a única solução é atropelar tudo para salvá-la. Tive medo de expor meus segredos à unidade de crimes, mas se for o preço para recuperá-la, pagarei. O que é riqueza ou reputação sem ela ao meu lado?

No fim da tarde, enquanto estou sozinho na biblioteca revisando plantas de armazéns suspeitos, Carter me chama:

— Senhor, Mark na linha segura. Ele diz que tem uma pista.

Corro até lá. Mark fala:

— *Aiden, cruzamos dados bancários da conta que te passaram para depósito. Encontramos links com uma rede de aluguéis de propriedades rurais no interior do país. Pode ser um local de cativeiro, mas não temos certeza. Vamos enviar a você as coordenadas mais prováveis.*

Meu coração acelera. Pode ser uma chance. Agradeço, finalizo a conversa e confiro as coordenadas. São afastadas, numa região montanhosa, com chalés e sítios. Ligo para Carter, e começamos a planejar. Se eles não ligarem logo, poderemos tentar uma batida sigilosa nesse local, antes mesmo do encontro oficial.

Mas é um tiro no escuro. Se estiverem noutro lugar, podemos perder tempo. Ainda assim, me agarro a cada oportunidade. Precisamos agir. Aviso a unidade de crimes que tentaremos sondar discretamente. Eles pedem cuidado. Eu ignoro. Sou cauteloso até certo ponto, mas não vou ficar parado enquanto Dominica pode estar em perigo.

Anoitece outra vez, e estou à beira de um colapso. Vinte e quatro horas sem notícia concreta dela. Meu humor se deteriora. Penso em Aleksandar, naquele sorrisinho que imagino ele tendo enquanto me vê desesperado. Vou matá-lo com minhas mãos.

Salvar Dominica é a prioridade, mas depois... acabarei com a raça dele.

Subitamente, outro telefonema. Dessa vez, a voz é de Aleksandar. Ele fala num tom zombeteiro:

— Senhor Andrianakis, espero que esteja pronto para assinar a papelada. Amanhã cedo, nos encontraremos no local que vou mandar. Se recusar, ela morrerá. Entendeu?

— Seu maldito filho da puta! — vocifero.

— É melhor manter a calma, só a libertarei se assinar. Sem truques. Apareça sozinho.

— Como vou saber que ela está viva? — exijo, tremendo de raiva.

Ele joga o celular no que parece ser alto-falante, e escuto um murmúrio fraco ao fundo, possivelmente Dominica. Meu peito se aperta. Ela está viva, mas com certeza sendo coagida. O ódio me cega.

— Está satisfeito? — Aleksandar pergunta, rindo.

— Amanhã, então — respondo, tentando manter a cabeça fria.

Ele passa instruções vagas. “Estação de trem abandonada”, a duas horas daqui, no meio do nada. Desligo. Carter me encara, e trocamos um olhar. Vamos preparar a emboscada. E, se a Estação estiver vazia, iremos ao local que a unidade de crimes indicou. Não vou deixá-lo me enganar.

Passo a noite no escritório, alinhando cada detalhe. Mandarei parte dos homens para a estação, fingindo que não estou prevenido. Outra parte vai cercar a suposta região do chalé. Tentarei distrair Aleksandar, ganhar tempo. Se for bem-sucedido, Dominica será encontrada antes mesmo de a troca ocorrer.

Não descanso. As primeiras luzes do dia surgem. Uma sensação de cansaço me corrói, mas a fúria me mantém de pé. Visto uma roupa escura, arma na cintura. Olho para o reflexo no espelho. Meus olhos parecem quase selvagens, injetados de loucura. Sussurro para mim mesmo:

— Aguente firme, Dominica. Estou chegando.



CAPÍTULO 28

Minha cabeça lateja. É um martelar incessante. Abro os olhos, mas a visão ainda está turva. Sinto meu corpo mole, como se tivesse sido sedada por horas. Mexo os dedos, as mãos. Surpresa: não estou amarrada. Então tento me erguer devagar. O sofá onde estou deitada range.

As lembranças vêm em fragmentos confusos. O baile. Eu recebendo a mensagem ameaçadora. Fui até o fundo do jardim, uma pressão contra meu rosto, cheiro de produto químico... e tudo escureceu. Agora estou aqui, onde quer que seja.

Respiro, tentando controlar o pânico. O ambiente é pobremente iluminado por uma lamparina amarelada no canto. Paredes de madeira grossa, teto baixo. Parece uma cabana, ou chalé rústico. Sinto cheiro de mofo e algo agridoce no ar. O lugar é úmido, provavelmente isolado. E, a julgar pelo silêncio, estamos longe de qualquer cidade.

— Mas que droga... — murmuro, esfregando a têmpora.

De repente, uma porta range. Um homem entra. Alto, forte, traços que misturam alguma ancestralidade árabe e europeia. Ele ostenta uma cicatriz enorme que atravessa o rosto, do alto da sobrancelha esquerda até quase o maxilar. O olhar dele é cortante, quase louco. Aleksandar Draković. Me lembro de Aiden me contar sobre sua cicatriz.

— A bela adormecida acordou finalmente. Já passava da hora de nos conhecermos, não é?

A voz dele ecoa pela sala, carregada de cinismo. Meu corpo se contrai, mas não mostro medo. Tento segurar a vontade de tremer.

— O que quer de mim, seu desgraçado? — minha voz sai mais firme do que me sinto.

Ele sorri de lado, exibindo dentes claros, mas o olhar é doentio. A cicatriz percorre sua face, conferindo-lhe um ar sinistro.

— Você é a fraqueza de Aiden. Então é simples: preciso de você para fazê-lo se ajoelhar. Ele acha que ninguém pode atingi-lo, mas todo homem tem um ponto fraco, ele não tinha antes, mas agora tem você.

Meu estômago embrulha. Era óbvio que me usariam contra Aiden. Contudo, ouvir as palavras de Aleksandar me faz sentir uma mistura de raiva e impotência.

— Se acha que Aiden vai se curvar, está enganado. Ele vai acabar com você antes.

Aleksandar lança um riso áspero. Caminha ao redor do sofá, balançando a cabeça.

— Engraçado. Seu homem é forte, sim, mas já provei que consigo tocá-lo de todas as formas. E você, minha cara, é o trunfo perfeito.

Fixo meus olhos nele, tentando não deixar o pavor transparecer. Não vou fazer o jogo de garota indefesa. Ao mesmo tempo, sei que estou em mãos cruéis. Ele se detém ao meu lado e aproxima o rosto. A cicatriz chama minha atenção, mas me obrigam a encarar seus olhos cheios de ódio.

— Você não me assusta — solto, respirando de forma irregular.

Ele ergue a mão, roçando meu queixo com desprezo. Arrepios me percorrem; ojeriza pura.

— Deveria se assustar. Sabe que seu pai me prometeu você há tempos, não sabe? Henri Prescott é um verme que se ajoelha ante qualquer um que liquide suas dívidas. Ele não hesitou em te vender para mim.

Sinto náuseas. Sabia que meu pai era desprezível, mas ouvir Aleksandar confirmando me dá vontade de vomitar. Pisco, tentando conter as lágrimas de ódio.

— Meu pai é um canalha. Não me surpreende. Mas Aiden não vai deixar barato. Ele te caçará até o fim.

— Ótimo. É o que quero — diz Aleksandar, se afastando um pouco. — Agora, deixe-me te explicar como vai funcionar: você fica aqui, quieta, enquanto eu arranco tudo que Aiden tem. Assim que ele me der tudo, posso decidir o que fazer com você. Talvez te libere, talvez não. Depende do meu humor.

— Seu psicopata — grito, tentando me levantar.

Minha perna falha, cambaleio. Ele nem se mexe para ajudar, apenas observa como um predador que saboreia a presa. Engulo o choro. Com muito esforço, apoio a mão no braço do sofá e me ponho de pé.

— Por que não me amarra ou me coloca em alguma jaula, já que é tão corajoso? — provoco. — Ou tem medo que eu fuja, e esse lugar cheio de seus capangas não seja suficiente?

Ele ergue a sobrancelha, achando graça:

— Eu poderia te acorrentar, mas gosto de ver você andar pela cabana, tentando uma fuga impossível. Me diverte. Além do mais, estou cercado de homens armados. Você não vai longe.

Dou um passo em direção à porta, só para testar sua reação. Um capanga aparece do nada e me encara com a arma na mão. Aleksandar ri.

— Viu? É inútil. Faça o que quiser, mas não seja estúpida a ponto de se machucar. Talvez até me convença a não te fatiar ao final.

Minha raiva atinge o limite. Pensar em Aiden sofrendo por minha ausência me destrói. Quero atacar Aleksandar, mas seria suicídio agora. Então cerro os punhos, tentando me controlar.

— Pois saiba que Aiden virá. E, quando vier, vai mandar você pro

inferno.

— Já estou no inferno há muito tempo, querida — Aleksandar murmura, com um sorriso macabro.

Ele faz sinal para o capanga, que fecha a porta por fora. Fico sozinha outra vez, sentindo a pulsação latejar. Estou sem celular, sem nada. A única janela tem grades grossas. Provavelmente estou numa região afastada. Ouço vozes abafadas no corredor, mas não distingo quantos são.

Ando pelo quarto, procurando algo útil. Uma cama de solteiro sem travesseiros, um armário velho trancado, um banheiro minúsculo. Não há utensílios que sirvam de arma. Nenhuma linha de telefone. Nada. Meu coração aperta. Lembro de Aiden me abraçando, dizendo que nunca me perderia. E agora, estou aqui, sem saber se o verei de novo.

Engulo em seco. Não posso ceder ao desespero. Pego a cadeira encostada na parede e arrasto para perto da janela. Subo nela para tentar ver lá fora. As grades me limitam, mas consigo espiar uma floresta densa, árvores altas. Avisto um clarão, talvez uma fogueira, e vozes distantes. Deve haver gente acampada ao redor. Sem chance de fugir por ali.

— Pense, Dominica, pense — sussurro, descendo da cadeira e sentando no chão, os joelhos dobrados.

Meus olhos se enchem de lágrimas, mas sacudo a cabeça. Preciso manter a calma. Aiden é inteligente. Vai mover céus e terras para me achar. E eu tentarei escapar se surgir oportunidade.

Algumas horas passam, mas minha noção de tempo está muito comprometida. O tédio e a aflição me matam. Estou faminta. Afinal, não como nada desde antes do baile. Por fim, a porta se abre de supetão. Um capanga entra, larga uma bandeja no chão, com uma refeição básica: pão duro, uma sopa verde, uma garrafa de água.

— Come — ele diz, sem olhar para mim. — E não faça cena.

Odeio cada segundo, mas preciso me alimentar. Quando vou pegar o pão, ele já saiu e trancou a porta outra vez. Me assento, mastigo, sem saber se posso confiar na comida, mas a fome fala mais alto. O gosto é ruim, mas me

mantenho firme.

O tempo avança e, depois de um intervalo indefinido, Aleksandar retorna. O rosto dele traz uma satisfação sombria.

— Como está minha convidada? — pergunta com sarcasmo.

— Vá pro inferno — retruco, me levantando do chão.

Ele balança a cabeça como quem ri de uma criança rebelde.

— Que linda atitude. Mas se eu fosse você, rezaria para Aiden não tentar nenhuma gracinha. Ou minha paciência acaba.

Penso em perguntar se ele já fez contato com Aiden, mas me calo. Não quero mostrar ansiedade. Aleksandar percebe meu silêncio.

— Você deve estar curiosa — ele comenta, se aproximando. — Sim, já conversamos. Ele vai ceder. Aposto que está desesperado.

Meu coração pula. Então Aiden sabe que estou viva. Fecho os olhos um segundo, aliviada. Ao reabri-los, encaro Aleksandar com raiva.

— Não pense que isso vai acabar bem para você.

Ele sorri, sem humor.

— Acabar bem? Para mim, é destruir Andrianakis. E você é uma ferramenta. Nada mais.

A raiva me domina. Sem pensar, avanço e tento empurrá-lo. Um gesto tolo, pois ele é mais forte. Ele me segura pelos pulsos e me prende contra a parede. Sinto a cicatriz dele próxima ao meu rosto, e o cheiro de cigarro. Meu estômago embrulha.

— Me solta! — cuspo, debatendo.

Ele aperta mais os pulsos, me fazendo soltar um gemido de dor.

— Tão audaciosa... Cuidado para não se quebrar — ele sussurra, a voz fria.

Então, me larga de repente. Quase caio. Ele me observa, com desprezo.

— Fique quieta e talvez sobreviva. — Diz, ajeitando o paletó. — Vou garantir que Aiden pague caro antes de entregá-la. Se eu decidir entregar, é claro.

Sinto lágrimas de ódio queimando meus olhos, mas não as deixo cair. Ele caminha até a porta, me lança um último olhar:

— Divirta-se na sua “suite”. Depois mando mais comida.

Assim que ele sai, atinjo a parede com um soco fraco, frustrada. Sinto dor nos dedos, mas ignoro. Esse homem me revira o estômago. E penso em Aiden. Será que ele está mesmo fazendo tudo para me resgatar? Claro que sim. Eu o conheço. Ele não recua. Se for preciso, moverá o mundo. Lembro do brilho nos olhos dele, do jeito possessivo com que me beija. Ele virá. Eu só espero que ele não se quebre no percurso.

♥

Nas horas seguintes, ouço gente andando no corredor, conversas abafadas. Tento decifrar quantos são. Talvez cinco ou seis? Difícil dizer. Aleksandar deve ter um exército lá fora. Cada minuto é uma agonia. Imagino Aiden revirando Atenas, desesperado. Temo que se arrisque demais. E, se cair numa armadilha?

Tento manter a esperança. Tento me acalmar lembrando do nosso último encontro, antes de eu ser sequestrada. Ele me olhava como se eu fosse o bem mais precioso. Não vai falhar agora. Sorrio de leve, mesmo trêmula. Eu o amo, por mais que tudo tenha começado errado.

Outro capanga traz mais comida. Como algumas colheradas de sopa. Não arrisco muito. Vou ao banheiro minúsculo, lavo o rosto na pia. O espelho manchado reflete minha imagem abatida, mas ainda com algum fogo nos olhos. Não posso deixar Aleksandar me ver destruída.

Deito na cama improvisada, tentando dormir um pouco. O frio da madrugada me faz tremer. Sem cobertor decente, abraço meus próprios braços. Cochilo aos poucos, o cansaço me vencendo. Sonho com Aiden, com seu toque, e acordo sobressaltada, confusa, sem saber quanto tempo dormi.

— Aiden... — sussurro, abraçando os joelhos. — O que vai acontecer? Como sairemos disso meu amor? — sussurro sentindo as lagrimas caírem de meu rosto.

♥

A manhã chega, a claridade passa pelas frestas da janela. Espio lá fora: nenhuma mudança. Aleksandar não aparece. Um capanga surge para deixar água. Nenhuma palavra. Percebo que é um jogo de tortura psicológica, me mantendo isolada, esperando que Aiden faça o que Aleksandar quer.

Mais tarde, Aleksandar retorna com um sorriso vitorioso.

— Parece que hoje teremos ação. Recebi notícias de que Andrianakis cedeu e vai se encontrar conosco. — Ele bate de leve no bolso do paletó. — Tenho papéis para ele assinar. Assim que isso acontecer, penso em te libertar. Ou não. Depende do meu humor.

Meu coração dispara. Aiden virá. E Aleksandar planeja alguma cilada. Mordo os lábios, querendo gritar para ele não fazer nada arriscado, mas estou presa. Penso em contra-argumentar, mas minha voz some.

— Você está com medo — Aleksandar nota, deliciado com meu sofrimento. — Acalme-se, seu príncipe está vindo te resgatar, mas quando ele vier, verá realmente quem manda.

Ele sai mais uma vez, e eu me afundo no sofá, o peito em chamas. Me pergunto se Aiden tem algum plano, ou se está caindo na armadilha de Aleksandar. Rezo para que ele seja esperto, mas me desespero. Se vier sem apoio, Aleksandar pode matá-lo. Se vier com apoio, Aleksandar pode me

matar. A cabeça gira, o coração se atordoa.

A única certeza: se eu tiver chance, vou lutar. Não vou deixar esse lunático me tirar de Aiden. Nem me reduzir a um trunfo de chantagem.

Passo a mão pelos cabelos, tentando me recompor. Preciso estar pronta. O pior momento pode ser também a hora da minha fuga. Lembro do rosto tenso de Aiden, das cicatrizes recentes dos seus ferimentos. Ele mal se recuperou e já enfrenta outro golpe.

Maldição. Tudo porque sou a isca perfeita.

♥

A tarde cai, a claridade diminui. Escuto barulhos lá fora, carros, vozes. Devem estar se preparando para o tal encontro. Aperto os punhos. A sensação de estar indefesa me corrói. Quero desesperadamente ver Aiden, mas temo o que Aleksandar possa fazer.

Então, me mantenho firme, rodando os polegares, respirando fundo. “Aiden, por favor, seja cuidadoso”, penso. Sei que ele é capaz de atos insanos por mim. Se for preciso, ele matará Aleksandar ou morrerá tentando. O pânico e a esperança se misturam.

Enquanto aguardo, me forço a relembrar cada noite nos braços dele. Cada momento que partilhamos, cada beijo feroz. Isso me dá força. Sorrio, mesmo com lágrimas brotando. Não vou desistir. Aleksandar me subestima. E, quando Aiden chegar, veremos quem ri por último.

Não demora muito, e adivinho que a hora do embate se aproxima. Sinto no ar, nos cochichos dos capangas. Meu corpo se arma em alerta, pronta para qualquer oportunidade de escapar. Ouço passos firmes no corredor. A porta range. Sei que Aleksandar pode entrar a qualquer momento para me arrastar.

A raiva arde no peito. Vou resistir, lutar, espernear se preciso. E se, no fim, eu cair, que seja tentando. Lembro da primeira vez que me envolvi

com Aiden, de como o destino nos uniu num contrato absurdo. E agora, me vejo disposta a arriscar tudo por ele.

Irônico como o amor nasce das tragédias.

— Aguente, Dominica — sussurro para mim mesma. — Aiden está vindo. Tudo vai se resolver.

Mas, lá no fundo, a dúvida me corrói: e se Aleksandar vencer? Tento afugentar esse pensamento. Nada de pessimismo. Aiden sempre cumpre suas promessas. Ele me garantiu que não morreria sem me proteger. Então, me agarro a isso.

As malditas horas passam tão rapidamente quanto lentamente, noite cai de novo, eu estou perdida na noção do tempo. Fecho os olhos, encolhida no canto da cama. Aleksandar e os capangas estão lá fora, rindo e bebendo, imagino. Esperando a hora de partir para o confronto. Eu rezo em silêncio para que essa seja também a hora de Aiden me resgatar.

Por fim, deixo o cansaço me levar, adormecendo num sono superficial, assombrado por sonhos confusos. Sonho com Aiden entrando por aquela porta, me tomando nos braços.

Acordo, e percebo que continuo sozinha.

Suspiro, frustrada. A tensão me impede de relaxar.

Finco os pés no chão, lembrando do rosto de Aleksandar. Ele pode ser cruel e mortal, mas não invencível. Se Aiden e eu sobrevivemos a tantas artimanhas, sobreviveremos a essa. Olho em volta, à procura de qualquer coisa que possa usar como arma: um pedaço de madeira solto, um objeto pesado. Nada. Só a cadeira e a cama.

Mas me prometo: quando a hora chegar, não vou ficar passiva. Vou lutar, mesmo que seja com as unhas.

As horas finais do dia avançam, e fico ali, na escuridão do chalé. O medo e a coragem se chocam, mas me mantenho de pé. Sei que esse inferno vai ter um desfecho em breve. E, quando Aleksandar e Aiden se enfrentarem, tudo pode acontecer.

Meus lábios formam o nome dele em silêncio: “Aiden”. Se ele estivesse aqui, diria que eu não devo temer nada. Mas estou sozinha. Me abraço, fechando os olhos, deixando a imagem dele me dar força. Ele é minha rocha, meu farol na tempestade. E sinto que estou pronta para o que vier.



CAPÍTULO 29

O vento sopra forte, balançando a vegetação ao redor do armazém abandonado. Estou dentro de um SUV blindado, segurando firmemente o binóculo, observando à distância cada canto do terreno. Uma parte de mim arde de impaciência. Outra parte se agarra à frieza que construí para não cair em desespero. Esta não é a primeira vez que entro num lugar hostil, mas é a primeira vez em que a vida de Dominica está em jogo. E isso muda tudo.

— Senhor, os rapazes que mandamos ao local do encontro retornaram. Não havia ninguém lá, como o senhor suspeitava. Nenhum sinal de Aleksandar. Mas enquanto isso, um grupo atacou um de nossos depósitos em outro ponto da cidade. Parece que queriam que estivéssemos focados na emboscada enquanto faziam o verdadeiro movimento, informa Carter, sentado ao meu lado no banco traseiro.

Minha mandíbula se contrai. Eles tentaram nos distrair com um teatro barato enquanto agiam nas sombras. Esperto. Mas não o suficiente.

— Que se fodam os depósitos — murmuro, sem tirar os olhos do binóculo. — Só me importo com Dominica.

Minha paciência já está no limite. E se acham que vou perder tempo correndo atrás de distrações, estão muito enganados.

Lembro da ligação de Mark, dizendo que identificaram uma possível propriedade rural ligada a Aleksandar Draković. Uma cabana isolada. A princípio, não tínhamos certeza, mas as informações sobre movimentações

suspeitas bateram. Então trouxe uma pequena frota de homens armados até os dentes. Não seria discreto, mas não estou mais preocupado com sutilezas. Salvarei Dominica, e irei aniquilar quem estiver por trás disso. Estou além do ponto de negociação.

Enquanto observo o cenário pela lente de aumento, vejo uma clareira ao redor do chalé. Há uma estrada de terra que leva ao portão. Um ou outro veículo velho estacionado. Enxergo possíveis guarda-costas nas sombras. Minha raiva ferve. Sempre odiei quando usam pessoas como reféns, mas agora é diferente. Agora é Dominica. E eu estou a ponto de explodir.

— Senhor, contagem de inimigos não é exata. Minhas equipes identificaram pelo menos dez, talvez quinze na área. — Carter resmunga, olhando o tablet.

— Estamos em mais de vinte. — retruco, sem suavizar. — E ainda tenho mais cinco homens posicionados nas colinas.

— Entendido. Mas devemos ser cuidadosos. Eles podem ameaçar Dominica no menor sinal de invasão.

Fecho o binóculo por um segundo, respirando fundo. Sinto o peso dessa responsabilidade. Pensar em Dominica sofrendo me deixa fora de mim. Preciso manter a cabeça no lugar, no entanto. Se eu me precipitar, posso colocar a vida dela em risco.

— Certo. — olho para Carter. — Posicione os atiradores nas colinas. Quero dois snipers prontos para abater qualquer um que tente tirar Dominica de lá. Outras duas equipes avançam pelos flancos. Eu vou com o grupo principal, pela frente.

— Sim, senhor. — Carter fala no rádio, repassando minhas ordens.

Saio do carro, ajustando o colete à prova de balas sob meu casaco escuro. Sinto o frio do metal contra minha pele. Tenho duas pistolas e uma submetralhadora de backup. Alguns poderiam dizer que é exagero, mas depois de tudo que passei, não confio em meios-termos.

— Senhor, o helicóptero de apoio chega em dez minutos — Carter informa, calmo.

— Chega de enrolar. Quando o helicóptero estiver aqui, isso estará resolvido.

Minhas botas pisam a grama úmida enquanto me aproximo do portão rústico que circunda o terreno. Alguns dos meus homens vestem roupas pretas, equipados com rifles. Avançam em formação, silenciosos, rostos fechados. Conheço cada um deles, treinados para situações de alto risco. Ainda assim, meu estômago revira. Desta vez, a equação tem uma variável perigosa: o cativeiro de Dominica. E Aleksandar Draković. Ele odeia minha família desde sempre.

Passo por um canto de vegetação densa. Agacho-me, Carter ao meu lado, abrindo caminho. Avistamos dois capangas andando ao redor do chalé, cada um com um fuzil. Observo-os pelos binóculos. Parecem relaxados, mas isso pode ser só aparência.

— Posicionem-se ali e ali — sussurro no comunicador, indicando pontos estratégicos. — Vamos tentar pegá-los de surpresa. Se virem Dominica, prioridade máxima é a segurança dela.

A tensão no ar é quase tangível. Meus batimentos aceleram. Em geral, eu estaria mais frio, mas a lembrança de Dominica presa, possivelmente amedrontada, me tortura. Tudo que quero é arrancá-la dali.

— Senhor, — Carter me chama de lado, cochichando. — Se algo acontecer, se não conseguirmos pegá-los de surpresa, qual o procedimento?

— Dou minha vida por ela. Se eles ameaçarem matá-la, eu entro sozinho.

— Mas, senhor...

— É uma ordem, Carter. Não discuta.

Ele não retruca, apenas faz um aceno. Sabe que não adianta argumentar quando fico nesse estado.

Avanço mais uns metros. Sinto o coração pulsar forte. Puxo o binóculo de novo e examino as janelas do chalé. E então a vejo: Dominica. Ela surge numa das aberturas, debruçada no parapeito, com grades. Meu

peito aperta. Mesmo de longe, percebo que está abatida, a expressão tensa. Mas algo no modo de segurar as grades diz que não desistiu de lutar. Corajosa. Determinada. Mesmo nesse inferno.

Meus punhos se fecham. Meu sangue ferve. Eu me viro para Carter, com os olhos pegando fogo.

— Ela está lá. Quinta janela da esquerda.

— Então é o lugar certo.

Fecho o binóculo, respirando rápido. Alguém vai pagar caro.

— Chega de espionagem. — murmuro. — Vamos cercar.

Dou o sinal no comunicador. Todas as equipes se movem. Alguns pelas laterais, outros pela retaguarda. Eu sigo na frente, ladeado por Carter e dois homens de confiança. Meu dedo roça a empunhadura da pistola, pronto para disparar.

Minutos de tensão. O chalé aparentemente pacato de repente se agita. Um capanga sai pela porta lateral, olha ao redor, desconfiado. Ele percebe um dos meus homens na moita e ergue o fuzil. Não há mais espaço para sutilezas. Carter atira primeiro. Um disparo seco. O capanga cai.

— Merda! — ouço gritos de dentro. — Estamos sendo atacados!

Estoura o caos. Tiros ecoam pelo terreno. Meus homens avançam, trocando disparos com capangas de Aleksandar. Vejo balas atingindo troncos de árvore, lascas de madeira voando. O cheiro de pólvora enche o ar.

Eu corro para a porta principal, chuto-a com força, mas está trancada. Carter me cobre enquanto disparo contra a fechadura. A porta cede. Entro num salão escuro, pouca luz, móveis velhos. Um inimigo dispara da cozinha. Me lanço atrás de uma coluna. Sinto a adrenalina bombear.

— Droga! — Carter berra, devolvendo fogo. O sujeito cai.

Avanço em passos largos. Cada cômodo que passo, vejo mais trocas de tiro, meus homens tomando conta. Gritos abafados. Tiroteios ao longe.

— Dominica! — grito, a voz rouca de desespero. — Onde você está?

Ninguém responde. Agarro um capanga que tenta me golpear pelas costas, torço seu braço e lhe dou uma coronhada. Ele cai, gemendo. Prendo o joelho em sua nuca.

— Onde ela está, desgraçado?! — pressiono meu peso.

Ele cospe sangue, olha pra mim com ódio e não diz nada. Aperto mais.

— Última chance.

— No... no quarto dos fundos... — Ele responde, sufocado.

Largo o capanga, que desmaia. Carter me chama pelo comunicador:

— Senhor, Aleksandar não está aqui embaixo. Estamos tendo resistência moderada, mas acho que ele se escondeu nos cômodos superiores.

— Certo. To indo até lá.

Passo por corredores estreitos, paredes descascadas. A iluminação é fraca, lâmpadas balançando no teto. Meus homens limpam cada passagem. Vejo um, ferido no ombro, mas sem risco de morrer. Isso me enfurece ainda mais. Subo a escada para o andar de cima, dois degraus por vez. Ouvem-se estampidos, passos corridos.

— Dominica! — chamo outra vez.

Finalmente alcanço o corredor. A porta no fim está escancarada. Um de meus seguranças trocando tiros com dois capangas. Me posiciono atrás de uma quina, respiro fundo, troco o pente da pistola. Ao sinal do colega, giro, disparo três vezes. Um capanga cai. O outro some pela fresta da porta.

Corro, encho o pé na porta, que range ao bater na parede interna. Um cômodo pequeno, rústico. Vejo a cama bagunçada, um armário trancado... e Dominica acuada perto de uma janela com grades. Um capanga a segura pelo pulso. Ela se debate. O homem aponta uma arma para sua têmpora.

— Solta ela! — urro, mirando a pistola bem na cabeça dele.

— Larga essa arma ou eu atiro! — o sujeito grita de volta, os olhos arregalados.

O tempo congela. Minha respiração se acelera. Carter e outro segurança se aproximam por trás de mim, mas não podem disparar sem risco de acertar Dominica. Vejo o terror no rosto dela, mas também uma centelha de desafio.

— Aiden... — ela sussurra, ofegante.

É tudo ou nada.

E eu quero o tudo.

Decido arriscar. Disparo um tiro rente ao ombro do filho da puta. Ele urra, solta Dominica e cai para trás. Ela aproveita e se afasta, se jogando no chão. Finalizo o infeliz com outro disparo certeiro. A sala fica em silêncio.

— Dominica! — corro até ela.

Ela treme. Há marcas de violência em seus pulsos, o rosto sujo, olhos assustados. Mas assim que me vê, se agarra a mim, soluçando.

— Você veio... — murmura, a voz estrangulada. — Achei que...

— Shhh — a estreito em meus braços, aliviado por um instante. Sinto seu corpo quente contra o meu, o coração batendo em disparada. — Está tudo bem agora. Vou tirar você daqui.

Ela chora baixinho, mas vejo que ainda tem raiva, vergonha, mil emoções. Eu a ajudo a ficar de pé, verifico se está ferida. Roupas rasgadas, hematomas, mas parece inteira. Antes que eu possa falar mais, Carter avisa no comunicador:

— Senhor, Aleksandar foi visto no andar de baixo! Ele está tentando escapar pelos fundos.

Sinto um calafrio. Então o maldito está aqui. Olho para Dominica:

— Fique com Carter. Ele vai te levar pra fora. Vou atrás de Aleksandar.

— Não! — ela protesta, agarrando meu braço. — Ele é perigoso.

— Eu sei. Fique segura. — Minha voz sai sombria. — Acabou a brincadeira.

Meus olhos faiscam de ódio. Eu me solto delicadamente do aperto dela, dou um beijo rápido em sua testa e corro para fora do quarto, descendo a escada num rompante de fúria. Aleksandar Draković me fez cruzar o inferno. Colocou Dominica em risco. Ele não sabe com quem realmente se meteu, o filho da puta vai queimar.

No andar térreo, vejo mais capangas rendidos ou feridos. Meus homens controlam a maior parte do chalé. Carter acompanha Dominica até a saída. Corro para os fundos, onde ouço barulho de tiros. Quando chego a um corredor estreito, vejo Aleksandar, inconfundível pela enorme cicatriz no rosto. Ele dispara contra dois dos meus seguranças, que se escondem atrás de caixotes.

— Aleksandar! — grito, erguendo a arma.

Ele me olha, um sorriso distorcido se formando em seus lábios. A cicatriz se repuxa de modo assustador.

— Andrianakis... Veio atrás da sua mulherzinha? Chegou tarde. Eu quase a deixei em pedaços.

Fecho a cara, apertando o gatilho sem aviso. Ele se esquiva, corre por uma porta lateral. Vou atrás, adrenalina no máximo. Disparos ecoam, balas ricocheteiam em tubulações de metal. O cheiro de queimado e pólvora me sufoca.

— Merda! — rosno, contornando um corredor. Dou de cara com mais dois comparsas dele. Disparo duas vezes, atingindo o primeiro na perna e o segundo na barriga. Eles caem, gemendo. Não há espaço para piedade.

Atravesso uma passagem que dá para um galpão atrás do chalé. Aleksandar está lá, correndo em direção a uma caminhonete velha. Ele gira, atira na minha direção. Me escondo atrás de um pilar de madeira, sinto a bala estilhaçar lascas do pilar.

— Porra! — xingo, sentindo pedaços de farpa cutucarem meu braço.

Recolho-me, trocando mais tiros com Aleksandar. Ele acerta minha perna de raspão. A dor lateja, mas não é grave. Cerro os dentes. Avanço, atirando. Aleksandar se abaixa atrás de caixas, rindo feito louco.

Chamas me dominam por dentro. Penso em Dominica, em tudo que ela sofreu. Penso no contrato inicial, em como era tudo falso, mas agora ela é a coisa mais real que já tive. Esse sentimento me impulsiona. Dou um passo audacioso, expondo o corpo para tentar atirar em Aleksandar.

— Aiden, cuidado! — ouço a voz de Carter atrás de mim, mas é tarde demais.

Disparo contra Aleksandar, e acerto seu ombro. Ele grita, mas, em vez de cair, consegue puxar o gatilho. Uma bala atravessa o espaço e me acerta no lado esquerdo do tronco.

A dor é quente, insuportável. Cambaleio.

— Maldição... — murmuro, pressionando a mão no local. Sinto o sangue quente manchar meus dedos.

Minha visão escurece por um instante. Carter e alguns homens avançam, atirando contra Aleksandar. Ele se joga atrás de uma barricada. Eu tento me manter de pé, mas as pernas cedem. Caio de joelhos, a cabeça rodando, a respiração falhando.

De longe, vejo Dominica surgindo, pálida, os olhos arregalados ao me ver sangrando. Ela grita meu nome. Tenta correr até mim, mas um dos meus seguranças tenta impedi-la. Ela se solta e vem mesmo assim.

— Droga... — sinto o mundo girar. Balanço a cabeça, tentando focar. Carter dispara mais alguns tiros, e Aleksandar se esconde. Escuto barulhos de vidros quebrando, gente gritando.

Dominica se ajoelha ao meu lado, as mãos tremendo ao tocar meu rosto. Vejo as lágrimas nos olhos dela, sinto sua voz longe, como se estivesse debaixo d’água. É surreal.

— Aiden, me escuta! — ela suplica, mas mal percebo suas palavras.

Meu corpo pesa. A dor no peito é aguda, e o ar some. Tento erguer a mão para tocar seu rosto, mas sinto as forças irem embora. O rosto dela fica borrado, a visão turva de vez. Só ouço seu grito:

— Não! Aiden! Não se atreva a morrer!

Quero responder, mas as trevas me sugam. Sinto a inconsciência me envolver. Meu último pensamento é:

“Desculpe, meu amor... eu não queria que fosse assim.”



CAPÍTULO 30

O coração pesa como chumbo. Estou escondida dentro de um carro blindado, ouvindo tiros e passos apressados. Há pouco, Carter me tirou do quarto onde me mantinham presa. Eu vi Aiden e quis ficar colada nele, mas ele correu atrás de Aleksandar, deixando-me aos cuidados dos seguranças. No entanto, não consigo ficar parada. Ele pode estar em perigo. Preciso ajudar de algum jeito.

Minha perna ainda dói pelos hematomas. Meu pulso está machucado e sujo, mas isso não importa. Penso em Aiden, em como se arriscou para me salvar. O barulho de tiros é cada vez mais intenso. Meu estômago está revirado. Abro a porta do carro quando escuto:

— Senhorita, temos que sair — um dos seguranças me puxa levemente, tentando me guiar para fora.

— Não, preciso ver se Aiden está bem — retruco, a voz trêmula.

De repente, ouço um tiro ressoar mais alto e um grito abafado. Um calafrio me percorre a espinha. Sinto que é o Aiden. Sem pensar, solto o braço do segurança e corro. Escuto-o gritar atrás de mim, mas meus pés se movem sozinhos.

— Dominica! Volte!

Ignoro. Viro à esquerda e entro num galpão. A cena é de puro caos: vários capangas feridos, alguns dos homens de Aiden tentando contê-los. No

meio, Carter dispara contra uma barricada. E lá está Aiden, no chão, com a mão no peito, sangue escorrendo pelos dedos. O mundo fica mudo.

— Não! — grito, correndo em direção a ele.

Minhas pernas quase falham, mas continuo. Vejo que Carter está ocupado trocando tiros, não pode ajudar. Deslizo de joelhos até Aiden, meu coração batendo acelerado. Ele está pálido, a respiração curta, os olhos semicerrados.

— Aiden! — agarro o rosto dele, sentindo a pele fria. — Não faz isso comigo. Abre os olhos!

Ele não responde. Seu corpo pesa, o ombro e parte do abdômen manchados de vermelho. Sinto uma náusea profunda, mas tento manter a calma. Toco seu rosto, sentindo a barba e sujando meus dedos de sangue. Minhas lágrimas despencam.

— Volta pra mim… Me escuta...— murmuro, quase sem ar. — Você prometeu que não me deixaria. Você prometeu...— Vejo ele tentar falar mas sua voz falha e seus olhos se fecham. — Não! Aiden! Não se atreva a morrer!

Nesse momento, ouço passos duros atrás de mim. Levanto o rosto. E me deparo com o olhar do diabo. Aleksandar, está ferido no ombro, cambaleando, mas ainda de pé. Carrega uma arma na mão. Sinto o pânico me dominar, mas a raiva também.

Maldito, maldito, maldito!

Aleksandar sorri, aquele sorriso doente na cara.

— Olha só quem deixaram sozinha.

— Carter! — Grito, mas não o vejo.

— Eu o despistei, ele deve estar longe para te ouvir.

— Seu maldito! — vocifero, e o vejo olhar pra Aiden desacordado.

— Quem diria, o grande Andrianakis, no chão. — ele ri, seu riso é fino e brutal ao mesmo tempo. — Ele não vai sobreviver, garota. E, se fosse

você, não ficaria muito aí. Uma troca de tiros a mais e tudo pode explodir. — ele diz ao balançar a arma.

Ignoro seu aviso, mas sinto o estômago embrulhar. Olho para os lados, vejo um rifle no chão a poucos passos. Meus olhos voltam para Aiden, que continua inconsciente. Meu sangue ferve. Então me afasto dele, engatinhando até o rifle, mas Aleksandar se antecipa e chuta a arma para longe, rindo.

— Que gracinha. Você quer mesmo lutar? — Ele me olha com escárnio.

Eu o encaro, cheia de ódio.

— Você destruiu tudo, seu maldito.

Ele ergue a arma, apontando para mim. Sinto meu corpo gelar, mas me mantenho firme. Dou um passo para trás, até minhas costas encostarem num caixote. Vejo o rosto de Aiden pálido no chão, Carter atirando em algum lugar distante. Sozinha com Aleksandar, que me olha como um psicopata.

— Acabada e viúva — Aleksandar fala, erguendo a arma. — Olha só o que sobrou de você. Uma coitada. Sabe que seu pai me vendeu você? Ele não pensou duas vezes em te entregar.

— Cale a boca — retruco, a voz trêmula. — Meu pai é um desgraçado. Mas você também é.

Aleksandar dá uma risada baixa.

— Bom, se ele morrer, você vai precisar de outra proteção. Talvez seja eu. Poderíamos chegar a um acordo. — Ele diz, aproximando-se, deixando transparecer um sarcasmo nojento. — Que tal? Ser a minha mulher agora? Entendo o que Andrianakis vê em você... é quente, linda e furiosa, eu amo as furiosas.

Sinto ânsias de vômito. E percebo que, a uns dois passos de mim, há outra arma caída, provavelmente uma pistola. Engulo em seco. Aleksandar continua avançando, distraído com a própria megalomania.

— Que foi? — ele pergunta, notando meu olhar para o lado. — Planeja pegar essa arma também? Você não teria coragem de puxar o gatilho, garotinha.

Tomada de raiva, lembro-me de tudo que Aiden fez por mim. Lembro-me do medo que senti neste cativeiro, dos machucados nos meus pulsos. Lembro-me do contrato ridículo que começou tudo, mas que se transformou em um sentimento violento de proteção e, sim, de amor.

— Cala a boca! — avanço, num movimento impulsivo, e me jogo para alcançar a pistola no chão.

Aleksandar atira na minha direção, mas erra. O som ensurdecedor me faz gelar, mas não paro. Apanho a pistola, rolo no chão, tremendo. Aponto a arma para ele. Meus braços vacilam, porque nunca disparei uma arma antes.

— Você não vai atirar, mocinha — Aleksandar diz, com um riso gutural, virando-se para dar instruções a um dos seus capangas no canto. — Quantos homens ainda...

Aproveito essa fração de segundo. Um ódio cego me toma. Puxo o gatilho. BUM. O recuo me faz estremecer, mas acerto Aleksandar na lateral. Ele grita, cambaleia, deixa a arma cair.

O barulho ecoa pelo galpão, enquanto vejo Carter e outros homens de Aiden entrarem novamente no galpão. Todo mundo se vira. Os homens de Aiden aproveitam a distração. Recomeça a rajada de tiros. Alguns capangas de Aleksandar caem. Outros fogem. Tudo fica confuso. Eu fico ali, ajoelhada, a arma ainda apontada, assustada e surpresa com o que fiz.

— Desgraçada — Aleksandar cospe, pressionando a ferida. — Eu vou te matar... — Aleksandar grita antes de se esconder atrás de uma viga e a rajada de tiros continuar.

— Dominica, se proteja! — ouço Carter gritar, mas não sei de onde.

Aproveito a brecha e corro de volta para Aiden, que ainda está no chão, imóvel. Caio de joelhos ao lado do corpo dele, as lágrimas jorrando.

— Aiden, me escuta! — suplico, erguendo sua cabeça e encostando

em meu colo. — Por favor, não faz isso comigo. Não me deixa.

O sangue continua saindo. Meu estômago se embrulha. Tento estancar a ferida com as mãos, mas ele não reage. Escuto minha própria voz, fina, desesperada:

— Olha pra mim! Aiden, volta! Eu... eu te amo, maldito! Não pode ir embora assim!

Soluço tanto que quase não respiro. De repente, ele abre os olhos, apenas uma fresta, e solta um suspiro que me faz chorar ainda mais:

— Do... minica...

— Shhh, não fala! — Balanço a cabeça, tentando sorrir no meio do choro. — Vai ficar tudo bem. Vamos te tirar daqui.

Ele esboça um sorriso fraco, que parte meu coração. Passa a mão pelo meu rosto, limpando lágrimas.

— Não vou a lugar nenhum...

— Isso mesmo. — Dou um beijo na testa dele. — Fica comigo.

Sinto a respiração fraca de Aiden contra a minha pele, meu coração pulsando freneticamente. Minha mão continua pressionando sua ferida, como se isso fosse suficiente para impedi-lo de me deixar. Mas então, algo muda. O olhar dele se fixa além do meu ombro, e sua expressão se transforma. Um lampejo de algo feroz e letal toma conta de seus olhos.

Antes que eu possa reagir, ele move o braço com uma precisão surpreendente, e o som do tiro ecoa no galpão como um trovão. Meu corpo congela quando sinto algo quente e denso respingar no meu ombro. Por reflexo, viro a cabeça a tempo de ver Aleksandar tombar no chão, seus olhos arregalados, um buraco vermelho e fumegante no centro da testa. O corpo dele cai pesado ao meu lado, sem vida.

Um grito escapa da minha garganta antes que eu possa conter. Meu peito sobe e desce rápido, enquanto a realidade se acomoda no meu cérebro. Ele está morto. Aiden atirou. Salvou minha vida. Mas ele também está

morrendo...

Sinto um tremor percorrer meus dedos quando olho para Aiden. Ele está pálido, mas tem um sorriso vitorioso, um brilho de satisfação em seus olhos azuis escurecidos pela dor.

— Eu disse… — ele murmura, sua voz rouca e fraca. — Que não vou a lugar nenhum.

Minhas lágrimas se misturam com o sangue dele enquanto eu balanço a cabeça, lutando para manter o desespero à margem.

— Fica comigo, Aiden. Aguenta só mais um pouco, por favor.

Mas, antes que ele responda, o galpão é tomado pelo barulho ensurdecedor de passos apressados e gritos de ordens. Vários homens de preto, fortemente armados, invadem. Todos uniformizados, escudos táticos, fuzis. Meus olhos se arregalam. São outro grupo? De Aleksandar?

Eles avançam, disparando contra os capangas restantes de Draković, que tentam resistir. Em poucos segundos, a maioria dos homens de Aleksandar que restou cai. Ouço gritos de rendição. É como se uma força militar profissional tivesse aparecido do nada.

O que está acontecendo?

Em meio à fumaça e aos lampejos dos fuzis, vejo um homem alto, bem vestido, com braços tatuados, entrando pelo portão arrombado. Ele caminha devagar, como se estivesse em casa. Seus olhos varrem o lugar até pousarem em Aiden e em mim.

— Ora, ora… — o estranho diz, a voz baixa, carregada de um sarcasmo letal. — Então foi você que deixou meu irmão nesse estado lastimável, Dominica?

Irmão? Meu coração vacila. Agora que está mais perto, vejo a semelhança sutil com Aleksandar, mas a aura é completamente diferente. Mais fria. Mais calculista. Mas o que realmente me prende o fôlego é a mudança na expressão de Aiden que se levanta com dificuldade. O queixo tensiona, e o sangue que escorre de seu ferimento não parece ser o suficiente

para desviá-lo do choque brutal daquela revelação.

— Vuk... — Ele rosna, forçando-se a se manter de pé. Seu punho se fecha. — Você deveria estar morto.

Lembro que Aiden me contou que Aleksandar odiava sua família por causa da morte do irmão, Vuk, numa negociação que terminou em tragédia anos atrás. E agora esse "irmão morto" está bem diante de nós, vivo, cercado por um exército.

Vuk solta um riso baixo, arrastado, como se estivesse se divertindo com a situação.

— Achou que tinha me matado, Andrianakis? — Ele ergue uma sobrancelha, tranquilo demais. — Bom, eu tenho sete vidas como um gato, Aiden. E, francamente, você deveria saber que eu não cairia tão fácil.

Aiden avança um passo, ignorando completamente a dor latejante que qualquer outro homem já teria feito desmaiar. Seu olhar não cede. Seu corpo está tenso, pronto para lutar, mesmo contra qualquer possibilidade lógica.

— Aleksandar disse que você morreu — ele solta entre dentes. Sua voz está carregada, afiada como uma lâmina prestes a cortar.

Vuk dá de ombros, impassível.

— Aleksandar acreditava que eu morri. Na época, fugi e me reergui longe dele. Usei sua loucura a meu favor. — Seu olhar se estreita. — Mas você me feriu, Aiden. E, por um tempo, quase me matou. Só que não foi suficiente.

Minha cabeça gira. Então o grande motivo de ódio de Aleksandar era uma mentira. Aiden não matou Vuk. Vuk fingiu a morte.

— Por que ajudar Aiden agora? — pergunto, forçando minha voz a soar firme.

Vuk me observa por um momento. Então, sorri de canto.

— Porque Aleksandar era um problema. Tentou me eliminar várias

vezes. Era um lunático liderando a máfia, um perigo para todos. Quando descobri que ele atacaria Aiden, vi minha chance de acabar com ele de uma vez por todas.

Aiden dá um passo para frente, balançando ligeiramente, mas sua presença é um aviso claro. Ele não é um homem indefeso. Mesmo ferido, ele é uma tempestade prestes a explodir. Ele estreita os olhos para Vuk.

Vuk se abaixa, passa a mão na cicatriz do irmão, ainda sangrando. O gesto é casual, como se estivesse diante de um velho amigo e não de um rival.

— Agora, Aiden, esqueça os problemas que teve com os Draković. Isso tudo morreu aqui, junto com Aleksandar. — Ele lança um olhar para o corpo de Aleksandar. — Agora, a máfia Ognjan está sob nova direção.

— E eu deveria confiar em você? — Aiden rebate, a mandíbula travada.

Vuk solta um suspiro de paciência, como se estivesse explicando algo simples para uma criança.

— Não é questão de confiança. É uma troca. E agora você me deve um favor, Andrianakis e é bom ter alguém como você me devendo algo, eu vou precisar.

— Eu não te devo nada! — Aiden vocifera. — Quando você chegou a situação estava contida.

Vuk abre um sorriso lento, controlado.

— Não é sobre isso que estou falando.

Aiden não recua. Apenas mantém seus olhos cravados em Vuk, como um predador avaliando outro predador. Minha respiração está presa no peito. Sei que cada segundo conta, e ele está sangrando mais. Mas ele continua de pé.

— Seus homens são bons Andrianakis, Aleksandar tinha quase três vezes mais homens e os seus quase aniquilaram os homens da *Ognjan*.

Vuk olha para o irmão mais uma vez, estirado no chão e abre um pequeno sorriso antes de dizer:

— Tudo culpa sua seu maldito, que fez nossa máfia parecer fraca… — Ele comenta, com indiferença e suspira. — Que bom que está morto, menos um problema para eu consertar.

Ele se vira para Aiden e dá um aceno. Seus homens recuam, levando alguns capangas sobreviventes. Muitos fogem. O ar parece mais pesado. Me aproximo de Aiden, tocando seu braço, mas ele ainda está tenso, como se estivesse pronto para continuar lutando se fosse necessário.

O corpo de Aleksandar jaz ali, o sangue se espalhando. Sinto uma mistura de nojo e alívio.

Observo Aiden resistindo, mesmo ferido, ele continua sendo o homem mais perigoso nesse galpão.

— Boa sorte, Dominica. Cuidar de um Andrianakis não é tarefa fácil. — Vuk diz por fim.

Balanço a cabeça, sem saber o que dizer. Então Vuk e seus homens desaparecem tão rápido quanto chegaram, como uma tropa de fantasmas. Em seguida, o silêncio e o cheiro de pólvora dominam o ar.

— Precisamos de um médico agora! — grito, inclinando-me sobre Aiden.

Aiden como se se permitisse sentir, desaba ao chão, a mandíbula marcada, o rosto pálido. Um de nossos seguranças chama por helicóptero de resgate. Carter me ajuda a manter pressão na ferida. Meu corpo treme.

— Fica comigo, Aiden... por favor — sussurro, aproximando meu rosto do dele. — Não morra. Eu preciso de você. Não vou suportar perder você.

As lágrimas voltam, mas agora misturadas a uma coragem que não sabia que tinha. Se ele lutou tanto para me salvar, não vou deixá-lo partir.

Alguns homens montam uma maca improvisada com pedaços de

tábua e tecido. Carter orienta tudo, a expressão séria, mas há pressa nos gestos. Precisamos chegar ao ponto de extração. Reúno forças, beijando a testa de Aiden. Ele geme baixo, um sinal de que ainda está lutando.

— Te amo, seu teimoso — murmuro, e aperto sua mão.

Assim, deixamos o galpão maldito. O corpo de Aleksandar fica para trás, finalmente vencido. Lá fora, vejo os primeiros raios de sol tingindo o céu. Parece irônico que algo tão terrível tenha acabado de acontecer enquanto o dia nasce. Mas, ao menos, Aiden está nos meus braços. E vou protegê-lo como ele me protegeu.

Escuto o barulho de rotor se aproximando. É nosso helicóptero de resgate. A correria não para. Subimos com cuidado, depositando Aiden na aeronave. Eu me aperto ao lado dele, segurando sua mão ensanguentada. Carter e dois paramédicos improvisados cuidam dos procedimentos iniciais.

— Vai ficar bem... — repito, incansável, como um mantra. — Você vai ficar bem...

Ele abre os olhos por um segundo. Parece fraco, mas esboça um sorriso tênue. Move os lábios. Acho que diz meu nome. Aperto mais sua mão, as lágrimas manchando meu rosto sujo.

— Fica comigo, Aiden. Por favor...

O helicóptero decola, deixando para trás o cativeiro, o sangue, Aleksandar. E também uma sombra que por muito tempo pairou sobre nós.

Seguro seu rosto, encostando minha testa na dele. Escuto o bater das hélices e o som dos paramédicos falando códigos médicos. A dor no peito me esmaga, mas mantenho o controle. Ele não pode morrer. Não agora. Temos muito a resolver.

Carter toca meu ombro, me passa um pano para que eu limpe o sangue do rosto de Aiden. Agradeço com um aceno. Observo o rosto dele, pálido.

O helicóptero cruza o céu, e abaixo vejo montanhas, campos, tudo meio borrado pelos meus olhos cheios de lágrimas. Meus dedos acariciam a

mão de Aiden. Ele respira com dificuldade, mas está vivo. Eu me agarro a essa esperança, ignorando o sangue que mancha minha calça, ignorando a exaustão.

— Só aguenta mais um pouco — sussurro, perto de seu ouvido. — Já estamos quase lá...

Ele solta outro gemido, de dor, mas sua mão aperta a minha de leve. É o bastante para eu continuar acreditando.



CAPÍTULO 31

Meu corpo inteiro treme enquanto me aperto no assento do helicóptero. A noite já deu lugar a um dia cinzento, mas tudo ao redor parece um borrão. O motor ronca alto, e as hélices vibram. Carter que tem um ferimento contido no ombro, está sentado do outro lado, falando ao rádio com a equipe que nos aguarda. Dois paramédicos improvisados, ex-fuzileiros que Aiden contratou, tentam estabilizá-lo.

Olho para Aiden, deitado na maca improvisada na aeronave. O sangue encharcou a camisa. Seu rosto está pálido, mas seus olhos abrem de vez em quando, me buscando. Ele está consciente, de algum modo. O paramédico pressiona gaze contra o ferimento, tentando estancar a hemorragia.

— Ele perdeu muito sangue — um deles me diz. — Precisamos chegar logo.

Sinto que o ar me falta. Minhas mãos apertam a de Aiden, que sorri, mesmo com dificuldade. Um sorriso tênue, quase invisível.

— Por que... você tá... sorrindo? — pergunto, sem esconder minhas lágrimas. — Você está... todo ensanguentado.

Aiden geme, e vejo uma pontada de dor aflorar. Ainda assim, balbucia:

— Porque... — ele respira entrecortado — nunca tive alguém... que me amasse a ponto de... — tosse, o peito subindo e descendo. — De sentir...

tanto medo de me perder.

Meu rosto queima de emoção. As lágrimas escorrem ainda mais.

— Claro que sinto... medo. — respondo, quase sem ar. — Eu não... posso te perder agora. E tudo por que você me salvou, me tirou daquele inferno...

Ele fecha um pouco os olhos, exausto, mas ainda murmura:

— Você também... me salvou.

— Aiden...

— Se... eu não sair dessa... — ele começa, mas eu o corto.

— Cala a boca! Não fala assim. — Seguro firme a mão dele contra meu peito, sentindo meu coração acelerar. — Você vai viver. Você vai me irritar por muitos e muitos anos.

Ele solta algo parecido com uma risada sufocada, depois ofega e solta a cabeça de lado, apagando. Desespero me domina. Grito pro paramédico:

— Ele parou de responder! Façam alguma coisa!

Eles tentam manter estímulos, conferindo pulso, saturação. Carter segura meu ombro, mas não me consola com palavras vazias. O helicóptero vibra, descemos rapidamente na pista de pouso de um hospital de confiança, em Atenas. Mal aterrissamos, uma equipe corre para nós, trazendo uma maca apropriada.

Afasto-me para que os enfermeiros o peguem. Uma médica me dá um rápido olhar solidário:

— Você está bem, senhorita?

— Só cuida dele, por favor! — grito, seguindo-os.

Entramos num corredor iluminado do hospital. O cheiro de antisséptico me atinge. Aiden é empurrado numa maca, rodeado por três médicos que trocam palavras técnicas que mal entendo. Vejo-o inerte, a

respiração se movendo, mas ainda muito fraco.

— Ele perdeu muito sangue — um médico diz. — Precisa de transfusão urgente.

— Mas o tipo de sangue dele é... — Outro diz receoso.

— Sim — um dos médicos responde. — O fenótipo Bombay.

Paro instantaneamente. Um frio gela minha espinha.

— O quê? — minha voz sai fraca.

Os olhares se voltam para mim, mas minha mente está longe. Bombay. Eu conheço esse termo. Ele está gravado nos meus exames médicos desde que eu era criança. Sempre soube que meu sangue era raro, que bancos de sangue comuns não tinham estoque para mim, caso um dia eu precisasse. Mas… e Aiden? Ele também?

— O estoque dele no hospital foi usado na última vez que ele precisou — uma enfermeira comenta. — Ainda levará um tempo para conseguirmos restabelecer.

— Não temos tempo! — outro médico exclama. — Se não conseguirmos sangue compatível, ele pode não sobreviver.

Meu coração dispara. Não penso. Apenas avanço um passo, a voz saindo urgente:

— Eu posso doar!

Todos me encaram, surpresos. Carter franze a testa.

— Dominica, do que está falando?

Engulo em seco, mas seguro seu olhar.

— Meu sangue é fenótipo Bombay. Eu posso salvar Aiden!

Por um instante, o corredor mergulha em silêncio absoluto. Então, um dos médicos se aproxima, avaliando-me com um olhar analítico.

— Tem certeza disso? — sua voz é baixa, quase incrédula.

Faço um gesto afirmativo.

— Absoluta. Façam os testes que precisarem, mas por favor, não percam tempo!

A enfermeira ao lado se recupera primeiro do choque e acena rapidamente.

— Tragam-na para a triagem. Precisamos correr contra o tempo!

Deixando o espanto para trás, eles me guiam apressados, enquanto meu coração bate descompassado.

Ela recolhe meu sangue para testes rápidos. Em seguida, me coloca numa poltrona, onde inicia a coleta. Fico deitada, o braço estendido, o espírito preso à lembrança de Aiden entre a vida e a morte. Mas o que corre em minhas veias pode salvá-lo.



CAPÍTULO 32

Não sei dizer quanto tempo passa. Sinto uma fraqueza, mas me obrigo a permanecer firme. Ao final, a enfermeira me faz algumas perguntas, verifica meus sinais. Diz que recolheu uma boa quantidade para ajudar Aiden. Suspira, parecendo aliviada:

— Após alguns testes vamos levar esse sangue diretamente pra ele na cirurgia. Descanse, por favor.

— Me deixe ir vê-lo — imploro, tonta.

— Você precisa descansar, doou uma quantidade grande de sangue. Daqui a pouco você o verá. Ele ainda está na sala de operação.

Fecho os olhos, lágrimas quentes escapando. Meus pensamentos giram.

"Aiden, por favor, não morra. Não me deixe."

Algum tempo depois, adormeço sem querer ali, exausta. Sonho com a cena do cativeiro, Aleksander sorrindo, Aiden caindo, Vuk aparecendo com um exército fantasma. Revivo o som do tiro, o peso dele nos meus braços. Acordo com um sobressalto, suando. Uma enfermeira me examina, diz que dormi cerca de uma hora.

— Como ele está?! — pergunto, desesperada.

Ela balança a cabeça:

— Ainda em cirurgia. O doutor Pedros assumiu e está fazendo o possível.

Suspiro, tentando me levantar. Uma tontura me atinge, mas a enfermeira me segura.

— Cuidado, você doou sangue e está muito abalada. Pode cair.

— Estou bem — forço, mesmo sentindo o corpo fraco. — Preciso de notícias.

Ela hesita, então me orienta a aguardar numa sala ao lado do bloco cirúrgico. É o que faço, apoiada em Carter, que me encontra no corredor. Ele está com o rosto cheio de preocupação, mas me dá seu braço para segurá-lo.

— Ele vai sair dessa, Dominica. É teimoso — Carter tenta me consolar.

— Eu sei… mas… e se…

Não consigo terminar a frase. Carter não insiste. Ficamos em silêncio. Esse hospital é de confiança de Aiden. Ele sempre dizia que "se algo ruim acontecer, me levem lá, eles me devem favores". Mas nada me acalma agora.

Passam-se mais minutos ou horas, não sei. Meu coração está em frangalhos. Então, finalmente, a porta do centro cirúrgico se abre. Vejo um médico de jaleco branco, aparentando uns cinquenta anos, vir na minha direção. Paro de respirar, esperando a sentença.

— Você é a esposa do senhor Andrianakis? — ele pergunta, sério.

— Sim… sou eu. — respondo, a voz fraca.

Ele bufa, parecendo cansado. Tira a máscara e fala com cautela:

— Seu marido perdeu muito sangue, a transfusão foi crucial. Obrigado pela doação. Fizemos o que era preciso, removemos o projétil. Ele ainda corre risco, mas estabilizou por enquanto.

Sinto as pernas falharem, quase caio de joelhos de alívio.

— Graças a Deus… posso vê-lo?

— Em alguns minutos, vamos levá-lo à UTI.

— Obrigada, doutor, obrigada! — as lágrimas escorrem mais uma vez, agora de emoção.

Ele faz que sim, meio sem jeito. E volta para a sala de cirurgia. Assim que ele desaparece, uma enfermeira surge no corredor e se aproxima.— Senhora Andrianakis? Posso conversar com você? — sua voz é gentil, mas meu peito aperta.

Minha respiração falha. Meus olhos correm pelo corredor, buscando o cirurgião.

— Algo aconteceu com Aiden?!

— Não, não — ela apressa-se a responder. — Seu marido ainda está sendo transferido para UTI.

Seguro uma lágrima de alívio e engulo em seco, sem forças para mais um baque. A enfermeira hesita, depois respira fundo.

— Fizemos alguns exames em você, por precaução. Dado que esteve em cativeiro, doou sangue e passou por um estresse extremo, queríamos descartar qualquer complicação.

— E…? — minha voz sai tensa.

Ela esboça um sorriso cauteloso.

— Bem, além de um leve quadro de anemia, descobrimos algo… ou melhor, parabéns, senhora Andrianakis. Você está grávida.

O mundo parece parar. Meu coração dá um salto, mas minha mente não consegue processar.

Grávida?

— O quê…? — murmuro, sentindo a cabeça girar.

— Fizemos um teste e confirmamos. Você está esperando um bebê.

Meu corpo inteiro treme. Fecho os olhos, lembrando das noites quentes com Aiden. Cada vez mais intensas. Ele e eu, unidos de tantas formas. Mas meu remédio... Minha boca seca enquanto a memória me atinge como um raio. Houve alguns dias no meio da loucura dos acontecimentos que me esqueci de tomá-lo, foi isso.

Agora, um filho? Sinto uma mistura de pânico e alegria. Surreal. Não planejei, não fazia sentido. Mas, de alguma forma, não parece um erro. Sinto arrepios de felicidade.

Minha visão embaça. Minhas mãos tremem. Aiden… nosso filho.

— Eu… eu… — minha voz falha.

A enfermeira sorri com ternura, me segurando pelo braço para me manter firme. Carter murmura um palavrão ao meu lado, completamente surpreso.

E então, no meio do caos, da dor e do medo… há um pequeno lampejo de vida crescendo dentro de mim.

— Eu… — tento falar, mas a voz não sai.

— Descanse, senhora Andrianakis. E, quando puder, faça um acompanhamento adequado. — A enfermeira dá um sorriso, e se retira, dizendo que posso ver Aiden em alguns minutos.

Meus lábios tremem. Carter me olha com um misto de surpresa e um leve sorriso. Ele abre a boca, mas não sabe o que dizer. E eu também não. Só consigo pensar em Aiden. E no fato de ele não poder morrer agora. Não quando… estamos esperando um bebê.

♥

Algum tempo se passa, me informaram eu Aiden se manteve desacordado por todo esse tempo, mas que a qualquer momento ele pode acordar. Uma enfermeira surge e me diz que posso ir ao quarto onde o colocaram. O médico achou melhor não deixá-lo na UTI, pois a bala não causou tantos danos, e a transfusão ajudou. Caminho pelo corredor, sentindo as pernas trêmulas de antecipação. Carter fica para trás, deixando-me ir sozinha.

Entro no quarto silenciosamente. Há luz suave, máquinas apitando. Aiden está deitado, enfaixado no peito, soro no braço. O rosto ainda pálido, mas a respiração mais regular. Paro na entrada, com lágrimas nos olhos. Então caminho até a beira da cama, o coração batendo mais rápido a cada passo.

— Aiden… — chamo em voz baixa.

Ele mexe a cabeça, abre os olhos devagar. Vejo o reflexo do monitor de batimentos cardíacos, confirmando que, sim, ele está vivo. Um alívio enorme me inunda.

— Dominica… — Ele murmura, a voz rouca. — Você está bem?

Solto um riso emocionado.

— Eu estou. Mas você quase… — minha voz falha. — Não me assusta mais assim, entendeu?

Seus olhos buscam os meus, e vejo um brilho. Ele levanta a mão com esforço e toca meu rosto, afastando uma mecha de cabelo.

— Desculpa. Não foi minha intenção te deixar preocupada… — Ele solta um pequeno suspiro de dor.

— Shhh. Não fala muito. — Minha mão cobre a dele, apoiando-a contra meu rosto. As lágrimas brotam. — Você me assustou como nunca. Eu pensei… que tivesse te perdido.

Ele força um sorriso torto.

— Não se livraria de mim tão fácil. — Desliza o polegar pela minha

bochecha. — Você doou sangue, não foi?

Assinto, fungando.

— Temos o mesmo tipo. Eu… queria te salvar.

Ele fecha os olhos, parecendo emocionar-se.

— Você me salvou. De novo.

Por alguns segundos, fico em silêncio, lembrando do que a enfermeira disse. Um filho. Será que devo contar agora? Ele está tão frágil. Talvez seja melhor esperar. Mas e se…? Sinto meu coração disparar. Aiden percebe minha hesitação.

— O que houve? — ele pergunta, arregalando os olhos. — Vejo que está… estranha.

— Nada… só que… — mordo o lábio, confusa.

— Eu…

— Fala, Dominica. — Ele insiste, com a voz ainda fraca.

Não consigo mentir para ele. Prendo a respiração e solto de uma vez.

— Eu estou grávida. — Meus olhos marejam. — Fizeram exames extras em mim, e… deu positivo.

Aiden pisca, confuso. Abre e fecha a boca, sem som. Por um instante, penso que ele desmaiou outra vez, mas então solta um riso incrédulo, que vira uma careta de dor. Coloco a mão em seu ombro:

— Calma, não se mexe tanto. Você precisa de descanso.

Ele apoia a cabeça no travesseiro, respirando com certa dificuldade. Mas não tira os olhos dos meus. Há um misto de espanto e um leve brilho de emoção.

— Grávida… — repete, quase sussurrando. — De mim?

Reviro os olhos, rindo no meio das lágrimas.

— Claro que é seu, seu idiota.

Ele sorri, um sorriso que me desarma. Seus olhos refletem uma ternura que eu não conhecia nele.

— Droga, eu… — Ele tenta respirar fundo. — Eu nunca imaginei…

Seguro a mão dele, trêmula. Sinto a adrenalina tomar conta do meu corpo. A sinceridade desse momento me invade.

— Eu também não. Mas… não me arrependo. — Meus lábios tremem. — Só não morre agora, entendeu? Não me deixa sozinha nessa.

Ele ergue minha mão e beija meus dedos, fechando os olhos em gratidão.

— Dominica… eu jurei que não iria te perder. Vou cumprir isso. — Ele abre os olhos, encarando-me com intensidade. — Vou lutar por você. Por nós. E por esse bebê.

Meus olhos marejam outra vez. Inclino-me sobre a cama, passando os braços em volta dele, com cuidado para não ferir. Apoio a cabeça em seu peito, sentindo o batimento fraco, mas presente. Me levanto e o encaro.

Mas então, percebo algo mudar no olhar dele. Um brilho diferente, sombrio, intenso. Um arrepio percorre minha espinha quando ele solta, quase num sussurro:

— Dois já caíram. Só falta o seu pai.

Minha respiração trava.

— O quê? — Minha voz sai baixa, mas alarmada.

Ele vira a cabeça devagar na minha direção, e vejo algo nos olhos dele que me faz estremecer.

— Mais do que nunca, Dominica, preciso acabar com ele. Com o seu pai. Para que nossa família esteja protegida.

Engulo em seco, meu peito apertado.

— Aiden… você não pode fazer isso. — Sussurro, e ele franze o cenho.

— Por quê? Você ainda tem pena dele depois de tudo o que fez? — A voz dele carrega incredulidade e raiva. — Ele foi o culpado de tudo.

Seguro sua mão com força.

— Não é isso. — Minha voz sai trêmula. — É que… você está na escuridão. E eu te levei para lá com todos esses problemas. Eu quero tirar você desse lugar.

Ele me observa, sem piscar. Então, respiro fundo e continuo.

— Meu pai já tem o pior castigo que poderia ter. Ele está na miséria, fugindo da polícia e de mafiosos. O nome Prescott está na lama, isso tudo é pior do que a morte para ele. Ele merece sofrer assim.

— Isso não é suficiente para mim. — Ele estreita os olhos. — Eu preciso caçá-lo.

— Não, Aiden. — Seguro o rosto dele com as duas mãos, implorando. — Por mim… por nós. Por esse bebê. Vamos viver a nossa vida, deixar todo esse caos para trás.

Ele aperta os lábios, como se travasse uma batalha interna. Mas vejo algo quebrar em sua postura. Ele fecha os olhos por um momento e, ao abrir, murmura:

— Eu quero que nosso filho cresça em um lugar saudável. Um lugar que nenhum de nós dois teve.

Minha garganta aperta.

— Só vamos conseguir isso se você parar com todo esse ódio. Então prometa. Prometa que vai deixar isso para trás.

Ele solta o ar pesadamente, fechando os olhos novamente. Quando os abre, vejo algo mais suave ali.

— Eu prometo. Por você, por esse bebê que você carrega.

Meus ombros relaxam. Ele me puxa para perto, e, mesmo ferido, aperta minha mão. Sinto a vida pulsando nele, e é tudo que importa.

Agora, talvez, finalmente possamos ter paz.

— Eu te amo, Aiden. — solto, sem hesitação. — Não sei se faz sentido, mas… acho que me apaixonei por você antes mesmo de perceber.

Ele exala o ar de forma pesada, como se cada respiração doesse. Mas sorri.

— Eu também te amo, minha teimosa. — Ele ergue levemente o queixo, me olhando.

Minhas lágrimas escorrem. Acaricio seu rosto, e ele faz o possível para se erguer um pouco, me puxando para um beijo leve nos lábios. O toque é suave, cuidadoso, mas cheio de emoção acumulada. Sinto um calor reconfortante, uma certeza de que pertencemos um ao outro.

— Vamos enfrentar o mundo juntos — ele murmura contra minha boca, a voz ainda trêmula pela dor. — E quem quiser nos derrubar, que tente.

Sorrio entre as lágrimas. É tudo que quero agora. Saber que não estou sozinha, que ele e eu somos uma família. Olho para a porta, vejo Carter espiando de relance, discreto, e penso em todas as merdas que passamos: Aleksander, chantagens, explosões. Mas, neste instante, tudo parece ficar para trás.

— Descansa, Aiden. — murmuro, encostando a testa na dele. — Você precisa se recuperar.

O médico e mais enfermeiros entram, pedindo para examiná-lo. Me recuso a sair do quarto, mas me afasto para o canto. Observando-os checar monitores, aplicar medicamentos, trocar bandagens. Aiden treme ao sentir a dor, mas permanece firme. Quando terminam, me permitem voltar ao lado dele.

— Agora podem ter uns minutos, mas ele precisa descansar — diz o médico.

Assinto, voltando a sentar na beira da cama, tocando de leve a mão de Aiden. Ele me puxa sutilmente até meu corpo encostar no dele. Meu coração se aquece.

— Você vai ficar bem, certo? — sussurro, encarando-o nos olhos. — Promete?

Ele solta uma risada fraca.

— Você me conhece, Dominica. — Ele ergue uma sobrancelha, aquele ar orgulhoso, mesmo na dor. — Eu não perco.

— Arrogante. — sorriu, limpando uma lágrima que teima em cair.

Ele ergue a mão até meu rosto, acaricia minha bochecha.

— Te amo, Dominica. — ele repete baixinho, quase num suspiro.

— Eu também, Aiden. Vou cuidar de você.

Ele aperta minha mão, confirmando.

— Eu nunca imaginei que seria capaz de amar tanto outro alguém, e de ser amado de volta.

— Mas saiba que você é. — digo sorrindo ainda com lagrimas nos olhos. — Você é, Aiden Andrianakis. Você é amado com loucura e devoção.



CAPÍTULO 33

QUATRO MESES DEPOIS

O sol bate na janela do pequeno quarto, iluminando a fina camada de poeira que dança no ar. Sinto um leve frio na barriga, mas não é apenas pelas borboletas de ansiedade. Estou em uma capela, em uma pequena vila às margens do rio Hudson, charmosa e acolhedora, como um refúgio esquecido pelo tempo, eu costumava vir aqui com minha mãe. Algo dentro de mim diz que era aqui que eu precisava estar hoje. Por mais irônico que seja, retornar às minhas origens me traz uma sensação agridoce. Há um sopro de nostalgia que recorda a época em que minha mãe ainda vivia, quando as coisas pareciam mais simples, quando eu não estava aprisionada em dívidas, contratos e jogos de poder.

Caminho até a mesinha improvisada diante do espelho. É um espelho antigo, moldura de madeira gasta, mas reflete perfeitamente o vestido que visto. É branco, singelo, sem pedrarias extravagantes ou véu imenso. A barra chega até os tornozelos, e a renda no busto lhe da um ar de suavidade. É simples e, ao mesmo tempo, tão cheio de significado que meu coração parece bater numa cadência diferente.

— Está tudo bem, meu amor? — pergunto baixinho, pousando a mão sobre a curva suave da minha barriga. Quatro meses de gestação, e tudo ainda me surpreende. Sinto uma pontada de emoção e lágrimas despontando. Nunca pensei que a vida daria essa reviravolta tão rápido, de um casamento de conveniência para algo tão… real.

As paredes dessa igreja pequenina, ou melhor, capela, são de pedra. O altar é modesto, mas há flores por toda parte. Lírios brancos e rosas cor-de-rosa. Cada flor parece ter sido cuidadosamente disposta para hoje.

O dia em que me caso de verdade com Aiden Andrianakis, não por contrato, não por dívida, mas por escolha.

Aproximo-me do espelho outra vez, ajeito o vestido e percebo que minha barriga está um pouco mais saliente do que há algumas semanas. Meus olhos se enchem de lágrimas de novo. Aperto os lábios, tentando conter o choro.

— Mamãe… eu queria que você estivesse aqui. — sussurro.

É impossível não lembrar dela ao ver esse cenário que tem um pouco do clima das festas que ela organizava.

Levanto o olhar para o teto, buscando forças. Lembro do quanto desejei, quando criança, ter um casamento luxuoso, cheio de convidados, fotógrafos, revistas famosas. Mas a verdade é que, depois de tudo o que passei, e do que eu e Aiden passamos, descobri que não preciso de plateia. Basta nós dois, nosso bebê em formação e Deus como testemunha. E, claro, a memória de minha mãe pairando em algum lugar, abençoando este passo.

Escuto um leve toque na porta. Meu coração dispara. Será que algo aconteceu? Talvez sejam Elena e Petra, que vieram com a gente celebrar esse momento, ou algum funcionário avisando sobre o horário. Vou até a maçaneta e, antes que eu possa abrir, escuto uma voz familiar do outro lado.

— Dominica… sou eu. — a voz de Aiden, baixa, carregada de algo que não consigo decifrar.

Minha pulsação acelera ainda mais. Seguro a maçaneta, mas não abro.

— Aconteceu alguma coisa? — pergunto, minha voz quase em um sussurro.

— Não. Eu… não quero te ver antes do momento, mas preciso lhe contar algo.

Sinto um arrepio. Aiden me conhece bem o bastante para saber que eu odeio segredos e surpresas. Aperto a barra do vestido com a mão trêmula.

— Fale. — peço, recostando a testa na porta fechada. É como se eu sentisse a presença dele ali, a poucos centímetros, mas separados por uma fina tábua de madeira.

Ele respira fundo do outro lado.

— Lembra-se do que Vuk… comentou comigo, aquele dia, quando Aleksander morreu? Ele disse que eu lhe devia um favor… na hora eu não entendi do que se tratava, mas agora sei, era sobre seu pai.

Meu estômago gela. Penso em Henri, meu pai. O homem que me prendeu nesse contrato maldito e, ao mesmo tempo, me levou até o amor mais intenso da minha vida. O homem que quase arruinou tudo.

— O que descobriu?

— Ele o encontrou, Dominica. Seu pai foi localizado em Aruba. As autoridades internacionais acabaram de prendê-lo sob acusações de associação à máfia, assassinato e fraude financeira.

Fecho os olhos, um misto de alívio e tristeza. Sim, uma parte de mim é capaz de odiá-lo. Mas ele ainda é meu pai. Saber que agora ele está preso me dá um sentimento estranho, porque, apesar de tudo, existe um fiapo de compaixão em mim.

— Você está bem? — Aiden pergunta, após um longo silêncio.

Tento falar, mas minha garganta aperta. Então forço o ar a sair.

— Eu… sim. Acho que sim.

Nós dois ficamos em silêncio por um instante. Posso quase ver a expressão dele, preocupado se estou sofrendo demais ou se me sinto feliz com esse destino.

— Dominica… — ele começa mas não termina. Mas eu sei o que ele está pensando.

Meus olhos marejam. Lembro que supliquei a Aiden que não sujasse mais as mãos, e que deixasse meu pai, não o caçasse, porque era o que ele queria fazer. Dizimá-lo, mas eu pedi que não deixasse seu coração mergulhar na escuridão outra vez. Queria proteger Aiden da própria sombra, porque sei que ele é melhor do que o pai dele e o meu jamais foram.

— Obrigada, por me contar. — sussurro, a voz embargada.

— Não precisa me agradecer. Ele está onde merece estar: em uma cadeia. É o fim perfeito para tudo isso. E eu… não queria que você se casasse comigo antes de saber disso. Queria que estivesse livre desse peso, ainda que só um pouco.

Sinto uma lágrima quente rolar pela minha bochecha. Aperto ainda mais a maçaneta, como se quisesse abrir a porta, mas não.

— Aiden… — chamo-o, quase sem voz.

— Estou aqui. — ele responde, simples, mas de um jeito que me faz sentir segura.

— Estou bem… estou surpreendentemente bem, quase como se tivesse recebido um presente.

— Então… vejo você no altar, meu amor.

— Vejo você no altar. — confirmo, enfim.

Dou um passo para trás, e ouço os passos dele se afastando do outro lado da porta. Meu coração vibra. Henri está preso. Estamos finalmente livres. Saber que meu pai irá pagar por tudo que fez, me traz paz, e saber que não será Aiden seu algoz, me traz ainda mais tranquilidade.

Respiro fundo, enxugo as lágrimas que insistem em brotar. Passo a mão pela saia do vestido, aliso as pregas. Está tudo certo. Esboço um sorriso diante do espelho.

— É hora de ser feliz, Dominica. Sem fantasmas, sem contratos, sem chantagens.

Olho para minha barriga e recordo da primeira vez em que descobri a gravidez, todo o susto, o turbilhão de emoções. E do jeito que Aiden reagiu, cansado e sangrando, mas ainda assim sorrindo porque eu estava chorando por ele.

— Estamos juntos nisso — digo ao bebê, num sussurro. — Vamos ver seu pai no altar.

Pego um pequeno buquê de flores brancas que estava num cantinho, um gesto singelo para mim mesma e deixo o quarto, guiada por um corredor estreito que me leva a uma portinha lateral da igreja.

A pequena capela está quase deserta. No banco, há pouquíssimas pessoas: Carter (o chefe de segurança de Aiden), Petra (nossa fiel governanta), Elena (a jardineira) e mais um ou dois funcionários que quiseram nos dar suporte. Não convidamos mais ninguém. É algo tão íntimo que quase posso sentir o perfume da madeira antiga do altar.

O sacerdote está à frente, vestindo uma batina simples. Ele sorri ao me ver entrar. Aiden, parado diante dele, se vira para olhar na minha direção. Meu coração dói de tanta intensidade. Ele está de terno escuro, gravata discreta, o cabelo mais arrumado do que o normal. Mas o que me prende mesmo é o olhar. Um olhar que me diz *"finalmente".*

Minha respiração falha, e uma suave euforia me domina. Não sinto tapete vermelho, não ouço corais grandiosos, mas o silêncio aqui é tão sagrado que me faz tremer. Caminho devagar em direção a ele, o buquê contra o peito. Meus olhos se fixam nos dele.

Cada passo revela o quanto estamos vulneráveis, mas juntos.

Quando chego perto do altar, Aiden estende a mão para mim. Sorrio, com lágrimas nos olhos, e entrego minha mão na dele. Sinto o calor das palmas, os dedos longos que antes me agarraram com fúria e desejo. Agora, tocam-me com ternura.

O sacerdote pigarreia, sorrindo de leve:

— Que bom que vieram. Estamos todos aqui para testemunhar este matrimônio, sem pompa, mas com muito significado, como deve ser.

Engulo em seco, ainda sem soltar a mão de Aiden. Dou uma olhadinha para Carter, parado discretamente. Ele me acena com a cabeça, como quem diz *"vai ficar tudo bem"*. Sorrio, sentindo um aperto gostoso no coração.

— Vamos, então, ao que interessa — diz o sacerdote, abrindo um pequeno livro. — Aiden e Dominica vieram diante de Deus para selar seus votos de casamento. Mas antes, quero que ambos estejam conscientes de que esta união não é um mero contrato, nem uma fachada. É algo que exige entrega.

Meus olhos disparam para Aiden, lembrando imediatamente do contrato que nos uniu. Mas agora, sinto que esse "contrato" morreu. O que me une a ele hoje é algo que não se escreve em cláusulas.

O sacerdote nos pede para repetirmos alguns votos simples, cheios de simbolismo. Aiden fala primeiro.

— Dominica… — ele começa, segurando minhas mãos. Vejo nos olhos dele um brilho quase emocionado. — Você foi o elemento surpresa na minha vida. Achei que poderia controlar tudo, mas você me provou que estou errado. É a primeira vez que vejo beleza no caos, e confesso que não quero deixar de ver. — Sua voz falha um pouco, mas ele retoma. — Quero cuidar de você. E quero que você cuide de mim, mesmo que eu negue precisar disso. Prometo que vou lutar pra não cair na escuridão de novo.

Sinto uma lágrima quente rolar quando ele termina. Quem imaginaria Aiden Andrianakis sendo tão transparente? Provavelmente nem ele acreditaria, meses atrás.

Aperto as mãos dele, olho em seus olhos azuis escuros.

— Aiden… — inspiro tremendo. — Quando te conheci, eu te odiava. Achava que você era mais um tirano, como meu pai. E, durante um tempo, você foi tudo de que eu fugia. Mas descobri aos poucos que… você também é alguém que foi ferido e precisou aprender a se defender. Mesmo nas nossas brigas, encontrei o homem que se importa, que me protege, que ajuda quem precisa. — Faço uma pausa para engolir o choro. — E descobri que, mesmo quando eu queria te odiar, eu não conseguia te tirar dos meus pensamentos.

Eu… te amo, do jeito que você é... e-u te amo. — minha voz falha, com o choro a tomando.

As lágrimas ficam mais intensas agora, e Aiden levanta uma das mãos para limpar meu rosto, sem dizer nada, mas com um olhar cheio de significado.

— E… ah, quase esqueci — sorrio, sem graça, sentindo a emoção transbordar. — Você também me deu um presente inestimável. — Passo a mão pela minha barriga, e ele faz o mesmo gesto, com cuidado e reverência.

O sacerdote continua:

— Pela autoridade a mim conferida, eu os declaro… marido e mulher.

Nossos lábios se unem. É um beijo cheio de doçura, tão diferente dos beijos tórridos que costumamos trocar quando discutíamos. É um beijo de casa, de aconchego, de promessa.

— Parabéns. — O sacerdote diz, acenando. — Que sejam muito felizes.

Os aplausos preenchem a pequena capela, um som que me envolve como um abraço caloroso. Meu peito vibra, explodindo em felicidade. As palmas ecoam nas paredes de pedra, e cada batida ressoa dentro de mim, reafirmando o momento que esperei por tanto tempo. Estamos casados. Enfim, somos um só.

Meus olhos se perdem nos de Aiden, e um sorriso involuntário curva meus lábios. Ele não diz nada, mas seu olhar me conta tudo. Uma promessa silenciosa. Uma certeza. Ele segura meu rosto entre as mãos, seus polegares deslizando devagar sobre minhas bochechas úmidas de lágrimas. Me beija de novo, desta vez com um pouco mais de posse, um toque mais profundo, como se quisesse me gravar dentro dele.

— Dominica Andrianakis — ele sussurra contra meus lábios, e meu coração dá um salto ao ouvir meu novo sobrenome. Algo dentro de mim se aquece, uma sensação de pertencimento que nunca pensei que sentiria.

Elena enxuga os olhos discretamente, e Petra sorri de um jeito que me

faz acreditar que ela sempre soube que isso aconteceria. Carter cruza os braços, balançando a cabeça com um meio sorriso que, para ele, significa um entusiasmo absurdo. Eu rio baixinho, emocionada.

Aiden desliza a mão para a minha cintura, segurando-me com firmeza, como se quisesse me manter perto para sempre. E eu quero isso. Deus, como quero.

— Como se sente, senhora Andrianakis? — ele pergunta, sua voz baixa e cheia de algo novo. Uma ternura que me desarma por completo.

Eu passo os braços ao redor de seu pescoço, deixando minha testa encostar na dele, sentindo o calor de sua pele, a segurança que ele sempre foi para mim, mesmo quando eu não queria admitir.

— Plena. Feliz. Completa. — sussurro, sem hesitação. — Eu te amo, Aiden.

Ele fecha os olhos por um instante, como se absorvesse cada palavra. Então, beija minha testa, meu nariz, e depois deposita um beijo demorado em meus lábios.

— Vamos para casa — ele diz, sua voz rouca e carregada de emoção.

Casa. Essa palavra nunca fez tanto sentido.

Eu finalmente encontrei minha casa, eu finalmente encontrei meu lar.

Aiden desliza a mão para a minha barriga e a acaricia devagar, os olhos fixos no pequeno volume que cresce ali.

— Mal posso esperar para conhecê-lo — ele diz, num tom quase reverente.

Uma lágrima escapa dos meus olhos, mas é de felicidade.

— Ele ou ela terá o melhor pai do mundo. — minha voz falha de leve, porque é a mais pura verdade.

Aiden sorri de canto, aquele sorriso raro que poucos conhecem. Então, ele inclina a cabeça e beija minha barriga com cuidado, como se

estivesse selando uma promessa.

Eu fecho os olhos e me permito absorver tudo isso.

O passado ficou para trás. Os contratos foram rasgados. Os medos perderam força. Agora, só existe o presente, e ele é nosso.

E, finalmente, eu sou feliz.



ÉPILOGO

DOIS ANOS DEPOIS

Sento no banco de trás da limousine com os braços esticados, observando a paisagem noturna. As luzes de Atenas já viraram algo corriqueiro pra mim, mas hoje não estamos em Atenas. Estamos em Santorini, na verdade, e pedi pra fechar todo o topo de um hotel luxuoso que admiro. O carro segue pelas ruas estreitas, subindo rumo ao ponto mais alto da ilha.

Por quê? Porque decidi que minha esposa e eu precisamos de um tempo sozinhos, longe do caos, longe dos negócios. E porque hoje é o aniversário de dois anos do nosso casamento verdadeiro. Dois anos desde que trocamos votos numa capela afastada, e muita coisa mudou.

Minha gravata me aperta, mas sei que Dominica adora me ver de terno. Viro o rosto e a vejo ali, ao meu lado, mexendo no celular, sorrindo de leve enquanto olha algumas fotos. Provavelmente do nosso filho, Christos. Sinto um calor tomar conta de mim ao pensar nele, tão cheio de energia, correndo pela mansão e gritando *“Papai, me pega!”*.

— Olhando o quê? — pergunto, curioso.

Ela ergue os olhos, um sorriso malicioso nos lábios.

— Fotos do seu filho destruindo metade do jardim. Elena me mandou agora mesmo. Ele não para.

Solto um riso baixo, orgulhoso do meu menino.

— Ele não puxou nada de mim, né?

— Não, imagina. Não é nada impulsivo nem cheio de energia. — ela me cutuca, brincalhona.

Coloco a mão sobre a coxa dela, acariciando de leve. Sinto a tensão elétrica que sempre existe entre nós, mas agora temperada com uma intimidade confortável. Ela me lança um olhar de canto, se aproximando um pouco mais.

— Espero que o plano de hoje seja sem interrupções — murmura, inclinando-se para beijar meu pescoço.

Minha pele arrepia sob o toque.

— Será. Fechei o lugar todo, só nós dois, e os funcionários que atenderão ficam em áreas restritas.

Ela suspira, apoiando a cabeça no meu ombro.

— Gosto quando você faz esse tipo de loucura.

— Loucura? — ergo uma sobrancelha. — Sabe que eu posso comprar muito mais do que um simples hotel, certo?

— Não duvido, seu megalomaníaco — ela sorri, estreitando os olhos pra mim. — Mas, desta vez, confesso que estou animada. Adoro quando temos esse tempo juntos.

— Pois é o que teremos. — retribuo com confiança.

O motorista estaciona no alto de um prédio branco, de arquitetura típica, perto de um terraço imenso, com vista para o mar reluzente sob a lua. Saímos do carro, e Dominica solta um assobio baixo ao ver o panorama. As luzes refletem na água escura, e uma brisa fresca sopra, balançando os cabelos dela.

— Uau. É mesmo de tirar o fôlego. — ela diz, caminhando até a mureta.

Me aproximo por trás, aninhando-a em meus braços. Fico um instante apenas sentindo o perfume dela se misturar ao cheiro do mar. A noite está linda.

— Vem — sussurro, puxando-a pela mão.

Caminhamos por uma escada lateral, e enfim chegamos ao topo: um lounge privativo, decorado com lanternas e velas, flores brancas e almofadas espalhadas. No centro, há uma grande Jacuzzi, a água borbulhando gentilmente.

— Você realmente pensou em tudo, hein? — Dominica me olha, divertindo-se.

Dou de ombros, fingindo modéstia:

— Apenas o suficiente para uma noite memorável.

Ela dá uma risada suave. Seu olhar carrega uma pontada de malícia.

Sem esperar resposta, começa a desabotoar meu paletó. Eu a ajudo, tirando a gravata e jogando-a de lado. Logo estou só de camisa, e ela corre os dedos pelos botões, abrindo-os um a um. Há algo inebriante na forma como faz isso, como se me despisse do controle que tanto prezo.

— Precisa tirar a camisa também — ela provoca, puxando o tecido devagar.

Sorrio, já sentindo o desejo crescendo. Dou um passo para trás, retirando os sapatos, as meias. Ela também se livra dos saltos, e posso ver seus dedos delicados tocarem o piso de mármore. Meus olhos percorrem seu corpo, notando o vestido curto que ela escolheu para a noite.

— Está me devorando com o olhar, Aiden?

— Sempre. — confesso, a voz rouca.

Ela ri. Com um movimento lento, puxa o zíper lateral do vestido, deixando que o tecido escorregue até os quadris. Morde levemente o lábio, provocando. Noto a lingerie rendada que mal cobre seus seios e a calcinha

combinando. Minha pulsação dispara.

— Você sabe que me deixa louco, não sabe? — murmuro, aproximando-me, passando as mãos por sua cintura nua.

— Adoro deixar você louco. — ela responde, inclinando o rosto para receber meu beijo.

Nossos lábios se tocam, e a química é instantânea. Dois anos não diminuíram a intensidade do que sentimos. Pelo contrário, cada dia que passa, parece que o fogo se renova. Minha língua explora a dela, enquanto minhas mãos descem pelas curvas de sua coluna. Ela solta um gemido e aperta meus ombros.

— Jacuzzi — ela sussurra, ofegante. — Se continuarmos aqui, não chegaremos lá.

Obedeço, ainda que o corpo inteiro peça para tomá-la de uma vez. Tiro minha calça, ficando apenas de boxer. Ela se livra do vestido e da calcinha, me encarando com aquele olhar de pura sedução. Deixa o sutiã cair. Meu corpo reage violentamente.

— Droga, Dominica… — respiro, quase rosnando. — Quer me matar?

Ela balança os cabelos, rindo. Então segura minha mão, e nós dois entramos na Jacuzzi. A água quente envolve minha pele. Sento em um dos assentos submersos, e ela se aninha no meu colo. Sinto a pressão de seus seios contra o meu peito, o cheiro floral do shampoo ainda impregnado nos fios de cabelo.

Por alguns segundos, apenas relaxamos. A água borbulhante faz uma massagem leve em nossos corpos. Dominica passa as mãos pelo meu peito nu, subindo até o pescoço. Beija minha mandíbula, meus lábios, enquanto um gemido baixo escapa de mim.

Ela desliza os dedos lentamente pelo meu peito molhado, traçando caminhos invisíveis enquanto seus olhos brilham com pura provocação. Sua boca se curva em um sorriso malicioso antes que ela murmure, perto do meu ouvido:

— Você está tão tenso, amor… Será que posso ajudá-lo a relaxar?

Minha pulsação acelera. A forma como sua voz desliza feito veludo pelo meu corpo já é suficiente para me incendiar.

— Dominica… — respiro fundo, tentando manter o controle, mas minha voz já carrega aquela rouquidão que ela tanto gosta.

— O quê? — Ela inclina a cabeça, inocente demais para ser verdadeira. Seus dedos traçam um caminho provocante pela minha clavícula. — Não foi pra isso que você planejou essa noite? Para me mimar, me satisfazer… me fazer gritar seu nome nesse paraíso que você fechou só para nós?

Ela apoia as pernas ao redor da minha cintura. O atrito de nossas peles molhadas me deixa tonto de desejo. Desço a mão pelas suas costas, encontrando a base de sua coluna e puxando-a mais contra mim. Ela solta um suspiro de antecipação.

— Já estou molhada e não é só por causa da água, Aiden. — murmura ao meu ouvido, uma confissão que faz meu sangue ferver.

— Então me deixa sentir. — Retruco, minha voz saindo áspera.

Escorrego os dedos pela parte interna da coxa, encontrando o centro de seu prazer. Ela geme, jogando a cabeça para trás, os cabelos escorrendo água. A cena é alucinante. Vejo os seios à mostra, subindo e descendo na respiração acelerada.

— Você me deixa louco, mulher… — confesso de novo, entorpecido por ela.

— Essa é a minha missão. — Ela diz, mordendo o lábio, rebolando delicadamente contra minha mão.

Começo a estimulá-la devagar, circulando o clitóris com movimentos leves. Ela fecha os olhos, abrindo a boca num gemido mudo. Vejo o rubor tomando conta de seu peito, subindo até o pescoço. Dou um sorriso de puro orgulho masculino.

— Aiden… — ela geme meu nome, o som ecoando no terraço vazio.

— Shhh, estou aqui. — Beijo seu pescoço, mordisco a orelha.

Seus quadris ganham vida, exigindo mais contato. Meus dedos se afundam no ponto exato, e sinto o corpo dela arrepiar inteiro. Ela morde o ombro para conter um grito, e isso só me instiga mais. Adoro saber que posso fazê-la perder o controle.

— Dominica… — Suspiro contra a pele dela, minha ereção pulsando sob a água.

Ela me agarra pela nuca e avança, beijando minha boca de forma quase desesperada. Sinto o gosto de champanhe que tomamos antes, misturado à ânsia do momento. Meu coração bate forte, e desejo invadir cada célula.

— Agora… — ela pede, a voz carregada de urgência. — Entra em mim…

Minhas mãos agarram sua cintura. Eu me posiciono, e ela se ajusta sobre mim, mergulhando devagar. O calor escaldante da Jacuzzi se mistura à sensação apertada que me suga. Arfo, os olhos se fechando com intensidade.

— Droga… — murmuro, quase perdendo o ar.

Ela solta um gemido arrastado quando sente toda minha extensão dentro dela. A água borbulhante ao redor intensifica a sensação, deixando a pele escorregadia. Sua testa toca a minha, e ficamos uns segundos só absorvendo aquele contato profundo.

— Aiden… — ela sussurra de novo, o olhar vidrado no meu.

— Fala… — respondo, os dedos apertando sua coxa.

— Eu te amo. — diz, num fio de voz, o rosto corado de prazer.

Sorrio, sentindo o peito aquecido. Emociona-me ainda, mesmo depois de todo esse tempo, ouvir essas palavras saindo dela.

— Eu te amo, Dominica Andrianakis. — firmo, e então seguro suas

coxas, começando a ditar o ritmo dos movimentos.

Ela encaixa as mãos nos meus ombros, movimentando o quadril em círculos. Fecho os olhos, deixando o prazer me dominar. A água da jacuzzi borbulha, criando um som suave. Meus gemidos e os dela se misturam, em algo íntimo e quase sagrado.

— Mais forte… — ela pede, agarrando meu cabelo.

Atendo sem hesitar, aumentando a intensidade das estocadas. Cada investida faz a espuma subir, cada colisão nos arranca um gemido. A noite estrelada acima parece presenciar nosso ato.

Sinto cada parte de mim pulsar, a mistura de amor, tesão e devoção. Ela me olha, os cabelos molhados colados no rosto, a expressão entregando que está próxima do limite. Passo a mão por sua nuca e invado a boca dela com meu beijo, afogando meus gemidos no seu suspiro.

— Dominica… — grunho, sentindo a tensão subir pela coluna.

Ela responde com outro gemido alto, e seus movimentos perdem a cadência, ficam erráticos. Então, seu corpo se contrai num orgasmo violento, e ela grita meu nome. O aperto, o calor, tudo me faz perder o controle e também me entrego ao êxtase, soltando um urro rouco.

A água chacoalha, quase transbordando. Nossos corações disparam. Dominica se afunda em meu peito, abraçando-me, e eu passo um braço ao redor de sua cintura, mantendo-nos ancorados. Ficamos ali, respirando forte, recuperando o fôlego.

— Uau… — ela diz depois de alguns segundos, rindo baixinho contra o meu pescoço.

— Não tenho outra palavra pra descrever. — retruco, beijando o topo da cabeça dela.

Um silêncio gostoso se instala. A sensação de saciedade me preenche, mas também de carinho e gratidão. Ela ainda repousa no meu colo, as pernas ao redor da minha cintura, enquanto a Jacuzzi continua borbulhando.

— Sabe… — falo, num tom de brincadeira. — Eu estava pensando que Christo já está com dois anos e meio, quase três. Tá na hora de encomendarmos outro bebê, não acha?

Ela ergue o rosto, rindo.

— Sempre tão direto, senhor Andrianakis?

— Sempre. — Dou um sorriso presunçoso. — Quero uma família grande. Não quero que ele cresça sozinho como eu cresci.

Vejo uma ternura surgir nos olhos dela.

— Também não quero que ele cresça sozinho. Mas calma lá, você já viu quanta energia ele tem?

— Vi. Por isso acho que um irmão ou irmã seria bom pra dividi-la. — retruco, rindo. — Quem sabe uma menininha, com seus olhos.

Ela faz uma careta engraçada, como se não quisesse admitir que gostou da ideia. Então passa as mãos pelos meus cabelos molhados, me beijando mais uma vez. O sabor é de leveza e amor, um amor que se tornou sólido ao longo desses anos, um amor que frequentemente sinto que não mereço.

— E quanto ao resto do mundo? Seus negócios, nossos inimigos? Você acha que estamos realmente seguros agora? — ela pergunta, de repente séria.

Suspiro, passando a mão pela cintura dela, amparando seu corpo nu.

— Depois que Aleksander… morreu, e Vuk assumiu, muita coisa mudou. E posso contar com ele como uma espécie de aliado. Seu pai está preso, mas sozinho não teria a mínima chance contra mim, e sigo com meus negócios dentro dos parâmetros legais, o que me deixa limpo e sem inimigos mortais.

Ela concorda com a cabeça.

— Gosto de pensar que estamos construindo algo sólido, que Christo

e nosso futuro bebê tenham uma vida tranquila.

— É o que eu desejo. — respondo, beijando a ponta do nariz dela.

Ficamos abraçados na Jacuzzi por mais alguns minutos, apenas curtindo o silêncio e a presença um do outro. Em seguida, a água começa a esfriar, e saímos, pegando toalhas felpudas.

Dominica se enrola numa toalha, e eu a puxo para um abraço por trás, roçando meu nariz em seu pescoço. Ela dá um riso leve, jogando o cabelo para o lado.

— Você parece bem feliz, Aiden.

— Porque eu estou. — dou de ombros. — Tenho tudo que preciso.

Ela se vira para me encarar, os olhos brilhando na penumbra.

— Acho que eu também tenho tudo agora.

Escorrego meus dedos pelos cabelos dela. Há dois anos, jamais imaginaria que diria isso, mas a verdade é que me sinto pleno. Não significa que não existam brigas e farpas. Nós ainda somos teimosos, orgulhosos. Discutimos sobre como criar Christo, sobre horários, sobre negócios. Mas o amor, o amor que nos inunda é surreal. Não existe nada que eu não fizesse por Dominica e nosso filho, absolutamente nada.

— Sempre achei que amar era fraqueza, mas descobri que é a minha maior força. — digo segurando sua cintura.

Ela me estuda por um segundo, surpresa talvez pela honestidade. Então, um sorriso malicioso volta a brotar.

— Vamos ver se você aguenta a força que eu tenho pra te enlouquecer.

— Me enlouqueça à vontade, senhora Andrianakis. — Retribuo, gargalhando.

Rimos, cúmplices, e voltamos a nos vestir. Caminhamos até um lounge reservado, onde há uma mesinha com velas e uma refeição leve nos

esperando. Comemos conversando sobre Christo, sobre como ele estava tão empolgado com os avós adotivos, Petra e Carter praticamente se tornaram família. Falamos das novidades da empresa, dos rumos do novo negócio internacional.

Depois do jantar, assistimos ao pôr da lua sobre o mar escuro, um raro espetáculo nessa noite de céu limpo. Dominica se aconchega no meu colo, e ficamos ali, calados, sentindo a vida pulsar.

— Por que está com esse sorriso bobo, Aiden? — ela brinca, cutucando meu maxilar.

— Porque ninguém nunca me amou desse jeito. — confesso. — Já fui "remendado" tantas vezes, como quando quase morri baleado salvando você, mas naquela ocasião me dei conta de que era a primeira vez que alguém sofria por mim de verdade. E agora, vejo que tudo valeu a pena.

Ela desvia o olhar, emocionada.

— Você é um sentimental no fundo.

— Culpa sua. — retruco, beijando seu pescoço.

Ela solta um risinho, mas está com os olhos cheios de água. Passo os polegares em suas bochechas, limpando qualquer vestígio de lágrima. Ficamos uns instantes só trocando carícias leves, beijos no pescoço, selinhos suaves.

— Aiden… — ela sussurra, arrastando as palavras com leveza. — Obrigada por não desistir de mim.

— Obrigado por ter confiado em mim, mesmo quando eu não merecia.

Nos encaramos, e é como se o tempo tivesse parado no primeiro dia em que senti o arrepio causado por essa mulher. Mas, ao mesmo tempo, somos diferentes agora. Construímos algo real.

Dou um último beijo em sua testa. Ela suspira, fechando os olhos.

Então se levanta, estende a mão e me puxa para ficar de pé.

— Que tal encerrarmos essa noite do melhor jeito? — propõe, mordendo o lábio inferior.

— Você está cheia de idéias… — brinco, observando seus olhos brilhantes.

— Sempre estou, senhor Andrianakis.

Rio, puxando-a pela cintura. De novo, sinto a tensão sexual e o carinho misturados, aquela avalanche que nos une desde o início. Nós nos beijamos, e o mundo desaparece ao redor.

— Te amo, Prescott. — confesso no meio do beijo. Às vezes, ainda a chamo pelo sobrenome de solteira, uma forma de provocá-la e lembrá-la de como ela me desafiava no começo.

— Também te amo, seu bilionário mandão. — ela responde, sorrindo contra meus lábios.

Agora, enquanto a noite envolve Santorini num cobertor de estrelas, nada mais importa além de nós dois, entregues um ao outro, numa dança que parece não ter fim.

E, no fundo, desejo que nunca tenha. Eu enfim encontrei minha paz, minha verdadeira paz.

FIM.

Fique aí e veja a seguir um trecho do nosso próximo casal dessa série.

VUK E BROMÉLIA

O sangue nos nós de meus dedos já secou, mas a sensação de pele rasgando contra ossos ainda vibra nas minhas veias. Meus homens sabem que não devem fazer perguntas, e eu não ofereço explicações.

Bromélia está ali, parada no meio do cômodo, um vestido leve demais para um lugar onde monstros como eu circulam. Seus olhos encontram os meus, e vejo a hesitação, a luta interna entre o instinto de correr e a maldita curiosidade que a mantém perto. Ela deveria fugir. Deveria rezar para nunca mais cruzar meu caminho. Mas não, ela fica. E é por isso que sei… *estou condenado*.